

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA

**ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR NOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LETÍCIA RAREK CONCEIÇÃO

BAURU

2019

LETÍCIA RAREK CONCEIÇÃO

**ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR NOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada para Defesa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação do Profa. Dra. Regiani Aparecida Santos Zacarias

BAURU

2019

C744e Conceição, Letícia Rarek
Estética da recepção na formação do leitor nos anos
 finais do ensino fundamental / Letícia Rarek Conceição. --
 Bauru, 2019
 279 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Regiani Aparecida Santos Zacarias

1. Estética da Recepção. 2. Dialogia. 3. Leitura literária.
4. Leitor-obra-mediador. 5. Anos finais do ensino
fundamental. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LETÍCIA RAREK CONCEIÇÃO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 25 dias do mês de fevereiro do ano de 2019, às 09:00 horas, no(a) Sala 2 da Pós-graduação da Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. REGIANI APARECIDA SANTOS ZACARIAS - Orientador(a) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/Câmpus de Assis, Profa. Dra. ESTER MYRIAM ROJAS OSORIO do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis, Prof. Dr. ROSA MARIA MANZONI do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências, Campus de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de LETÍCIA RAREK CONCEIÇÃO, intitulada "ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL" E PRODUTO EDUCACIONAL "LEITURA: UMA VIAGEM PELO MUNDO DA IMAGINAÇÃO". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. REGIANI APARECIDA SANTOS ZACARIAS

Profa. Dra. ESTER MYRIAM ROJAS OSORIO

Prof. Dr. ROSA MARIA MANZONI

Dedico este trabalho a todos os mestres que por minha vida passaram, contribuindo para a construção de meu eu pessoal e acadêmico.

A todos que se comprometem e trabalham por uma educação igualitária, dialógica e efetiva e que veem na prática da leitura o poder de transformação para uma vida melhor.

E, em especial, à minha família, que sempre esteve presente ao meu lado, acreditando em meus sonhos, mesmo naqueles momentos que pareciam inatingíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a graça e o dom da vida.

Aos meus pais, Benedito Francisco Conceição e Erika Rarek Conceição, por serem meu alicerce, semeadores de meu “eu”.

À minha filha, Camila Rarek Arioza, por ser minha eterna fonte de motivação e total inspiração.

Aos meus sobrinhos, Saimon Eduardo e Alex Junior, que além de contribuírem com o silêncio, também foram os parceiros nas realizações de muitas atividades práticas, inclusive na elaboração do produto deste trabalho.

Ao meu irmão, cunhada e marido de minha filha que também fizeram-se presentes neste momento, contribuindo com o melhor de cada um para que eu pudesse me dedicar ainda mais aos estudos.

À minha orientadora, Professora Doutora Regiani Aparecida Santos Zacarias, que me recebeu de braços abertos e esteve sempre junto, contribuindo com sua paz interior, conhecimento e competência durante esta nossa trajetória. Um grande presente!

À Professora Doutora Ester Myrian Rojas Osorio e Professora Doutora Rosa Maria Manzoni, por terem dedicado parte de seu tempo com a leitura crítica e valiosas contribuições dadas a este trabalho.

Meu agradecimento a todos os Professores do Programa de Mestrado Docência para a Educação Básica pelas contribuições acadêmicas e de experiência de mundo, em especial à Professora Rosa Maria Manzoni, por ter confiado em mim, desde o começo desta trajetória. Enfim, a todos os professores que por minha vida passaram, alimentando meus sonhos que um dia foram semeados.

À equipe do LADEPPE, que auxiliou na elaboração do produto educacional.

À equipe gestora da unidade escolar onde foi aplicada a pesquisa, meus sinceros agradecimentos pela confiança e parceria profissional. Vocês foram fundamentais em determinados momentos!

Aos meus alunos, que, por oito meses, percorreram comigo uma trajetória carregada de desafios e aventuras, acreditando, assim como Dom Quixote, que o mundo pode ser melhor.

Aos pais dos alunos participantes que confiaram em meu trabalho, permitindo que seus filhos pudessem fazer parte desta pesquisa.

À tia Frida Ingardt Romano, prima Vera Lúcia Romano e amigo Pedro Victor Mucha, que sempre nos acolheram em suas casas, com muito carinho e dedicação, não medindo esforços durante o período que, em Bauru, precisei me instalar.

Aos meus colegas e amigos de Mestrado do Programa Docência para a Educação Básica, especialmente à Renata Santana Cruz, Talita de Almeida e Ana Lydia Perrone, cujo apoio, companheirismo, confiança e amizade sempre estiveram presentes.

Ao Sérgio Flora, marido de minha amiga de caminhada, que por inúmeras vezes deixou seus compromissos para nos acolher, acompanhando-nos nas mais diversas aventuras. Agora, um amigo!

À amiga Patrícia Elisabeth Ferreira, que sempre esteve junto nesta caminhada com trilhas tão instáveis e, muitas vezes, incertas. Não poderia ter sido diferente!

Enfim, a todos os meus amigos que souberam compreender a importância deste trabalho, sempre me estimulando e dando força com palavras amigas!

“Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos”.
(MANGUEL, 1997, p. 201).

CONCEIÇÃO, Letícia Rarek. **Estética da recepção na formação do leitor nos anos finais do ensino fundamental**. 2019. 282f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

RESUMO

Esta dissertação foi realizada em nível de mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação Docência para a Educação Básica, na Unesp de Bauru/SP. Foi concretizada a partir de uma inquietação diante ao cenário da educação atual, no que diz respeito à prática da leitura literária, visto a lacuna entre o que está posto nos documentos oficiais e a prática efetivada em sala de aula; fato esse evidenciado nos resultados das avaliações externas. Fizeram parte da pesquisa vinte alunos regularmente matriculados no sexto ano de uma escola pública municipal no interior do estado de São Paulo. O trabalho teve por objetivo desenvolver, aplicar e avaliar por meio de oficinas literárias a Teoria da Estética da Recepção para o ensino da leitura, tendo como foco a dialogia entre leitor-obra, leitor-leitor, leitor-autor, leitor-obra-autor-mediador. Quanto à obra selecionada para a aplicação da pesquisa, foi escolhida uma adaptação do livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, fornecida pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola- PNBE. Para o desenvolvimento da pesquisa foram planejados cinco momentos, inspirados no método recepcional de leitura de Bordini e Aguiar (1993), bem como nas teses descritas na Teoria da Estética da Recepção de Jauss (1979), além do efeito estético descrito por Iser (1979). No que tange a prática da dialogia, buscamos referência em Bakhtin (2000) para referendarmos as mais diversas vozes existentes na prática de leitura. Para a validação da teoria, propomos o desenvolvimento de treze oficinas literárias, instrumentalizadas com atividades de leituras compartilhada, dramatizada, oral, silenciosa, além de atividades lúdicas com jogos de cartas, loteria, apresentação de esquete, por fim a elaboração de uma maquete. Todas as atividades foram pautadas na leitura dos capítulos, visto que a intenção era discuti-los, tendo por base a recepção do leitor. O delineamento desta pesquisa foi o da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) por ser o procedimento técnico mais apropriado devido ao contato direto da pesquisadora com a turma participante e à necessidade de mudança no perfil leitor no fim da pesquisa. No decorrer da aplicação, a pesquisadora utilizou como estratégia para o registro das observações o diário de bordo, onde anotou todas as observações pertinentes à leitura realizada, visando à reflexão global de todo o processo. Para tanto, a metodologia aplicada foi de abordagem qualitativa, justificada pelas características apresentadas, visto que a aplicação da pesquisa aconteceu em ambiente natural, com vistas a todo o processo, não apenas para o produto final (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Os resultados apresentados demonstraram que a Teoria da Estética da Recepção foi capaz de suprir a essência quanto ao ensino da leitura literária para os anos finais do ensino fundamental, aliando o que está posto nos documentos ao perfil dos alunos, diante a interação existente durante todo o processo da pesquisa, bem como, no desejo em continuar realizando novas leituras, sob uma perspectiva dialógica.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Dialogia. Leitura literária. Leitor-obra-mediador. Anos Finais do Ensino Fundamental.

CONCEIÇÃO, Letícia Rarek. **Reception Theory as a way to build up readers students in middle school classes. 2019.** 282f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

ABSTRACT

This work was developed for the Professional Master's Program in Basic Education Teaching, at Unesp Bauru / SP. The theme was inspired in the in-class practice, rather than in theory. The aim was to contribute for an effective reading practice in the Basic Education (Middle School) classroom. The research was carried out with twenty students enrolled in the sixth grade at a municipal public school in the interior of the state of São Paulo. The aim of the work was to develop, apply and evaluate the Reception Theory through literary workshops, by focusing on the dialogue reader-book, reader-reader, reader-author, and reader-book-author-mediator. The book selected for the research was an adaptation of the classic *Don Quixote de La Mancha*, by Miguel de Cervantes and recommended by the Brazilian National Library Program - PNBE. The Reception Theory (Jauss, 1979) (Iser, 1979) inspired this work. Regarding the practice of dialogue negotiation, we sought for a reference in Bakhtin (2000) in order to listen to all different voices during the reading practice. The methodology was composed of five moments (steps) based on the receptive method developed by Bordini and Aguiar (1993). Among them, there were fourteen literary workshops, which motivated students to develop activities such as shared reading, role-playing, oral and silent activities, card games, lottery game and presentation of paper sketches. All the activities were based on the book chapters because the intention was to discuss them and arise the reader's voices and perceptions. The method was the action-research (THIOLLENT, 1986) method, due to the direct contact between the researcher and the participating group and the need to change the reader's profile at the end of the research. During the application, the researcher used as a strategy to record the observations and write down all the pertinent observations, aiming at the overall reflection of the whole process. The methodology was of qualitative approach, justified by the application of the research in a natural environment, by taking into consideration the whole process, not only the final product (LUDKE and Andre 1986). The results showed that the Reception Theory was successful in supplying the essence of the teaching of reading literacy in the final years of elementary school. It helped students achieve the requirements stated in the official documents in education by promoting the interaction and the desire for reading literature books.

Keywords: Reception Theory. Dialogue. Literary reading. Reader-book-mediator. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aprendizado dos alunos- dados Qedu.....	28
Figura 2 - Leitura realizada pelos alunos.....	73
Figura 3 - Capas apresentadas da obra Dom Quixote.....	76
Figura 4 - Jogo do mico literário.....	80
Figura 5 - Produção do roteiro para esquete.....	83
Figura 6 - Jogo da loteria literária.....	85
Figura 7 - Maquete em exposição na sala de leitura (1)	88
Figura 8 - Maquete em exposição na sala de leitura (2)	88
Figura 9 - Produção textual - A6.....	139
Figura 10 - Produção textual - A16.....	140
Figura 11 - Produção textual - A8.....	141
Figura 12 - Produção textual - A11.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Comparativo do IDEB- Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental.....	27
Quadro 2- Material distribuído pelo PNBE entre 1998 e 2014.....	32
Quadro 3- Porcentagem de livros lidos por habitantes em 2007, 2011 e 2015.....	36
Quadro 4- Gêneros que costumam ler por escolaridade.....	37
Quadro 5- Último livro lido ou que está lendo - professor.....	38
Quadro 6-Sugestões didáticas de leituras propostas no PCN de Língua Portuguesa- 3º e 4º ciclos.....	42
Quadro 7- Perguntas utilizadas para a mediação de leitura.....	74
Quadro 8- Organização dos grupos com a distribuição das capas.....	76
Quadro 9- Perguntas que auxiliaram os participantes na leitura da capa.....	76
Quadro 10- Descrição dos capítulos por grupo.....	77
Quadro 11- Obras que fazem referência ao livro Dom Quixote.....	81
Quadro 12- Perguntas que nortearam o questionamento do horizonte de expectativas.....	82
Quadro 13- Distribuição dos capítulos por grupo.....	82
Quadro 14- Perguntas que nortearam a observação das obras.....	84
Quadro 15- Proposta de indagações em relação a obra lida.....	87
Quadro 16- Plano geral das oficinas de leitura com o método recepcional	90
Quadro 17- Atividades para análise.....	93
Quadro 18- Dez livros mais lidos durante a exposição da caixa de leitura.....	96
Quadro 19- Questão 1- Você gosta de ler?.....	97
Quadro 20- Questão 2- Que tipo de leitura você realizou/ realiza?.....	97
Quadro 21- Questão 3- Como são realizadas as leituras que você pratica?.....	99
Quadro 22- Questão 4- Locais onde geralmente empresta livros.....	99
Quadro 23- Questão 5- Pessoas que influenciam você a praticar leitura.....	100
Quadro 24- Questão 6- Motivos que levam à escolha de uma obra.....	101
Quadro 25- Questão 7- Gêneros que mais atraem a atenção do aluno.....	102
Quadro 26- Questão 8- Presença de biblioteca nas escolas onde já estudaram	103
Quadro 27- Questões 9 e 10- Título dos dois últimos livros lidos.....	103
Quadro 28- Questão 11- Como gosta de praticar a leitura.....	104

Quadro 29- Questão 12- Presença de biblioteca ou sala de leitura na escola pesquisada.....	105
Quadro 30- Questão 13- Fatores que contribuem para a desistência de uma leitura.....	105
Quadro 31- Questão 14- Fatores que mais atraem atenção no ato leitura.....	106
Quadro 32- Questão 15- Gêneros que mais gosta de ler.....	106
Quadro 33- Questão 16- Realização de leituras por vontade própria.....	107
Quadro 34- Questão 17- Títulos que gostariam de ler.....	108
Quadro 35- Leitura 1 “A velha contrabandista”	109
Quadro 36- Leitura 2 “Quanta besteira o mundo tem!”.....	111
Quadro 37- Leitura 3 “O bife e a pipoca”	113
Quadro 38- Leitura 4 “Maria Angula”	115
Quadro 39- Resultado da enquete: escolha da obra.....	118
Quadro 40- Leitura das capas.....	118
Quadro 41- Exposição de hipóteses, sobre o conteúdo dos capítulos do livro “Dom Quixote”, pelos grupos.....	120
Quadro 42- Impressões de leitura da obra Dom Quixote, de Leonardo Chianca.....	124
Quadro 43- Leitura e compreensão do capítulo1.....	126
Quadro 44- Impressões de leitura dos capítulos 1, 2 e 3.....	127
Quadro 45- Impressões de leitura.....	131
Quadro 46- Avaliação da produção do esquete, sob a ótica do aluno.....	133
Quadro 47- Comparativo das adaptações do livro “Dom Quixote de la Mancha”	135
Quadro 48 - Comparativo - Dupla 9	136
Quadro 49- Comparativo- Dupla 7.....	136
Quadro 50- Comparativo quanto ao número de páginas- Dupla 4.....	137
Quadro 51 - Ampliação do horizonte de expectativa leitor por meio da interação.....	138
Quadro 52 - Ampliação do horizonte leitor, a partir da leitura dos capítulos 19, 20, 21 e 22.....	143
Quadro 53- Atendimento ao perfil leitor dos participantes da pesquisa	146
Quadro 54- Comportamento leitor.....	146
Quadro 55- Recepção das oficinas literárias, sob ótica dos alunos.....	147
Quadro 56- Recepção da obra “Dom Quixote”	148
Quadro 57- Novas propostas de leitura.....	149
Quadro 58- Avaliação da pesquisa.....	150

Quadro 59- Autoavaliação.....	150
Quadro 60- Dados comparativos- Entrevista inicial e final.....	151
Quadro 61- Vozes sociais dos alunos.....	154

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CF - Constituição Federal

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

LDBEN- Lei de Diretrizes da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PISA- Programme for International Student Assessment

PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNE - Plano Nacional de Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PNLL - Programa Nacional do Livro Literário

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
INTRODUÇÃO.....	21
1 A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CENÁRIO NACIONAL	25
1.1 Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil.....	30
1.2 Perfil dos alunos.....	35
1.3 Perfil da formação docente.....	38
1.4 Procedimentos de ensino de leitura.....	40
2 TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O DIALOGISMO BAKHTINIANO NA FORMAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA	44
2.1 A leitura literária: seus significados e importância	44
2.2 A importância da prática da leitura literária.....	46
2.3 A Estética da Recepção e a contribuição de Bakhtin na formação do leitor de literatura.....	47
2.3.1 A Teoria da Estética da Recepção e o Método Recepcional de leitura.....	49
2.3.2 Contribuição de Bakhtin para o ensino da leitura literária.....	62
2.4 Diálogo entre os aportes teóricos.....	64
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA E PERCURSO DA PESQUISA.....	66
3.1 Abordagem metodológica.....	66
3.2 Contexto da pesquisa.....	67
3.3 Participantes da pesquisa.....	71
3.4 Etapas da pesquisa.....	71
3.4.1 Aplicação do método recepcional.....	89
3.5 Seleção do <i>corpus</i> para análise.....	92
3.6 Procedimentos para a análise dos dados.....	94
3.7 Produto educacional.....	94
3.8 Aspectos éticos.....	95
4 RESULTADO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE DADOS.....	96
4.1 Determinação do horizonte de expectativas.....	96
4.2 Atendimento do horizonte de expectativas.....	109
4.3 Ruptura do horizonte de expectativas.....	125
4.4 Questionamento do horizonte de expectativas.....	131

4.5 Ampliação do horizonte de expectativas.....	137
4.6 Resultado avaliativo da aplicação das oficinas literárias, sob ótica dos participantes da pesquisa.....	146
4.7 Síntese da análise de dados.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS	162
REFERÊNCIAS – OFICINAS LITERÁRIAS	166
APÊNDICES.....	168
Apêndice 1 - Entrevista inicial.....	169
Apêndice 2 - Entrevista final.....	172
Apêndice 3 - Termo de compromisso e responsabilidade.....	174
Apêndice 4 - Oficina 1.....	175
Apêndice 5 - Oficina 2.....	176
Apêndice 6 - Oficina 3.....	177
Apêndice 7 - Oficina 4.....	178
Apêndice 8 - Oficina 5.....	180
Apêndice 9 - Material de apoio da oficina 5.....	182
Apêndice 10 - Frase para a confecção do marca página.....	183
Apêndice 11 - Oficina 6.....	186
Apêndice 12 - Oficina 7.....	188
Apêndice 13 - Oficina 8.....	190
Apêndice 14 - Oficina 9.....	193
Apêndice 15 - Material de apoio da oficina 9.....	195
Apêndice 16 - Material de apoio para elaboração do esquete.....	197
Apêndice 17 - Oficina 10.....	198
Apêndice 18 - Material de apoio da oficina 10.....	200
Apêndice 19 - Oficina 11.....	201
Apêndice 20 - Material de apoio da oficina 11.....	204
Apêndice 21 - Jogo da loteria literária.....	205
Apêndice 22 - Oficina 12.....	206
Apêndice 23 - Oficina 13.....	210
Apêndice 24 - Transcrição das gravações.....	212
Apêndice 25 - Atividades escritas.....	245

Apêndice 26 - Modelo de certificado da apresentação oral.....	268
ANEXOS.....	269
Anexo 1 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido -TALE.....	270
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	272
Anexo 3 - Autorização do uso de imagem e voz.....	274
Anexo 4 - Autorização e Existência de infraestrutura.....	276
Anexo 5 - Parecer consubstanciado.....	277

APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar a escrita deste trabalho, sinto-me na obrigação de uma apresentação, pois o “eu” que hoje escreve aqui é fruto da contribuição de muitos outros “eus”. Digo que, às vezes, sinto como se os outros acreditassem mais em mim do que eu mesmo.

Descrevo, ainda que, este trabalho tem imensurável importância em minha vida, não apenas como fruto do meio acadêmico, mas de toda uma trajetória de vida. Logo, para que possam compreender a sua importância farei um breve relato revelando quem é esta pessoa que, hoje, fala sobre o ensino da leitura literária e de sua importância na vida de uma pessoa.

Este trabalho não é apenas uma conquista minha, mas também de meus pais que sempre foram grandes incentivadores, cada um com seu melhor. Sempre fui muito incentivada à prática da leitura, mesmo antes de conhecer o mundo das letras. Meu pai, talvez, tenha sido o grande semeador. Foi meu exemplo e modelo leitor, ensinou-me a viajar por entre as páginas de um livro. Foi por meio dele, que tive o primeiro contato com a literatura de cordel, as narrativas de aventura e ficção científica. Como gostava de ouvi-lo lendo! Nem ele nem eu sabíamos da importância deste ato de amor para minha vida.

Já na escola, era uma devoradora de livros. Tive o prazer de frequentar uma escola infantil aos quatro anos de idade, quando poucos tinham acesso. Já alfabetizada, na escola primária, toda semana levava um livro para casa, que lia e relia até chegar o dia de realizar a troca. Melhor, quando enjoava de ler no formato mais comum, lia de cabeça para baixo. Achava um barato ler as palavras de cabeça para baixo!

Queria ler tudo que aparecesse, desde contos até os cartões postais que meu avô recebia da Alemanha. Um detalhe, os contos de fada que lia, sempre, eram presentes que vinham acompanhados na trouxa de roupa que minha mãe lavava para um casal de advogados. Enquanto ela lavava as roupas eu lia e relia as páginas amarelas de algum livro... Não tenho lembranças sobre o como sabiam de meu gosto pela leitura.

Durante toda minha trajetória escolar sempre participei de eventos cívicos, declamando poemas ou participando de jograis. Sabia vários poemas e histórias na ponta da língua. Como eu gostava de brincar com os livros! Brincava, inventava e

recriava!” Para toda esta recriação e experiência de leitura cito uma outra passagem de minha infância. Em minha casa havia uma goiabeira bem ao lado da janela da cozinha, lá embaixo desta árvore, meus personagens, os mais diversos que conhecia, criavam vida. Lá funcionava o meu circo. Cobria com tapetes velhos os galhos da goiabeira, dando a ela a ilusão de uma lona e lá fazia meu espetáculo circense. Quem participava? Todos os personagens que faziam parte de minha imaginação.

Uma outra passagem que também contribuiu para minha formação leitora foi a catequese, pois lá também fui agraciada por alguém que também gostava de ler. Nessa etapa de minha vida, ao longo de meus nove anos de idade, sem muito conhecer, deparei-me com “O pequeno príncipe”. Todo final de encontro, a catequista lia um trecho do livro e quando estava num ponto estratégico da leitura, ela parava e dizia que continuaria no próximo encontro. Uma tortura, pois não tinha o livro na biblioteca da escola para que eu pudesse antecipar a leitura. Eu chegava a sonhar. Acho que eu queria ser como ele, com o poder de conseguir voar longe para experimentar outros mundos.

Outro enredo que cito é o “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” que tive a oportunidade de vivenciá-lo não apenas pela televisão, mas pela leitura pois, minha televisão estragou bem no meio da história. Assim, para não ficar sem saber o final do enredo, começo a ler os clássicos de Monteiro Lobato.

Para não me perder nas palavras, preciso citar minha participação em eventos escolares. Na escola, participava de todas as apresentações possíveis, atividade esta que esteve presente até na graduação. Quando não me sentindo satisfeita com as obras em português, passei a ler em francês e a participar dos eventos lendo ou declamando em francês. Lá, reencontrei-me com um antigo amigo “O pequeno príncipe”, mas também fiz novos amigos, como: “Madame Bovary”, “O corcunda de Notre Dame”, “A dama das camélias”, “Os miseráveis”, além de outros.

Retornando ainda à minha infância, recordo-me de ter participado de alguns projetos sociais. O motivo pela qual cito esta passagem tem a ver também com o “eu” de hoje, pois numa determinada tarde, um locutor de rádio esteve visitando nosso projeto, chamado de “Prosemo”, e queria entrevistar algumas crianças que participassem dessas ações. Eu fui uma das crianças indicadas para ser entrevistada. Fiquei muito nervosa por não saber o que dizer. Tudo fluía bem até ouvir talvez uma das perguntas mais difíceis e decisivas de minha vida que a carrego até hoje em minha memória: “O que você quer ser quando crescer?” Que crueldade! Como saberia dizer

isso? Eu era uma criança, mas como o radialista precisava de uma resposta disse: “- Professora.” Terminada a entrevista, lembro-me que o radialista perguntou: “- Então, você quer ser professora? Por quê?” Rapidamente respondi: “Acho que deve ser bom!” Havia decidido, naquele momento, a minha profissão.

Desde então, sempre que pensava em qual profissão escolher, já em minha adolescência, aquela cena da entrevista retornava em minha memória e eu a reafirmava com uma força igual ou maior que a do primeiro momento.

Logo, quando terminei a oitava série, não foi difícil a decisão sobre qual curso faria, no antigo segundo grau: o magistério. Sendo assim, no ano de 1987 comecei o magistério, um curso de três anos, que me proporcionou maravilhosas experiências nas mais diversas escolas de Cambará, auxiliando crianças, em aulas de reforço.

Na adolescência, além de ler, também escrevia muitos textos. Nessa fase da vida, tive a oportunidade de participar de um concurso de redação, chegando à etapa estadual. Ainda nesta fase escolar encontrei-me com os clássicos, considerados importantes para ter acesso à faculdade. Se eu tive modelos leitores nesta época? Na escola, não. Logo, mais uma vez o modelo leitor de meu pai foi presente em minha vida. Apliquei em meus estudos seu modelo leitor, recolhendo-me solitariamente à prática de leitura dos clássicos da literatura, visando ao vestibular.

Já, na faculdade, como disse anteriormente, deparei-me com muitas outras leituras, que perpassaram desde o clássico da literatura francesa, ao clássico da literatura portuguesa e brasileira, além dos mais diversos gêneros encontrados em nosso meio. É importante destacar que os estudos com gêneros, no final da década de 90, era ainda muito tímido, sendo possível desbravá-lo apenas com a minha inserção num curso de especialização *lato sensu* em Língua Portuguesa e Literatura.

Como estagiária numa escola estadual do município de Ourinhos, deparei-me com uma realidade bem diferente daquela em que acreditava. Diante a esse cenário, decidi colaborar estagiando na escola até o final do semestre; prática essa que, em minha experiência docente, fez um grande diferencial. Ainda, ao se tratar de estudo e inconformismo, assim que terminei a graduação em Letras, fiz vestibular para o curso de Pedagogia na mesma faculdade em que tinha concluído o curso de Letras.

Após iniciar o curso de Pedagogia, assumi algumas aulas na rede pública estadual, permanecendo até o ano 2000. Em seguida, inicio minha carreira na rede municipal de ensino de Ourinhos.

Realmente, nesse novo sistema de ensino consegui encontrar e colocar em prática boa parte daquilo que acreditava e estudava. Na especialização, minha pesquisa, que já fazia referência à prática de leitura, pode ser fortalecida ao ser reaplicada numa sala de aula regular, com apoio financeiro, que era revertido na compra de material para as aulas de leitura. O trabalho girou em torno do livro “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga, a qual consegui imprimir a importância do diálogo entre autor leitor e obra. Neste mesmo ano, recebi um certificado de honra ao mérito por participar e ter alunos destaque em vários concursos de leitura e escrita. Ressalto, ainda, que o trabalho que me rendeu esse certificado foi na mesma escola onde atuo hoje, como professora de Língua Portuguesa.

Minha trajetória enquanto professora de Língua Portuguesa foi surpreendida quando a Secretaria Municipal de Educação convidou-me a atuar como coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental II. Aceitei o desafio em parceria com uma colega de trabalho e faculdade. Se daria certo, não sabia. Não havia receitas para esse novo desafio, o que sabia fazer era ministrar aulas. Posso dizer que esta dedicação perpassou por várias funções diferentes e teve uma longa duração, com muitas conquistas e desilusões pedagógicas, principalmente no que se refere ao ensino da leitura literária.

Após catorze anos ocupando função técnica, sinto a necessidade de seguir novos rumos, e diante ao cenário do ensino na educação básica, busquei formação na universidade pública, à procura de algumas repostas para minhas indagações. Nesse momento, decido me inscrever para seleção de curso de Mestrado. Claro, de início foi difícil, estava muito atrelada à prática de gestão e, por mais que tivesse conhecimento, ainda não era suficiente para entrar num curso de mestrado.

Encerradas as primeiras tentativas que não foram bem-sucedidas, inscrevi-me como aluna especial e decidi que deixaria o trabalho técnico para retornar ao meu trabalho enquanto docente. Participando das aulas, já como aluna especial do Programa de Docência para a Educação Básica, busquei referencial teórico que sustentasse o projeto idealizado, que tinha como foco o ensino da leitura literária no ensino fundamental II.

Em contato com as novas experiências de prática de leitura, novos autores e ideais, retomo meu projeto de ser professor e trabalhar com o ensino da leitura literária. Nesse momento, embora pareça que as cortinas fossem se abrir, sinto-me mais uma vez perdida, pois não sabia ao certo qual caminho percorrer, qual teórico seguir.

Precisava estudar e conhecer muito mais, pois o que sabia era muito pouco para o desafio de uma pós-graduação-*stricto sensu*. Mais uma vez, a disciplina para a leitura foi fundamental.

Inscrevo-me novamente para um processo seletivo, diferente do ano anterior, opto por apenas uma universidade; sou aprovada. Permite-me naquele momento, o direito de voltar a sonhar com a vida acadêmica, com a pesquisa em torno da leitura literária. Fazia tempo que não mais me deixava envolver por sonhos, estava prisioneira em mim mesma, condicionada a um trabalho técnico.

Sabia que precisa me afastar, e que não seria fácil. Foram anos de dedicação, mas, para voltar a sonhar e a me encontrar com aquele “eu” já quase esquecido, precisa mudar meu horizonte.

Recomeço. Semeio nesta jornada, a esperança. À sombra de meus longos anos na educação básica pública tento colocar em prática o que mais acredito, no que diz respeito à prática de leitura. Preciso despertar em meus alunos o desejo pela leitura, sendo eu o modelo vivo. Sei que não é fácil lutar contra os dragões, quando gostaria que fossem apenas moinhos de vento; são muitas as lutas e devaneios que se misturam em minha prática docente. Talvez, sejam esses desafios que alimentem minh'alma.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores entraves encontrados no ensino fundamental, nos anos finais, é a dificuldade da prática de leitura por parte dos alunos. Essa realidade é vivenciada diariamente pelo professor em sala de aula, quando percebe que seu aluno, ao chegar no sexto ano do ensino fundamental, além de não saber ler explícita e implicitamente as informações de um texto, que são trabalhados em sala de aula, também não o deseja lê-lo.

Diante a este panorama, em que a prática de leitura e escrita é um dos maiores desafios da educação, a pesquisa está pautada numa intensa discussão que se faz presente acerca do tema, devido à vivência experimentada pelos professores em sala de aula e ao cenário apresentado e referendado nas avaliações externas realizadas em nível nacional e internacional que apuram uma situação delicada no Brasil ao se tratar da eficiência do ensino de leitura nas escolas públicas.

Quanto à experiência docente é certo declarar que nos deparamos diariamente com alunos que afirmam não gostarem de ler, ou ainda, não saberem ler. Tal dificuldade é exposta quando o professor propõe alguma atividade e percebe a recusa do aluno e, por meio das atividades de interpretação, verifica dificuldade quanto à compreensão textual e até mesmo na localização de informações explícitas no texto. Observa-se também que o poder de argumentação é sempre vago, com vocabulário simples, sendo constatado, inclusive, dificuldade na coerência ao expor as ideias relacionadas a algum texto.

Já no que tange aos resultados apresentados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do ano de 2015, quanto à projeção de metas, foi constatado que os anos finais do ensino fundamental, comparado aos anos iniciais, apresentam uma expressiva lacuna na aprendizagem ao não atingirem as metas estabelecidas pelo Ministério da Educação, conforme dados que serão descritos no decorrer deste trabalho.

Diante do exposto, a pesquisa está pautada no desafio de o professor formar o leitor de leitura literária nos alunos do ensino fundamental dos anos finais para, voluntariamente, praticarem essa atividade de linguagem, e oportunizar a participação destes em práticas de letramento literário. Considerando que a escola é, para muitos alunos, o ambiente principal e, talvez, único de ensino e acesso à informação e cultura, a responsabilidade dessa instituição na formação de leitor aumente ainda mais. Esse

cenário motivou a realização desta pesquisa, cuja pergunta norteadora foi: Como construir a leitura literária nos alunos do sexto ano do ensino fundamental, usando a literatura como instrumento cultural e catalisador para ampliar o seu sistema de referências e modificar suas representações de mundo e formas de enxergá-lo?

Diante à problematização, buscou-se no aporte teórico da Estética da Recepção modos de leitura que formem o leitor literário, promovam eventos de letramento literário e que venham ao encontro do que é previsto nos documentos oficiais ao perfil contemporâneo dos alunos matriculados no sexto ano do ensino fundamental.

Para responder ao questionamento da pesquisa, foi estabelecido como objetivo geral analisar o processo de construção da leitura literária de alunos do 6º ano do ensino fundamental; de interação com as obras e com colegas leitores da turma e o efeito do procedimento didático dessa construção na formação de representação de mundo nas crianças.

Para atender à complexidade desse objetivo geral, este foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos:

- a) investigar a receptividade dos textos literários pelos participantes;
- b) averiguar como se dá o processo de interação dialógica entre os participantes e as obras e entre si;
- c) verificar se o procedimento didático do Método Receptional de leitura influenciou no desejo e na ampliação dos horizontes de expectativas dos participantes da pesquisa;
- d) elaborar um objeto de ensino e aprendizagem para a construção da leitura literária, para alunos do ensino fundamental – anos finais, que contribua para a formação do seu letramento literário.

Visando a demonstrar os objetivos, o trabalho foi organizado em quatro capítulos que elucidam a fundamentação teórica, metodologia, perfil e contexto do grupo participante, além da descrição dos momentos para aplicação da pesquisa, e dos resultados apresentados, sendo o ensino da leitura literária para alunos dos anos finais do ensino fundamental o objeto de observação e estudo, a partir da Teoria da Estética da Recepção.

Todavia, a proposta apresentada não cabe apenas à obra selecionada para esta pesquisa, mas a qualquer obra literária, desde que respeitada a voz do aluno enquanto elemento principal para a prática da leitura, no papel de leitor.

O primeiro capítulo intitulado “A prática da leitura literária nas escolas dos anos finais do ensino fundamental: cenário nacional” descreve brevemente a situação da leitura na educação básica brasileira, demonstrando explicitamente a lacuna entre o que é posto nos documentos oficiais e a prática em sala de aula. O capítulo denota um comparativo ao elencar que os alunos dos anos finais do ensino fundamental apresentam uma defasagem significativa comparado com os anos iniciais, dados estes que estão explícitos no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Ressalta quatro fatores contribuintes no que tange à eficiência do ensino da leitura literária nos espaços escolares, sendo eles: 1. Políticas públicas de incentivo à leitura; 2. Perfil do aluno; 3. Perfil da formação docente; 4. Procedimentos de ensino de leitura.

Vale ressaltar que o trabalho, embora discorra todos os itens acima elencados, terá como principal foco os procedimentos didáticos aplicados para o ensino da leitura literária nas escolas de anos finais do ensino fundamental. Por meio da experiência profissional e de estudos teóricos revelará que o ensino de leitura proposto em sala de aula refere-se a atividades isoladas de leitura e interpretação, não havendo espaço para se discutir uma obra completa, ao qual o aluno possa contribuir expondo seu ponto de vista sobre a obra lida.

O segundo capítulo faz uma breve apresentação sobre leitura inspirado nos estudos de Jouve (2002), igualmente expõe os efeitos positivos que a prática de leitura literária pode exercer sobre o aluno que está em processo de formação. Apresenta, como aporte teórico desta pesquisa, a Teoria da Estética da Recepção, aporte teórico desta pesquisa, citando seus maiores precursores Hans Robert Jauss (1979) e Wolfgang Iser (1996), bem como faz referência a Bakhtin (2000) que soma à primeira teoria o comportamento dialógico necessário para a efetivação da interação entre leitores e obra.

Também, no mesmo capítulo, faz-se alusão ao método recepcional de leitura de Bordini e Aguiar (1993) e Kleiman (2011) que são grandes estudiosas da Teoria da Estética da Recepção e definem o percurso metodológico deste trabalho.

O terceiro capítulo desenha a metodologia, descrevendo: o método, natureza e objetivos, contexto da pesquisa, além da apresentação do perfil dos participantes e de toda a estrutura de aplicação pautada na pesquisa-ação. Também discorre sobre os procedimentos para produção de dados, bem como dos aspectos éticos e do

produto educacional, que acompanha esta dissertação como resultado final da pesquisa.

A pesquisa foi aplicada numa situação real de ensino e aprendizagem, em que a pesquisadora fez parte da pesquisa, visto que também era professora da turma. Logo, a metodologia aplicada é pesquisa-ação, já que pesquisadora e participantes atuaram juntos, visando mudança, no que diz respeito à prática de leitura literária.

Destaca-se ainda, que diante ao tema, problematização e objetivos pretendidos, a pesquisa abarca uma abordagem qualitativa, demonstrando que há uma preocupação generalizada com todo o processo de aplicação da pesquisa, a partir de atividades promovidas com a adaptação “Dom Quixote” de Leonardo Chianca, não apenas com o produto final, como afirma Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 2012).

No que se refere ao quarto capítulo, talvez o mais longo e intenso deste trabalho versa sobre a análise da produção de dados da pesquisa. É exposta a análise da aplicação da pesquisa, que foi realizada a partir das cinco etapas do método recepcional e da dialogia existente entre obra- autor e leitores no decorrer da prática de leitura. Para análise, foram consideradas quinze atividades aplicadas nas oficinas literárias. Cabe ressaltar que nem todas serão analisadas de modo sistematizado, visto o número de atividades e a dimensão da pesquisa.

Nas considerações finais são apontados os aspectos relevantes, no que diz respeito à problematização e aos objetivos propostos para a pesquisa, tendo como referência teórica a aplicação do dialogismo bakhtiniano e o método recepcional.

Paralelo a esta dissertação, a pesquisa apresenta também um produto educacional intitulado “Leitura: uma viagem pelo mundo da imaginação”, que tem como referência a aplicação de algumas atividades utilizadas no decorrer da pesquisa, no formato de oficinas literárias. Esse produto educacional tem o formato de um objeto digital de aprendizagem, com a apresentação de seis atividades que podem ser realizadas individualmente ou em grupo. É direcionado a alunos dos anos finais do ensino fundamental, que tenham lido alguma adaptação da obra “Dom Quixote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes. Todavia, para a utilização deste material, a presença de um professor é de suma importância visto seu papel de mediador no desenrolar das atividades. Por fim, o material que faz parte do processo para a titulação de mestre do Programa “Docência para a Educação Básica” ficará disponível em repositório, em site próprio da Faculdade de Ciências, da UNESP- Bauru.

1 A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CENÁRIO NACIONAL

O capítulo apresentado versará sobre o ensino e a prática da leitura literária, nos anos finais do ensino fundamental, diante ao que está posto nos documentos oficiais e a prática exercida em sala de aula. Sabe-se da importância deste eixo do ensino da língua portuguesa, porém denota-se um cenário preocupante e uma demanda por ações que possam contribuir para efetivação do ensino da leitura literária.

Para melhor compreender este cenário, abordaremos brevemente o que dizem os documentos oficiais, em seguida, o cenário da educação brasileira, ao se referir aos anos finais do ensino fundamental.

Ao se tratar do ensino da leitura, observa-se que o tema, enquanto eixo de ensino transversa desde a Constituição Federal (CF), a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96 (LDBEN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) até Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Quanto à CF de 1988, é certo afirmar que o documento deixa claro que é obrigação do Estado assegurar às crianças e jovens o seu pleno desenvolvimento e o preparo para a cidadania. Não se menciona neste documento especificidades quanto ao ensino da leitura, todavia orienta para que leis e diretrizes sejam criadas a fim de assegurar o desenvolvimento e aplicação de uma educação de qualidade

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. [...]

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - melhoria da qualidade do ensino;

IV - formação para o trabalho;

V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.

VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm).

Quanto à LDBEN, que foi instituída em 20 de dezembro de 1996, o ensino da leitura é apontado em seu artigo 32, conforme citação:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:
I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

No que diz respeito ao PCN, é pertinente citar que há um documento específico para o ensino de Língua Portuguesa tanto para os anos iniciais quanto para os anos finais do ensino fundamental e médio. Quanto aos anos finais, estabelece como objetivos, que o aluno:

- Saiba selecionar textos segundo seu interesse e necessidade; [...]
- seja receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor;
- troque impressões com outros leitores a respeito dos textos lidos, posicionando-se diante da crítica, tanto a partir do próprio texto como de sua prática enquanto leitor;
- compreenda a leitura em suas diferentes dimensões - o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler;
- seja capaz de aderir ou recusar as posições ideológicas que reconheça nos textos que lê. (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, 1998, p. 50-51)

Quanto à meta do trabalho com a língua portuguesa, a BNCC (2017, p. 63), aprovada em consonância com LDBEN 9.394/96 e com os PCN's, estabelece que ao longo da educação básica, “crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escrita, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; [...]”.

Ainda, quanto ao ensino da leitura, há um eixo específico, ao qual a relação leitor e obra é citado, tendo como foco a interpretação, além da leitura literária para fruição estética. Ao se referir aos objetivos propostos para o ensino da leitura, a BNCC (2017, p. 97 e 98) destaca:

- Desenvolver estratégias e habilidades de leitura, antecipar sentidos e ativar conhecimentos prévios relativos aos textos, elaborar inferências, localizar informações, estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade, apreender sentidos gerais do texto, identificar assuntos/temas tratados nos textos, estabelecer relações lógicas entre partes do texto que permitam ler, com compreensão de textos de gêneros variados, sobretudo gêneros literários. [...]

- Ler e apreciar textos literários de diferentes culturas e povos, valorizando desde os autores da nossa tradição literária, àqueles da cultura popular, bem como a literatura afro-brasileira, africana e obras de autores indígenas.

Quanto à leitura literária, a BNCC explicita que, embora haja um repertório específico para cada etapa escolar, esta não representa uma determinação, cabendo ao professor, diante ao perfil dos participantes, realizar as escolhas necessárias.

A BNCC (2017) ainda se apropria da palavra garantia em seus registros, visando a importância da formação literária durante toda a educação básica. O documento ressalta que, ao se trabalhar a literatura, constitui-se a subjetividade, a expressão dos mais diversos sentimentos e da reflexão da linguagem.

Mesmo diante a todo esse aparato assistimos a um cenário bastante preocupante, que é avaliada como insatisfatória pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica-SAEB¹, que resulta no índice de Desenvolvimento da Educação Básica e *Programme for International Student Assessment* -PISA² como revelam os sites do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais-INEP e QEd³.

No que tange a dados estatísticos quanto à qualidade da educação, os dados do IDEB-2015, demonstram os alunos dos anos finais do ensino fundamental comparado aos dos anos iniciais apresentaram uma expressiva lacuna na aprendizagem ao não atingirem as metas estabelecidas pelo Ministério da Educação, conforme figura.

Quadro 1 - Comparativo do IDEB- Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental

	IDEB OBSERVADO- BRASIL						METAS- BRASIL					
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2007	2009	2011	2013	2015	2021
Anos Iniciais	3,8	4,2	4,6	5,0	5,2	5,5	3,9	4,2	4,6	4,9	5,2	6,0
Anos Finais	3,5	3,8	4,0	4,1	4,2	4,5	3,5	3,7	3,9	4,4	4,7	5,5

Observação: Adaptado de

Fonte: INEP- Disponível no site <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>

¹ Sistema composto por avaliações externas de Língua Portuguesa e Matemática. Os resultados de desempenho dessas avaliações, no caso dos anos finais, Prova Brasil, em conjunto com os dados de aprovação resultam no Índice de desempenho da Educação Básica- IDEB.

² PISA - em português, Programa internacional de Avaliação de Alunos que mede a aprendizagem em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências entre jovens de 15 anos, tendo por objetivo produzir indicadores que contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica.

³ QEd - Site patrocinado pela Fundação Lemann que reproduz e analisa os resultados do IDEB fornecidos pelo INEP. Esses dados representam as esferas nacional, estadual, municipal e escolar.

De acordo com o quadro 1, é pertinente observar que, desde a implantação da Prova Brasil, que gerou o IDEB, as metas pretendidas para a etapa dos anos iniciais foram atingidas, obtendo um gradativo aumento de 1,7 até o ano de 2015. Já no que se refere aos anos finais, os dados demonstram que, desde o ano de 2013, o Brasil não tem atingido as metas estabelecidas pelo governo federal. Vale ressaltar que esse índice de 4,2 para 2015 denota um *déficit* de 1,2 comparada à meta estabelecida.

Figura 1 - Aprendizado dos alunos- dados QEdu



Fonte: Qedu. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/aprendizado>

De acordo com os dados apresentados no *site* QEdu, conforme figura 1, seguindo o relatório do Movimento Todos pela Educação, até o ano de 2022, 70% dos alunos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental devem chegar ao nível adequado em relação à competência de leitura e interpretação de texto. Hoje, esse dado representa apenas 30%, sendo que 25% são dedicados ao nível proficiente e

apenas 5% ao nível avançado, dados esses que vem ao encontro da indagação sobre a qualidade do ensino nas escolas públicas brasileiras.

Quanto ao PISA-2015, o Brasil também não se encontra em uma situação confortável, tendo atingido a nota 407, em linguagem, aquém de demais países da América Latina, como Colômbia, México, Uruguai e Chile, sendo mais uma vez a leitura considerada um dos motivos do insucesso. O resultado adverte para o trato superficial da questão que não atenta para o ato de ler que conduza o aluno a uma autonomia interpretativa, crítica e transformadora.

No que se refere ao ensino de leitura aos anos finais do ensino fundamental, o PCN de Língua Portuguesa, (1997, p.71) aponta que “para formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura.”

Ainda, a LDBEN 9.394/96 afirma que a escola tem a função de formar o cidadão pleno, visando a sua atuação na sociedade. Logo, estaria a instituição escolar sendo capaz de formar esse cidadão, visto que os alunos estão encerrando o ensino fundamental sem conseguir localizar informações explícitas num texto? Pode-se constatar que, diante da lacuna presente nos resultados das avaliações externas e até mesmo nas avaliações internas, que, muitas vezes, os próprios documentos que deveriam embasar o ensino da leitura, não são validados na prática de sala de aula.

Logo, o que acaba acontecendo nas salas de aulas são atividades isoladas de leitura que, muitas vezes, são contempladas nos materiais didáticos. Aparentemente não há um diálogo entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, entre o que a escola precisa ensinar e o que realmente o aluno aprende.

Assim, a atividade de leitura que deveria ser prazerosa, acaba se tornando uma atividade estanque e sem sentido para o aluno. De acordo com PCN de Língua Portuguesa (1998), o ensino da leitura deveria estar caracterizado por uma postura atuante e participativa por parte do aluno, no papel de leitor.

Segundo o relatório do Pisa 2015, o ato de ler por prazer está associado à proficiência de leitura, isto é, apresenta um melhor rendimento nas avaliações externas, sendo apontado inclusive a equivalência de um ano e meio a mais de escolarização quando comparado aos alunos que não leem diariamente.

Face a esses dados comprovamos um importante desafio a ser vencido, no que se refere ao ensino da leitura literária. Observamos, diante disso, que a defasagem do ensino da leitura, pode ser aferido diante a quatro fatores que permeiam: a)

políticas públicas de incentivo à leitura; b) perfil dos alunos; c) perfil da formação docente; d) procedimentos de ensino de leitura.

1.1 Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil

Ao se tratar de políticas públicas é pertinente destacar que, embora a leitura seja citada como uma prioridade nos documentos oficiais e pelo Plano Nacional de Educação, na meta 7, que se refere à melhoria da qualidade da educação, ainda é visível uma lacuna entre o que é posto e a prática exercida em sala de aula, visto a realidade presenciada e averiguada por meio das avaliações externas, como já foi citado no item anterior.

De acordo com o PNE (2014, p. 63), no item 7.3.3, deveria ocorrer, neste decênio, ações voltadas para políticas públicas relacionadas ao ensino da leitura, de forma que pudessem

promover, com especial ênfase, em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e da Leitura, a formação de leitores e leitoras e Plano Nacional de Educação 2014-2024 67 a capacitação de professores e professoras, bibliotecários e bibliotecárias e agentes da comunidade para atuar como mediadores e mediadoras da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem.

Todavia, o que se averigua no espaço educacional são leis que se encontram adormecidas em gavetas ou armários a caminho da sala de aula pelos mais diversos motivos, que não são discutidas ou colocadas em prática em prol do direito de aprendizagem do aluno. Por consequência, o aluno que deveria encerrar o ensino fundamental sabendo ler as informações explícitas e implícitas de um texto, navegando por diversos gêneros textuais e literários acaba à mercê do acaso, sendo um mero reproduzidor de informações, não sendo capaz de aferir, compreender, questionar e ampliar seus conhecimentos.

Destacamos que o PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 70) afirma que é de suma importância o trabalho com a leitura literária nesta etapa de ensino, visto que este é um período transitório em que o aluno passa da infância para a adolescência. Porém, muitas vezes, o aluno acaba deixando a prática de leitura por não se identificar com o repertório textual imposto pela escola, ou seja, não há identificação entre o que a escola propõe e o que o aluno deseja ler.

Sendo assim, é possível ponderar que há no item de investimento em política públicas duas vertentes que o permeia sendo a primeira de ordem material e a segunda de ordem humana. Para essas duas vertentes citadas, pode-se afirmar que as escolas, enquanto local em que os alunos devem receber a educação formal, deveria valer-se da presença de recursos que promovessem a prática de leitura literária, como espaços para prática de leitura e acervo.

Mais uma vez, é plausível citar o PCN de Língua Portuguesa (1998, p.71-72) ao verificar, em seu interior, o registro quanto à responsabilização da escola em promover ambientes para a prática de leitura, além de recursos didáticos para que o ensino aconteça de forma adequada.

- A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros.
- É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos.
- O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.
- O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais. Ler por si só já é um trabalho, não é preciso que a cada texto lido se siga um conjunto de tarefas a serem realizadas.
- O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás.
- A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura.

Além do mais, o próprio PCN de Língua Portuguesa (1998) tanto dos anos iniciais quanto dos anos finais do ensino fundamental cita estratégias para o ensino da leitura que deveriam ser ocupadas durante as aulas. Em especial de Língua Portuguesa, tais como: leitura autônoma, leitura colaborativa, leitura em voz alta pelo professor, leitura programada, leitura de escolha pessoal, leitura diária, projetos de leitura, atividades sequenciadas de leitura e atividades permanentes de leitura.

Quanto aos Programas do livro, mantidos pelo Governo Federal, sob gerência do Fundo Nacional de Desenvolvimento para Educação Básica (FNDE), é estruturado em duas atividades distintas, sendo: Programa Nacional do Livro Didático (PNLD),

que abarca a compra e distribuição trienal de livros didáticos a todas as escolas que fazem adesão ao programa; Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que trata da distribuição de periódicos, dicionários, e livros literários para os alunos e de formação para a equipe escolar. Já ao se tratar do PNBE, é pertinente discorrer sua trajetória visto, que trata de uma política pública que tem por função distribuir livros literários aos alunos, dicionários e periódicos às escolas brasileiras públicas, além de ofertar formação para professores.

Para melhor compreender esse processo, apresentamos um quadro de distribuição do PNBE entre os anos de 1998 e 2014.

Quadro 2 - Material distribuído pelo PNBE entre os anos de 1998 e 2014

Programa Nacional Biblioteca da Escola- distribuição		
Ano	Acervo	Público alvo
1998	215 títulos, sendo composto por obras clássicas e modernas da literatura brasileira, enciclopédias, atlas, globos terrestres, dicionários, livros sobre a história do Brasil e sua formação econômica e um Atlas Histórico Brasil 500 Anos.	Alunos de 5ª a 8ª série
1999	109 obras de literatura infantil e juvenil	Alunos da 1ª a 4ª série
2000	Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 8ª séries; Parâmetros em Ação – Curso de Formação Continuada, a Ética e Cidadania no Convívio Escolar – Uma Proposta de Trabalho; Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; Referencial Nacional para a Educação Indígena e a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos.	Professores do ensino fundamental, de escolas públicas participantes do Programa de Desenvolvimento Profissional Continuada – Programa Parâmetros em Ação
2001	6 coleções diferentes, cada uma com 5 títulos: poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e peça teatral. (Coleção Literatura em minha casa)	Cada aluno recebeu uma coleção. (uso pessoal e propriedade do aluno)
	4 acervos	Biblioteca escolar
2002	8 coleções de diferentes editoras, cada uma com 5 títulos: poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e peça teatral. (Coleção Literatura em minha casa)	Uso pessoal e propriedade do aluno- 4ª série.
	1 acervo	Biblioteca escolar
2003	Coleção Literatura em minha casa	Uso pessoal e propriedade do aluno- 4ª e 8ª série.
	1 coleção composta por cinco volumes de obras de literatura e de informação	Uso pessoal e propriedade do aluno- 4ª série.
	uma coleção composta por quatro volumes de obras de literatura e de informação	Uso pessoal e propriedade do aluno- 8ª série.
2004	10 coleções compostas por cinco volumes de obras de literatura e de informação	Biblioteca escolar – 4ª série
	10 coleções compostas por quatro volumes de obras de literatura e de informação	Biblioteca escolar – 8ª série
	1 coleção específica para jovens e adultos composta por seis volumes de obras de literatura e de informação- Ação- Palavras da gente	Uso pessoal e propriedade do aluno matriculado no último termo, série, módulo ou similar da EJA

	Ação – Casa da Leitura Ação – Casa da Leitura (para uso de toda a comunidade do município) Distribuição de bibliotecas itinerantes para uso comunitário no município, contendo 154 livros de 114 títulos diferentes das 24 coleções do acervo das ações Literatura em minha Casa e Palavra da Gente.	Para uso de toda a comunidade do município-material entregue para prefeitura, órgão responsável pela distribuição no município
	2 livros, pautada na seleção de 114 livros de ficção e de não ficção, com ênfase na formação histórica, econômica e política do Brasil, que foram escolhidas via <i>internet</i> , numa pesquisa por professores.	Professor
2005	1 acervo composto de 20 títulos diferentes	Escolas de 1ª a 4ª série
	1 acervo composto por 20 títulos diferentes	Escolas com 151 a 700 estudantes
	3 acervos compostos por 20 títulos cada um.	Escolas com mais de 700 estudantes
	Clássicos da Literatura em Libras	Alunos com deficiência auditiva
2006	75 títulos de literatura dos mais variados gêneros (poesia, conto, crônica, romance)	Escolas públicas da 5ª a 8ª série
2008	Os acervos foram compostos por textos em verso (poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava línguas, adivinhas), em prosa (pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias), livros de imagens e de histórias em quadrinhos e, ainda, obras clássicas da literatura universal.	Escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio
2009	Acervos foram compostos por títulos de poemas, contos, crônicas, teatro, textos de tradição popular, romances, memórias, diários, biografias, ensaios, histórias em quadrinhos e obras clássicas.	Escolas dos Anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio
2010	Acervos compostos por títulos de poemas, contos, crônicas, teatro, textos de tradição popular, romances, memórias, biografias, ensaios, histórias em quadrinhos e obras clássicas.	Escolas públicas de Educação Infantil, Anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos.
	PNBE Especial-Livros de orientação do ensino em cada disciplina da educação básica.	Professores
	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), como material permanente de consulta.	Alunos e Professores
	PNBE- Periódicos	Biblioteca Escolar
2011	E acervos diferente com títulos de diversos gêneros literários, como contos, crônicas, romances, poemas e histórias em quadrinhos.	Alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio
	PNBE- Periódicos	Biblioteca escolar
2012	Obras literárias às escolas públicas, bem como no formato MecDaisy	Escolas de Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Ensino Médio
	PNBE- Periódicos	Biblioteca escolar
2013	Acervos de diversos gêneros literários, como contos, crônicas, romances, poemas e histórias em quadrinhos.	Alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio
	PNBE do Professor	Professores
	PNBE- Periódicos	Biblioteca escolar
2014	100 títulos	Educação Infantil
	100 títulos	Anos iniciais do Ensino Fundamental
	PNBE- Periódicos	Biblioteca escolar

Fonte: FNDE- quadro adaptado pela pesquisadora

O Programa que teve início no ano de 1998 contou com atuação contínua até 2014, ano último em que foram distribuídos materiais de leitura para as escolas públicas brasileiras. Desde então, as escolas não recebem qualquer tipo de material relacionado ao PNBE, sendo mantido apenas o PNLD. Sendo assim, é possível que muitas escolas pertencentes às redes federal, estadual e municipal não tenham atualizados seus acervos, de forma que possa atender a demanda escolar.

Também, os programas de incentivo à leitura explícitos no PNE 2014-2024, fazem plena referência ao fomento e à valorização da leitura, que estão elencadas na Portaria Interministerial nº 1.442, de 10 de agosto de 2006.

Art. 1º— Fica instituído o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), de duração trienal, tendo por finalidade básica assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional.

Em conjunto a essa portaria, foi instituído o Decreto 7.559 em 1º de setembro de 2011, voltado ao livro e à leitura, principalmente, no que se refere à biblioteca e à formação de mediadores, por meio do Plano Nacional do Livro e Leitura, já citado anteriormente.

Neste, é possível observar a necessidade de uma organização que é desmembrada em quatro eixos, de forma que o programa seja efetivado em sua totalidade. Eixo 1- Democratização de acesso; eixo 2- Fomento à leitura e à formação de mediadores; eixo 3- Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; eixo 4- Desenvolvimento da economia do livro.

Logo, ao observar os eixos propostos no PNLL é perceptível que a política proposta ao se tratar de leitura e livros, destinou investimentos apenas aos insumos materiais, ficando a formação de mediadores, que é exercida na maioria pelos professores titulares de sala, inerte ao objetivado.

A propósito, o investimento em recursos materiais, deveria ser acompanhado pela formação de mediadores, fato esse que contribuiria para que os livros não permanecessem imóveis nas prateleiras das salas de leitura ou das bibliotecas pública. Situação comum nos espaços escolares, pois sem a implantação de políticas públicas destinadas à formação de mediadores, as práticas exercidas em salas de leitura são estanques, superficiais, sem um trabalho de mediação que traga significado real ao investimento material.

Portanto, se houvesse um efetivo investimento em recursos humanos, o professor de Língua Portuguesa, amparado pela Lei 11.738, de 16 de julho de 2008⁴, poderia receber formação para atuar como mediador de leitura, visto que, nas maiorias das escolas, é ele a pessoa que assume a responsabilidade por esse trabalho.

Enfim, diante do exposto, é evidente que, ao se tratar de políticas públicas de incentivo à leitura, mesmo o Brasil tendo apresentado um progresso significativo, ainda é superficial. Embora os programas se atentem à distribuição de livros, a formação de mediadores fica aquém do necessário, contribuindo, muitas vezes, para que livros fiquem em meio às prateleiras, sem o trabalho de mediação.

1.2 Perfil dos alunos

De acordo com o PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 45), o perfil dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, a que se refere esta pesquisa apresenta, de forma generalizada, as seguintes características:

entre 11 e 15 anos de idade, compreendendo de modo geral a adolescência e a juventude. Trata-se de um período da vida em que o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re)constituição da identidade, para o qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais. As transformações corporais, com pequena variação, provocam desajustes na locomoção e coordenação de movimentos, demandando adaptações constantes; a sexualidade apresenta sensações, desejos e possibilidades até então não experimentados; há mudanças significativas na forma do corpo, no timbre da voz e na postura. Esse processo impõe ao adolescente a necessidade de reformulação de sua auto-imagem, dado que aquela que se havia constituído ao longo da infância está desajustada aos novos esquemas corporais e às novas relações afetivas, sociais e culturais que passa a estabelecer. As demais transformações, no entanto, variam de cultura para cultura, de grupo social para grupo social e de sujeito para sujeito.

Tal afirmação se faz diante ao desenvolvimento global a que é objetivada na LDBEN 9.394/96, que comporta e abarca não apenas as mudanças biológicas, mas também sociais a qual o aluno está inserido.

⁴ A Lei 11.738, de 16 de julho de 2008 institui o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica para 40 horas de trabalho, além de observar que o docente poderá exercer o limite máximo de dois terços de sua carga horária para atividades que envolvam a interação com alunos.

Desse modo, é apropriado ressaltar as diferenças existentes entre o aluno sentado nos bancos escolares ao que temos presente em nossa memória. Antes a escola era considerada a detentora do saber. Hoje, os alunos recebem diariamente uma gama de informações pelos mais diversos suportes de informação, que são levadas para sala de aula como leitura de mundo. A escola, para o aluno, torna-se apenas mais um meio de onde recebe informações, muitas vezes, consideradas nada atraentes aos seus olhos.

Para Freire (1989), hoje não mais cabe uma educação bancária, monológica, em que apenas o professor tenha o poder da palavra e da voz, mas é preciso proporcionar um espaço de formação dialógica e participativa, em que o aluno, sujeito em formação, seja atuante nesse processo, participando coletivamente das tomadas de decisões. Diante a esse contexto, nota-se que há uma ruptura entre o aluno e a escola, percebida nitidamente nos anos finais, quando o aluno está no processo de passagem entre a infância e a adolescência.

Nesse ínterim, o professor expõe que seu aluno não gosta de ler diante à recusa das propostas escolares, porém esta é uma proposição duvidosa diante aos resultados apresentados pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”. Ao se tratar do perfil leitor, o Instituto Pró- Livro realiza, desde o ano de 2001, uma pesquisa intitulada “Retratos da leitura no Brasil”, a qual visa a contribuir para a melhoria de indicadores de “letramento” e de hábitos leitores, no que se refere ao público brasileiro. De acordo com essa pesquisa, que teve sua quarta edição lançada em 2015, é certo afirmar que houve um avanço significativo no que se refere ao acesso à leitura, quando comparado à pesquisa realizada em 2007.

Quadro 3 - Porcentagem de livros lidos por habitantes em 2007, 2011 e 2015

Escolaridade			
Livros/ habitantes/ano	2007	2011	2015
Fundamental I	2,7	2,5	3,44
Fundamental II	5,0	3,7	5,26

Fonte: Instituto Pró – Livro (quadro adaptado pela pesquisadora)

Comparando os anos de 2007 a 2015 observa-se avanço em relação ao total de livros lidos pelos alunos do ensino fundamental. Porém, comparando 2007 a 2011 denota-se uma queda, principalmente ao se referir aos anos finais do ensino fundamental. Tal dado denuncia que a fala de senso comum entre os professores de que aluno não lê é contraditória, quando observados esses números. Logo, é possível

afirmar que os alunos não gostam de ler o que é proposto pela escola, todavia praticam outros tipos de leitura.

Enfim, quando questionado sobre o tipo de leitura que eles realizam, a pesquisa aponta que:

Quadro 4 - Gêneros que costumam ler por escolaridade

Escolaridade		
Gêneros lidos	Fundamental I	Fundamental II
Bíblia	48	40
Religiosos	23	17
Contos	22	25
Romance	8	19
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	3	14
Artes	10	7
Juvenis	4	10
Educação ou Pedagogia	3	4
Culinária, Artesanato, "como fazer"	7	6
Viagens e esportes	2	4
Línguas (como inglês, espanhol, etc)	3	4
Direito	0	1
Autoajuda	2	3
Biografias	3	6
Saúde e dietas	5	6
Técnicos ou universitários	0	2
Ciências	13	12
Infantis	24	14
História em quadrinhos, gibis ou RPG	15	14
Poesia	9	14
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	4	6

Fonte: Instituto Pró-livro (quadro adaptado pela pesquisadora)

Diante ao quadro é explícito que os gêneros textuais abordados para a leitura pela escola não estão entre os mais lidos. Está no ápice do quadro, a bíblia e os livros de cunho religiosos, que representam socialmente a importante e significativa relação desses gêneros com o sujeito.

Neste momento do texto, é pertinente antecipar que foi realizada uma entrevista com os alunos participantes da pesquisa que apresentou resultados semelhantes ao da Pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" - 4º edição, ao referir-se aos gêneros textuais que os alunos costumam ler.

Ainda sobre o que motivaria a leitura, é importante mencionar que os participantes entre a faixa etária que corresponde aos anos finais, responderam à

pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, que é o gosto ou interesse pessoal, ou seja, buscam uma leitura que venham ao encontro de seus objetivos de leitura.

Logo, é importante destacar que precisamos (re) conhecer quem é o aluno que hoje ocupa os bancos escolares, de modo que possamos aliar o que está posto nos documentos oficiais ao perfil desse aluno-leitor contemporâneo.

1.3 Perfil da formação docente

O professor tem um papel de suma importância na formação de leitura dos alunos, pois é ele o mentor das atividades pedagógicas aplicadas em sala de aula. Cabe a ele incentivar e motivar seus alunos à prática da leitura literária. Todavia, na grande maioria, não consegue trabalhar o ensino da leitura literária, como demanda os documentos oficiais.

A “Pesquisa Retratos da leitura no Brasil” demonstrou que o perfil leitor da criança e adolescente não difere muito do perfil leitor do professor, conforme quadro 5.

Quadro 5 - Último livro lido ou que está lendo-professor

Títulos e número de vezes em que foram citados	
Bíblia	22
Esperança	5
O monge e o executivo	3
Amor no tempo dos cólera	2
Bom dia Espírito Santo	2
Livro dos Sonhos	2
Menino brilhante	2
O símbolo perdido	2
Nosso lar	2
Nunca desista dos seus sonhos	2
Fisiologia do exercício	2

Fonte: Instituto Pró-livro (quadro adaptado pela pesquisadora)

Ao nos depararmos com esse quadro é possível averiguar que o título que ocupa o pódio também é de cunho religioso, seguido por obras de autoajuda, não diferindo muito do quadro 4. Logo, o gosto pela leitura de professores e alunos não são diferentes. É pertinente salientar que a pesquisa torna público os onze títulos mais citados pelos entrevistados. Do total restante 50% declararam não terem lido nenhum livro, 4% não lembram e 2% não responderam.

Não há dados da pesquisa supracitada quanto ao fato de o professor ler ou não por prazer, porém as obras citadas não denotam qualquer relação com os títulos fornecidos pelo PNBE.

Um ponto importante a ser citado é fato de o professor ser visto pelo aluno como um modelo a ser seguido. Logo, se ele não demonstra estreita relação com a leitura, a possibilidade desse eixo ser trabalhado com eficiência é bem menor comparado com o profissional que demonstra maior interação com a leitura.

Para Barthes (2006), o desejo pela leitura é parte essencial para que o processo de aprendizagem seja de sucesso, todavia se esse desejo não é transparente pelo professor, essa prática passa a ser mecânica, superficial direcionada apenas à realização de atividades de leitura mecanizadas, servindo de pretexto para outros fins, circunstância essa que está presente nas poucas aulas de leitura.

Além do gosto pela leitura cabe salientar a importância da formação inicial e continuada dos professores. Para Cagliari (2009), a defasagem na formação dos professores é um dos grandes fatores que influenciam no resultado final, no que tange à formação de leitores.

Se o professor não tiver uma formação inicial que venha ao encontro das necessidades do ensino básico, com certeza esse profissional terá dificuldades em trabalhar. Nesse ponto, cabe ressaltar a importância da formação continuada, para o aperfeiçoamento do profissional, visando a atender os objetivos de aprendizagem pretendidos nos documentos oficiais.

Em conjunto com a formação, cabe destacar a necessidade de tempo pedagógico para aperfeiçoamentos e leitura. É preciso que o professor disponha de tempo para preparar as atividades com leitura, principalmente a literária. Ressaltamos a leitura literária, visto que os demais gêneros textuais já sejam contemplados no material didático escolar. Ainda, no tange ao ensino da leitura literária, a maioria dos professores tem em sua memória modelos de aulas de leitura mais estruturalista, que se resumem à prática de interpretação textual, sob a ótica do autor. Não há momento de interação entre leitor-obra e autor. Logo, permitir uma prática de leitura dialógica que venha ao encontro da necessidade real do aluno-leitor contemporâneo necessita ser aprendido.

Bamberger (1995), após uma pesquisa realizada na Áustria, discorre que o despertar da criança para a prática de leitura tem como fundamental influência o professor e sua relação com leitura. Petit (2013, p.158-159, grifo do autor), que

também realizou pesquisa numa região periférica de Paris, reitera que, em alguns momentos de suas entrevistas, participantes, como Daoud, destacou o papel do professor para o despertar do desejo leitor, afirmando inclusive o gosto pela leitura de textos mais complexos.

“Há pessoas que se superam, que vão além de suas funções, de seu trabalho, para mostrar quem realmente são. Topei com professores de francês que tinham nas classes pessoas desagradáveis que não os escutavam, mas, quando viam que alguém se interessava, procuravam ensinar algo mais do que o cargo exigia.” [...]

“Fiz os piores estudos possíveis no sistema escolar francês. Quer dizer, o diploma técnico, coisa sem nenhum interesse. Em contrapartida, os professores de francês eram muito interessantes. Foram eles que me levaram a ler, por exemplo, 1984, de George Orwell; coisas como essa, que eu nunca teria lido por conta própria. Não foi a escola, não foi a instituição: foram os professores que me ensinaram.”

Diante do texto, percebe-se a importância do professor na formação do aluno-leitor, todavia esse cenário é acrescido de uma separação entre o que está posto como real e o ideal, quanto ao perfil e prática dos professores para o ensino da leitura literária.

Logo, é explícito a importância do perfil do professor na atuação com o ensino da leitura literária. De nada adianta salas repletas de livros, se não tivermos professores capazes de despertar e ampliar o desejo pela leitura. Por fim, a necessidade de formação aos professores, faz-se urgente, visto o lugar que ocupam no processo de ensino e aprendizagem.

1.4 Procedimentos de ensino de leitura

O item a ser percorrido refere-se ao modo como o ensino da leitura literária é trabalhado nas salas de aula do ensino básico, principalmente ao se referir aos anos finais do ensino fundamental.

Hoje, diante das mudanças no perfil do aluno, o professor não consegue sustentar-se em um saber autoritário, é preciso um saber compartilhado, utilizando-se do protagonismo do aluno enquanto leitor crítico e participante. O ensino tende a ser diferente daquele experimentado enquanto aluno, em que somente o professor discursava e tinha as respostas. Ao se tratar do ensino da leitura literária, quantas vezes presenciamos a participação real dos alunos, como por exemplo, na escolha dessas obras? De acordo com as experiências vivenciadas na área da educação, bem poucas foram as vezes que presenciamos este momento, pois muitos sistemas de

ensino já apresentam uma estrutura de funcionamento, sendo que o aluno, mesmo antes de iniciar o ano letivo, já tem em mãos os títulos das obras a serem lidas. Cabe destacar a importância da participação do aluno na escolha dos livros a serem lidos no decorrer do ano letivo. A escolha da obra deve ser partilhada com o aluno, pois, quando o aluno participa do processo, o resultado se torna mais efetivo. Isso não representa que o aluno irá escolher todos os títulos a serem lidos, durante o processo de ensino de leitura literária, mas sim, que o trabalho partirá do atendimento do horizonte leitor do aluno para após romper e ampliar com novas leituras. Acolher e unir a realidade social do aluno à realidade escolar, conforme diz próprio PCN de Língua Portuguesa (1998), é uma proposta pedagógica possível. Isso não representa que a escola deixará de cumprir o que lhe é conferido como conteúdo curricular, mas sim, que irá adequar esse conteúdo à realidade do aluno, de forma que ele possa, inicialmente, associar o conhecimento de mundo ao escolar.

É de senso comum, o professor, ao planejar sua aula, pautar-se apenas em sua experiência de mundo, esquecendo do que está posto na LDBEN 9.394/96, quanto à formação global do aluno. Para Castrillón (2011), a prática de leitura deve ter como foco o aluno, tratando-o como sujeito capaz de dialogar com o texto, permitindo a reflexão, o autoconhecimento, o conhecimento e a aceitação do outro.

Já quanto ao professor, pode ocupar a posição de mediador, fazendo com que o saber científico e o conhecimento de mundo possam dialogar por meio das mais diversas leituras propostas numa atividade. Freire (1989) discorre que a leitura de mundo antecede a leitura de palavras, ou seja, o professor precisa saber ouvir e valorizar as leituras que seu aluno traz para sala de aula. Uma das formas é atribuir ao ensino da leitura literária um real significado.

Segundo o PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 71)

Tomando como ponto de partida as obras apreciadas pelo aluno, a escola deve construir pontes entre textos de entretenimento e textos mais complexos, estabelecendo as conexões necessárias para ascender a outras formas culturais. Trata-se de uma educação literária, não com a finalidade de desenvolver uma historiografia, mas de desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literárias às formas culturais da sociedade.

Ademais, o próprio PCN apresenta algumas sugestões didáticas para o ensino da leitura literária.

Quadro 6- Sugestões didáticas de leituras propostas no PCN de Língua Portuguesa- 3º e 4º ciclos

Atividade	Descrição da atividade
Leitura autônoma	Envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para os quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência. Vivenciando situações de leitura com crescente independência da mediação do professor, o aluno aumenta a confiança que tem em si como leitor, encorajando-se para aceitar desafios mais complexos.
Leitura colaborativa	É uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. É uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores, principalmente para o tratamento dos textos que se distanciam muito do nível de autonomia dos alunos. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas linguísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, validar antecipações feitas etc.
Leitura em voz alta pelo professor	Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos que possibilita ao aluno o acesso a textos longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-lo, mas que, talvez, sozinho não o fizesse. A leitura em voz alta feita pelo professor não é prática comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores.
Leitura programada	É uma situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual dos alunos, pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade. O professor segmenta a obra em partes em função de algum critério, propondo a leitura sequenciada de cada uma delas. Os alunos realizam a leitura do trecho combinado, para discuti-lo posteriormente em classe com a mediação do professor. Durante a discussão, além da compreensão e análise do trecho lido, que poderá facilitar a leitura dos trechos seguintes, os alunos podem ser estimulados a antecipar eventuais rumos que a narrativa possa tomar, criando expectativas para a leitura dos segmentos seguintes. Também durante a discussão, o professor pode introduzir informações a respeito da obra, do contexto em que foi produzida, da articulação que estabelece com outras, dados que possam contribuir para a realização de uma leitura que não se detenha apenas no plano do enunciado, mas que articule elementos do plano expressivo e estético.
Leitura de escolha pessoal	São situações didáticas, propostas com regularidade, adequadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, rastreamento da obra de escritores preferidos etc. Neste caso, o objetivo explícito é a leitura em si, é a criação de oportunidades para a constituição de padrões de gosto pessoal. Nessas atividades de leitura, pode-se, temporariamente, eleger um gênero específico, um determinado autor ou um tema de interesse. A partir daí, os alunos escolhem o que desejam ler, tomam emprestado o livro (do acervo de classe ou da biblioteca da escola) para ler em casa e, no dia combinado, parte deles relata suas impressões, comenta o que gostou ou não, o que pensou, sugere outros títulos do mesmo autor, tema ou tipo.

	Dependendo do gênero selecionado, alguns alunos podem preparar, com antecedência, a leitura em voz alta dos textos escolhidos.
--	--

Fonte: PCN de Língua Portuguesa (1998, p.72-74) - quadro adaptado pela pesquisadora.

Mais uma vez, por meio das sugestões didáticas, o PCN de língua Portuguesa enfatiza atividades que possam promover a autonomia do aluno em relação ao livro que lê, afirmando que fora do contexto escolar eles já escolhem o que leem. Logo, se essa prática não for abordada no contexto escolar, corre-se o risco de os livros ficarem de lado, assim que concluírem seus estudos.

Dessa forma, faz-se necessário uma reflexão quanto às práticas utilizadas em sala de aula ao se reportar aos procedimentos didáticos para o ensino da leitura literária e uma urgente intervenção ao qual podemos abordar os outros três fatores citados anteriormente. Não há como tratar do ensino da leitura literária na educação básica, sem se atentar à importância da implantação das políticas públicas, da valorização do perfil leitor e do profissional que atende a essa demanda. É pertinente salientar ainda que, se as políticas públicas propostas fossem postas em prática junto à formação inicial e continuada do professor, com certeza teríamos uma abordagem para o ensino da leitura literária mais eficiente, que pudesse suprir as lacunas de ensino e aprendizagem aqui apresentados.

2 A TEORIA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O DIALOGISMO BAKHTINIANO NO ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA

Este capítulo tem por objetivo apresentar, sinteticamente, o referencial teórico que embasa o ensino da leitura literária, nesta pesquisa, pautado na Estética da Recepção e no dialogismo bakhtiniano.

Para tanto, inicialmente, aborda-se a definição de leitura, ancorado em Zaccur (*apud* Macedo 1999), Silveira Bueno (2007), no PCN de Língua Portuguesa (1998) e Jouve (2002), bem como, versa sobre a importância do ensino da leitura literária para a formação global do indivíduo.

Quanto ao aporte teórico, faz referência a Hans Robert Jauss (1979) e Wolfgang Iser (1996), por serem considerados expoentes da Estética da Recepção, assim como, a Bordini e Aguiar (1993) por terem sistematizado a teoria, por meio do método recepcional. Neste mesmo capítulo aborda a contribuição de Bakhtin (2000), para o ensino da leitura literária, a partir do dialogismo entre autor, obra e leitores.

2.1 A leitura: seus significados e importância

Para iniciar este tópico é necessário antes elucidar a etimologia da palavra “leitura”, diante sua importância no trabalho. Conforme Zaccur (*apud* Macedo 1999, p. 123), “Ler deriva de *legere*, que significa, no seu sentido próprio, colher, recolher”. Ainda para Silveira Bueno (2007, p. 467) “leitura” pode ser considerada “o ato ou efeito de ler, aquilo que se lê”. É possível inferir a partir desses conceitos que a leitura está relacionada ao ato de colher e recolher os mais diversos sentidos que um texto possa traduzir.

O PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 69) apresenta a leitura como um eixo a ser ensinado durante toda a educação básica e a define como

processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Jouve (2002, p. 17) aponta a leitura como resultado de uma pluralidade de interpretações que cada leitor traz consigo mediante o tempo e espaço em que está inserido. “A leitura é uma atividade complexa, plural que se desenvolve em várias direções. O autor prevê cinco dimensões que abarcam o processo da leitura, sendo: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica.

1- Neurofisiológica: corresponde às faculdades definidas do ser humano, ou seja, à sua condição de percepção, identificação e memorização dos signos.

2- Cognitiva: conversão das palavras em elementos significativos, concretos. Nessa dimensão, a pessoa consegue ler, abstrair as palavras e reconstruir um novo significado por meio da apresentação lexical destas palavras.

3- Afetiva: está relacionada às emoções que o texto promove no leitor no ato da leitura. É considerada a base inspiradora para que o leitor se sinta motivado a ler, continuar lendo ou não um texto. Nessa base encontram-se centradas as razões psicológicas e sociais do leitor.

4- Argumentativa: é o processo, cujo conteúdo o leitor pode contestar ou não o texto posto a ele.

5- Simbólica: é a relação do texto lido com o meio no qual o leitor está inserido, ou seja, a leitura realizada é, em parte, resultado da experiência de mundo no qual o leitor está inserido.

Ainda sobre Jouve (2002, p. 37), quando o autor se refere à leitura de mundo, salienta que “toda leitura de um texto é disfarçadamente atravessada por leituras anteriores que foram feitas dele”. Ou seja, um mesmo texto, pode apresentar diferentes leituras, seja por diferentes leitores ou até mesmo por um único leitor em tempo diferente. O autor conclui que cada leitura vai depender do contexto histórico, social e emocional vivenciado pelo leitor no momento do ato.

O quê significa ler, o que se lê e desde quando essa prática está inserida em nossa vida são algumas indagações que estão presentes no cotidiano do professor, visto a dificuldade de leitura apresentada pelos alunos. O ato da leitura ultrapassa o limite das linhas de um livro, de um *outdoor*, de um panfleto, bula de remédio e de muitos outros gêneros. Cosson (2016, p. 38) ilustra a leitura da seguinte forma:

Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. Os músicos leem as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer. O médico lê a doença na descrição dos sintomas do paciente. O agricultor lê o céu para prevenir-se da chuva.

Logo, concluímos, conforme definições apresentadas que a leitura abarca um complexo movimento físico, social e emocional, independente do gênero, transcendendo a leitura das palavras, como afirma Freire (1989). Por esse motivo, devemos dar espaço, vez e voz ao leitor, por meio da prática dialógica, demonstrando na mais pura singularidade que a leitura de mundo e de palavras mesclam entre si seja por parte do autor ou do leitor. É um jogo que mistura sentido e sentimento no leitor, diante às mais variadas emoções que os textos são capazes de despertar.

2.2 A importância da prática da leitura literária

A leitura se faz presente no espaço social, nas mais diversas formas e suportes. Vivenciamos a leitura desde o momento em que nascemos, porém, cabe à escola apropriar-se da mesma para ampliar, visando a atender aos objetivos de formação global do aluno. Nesse passo, o trabalho com a leitura literária é de fundamental importância, pois possibilita trabalhar com os sentidos das palavras, despertando no aluno-leitor os mais diversos sentimentos.

Não há na história humana uma única geração que tenha subsistido sem a presença da literatura, seja ela nas suas mais variadas manifestações, como na arte plástica, dança, música, etc. O ser humano, segundo Cândido (1999), necessita dessa arte do fabular, do faz de conta. Não há um humano sequer que não fuja à sua realidade, no decorrer de seu dia a dia. Quantas vezes somos pegos viajando inertes por uma página de um livro, um poema, uma escultura, uma música. Nessa fuga, trabalhamos com as emoções e sentimentos, muitas vezes, adversos àquele apresentado no meio social.

O trabalho de fuga, ou até mesmo de confronto, está presente, no caso da obra literária, desde o ato de sua criação pelo autor, ao escolher o narrador, o tempo, o espaço, o tema até sua chegada ao leitor. Nesse processo da criação até à(s) sua(s) (re) significação(ões) são depositados os mais diversos anseios, sentimentos, desejos. Isso se faz tão verdadeiro, que uma mesma obra pode ser lida diferentemente por um mesmo leitor, conforme o contexto e o momento em que ele estiver inserido.

Jouve (2002, p. 19) afirma que “o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita.” É neste momento que os diferentes sentimentos afloram, mesmo aqueles mais distantes, adormecidos pelos mais diversos motivos.

Para Cândido (1989, p. 112), “a literatura é o sonho acordado da civilização”, trabalhando o lado consciente e inconsciente do homem. Neste processo, o leitor joga um jogo imaginário e naturalmente necessário para suas descobertas.

Huizinga (2000, p.4) diz que o ato de jogar, tão presente no ato da leitura literária, “transcende as necessidades imediatas da vida e confere sentido à ação.” É por meio da literatura que o leitor vivencia sentidos e sentimentos que a literatura propõe, denuncia ou combate, fazendo com que o leitor concorde ou não com o que está posto na obra.

A BNCC (2017, p. 137) destaca que a literatura é capaz de permitir

o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente.

Ao se referir ao efeito sofrido pelo leitor, diante à sua interação com o texto literário, Cândido (1999) cita o processo de humanização, ou seja, o exercício da reflexão diante a sentimentos e sentidos que zela como base para uma boa existência humana. O ato da leitura literária é tão importante para a formação do ser humano que Cândido (1999) a denomina como um direito humano, ao qual todos deveriam ter efetivamente acesso, assim como ao alimento, ao lazer, à saúde, independentemente de sua posição no meio social. Ao tempo adverte que esse direito somente será reconhecido se o próprio homem reconhecer sua importância.

Diante do exposto, fica evidente que a literatura é um bem universal, que precisa se fazer presente nos espaços escolares, não apenas como um conteúdo a ser ou não cumprido, mas como um direito que deve ser reconhecido e respeitado no processo educacional.

2.3 A Estética da Recepção e a contribuição de Bakhtin na formação do leitor de literatura

A Teoria da Estética da Recepção foi evidenciada pela primeira vez na Universidade de Constança, na Alemanha, no ano de 1967, por Hans Robert Jauss, ao romper com o estruturalismo e formalismo posto, no que tange à efetivação da

prática da leitura literária. É pertinente destacar que, para a existência da literatura, faz-se necessário evidenciar leitor, obra e autor, recebendo o leitor maior destaque nesse processo. Ademais, é importante salientar que, de forma complementar à teoria de Jauss, nos reportamos aos estudos de Wolfgang Iser (1996), que trata do efeito estético e de Bakhtin (2000), que se refere ao processo de interação, como uma ação dialética e dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo.

Ao se referir à Estética da Recepção, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, considerados os principais teóricos da Estética da Recepção, trabalham em prol da valorização do leitor, ou seja, zelam pelo efeito de sentidos que uma obra provoca no leitor. Não cabe a esta teoria, apenas a visão do autor, mas sim, a receptividade de um texto, perante o tempo e espaço em que o leitor está inserido, assim como, o efeito estético que o texto é capaz de provocar no leitor.

Vale destacar que, até esse momento, anterior ao surgimento da Estética da Recepção, na década de 60, dentro da história da leitura literária, não era pertinente conhecer o processo leitor, ou seja, o que acontecia com o leitor no ato da leitura literária. A única interpretação textual que prevalecia, como leitura, era baseada na leitura idealizada pelo autor.

Para Jauss, embora seja o autor, o criador de um texto com ideias, performances, sentimentos, posicionamentos ideológicos, não cabe a ele a possibilidade de controlar a extensão de sua obra. Zappone (2006, p. 153) ratifica a teoria de Jauss ao afirmar que “o autor não é mais considerado o dono do sentido do texto, nem pelos autores, nem pelos responsáveis em editar ou transformar um original em objeto que vai ser lido”

Ainda, ao se referir ao texto escrito, é correto explicitar que o objeto despe-se de todo o estruturalismo funcionalista para entregar-se às mais diversas leituras pelo passar do tempo e espaço.

Na Estética da Recepção é permitida a coautoria da obra. O leitor insere nas palavras lidas novos significados pautados nas experiências cognitivas e socioculturais. Não fica à mercê apenas das decodificações dos signos que são explicitamente expostos pelo autor da obra, ou ainda, aos conhecimentos formais adquiridos nos bancos da escola. O autor não é mais o dono da obra e, possibilita ao leitor a produção de um novo texto, de acordo com o seu tempo e meio onde está inserido.

Nesse entremeio, surge o exercício da dialogia de Bakhtin entre autor, obra e leitores, ou seja, da interação de um com o outro. Logo, é correto afirmar que, no processo de interação, um interfere no discurso do outro, ou seja, na leitura do outro. Sendo assim, nenhuma leitura é inédita, pura. Sempre há resquícios de experiências anteriores.

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2011, p. 294 – 295.)

Dessa maneira, todos os três autores citados anteriormente defendem um novo papel dentro do processo leitor para o receptor textual, alegando que sem sua participação, o objetivo final para qual um texto é produzido não é alcançado.

No Brasil, temos como referência alguns nomes que estudaram e contribuíram para a aplicação da teoria nos espaços escolares, podendo citar Bordini e Aguiar (1993), que desenvolveram o método recepcional, e Zilberman (1989), que trata do efeito estético do texto sobre o leitor.

2.3.1 A Teoria da Estética da Recepção e o Método Recepcional de leitura

Ao tratar da Teoria da Estética da Recepção observa-se uma mudança no direcionamento do foco para o leitor, ou seja, para o receptor da obra produzida. A obra literária deixa de ser um produto pronto e acabado e passa a ter o poder de ser (re) construída quantas vezes for necessária, conforme desejo do leitor, respeitando seu tempo e espaço. Nesse processo, a leitura idealizada pelo autor, nem sempre será correspondida, dependendo do posicionamento leitor. Jauss (1994), ressalta que a obra literária vai se transformando, criando rumos, conforme a leitura em cada época. Isso cabe principalmente aos clássicos da literatura que transbordam de tempo em tempo, mantendo-se vivos entre a sociedade.

Cabe, nesse momento, reportar-se à palavra *recepção*, elemento chave da pesquisa, compreendida por Jauss (1994) como o momento da fusão entre o que é posto estruturalmente no texto ao que é recepcionado pelo leitor, estabelecendo um horizonte de expectativas. Perceber a recepção é considerar, também, a inserção do

meio tanto no ato da produção quanto no ato da leitura de uma obra. Logo, a prática da leitura literária é caracterizada pela interação do leitor com a obra.

Iser (1996), estudioso que também corroborou para a Teoria da Estética da Recepção, buscou, junto a Jauss, caminhos que pudessem compreender o processo da leitura literária, tendo o leitor como sujeito primordial do processo.

Enquanto Jauss trabalha a leitura literária, sua recepção ao longo da história humana, Iser foca a interação estabelecida entre a obra e o leitor no ato da leitura. Posto isso, é correto afirmar que a Teoria da Estética da Recepção descortina desse conceito duas vertentes diferentes, que se complementam, sendo que uma corresponde ao efeito do texto e a outra à recepção, conforme redação no prefácio da segunda edição do livro “O ato da leitura: uma teoria do efeito estético”

Desse modo, o efeito e a recepção formam os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos históricos-sociológicos (recepção) ou teórico textuais (efeito). A estética da recepção alcança, portanto, a sua mais plena dimensão quando essas duas metas se divergem e se interligam. (ISER, 1996, p. 7).

Para Zilberman (1989), uma estudiosa da teoria no Brasil, a Estética da Recepção consegue abarcar não somente a diversas interpretações textuais, mas também o efeito desta sobre o ensino e o meio ao qual o leitor está inserido, bem como refletir sobre o leitor e a sua experiência estética.

Nesse caminho, os autores contrariam as teorias estruturalistas para as quais a única leitura que prevalecia era a do autor, sendo considerado um processo fechado, em que a visão e recepção não possuíam nenhuma importância. No estruturalismo não havia a presença de um leitor real, mas de um idealizado pelo autor, que deveria corresponder apenas ao seu parecer. Diante dessa inquietação vivenciada pelos autores, Iser (1996, p. 7-8) afirma que:

Cada vez mais impunha-se a pergunta pela especificidade da tradição, sobretudo porque a interpretação da literatura cada vez menos comportava o conflito de interpretações diferentes dos textos e cada vez mais era incapaz de refletir sobre eles.

Dessa forma, o interesse pela intenção do texto, ao qual as perguntas eram direcionadas ao significado da mensagem à visão do autor, convergem-se para a recepção. Neste ponto, a pergunta é alterada, tendo como foco a recepção e o efeito do texto, sob a visão do leitor.

Para a Estética da Recepção há três itens problematizadores, que são denominados por Iser (1996, p. 10), como contexto, que sempre devem ser observados ao se tratar da efetivação da leitura literária: “1. Como os textos são apreendidos? 2. Como são as estruturas que dirigem a elaboração do texto naquele que o recebe? 3. Qual é a função do texto em seu contexto?”

Ainda no que tange ao efeito do texto, o mesmo autor levanta dois questionamentos que devem ser considerados, visto a integração entre a recepção e o efeito estético. “1. Em que medida o texto literário se deixa apreender como um acontecimento? 2. Até que ponto as elaborações provocadas pelo texto são previamente estruturadas por ele?” (ISER, 1996, p. 10).

Diante a essas problematizações apresentadas, cabe mais uma vez ratificar a necessidade da união de ambas as vertentes, de forma que possamos buscar nelas contribuições para o ensino da leitura literária aos alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental.

Quanto à leitura literária, é propício destacar que resulta da decodificação das palavras, do efeito textual e da postura ativa do leitor, sendo o texto um produto em potencial dos mais diversos efeitos, que se atualiza no decorrer do processo leitor.

O que se refere ao leitor, acredita-se que seja capaz não apenas de ler as páginas de um livro, mas de ler o mundo ao seu redor. Cabe ressaltar que a prática de leitura contribui para ampliar o conhecimento intelectual, bem como, o conhecimento de mundo. Abre os olhos do aluno para as peripécias mundanas, de forma que realize leituras mais críticas do meio em que está inserido. Ademais, passa a compreender a linguagem como um sistema regado de intenções, que, muitas vezes, é explícito nas mais diversas formas e obras literárias.

Diante disso, é correto afirmar que o processo de leitura perpassa não apenas pela expectativa do autor, mas pela imaginação e percepção do leitor, que, numa ação mais ampla, objetiva-se que esse efeito culmine na transformação do meio em que o leitor está inserido.

O autor, ao produzir um texto, idealiza um leitor, imagina e pressupõe perfis que possam compreender aquilo que está sendo escrito no enredo. Para tanto, Iser (1996) qualifica o leitor para alguns papéis nesse processo, definindo-o como parte estrutural do texto literário e parte estrutural do ato da leitura.

Seguindo essa abordagem, o texto literário não é apenas produto da percepção de mundo na visão do autor, mas também da percepção de mundo do leitor, que resulta nas possibilidades da compreensão de leitura.

Ao se tratar do leitor, enquanto parte estrutural no texto, é pertinente discorrer que, embora o leitor possa realizar uma leitura, inserindo seu ponto de vista, isto não lhe dá poder de ler fugindo do enredo construído na obra literária. O leitor pode imaginar, propor desfechos, relacioná-lo com o meio onde está inserido, todavia, nunca desviar do enredo proposto. Logo, não há necessidade de temer a Estética da Recepção como uma teoria que anula os escritos do autor, ou ainda, a interpretação textual adotada nas aulas de Língua Portuguesa. Os elementos postos pelo autor é que efetivarão o texto, e conseqüentemente, o ato da leitura.

O texto literário é composto por uma estrutura com narrador, personagem e enredo que auxiliam o leitor na concretização de sua leitura, de forma que aponte pistas que não favoreçam ao leitor a fuga do que está posto pelo autor. Sendo assim, todos os elementos citados, são marcadores que delimitam e referenciam o ato da leitura, forçando o leitor a uma organização interna do texto (ISER, 1996).

Ao se tratar dos elementos do texto literário, citados por Iser (1996), é correto afirmar, que são eles, que também, subsidiam as argumentações levantadas pelo leitor, vista as lacunas e contradições, que muitas vezes, o autor deixa escapar em seus textos.

Nesse passo, ainda é pertinente citar que o autor, ao pensar em um texto literário, também pensa num perfil leitor, que configure o idealizado, dado esse que facilita a compreensão de leitura. Assim, firma-se a interação entre a ficção de leitura aos outros elementos já citados, tornando o leitor parte estrutural do texto.

Quanto ao leitor que respeita os elementos postos pelo autor, vale destacar que não é o mesmo idealizado pelo autor, pois é correto afirmar que, no processo da leitura, o leitor cria uma sequência de atos imaginados, que até o findar da leitura podem se transformar inúmeras vezes. É desta forma que, para Iser (1996), a leitura se concretiza.

Sobre trabalhar com a leitura literária, oportunizando o diálogo entre o leitor e a obra, é válido ressaltar que não representa ignorar o texto escrito pelo autor, mas sim de unir o escrito pelo autor ao imaginado pelo leitor, a partir de experiências já vivenciadas anteriormente. Para a leitura de uma obra, muitas vezes, o leitor utiliza os recursos sociais para sua compreensão, devido aos mais diversos fatores que

compõem a leitura, como a complexidade do tema, ou ainda, o estilo de escrita do autor.

Para Iser (1996), a leitura é constituída por elementos postos na obra e, ainda, por elementos externos ao texto, que são compostos pela imaginação do leitor e recursos sociais. Nesse processo, um não se sobrepõe ao outro, apenas se completam.

Quanto ao efeito promovido durante o ato da leitura, Iser (1996) destaca que por referir a um texto ficcional, não objetivo, como nos textos científicos, este torna-se um objeto de produção imaginado pelo leitor, não há como se abster desse efeito. Cada qual irá inserir nas lacunas deixadas pelo autor sua experiência de leitura e ainda criar perspectivas acerca do que é narrado, ou seja, cria-se um objeto estético, a partir do imaginado pelo leitor. Logo, o ponto de vista do leitor, faz-se necessário para o real objetivo e existência da obra literária.

Neste instante, cabe ressaltar que o leitor, ao iniciar sua leitura, estabelece um horizonte, que Iser (1996) o determina como uma perspectiva, que é criada a partir de elementos que o autor utiliza em seu texto, ou seja, a reação provocada no leitor. Dessa forma, o texto literário pode ser entendido como um sistema organizacional de horizontes, com pistas para que o leitor possa imaginar e traçar um desfecho para a história lida. É nesse momento da leitura que a produção e recepção se fundem, podendo o leitor atender, refutar, questionar e ainda, alargar seu horizonte de expectativas.

É preciso vislumbrar que, hoje, o processo de ensino e aprendizagem da leitura literária necessita ser formatado num viés dialógico, com várias vozes, que, no ensino da leitura, assemelha-se à interpretação textual. Ainda é considerável ressaltar que a Estética da Recepção, talvez, seja tão pouco difundida e estranha nos espaços escolares, justamente por não seguir um padrão estrutural de respostas, que, para muitos professores, e até mesmo para coordenadores pedagógicos, é base para o ensino. Há, neste eixo, como já citado anteriormente, a falta de conhecimento técnico que deveria subsidiar a prática da leitura literária nos espaços escolares.

Infelizmente, muitos compreendem a Estética da Recepção como uma teoria para qual o texto posto pelo autor não é valorizado, ficando apenas à mercê da visão do leitor. Tanto não é que, para a Estética da Recepção, o mediador tem a função de intervir, de forma que o leitor amplie seus horizontes de leitura.

Ao se referir à Estética da Recepção, Jauss parte do tempo e do espaço em que uma obra foi escrita para o tempo e espaço do leitor. No vai e vem de vozes, surgem perguntas e repostas a cada leitura concretizada, o que enriquece ainda mais a arte, ou seja, o modo como uma obra é recepcionada pelo leitor no decorrer de toda a história da humanidade. A partir dos conceitos de Jauss, indagamos: O que leva um leitor a se interessar por uma obra de dois ou três séculos passados? E a uma obra se tornar querida por crianças e jovens? Com certeza não há uma resposta clara e exata para essas indagações, todavia, defendemos, nesta pesquisa, que, nos estudos de Jauss sobre a Teoria da Estética da Recepção, representa um caminho que possa contribuir no ensino da leitura literária, visto a dificuldade dos alunos para a prática da leitura literária.

Jauss pôde contribuir diretamente com a leitura literária até 1997, valorizando o papel do leitor na sua prática. Para o autor, é inconcebível a ideia da valorização ser sujeita apenas ao autor da arte e à obra criada por ele. Em seus estudos busca enfatizar a importância do leitor, estabelecendo um diálogo entre leitor, obra e autor e respeitando o seu conhecimento cognitivo, socioemocional e social.

Segundo Jauss (1979), a arte criada somente terá sentido se o leitor puder desfrutá-la, podendo, nesta interação, inserir seus conhecimentos prévios e construir sua própria leitura. Afirmação essa, com a qual concordamos, podendo inclusive citar casos em que a escola possui um acervo significativo de obras literárias, todavia, esse se encontra intacto, sendo devorado pelo próprio tempo. De que adianta uma biblioteca rica em acervo se os alunos não têm acesso a ela, se não podem interagir com os livros? Ainda é comum ouvirmos, que livro é caro, não pode estragar nas mãos dos alunos. Como poderemos incentivar a prática de leitura, se os livros, algumas vezes, estão inacessíveis? É preciso que as histórias saiam de suas páginas e tomem a imaginação dos alunos-leitores, que eles possam escolher, tocar e conhecer as obras literárias. Como vamos despertar o desejo do aluno pela leitura, se ele nem ao menos tem contato com os livros e, ainda, nem consegue definir qual o gênero ou tema que mais aprecia numa obra literária?

Em busca de esclarecimentos, insistimos na importância desta teoria para o ensino da leitura literária nos espaços escolares, visto que, hoje, presenciamos uma lacuna significativa entre o que está posto nos documentos legais e a prática exercida em sala de aula. Se pensamos numa democratização do ensino, que a escola deve ser para todos, por que ainda estamos focados na autoritária voz do espaço escolar?

O que impede o aluno de participar do processo de ensino? Por que o leitor não pode propor, dar opinião, contrariar as obras postas pelas instituições escolares? E, ainda, o que inibe o aluno de escolher a obra a ser lida, visto que será ele o principal precursor do ato?

Sendo o aluno-leitor considerado ator de grande relevância nesse processo, visto que a leitura não se esgota na sua própria existência, não há motivos que levem à anulação do aluno no processo para o ensino da leitura literária. Nesse passo, é pertinente salientar que, no viés da Estética da Recepção um texto pode ser lido, de diferentes formas. Logo, mais uma vez, a participação do aluno no ato da leitura é de modo indispensável.

Para Jauss (1979), a Estética da Recepção permite que uma única obra possa ser lida e refletida de diferentes formas, inclusive pelo mesmo leitor, diante as singularidades do tempo e espaço em que o leitor se faz presente. Por meio da Estética da Recepção é possível fazer o leitor extrapolar o que está posto no texto, nos mais diversos momentos e espaços, alargando seu horizonte de leitura.

Jouve (2002) também corrobora com o pensamento de Jauss ao dizer que a interação entre leitor e obra sempre será inédita, visto os diferentes tempos e espaços em que o leitor se encontra.

É impossível, portanto, esgotar totalmente uma obra literária. Se certos níveis de sentido (determinados pela obra) são em princípio, perceptíveis por todos não é menos verdade que cada indivíduo traz, pela sua leitura, um suplemento de sentido. (JOUVE, 2002, p.103).

Para a concretização da leitura é preciso que o leitor tenha espaço para expor sua interpretação, podendo, inclusive, mudar sua percepção no decorrer do enredo. É a Estética da Recepção presente no ato da leitura.

Jauss (1994) apresenta sete teses, que explicita uma metodologia que une a percepção histórica da recepção e o efeito estético de um texto como elementos fundamentais à uma nova proposta para a leitura literária. Tomamos tais teses como procedimentos de pesquisa e, sendo assim, passamos a descrevê-las segundo nosso olhar interpretativo.

- 1ª tese: demonstra que o texto somente existirá perante o ato leitor, ou seja, a partir da interação do leitor com a obra. Para Jauss (1994, p. 24), uma obra “não repousa numa conexão de ‘fatos literários’, estabelecida *post factum*, mas no

experimental dinâmico da obra literária por parte de seus autores.” De nada adianta uma obra literária sem a prática da leitura. A história da literatura não se dá pela existência das escolas literárias, mas sim por meio da participação efetiva de novos leitores. É relevante destacar que esta tese responde à indagação sobre o motivo da não existência de salas de leitura fechadas ou de livros encaixotados, velados ao contato com os alunos-leitores.

Diante do exposto, também cabe uma outra ressalva, citando que a obra necessariamente não precisa ser aceita pelo leitor, da mesma forma que é posta pelo autor, mas “na medida em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada ou autores que desejam imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la.” (JAUSS, 1994, p. 26). O aluno ao reler um texto poderá realizar novas leituras, ou ainda, poderá apropriar-se desta mesma leitura realizada para a produção de novos textos. Eis que surgem as sátiras, as charges, as tirinhas tão exploradas em sala de aula. Muitas obras somente poderão ser compreendidas a partir de um conhecimento de mundo ou ainda da leitura de outros textos já executados. Muitas obras clássicas podem apresentar leituras contemporâneas totalmente diferentes daquelas realizadas em tempos passados.

Kleiman (1989) ressalta que a primeira tese de Jauss repousa na relação leitor e texto e é a mola mestra para a história literária, sendo modificada e construída, conforme o olhar ativo do leitor no decorrer da história da humanidade.

- 2ª tese: está pautada na experiência literária do leitor, aliás no conhecimento prévio que traz consigo, seja ele de cunho cognitivo, literário ou social.

Nesta tese, o autor destaca que a leitura a ser realizada depende do conhecimento que esse leitor já apresenta. Cada leitura exposta é carregada por elementos externos ao texto, fato que assegura a importância da visão do leitor, ademais, da mudança de foco do autor para o leitor. Nesse passo, foge-se da tradicional pergunta acerca de um texto “na opinião do autor, segundo o autor...” para o foco no leitor “de acordo com seu ponto de vista...”. Para Jauss (1994), conhecimentos são determinados como sistema histórico literários ou horizontes de expectativas, que abarcam o conhecimento que o leitor traz para a leitura dos mais diferentes padrões literários. O leitor, ao escolher um gênero literário para ler, já deposita nele uma expectativa que corresponde ao que já conhece sobre o estilo escolhido.

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim” conduz o leitor a determinada postura emocional e com tudo isso antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então- e não antes disso- colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto de diversos leitores ou camada de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

É na segunda tese que surge a “expressão horizonte de expectativas”, na qual Jauss (1994) estabelece, segundo Kleiman (1989, p. 34), “o parâmetro objetivo para medir as possibilidades de recepção [...] Este entende o horizonte como uma perspectiva a que abarca e encerra o que pode ser visto a partir de um certo ponto exposto na obra literária”. Surge o que Bordini e Aguiar (1993, p. 91) definem como “etapas do método recepcional”.

- 3ª tese: está pautada no horizonte de expectativa já preexistente antes do início de uma leitura ao estabelecido no decorrer de seu ato. Esse processo é denominado por Jauss por distância estética porque há uma ruptura entre o que foi posto pelo autor ao esperado pelo leitor.

É nesta tese que o caráter estético é determinado pelo leitor por meio do sucesso, da rejeição ou até mesmo da aceitação e compreensão gradual daquilo que foi lido. Nesta etapa, cabe ilustrar a mediação do professor, devendo levantar dúvidas e proposições acerca do que o texto relata explicitamente. É preciso fazer os leitores ultrapassarem a decodificação, questionando o texto e ampliando seus horizontes de expectativas.

- 4ª tese: verifica-se que o texto é constituído e mantido vivo a partir das diferentes leituras realizadas no decorrer do tempo, por diferentes leitores. A tese demonstra as variações de leitura existentes no decorrer da história, contrariando a ideia de uma leitura única e acabada. Vale ressaltar que, é a partir do leitor que o texto se mantém vivo, quando busca em suas leituras respostas as quais o texto deve estar predisposto a responder. São as perguntas que acabam mantendo o texto vivo.

É nesta fase que também acontece a extrapolação interpretativa da leitura literária, quando o leitor não se satisfaz com a leitura linear da obra, com as informações explícitas contidas no texto e busca elementos na imaginação e em conhecimentos prévios.

Destaca-se que as quatro teses apresentadas servem de alicerce para as três teses finais que estão articuladas em torno de três aspectos, sendo eles: o diacrônico, o sincrônico e a relação entre a literatura e a vida prática.

- 5ª tese: postula que a receptividade de uma obra literária não pode ser definida apenas num determinado momento histórico, ou no ato de sua produção. Segundo Jauss (1994), muitas vezes, uma obra literária acaba não sendo compreendida no primeiro momento de sua publicação, necessitando de um tempo maior para sua receptividade, para sua compreensão. O movimento contrário pode acontecer também, visto as diferenças temporal e social de cada espaço e época. Nesta tese, há a presença da diacronia, ou seja, as obras estão sempre propensas a novas leituras no decorrer do tempo, conforme defende Kleiman (1989, p. 37), pautada nos estudos de Jauss.

Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão das épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela presente.

- 6ª tese: leva-se em conta as diversas leituras já realizadas ao longo do tempo e deve considerá-las diante à contemporaneidade e ao momento de sua produção. Esta tese refere-se ao aspecto sincrônico, ao qual as leituras passadas são observadas sob a ótica da atualidade, ou seja, a leitura realizada hoje, com vista às demais já realizadas no passado.

- 7ª tese: pensa-se na relação entre a literatura e a sociedade, na qual o leitor está inserido. Para Jauss (1994, p. 50), “a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.” É pertinente salientar que, em toda leitura realizada, existe a presença não apenas do efeito estético, mas também dos efeitos éticos, sociais e psicológicos.

Diante aos estudos de Jauss, Zilberman (1989, p. 37) discorre que as teses tecem um referencial metodológico, que:

Investiga a literatura sob tríplice aspecto: O diacrônico, relativo às recepções das obras literárias ao longo do tempo (tese 5); o sincrônico, que mostra o sistema de relações da literatura numa época e a sucessão desses sistemas (tese 6); por último, o relacionamento entre a literatura e a vida prática.

Perante a todas as teses apresentadas podemos observar que o leitor e sua história cognitiva, psicológica e social ocupam um papel determinante no processo leitor, espaço esse também considerado durante a aplicação da pesquisa, conforme poderá ser visto no capítulo 4 que, tratará especificamente do resultado da aplicação da pesquisa.

Bordini e Aguiar (1993), pesquisadoras brasileiras, apropriam-se das setes teses e desenham o método recepcional, estabelecendo as seguintes etapas:

1. Determinação do horizonte de expectativas: momento em que o professor investiga as preferências de leitura dos alunos, visando estabelecer as estratégias de leitura que possam romper e ampliar o horizonte leitor. Para Bordini e Aguiar (1993, p. 88), “esse horizonte de expectativa conterá os valores prezados pelos alunos, em termos de crenças, modismo, estilos de vida, preferências quanto ao trabalho e lazer, preconceitos de ordem moral ou social e interesse específicos da área de leitura”
2. Atendimento do horizonte de expectativas: momento em que o professor promove práticas de leitura que venham ao encontro do perfil leitor identificado na determinação do horizonte de expectativas. Nesse passo, ele pode se apropriar dos mais diversos gêneros textuais, sejam eles, orais ou escritos.
3. Ruptura do horizonte de expectativas: nesta etapa, o professor oferece a leitura de textos que exijam maior complexidade comparado aos gêneros, temas, estrutura e linguagens utilizadas nas leituras anteriores. Todavia, não deve perder o vínculo com os textos lidos na etapa anterior. É preciso que o aluno se sinta motivado a essa nova experiência, e não inseguro a ponto de negá-la.
4. Questionamento do horizonte de expectativas: a proposta é que o aluno seja capaz de questionar o texto proposto para romper os horizontes de expectativas e compará-lo ao apresentado na segunda etapa. Para Bordini e Aguiar (1993, p.90), nesta etapa, “supõe-se que os textos de melhor realização artística tendem a ser vistos como os mais difíceis num primeiro momento e, devidamente, decifrados, a provocar a admiração do leitor.”
5. Ampliação do horizonte de expectativa: nesta última etapa, o aluno será capaz de ler, compreender e relacionar sua leitura ao meio em que está inserido. A leitura não terá relação apenas ao meio escolar. Bordini e Aguiar salientam (1993, p. 90) “que os alunos, nessa fase, tomam a consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura.”

Sendo assim, é possível arrolar que, ao se propor uma leitura literária para uma sala de aula, pode-se obter diversas leituras, visto o meio, a cultura local que o leitor traz e carrega consigo como conhecimento.

Ainda, na relação leitor e obra, Richard Bamberger (1995) defende que há fatores que podem determinar na escolha de obra ou gênero literário, dado esse que é confirmado na aplicação da pesquisa.

Quanto à faixa etária, Bamberger (1995, p. 36-38) assinala cinco idades de leitura, que compreendem desde a infância até a adolescência. De acordo os autores, os participantes da pesquisa são compatíveis a terceira e quarta fases.

3ª fase: Idade da história ambiental e da leitura factual (9 a 12 anos). É a fase intermediária, em que persistem vestígios do pensamento mágico, mas a criança começa a orientar-se para o real. Via de regra, o leitor escolhe, neste período histórias que lhe apresentam o mundo como ele é, através da percepção mágica de determinado personagem. A leitura vai facilitar-lhe a apropriação da realidade, sem romper com o estágio da fantasia, que ainda não abandonou de todo.

4ª fase: Idade da história de aventuras ou fase de leitura psicológica, que orientada para as sensações (12 a 14 anos). É o período da pré-adolescência, em que o conhecimento da própria personalidade e o desenvolvimento dos processos agressivos ativam a vivência social e a formação de grupos. Os interesses de leitura preenchem as necessidades do leitor através de enredos sensacionalistas, histórias vividas por gangues, personagens diabólicas, histórias sentimentais.

Ainda, há a delimitação de mais cinco níveis de leitura, conforme o estágio de escolarização em que se encontra o leitor. Aos participantes desta pesquisa, de acordo com Bordini e Aguiar (1993, p. 20), é correto afirmar que se encontram no terceiro nível.

3º: leitura interpretativa. Da 3ª à 5ª série o aluno evolui da simples compreensão imediata à interpretação das idéias do texto, adquirindo fluência no ato de ler. A aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa, bem como o desenvolvimento das capacidades de classificar, ordenar e enumerar dados permitem que o estudante se adentre mais nos textos e exija leituras mais complexas.

Além disso, é relevante considerar que as preferências de leitura variam de acordo com o sexo e padrões sociais e nível socioeconômico, conforme afirmam Bordini e Aguiar (2002, p. 21)

Como a idade e a escolaridade, o sexo também é fator determinante dos interesses da leitura. Fatores biológicos, e principalmente culturais

determinam diferenças de comportamento entre os sexos.[...]. Na verdade, a sociedade cria estereótipos de comportamento para o homem e para a mulher e esses dirigem suas atitudes e interesses.[...]

Os interesses variam, ainda de acordo com o nível sócio-econômico do público leitor, observando-se o sucesso dos textos em que predominam os ingredientes mágicos entre os estudantes menos favorecidos e a busca de leitura engajada entre os privilegiados (cf. Aguiar,1979:47-60. A leitura vem satisfazer em cada grupo, um tipo de necessidade social: para os primeiros, supres carências e aponta para um mundo melhor; para os últimos, serve de instrumento de apropriação do real, de forma a favorecer a adaptação social e a promoção.

Partindo dessa premissa, é pertinente destacar um sinal de atenção aos professores, visto que nem sempre a determinação do interesse pela leitura literária do aluno é a mesma do professor, ou ainda, o livro desejado por uma turma não é o mesmo almejado por outra turma.

Quanto ao ato da leitura, destaca-se que só é válido se entendermos que para sua efetivação se faz necessário ter do lado oposto do autor, o leitor.

O olhar dispensado ao leitor, enquanto sujeito ativo é de suma importância, e talvez o diferencial para despertar ou fazer com que o aluno (re) descubra o prazer pela leitura. Outro ponto a ser destacado é a valorização dada por Jauss ao conhecimento prévio do leitor, sendo considerado um dos elementos a que contribuem na efetivação da leitura, pois o aluno-leitor agrega o que está lendo ao seu meio, às suas experiências.

Esta pesquisa, assim como a Teoria da Estética da Recepção, não tem por finalidade abraçar a análise literária. Mas apropriar-se dos textos, de modo que possam fazer a diferença na vida do leitor, tornando-os críticos e capazes de interagir com os mais diversos textos. Consequentemente, contribuir para a transformação do meio em que está inserido.

Esse é um processo a médio e longo prazo ao se tratar do ensino da leitura literária, que necessita de um olhar diferenciado dos atores que estão envolvidos, assim como Jauss o fez em seus estudos. É preciso que o leitor seja visto, valorizado, que possa participar da (re) construção da obra, dialogando, contrastando ou argumentando. Que ele, realmente, realize uma viagem entre as linhas do texto literário. Que haja uma imersão intelectual, sensorial e emotiva por parte do leitor no ato da leitura, para que possa se identificar ou não com a obra lida.

2.3.2 Contribuição de Bakhtin para o ensino da leitura literária

Mikhail Bakhtin (1895-1975), grande estudioso e pesquisador russo, que atuou na área da filosofia, da linguística e da teoria literária, contribuiu para esta pesquisa, a partir do conceito “dialogismo”, que se faz presente nos discursos, sejam eles, orais ou escritos.

Primeiramente, é pertinente salientar que, para Bakhtin (2000), o homem enquanto ser social é naturalmente dialógico; necessita do outro. Nesse processo dialógico, existe a participação de inúmeras vozes, que são carregadas de significados, criando assim, o discurso e pautadas num texto.

Neste momento, é preciso diferenciar texto de discurso. Para Bakhtin (2000, p. 330), texto é um conjunto coerente dos signos, produzido pelo autor. O discurso, por sua vez, é imbuído de valores e outras vozes, que é promovido pelo sujeito. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, o discurso será tratado como “relações dialógicas”. Diante desta abordagem, não há discurso sem um texto, assim como não há texto sem discurso. Para Brait (2006), é esta ligação que constrói o ponto de vista dialógico.

Diante disso, podemos afirmar que o texto, enquanto “elemento de comunicação verbal” (Bakhtin, 2000, p.123), promove o dialogismo com outras obras, tal qual, como o leitor.

Segundo o autor, não há um só texto, que seja único exclusivo, no ato de sua elucidação, pois quaisquer que seja o discurso, este vem carregado de tantas outras vozes já vivenciadas. Neste processo, tanto o autor, quanto o leitor produzem textos, alimentando-se de outras vivências. Quanto à produção textual, cabe ressaltar que, todo autor, no ato de sua produção, tem uma finalidade para o seu texto; logo apropria-se de recursos linguísticos para atingi-los.

Cabe ressaltar que, para Bakhtin (2000), o discurso não corresponde apenas ao ato comunicativo oral, mas a todo o processo que faz emergir um diálogo. Logo, o texto produzido por um autor é um discurso, que ao ser lido proporciona um diálogo, ou seja, uma interação com o leitor.

Diante disso, sob a ótica bakhtiniana, a leitura pode ser resultado de variadas outras, compostas por vozes que dialogam entre si, o que opõe a ideia de que um texto apresenta uma única vertente de leitura. Ressalta também que o que antes, defendido pela teoria estruturalista, era denominado como propriedade do autor, na

visão dialógica de Bakhtin é inexistente. No viés literário, autor e leitor se completam por meio da interação dialógica de leituras de palavras e de mundo.

No que diz respeito ao dialogismo, envolve autor e leitor, tendo início mesmo antes do autor concretizar sua arte literária, pois tem por naturalidade depositar em sua criação um pouco de si e do mundo real, no qual está inserido. Logo, no ato da criação de uma obra literária ele já deposita suas vivências mundanas experienciadas. Para Bakhtin (2000), o dialogismo textual, dá-se sob duas formas:

a) Interlocutiva: que se refere ao diálogo entre o autor e leitor, visto que o autor, ao produzir um texto, idealiza um leitor, e diante dele, cria sua arte. Diante desse pressuposto, o autor deixa lacunas textuais, de modo intencional, para que o leitor seja capaz de dialogar com o texto. Nesse processo, o autor espera proatividade do leitor. Diante disso, o leitor atribui sentidos ao texto, podendo lê-lo, de acordo com a sua recepção.

b) Interdiscursiva: refere-se às vozes existentes nos textos, visto que não há a existência de textos únicos e puros. O autor ao produzi-lo dialoga naturalmente com outros textos, com os quais já teve contato. Uma obra literária não é criada apenas a partir da visão do autor, mas sim parte da referência de leituras já existentes em seu contexto social e literário.

Bezerra (2013, *apud* BAKHTIN 2013, p. IX) relata que, para Bakhtin, a leitura de mundo se faz tão presente nas obras literárias, que o autor denominado “autor-artista” não inventa a personagem apenas de seu imaginário “ele a pré-encontra já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo, a personagem, “pois esta não seria convincente” [...]”, ou seja, o mundo real é que dá condições para a existência de seus personagens de seu texto.

Em relação ao ouvinte, no caso do texto escrito, o leitor, Bakhtin (2000) relata que deve apresentar um perfil ativo, ou seja, capaz de dialogar com o texto e o autor, podendo concordar, refutar, ou ampliar ainda o que é posto nas obras literárias. Diante a essa postura, mais uma vez evoca-se a subjetividade, ou ainda, a inserção da presença de juízo de valores que são imbuídos das mais diversas vozes do meio em que o leitor está inserido. Nessa perspectiva, as vozes também se fazem presentes na postura do leitor.

Ainda ao se referir à ideia bakhtiniana, é correto reiterar que, nesse processo de produção, o autor sempre espera uma resposta ativa do leitor, independentemente

de sua posição crítica em relação ao texto, ou seja, uma outra palavra, movida pela interação do interlocutor.

Diante do exposto, em que a interação se faz presente, contando com a ativa participação do leitor, não há como negar uma relação entre o dialogismo proposto por Bakhtin à Estética da Recepção que também busca refúgio na ativa participação do leitor para a efetivação da leitura.

Não é intenção da pesquisa destacar todos os elementos da literatura bakhtiniana, mas sim salientar a presença e importância do dialogismo defendido por Bakhtin na prática da leitura literária, que vem ao encontro da Teoria da Estética da Recepção.

2.4 Diálogo entre os aportes teóricos

Nesta pesquisa, o ensino de leitura literária é estudado sob o viés da Estética da Recepção e do dialogismo bakhtiniano, visto que um complementa o outro, diante suas características de interação entre autor, obra e leitor.

Quanto à Teoria da Estética da Recepção, a leitura não parte apenas do texto do autor, mas também da recepção do leitor. Neste ínterim, é considerado o tempo e espaço tanto do autor quanto do leitor. São destacadas ainda, as experiências tanto intelectuais quanto sociais para a realização da leitura. Assim, o meio em que o leitor está inserido passa a refletir diretamente no texto criado pelo autor.

Perante a Estética da Recepção, a interação entre leitor, obra e autor é suma importância. Não cabe a esta teoria, apenas perguntas e respostas prontas, que convergem ao olhar do autor. O concordar ou não com o autor faz parte do processo de leitura. Existe presente num único texto, diversas leituras, de diferentes tempos e espaços. O como leitor vai recepcionar o texto, depende muito do momento social e histórico em que está inserido.

Posto isto, há um diálogo constante entre leitor, obra e autor, quando os discursos se sobressaem, constituindo o dialogismo. São inseridas nas leituras efetuadas, as mais diversas vozes, que partem do conhecimento prévio do leitor, para após romper, questionar e ampliar os horizontes de expectativas. Constata-se, neste seguimento, o dialogismo tanto interlocutivo, quanto interdiscursivo ao verificar a interação do leitor com o autor, assim como, das reproduções das vozes já

vivenciadas no meio social e intelectual. Diante disso, observa-se a constituição de um novo texto, diante do posicionamento do leitor.

Quanto às etapas do método recepcional que estão embasadas na Teoria da Estética da Recepção, percebe-se a inserção do discurso dialógico em todo o procedimento didático, visto que parte da determinação do horizonte de expectativas do leitor, com seus conhecimentos prévios para sua ampliação. Nesse passo, são inseridos momentos didáticos, em que o aluno, enquanto leitor, tenha a oportunidade de interagir com os diversos textos, autores e demais colegas de classe.

Percebe-se neste método a presença da voz do aluno, enquanto leitor durante todo o procedimento didático. Pois desde a primeira etapa do método recepcional, o professor, busca conhecer o perfil leitor do aluno, ofertando a ele os mais diversos gêneros textuais. O aluno, participa interage, dialoga com os livros e com seus colegas sobre as obras a que tem acesso. Neste momento, o professor observa, analisa e acolhe o aluno, que muitas vezes tem dificuldade para até mesmo escolher um gibi. Nota-se, as preferências de leitura, o que mais chamam atenção do aluno- leitor. Nesta etapa, a experiência de mundo do leitor, mistura-se aos enredos lidos. Ainda, ao se tratar do diálogo entre o método recepcional e o dialogismo é pertinente salientar que o leitor somente vai conseguir romper, questionar e ampliar o seu horizonte leitor, por meio de sua interação com a obra. Nesse viés, o professor muitas vezes, é quem vai proporcionar ao aluno um mergulho na leitura, ampliando seu horizonte leitor. Surge durante o processo de leitura comparações com outros textos e até mesmo com outras artes, questionamentos acerca do enredo, do desfecho do enredo. O dialogismo e o diálogo fazem presente durante todo o processo de aplicação do método recepcional. Não há como dar voz ao leitor, sem a presença da interação, seja ela, discursiva ou interlocutiva.

Por fim, observa-se que tanto para Jauss, quanto para Bakhtin, o leitor é considerado um coautor do texto lido, visto suas inserções pautadas em experiências anteriores. De acordo com o exposto, o autor deixa de ser o dono exclusivo do texto, para compartilhá-lo com os mais diferentes leitores. Esse, por sua vez, o reconstrói de acordo, com sua experiência social e literária.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA E PERCURSO DA PESQUISA

O capítulo apresentado tem por finalidade descrever a abordagem metodológica da pesquisa, bem como percurso da pesquisa. Vale ressaltar que a pesquisa foi aplicada *in loco*, pela pesquisadora, tendo como base a leitura de uma adaptação da obra “Dom Quixote de la Mancha” de Miguel de Cervantes, recomendada e fornecida pelo PNBE.

3.1 Abordagem metodológica

O trabalho apresentado tem como característica a pesquisa-ação, defendida por Thiollent (1986), numa abordagem qualitativa, visto a aplicação da pesquisa que abarca o Método Recepcional.

No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa tem como finalidade aliar a teoria à prática, visando atender a problematização inicial, pautada na realidade em que a pesquisadora e agentes participativos estão inseridos. Baseada na intervenção, busca solução mediante a com participação direta da pesquisadora e dos participantes. Por fim, propõe uma alternativa para a melhoria da prática de leitura literária pelos alunos dos anos finais no ensino fundamental.

Para Thiollent (1986), o objetivo da pesquisa-ação é proporcionar novas informações, produzir novos conhecimentos, transformando a realidade local e dos agentes participativos. Neste formato, a pesquisa é construída de forma participativa, por meio de várias vozes, que se constituem em novos conhecimentos. Ainda é importante citar que, durante todo o processo, a pesquisadora levou os participantes a questionarem sobre as condições em que se encontram em seu meio, envolvendo o tema leitura, não oferecendo ou recebendo repostas prontas, mas levando-os a uma reflexão, com vista à mudança do perfil leitor

Diante do citado, a pesquisa não visou apenas o resultado final, mas todo o processo, por meio da análise das produções de dados dos participantes.

A pesquisa demonstrou que as contribuições da Teoria da Estética da Recepção para a formação do leitor, acontecessem durante todo o processo de aplicação da teoria, observando as proposições dos participantes, no que tange a leitura realizada (BOGDAN; BIKLEN, 1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 2012)

Cabe ainda, salientar que, devido à amplitude do tema e da abordagem metodológica, faz-se presente o caráter empírico, visto a variedade de estratégias e instrumentos utilizados na produção de dados e na investigação das hipóteses de leitura levantadas pelos alunos leitores no decorrer da aplicação das oficinas literárias.

Denzin; Lincoln et al. (2006, p.17) em seu livro “O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens” afirmam que:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de// uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance

Visando alterar o cenário inicial apresentado, esta pesquisa investigou, selecionou e formulou estratégias de leitura da obra “Dom Quixote”, com adaptação de Leonardo Chianca, por meio de oficinas literárias, aplicando as cinco etapas do método recepcional, inspirado na Teoria da Estética da Recepção.

Nesse ínterim, realizou constantes avaliações ao longo do processo, vislumbrando o objetivo proposto e a transformação do meio e dos agentes participativos diante do tema abordado.

3.2 Contexto da pesquisa

A escola em que a pesquisa foi aplicada está localizada num bairro periférico de um município do interior do estado de São Paulo, onde os alunos hoje têm ampla e significativa relação de pertencimento ao espaço escolar, participando ativamente das atividades propostas. Todavia, ainda é um espaço que necessita de um olhar diferenciado diante à diversidade e necessidades específicas. Cabe destacar, também, no que tange à prática de leitura, que, a maioria dos alunos pertencem ao um meio pouco letrados⁵ e, ainda, com poucos eventos de letramento familiares⁶.

⁵ Neste trabalho, foi designado “meios pouco letrados” os ambientes familiares cujos membros adultos concluíram apenas o ensino fundamental dos anos finais e que não leem, nem providenciam material de leitura para seus filhos.

⁶ Esta pesquisa entende por “eventos de letramento familiares” práticas como: leitura de livros; leitura de regras de jogo de brinquedos comerciais; de mensagens de celulares e de outras redes sociais; de

Para melhor compreensão do espaço escolhido, para o desenvolvimento da pesquisa, este item o discorrerá brevemente, em conjunto com os recursos e o funcionamento desta escola.

Quanto à equipe gestora, é composta por quatro integrantes, sendo um diretor, um vice-diretor e dois coordenadores pedagógicos, além de um psicopedagogo que atua por trinta horas semanais atendendo o ensino regular. Ainda, visando ao melhor atendimento aos alunos, a escola conta com a presença de um professor mediador que auxilia no atendimento aos pais e na mediação de conflitos existentes no ambiente escolar.

Em relação à comunidade escolar é correto afirmar que apresenta um perfil com vulnerabilidade social, sendo necessária intervenção permanente das redes de apoio, como Centro de Referência de Assistência Social- CRAS, Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS, Poder Judiciário, por meio da promotoria da infância e adolescência, secretarias municipais de saúde, assistência social, cultura e esporte, além de parcerias locais.

A escola que atende a alunos matriculados no ensino regular dos anos finais do fundamental foi inaugurada em dezembro de 2000, com apenas metade da demanda atual, tanto física quanto humana. Hoje, apresenta cerca de quatrocentos e setenta alunos matriculados no ensino regular e duzentos e quarenta alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos.

Os alunos matriculados no ensino regular, na grande maioria são oriundos de três escolas municipais que atendem os anos iniciais do ensino fundamental e de uma escola estadual que tem localização próxima à escola sede da pesquisa. Um outro ponto a destacar é a constante procura por vagas de alunos que residem em outros bairros.

Quanto à estrutura física, a escola possui doze salas de aula, um laboratório de informática, dois espaços para o atendimento a alunos com dificuldade de aprendizagem, uma sala de recursos multifuncionais, uma quadra poliesportiva coberta e um espaço verde destinado ao projeto horta em parceria com a Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo- FATEC.

rótulos de produtos alimentícios; folhetos de propaganda; sinais de trânsito; propagandas de televisão; de regras socialmente estabelecidas etc.

Ao se tratar de um espaço físico para a prática da leitura literária, destaca-se que a Unidade Escolar não possui biblioteca, pois, devido ao aumento da demanda escolar no ano de 2013, foi necessário o fechamento do espaço para a ampliação de mais uma sala de aula. Somente no ano de 2017, com a inauguração de uma nova escola, foi possível designar um espaço para acomodar o acervo existente, resgatar o espaço, e aplicar algumas práticas de leitura, porém ainda muito limitado fisicamente devido à demanda escolar.

Em relação ao acervo literário, é bastante restrito, comparado à sua importância na formação do sujeito e ao número de alunos matriculados na Unidade Escolar. Atualmente, a sala de leitura ainda apresenta um número insuficiente de obras para que o professor possa realizar um trabalho de mediação, utilizando apenas um título. Muitas das obras existente na sala de leitura são resultados de parcerias com organizações não governamentais, institutos sociais ou ainda são advindas de doações individuais. É pertinente salientar que na metade do ano letivo de 2017, foi disponibilizada uma estagiária para o apoio na sala de leitura, objetivando o controle do acervo e entrega de livros aos alunos e demais pessoas pertencentes à comunidade escolar local.

No que tange ao rendimento pedagógico da escola, conforme resultado do IDEB, a escola encontra-se em estado de atenção, visto que em 2015 não atingiu a meta proposta, mesmo tendo apresentado melhor desempenho na proficiência de leitura, escrita e matemática.

Em 2015, a meta do IDEB para a escola em questão era de 5,5 quando conseguiu atingir 4,7 de média, sendo 5,35 a nota de proficiência em língua portuguesa e matemática e o fluxo de 0,87. Em Língua Portuguesa, a prova abarca vinte e cinco questões de leitura e interpretação de texto, que estão embasadas em descritores que representam as habilidades necessárias que o aluno deveria apresentar ao final do ensino fundamental.

Em relação à aprendizagem em Língua Portuguesa, conforme estudo e análise do site QEdu, com base nos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira- INEP, a escola participante apresentou o seguinte perfil: 6% dos alunos que realizaram a Prova Brasil se apresentam no nível avançado, ou seja, denotam aprendizado acima da expectativa prevista; 31% estão no nível proficiente, apresentando condições para a continuidade nos estudos; 51% no nível básico, ou seja necessitam melhorar o aprendizado e 12 % no nível insuficiente que representa

muito pouco aprendizado para o aluno que se encontra numa etapa final do ensino fundamental.

No que diz respeito ao fluxo escolar, há uma constante ação no combate à evasão, que tem apresentado bons resultados. Todavia, um outro ponto a ser considerado, é a baixa frequência dos alunos indicados para as aulas de recuperação paralela.

Ao se tratar da participação dos pais na vida escolar dos filhos, é perceptível maior envolvimento no sexto ano. Porém, a escola emprega um esforço significativo em ações que possam contribuir para melhor acompanhamento dos pais na vida escolar dos alunos.

Para muitos alunos, a escola é a única referência ao se tratar de formação cultural e até mesmo a única a colaborar na formação biopsicossocial, visto a defasagem econômica e social. Logo, diante o exposto, é possível vislumbrar o nível de aprendizado dos alunos da escola participante ao final do ensino fundamental encontra-se em estado de atenção, necessitando de intervenções e projetos pedagógicos que possam contribuir para a melhoria deste cenário de aprendizagem.

Vislumbrando esse cenário e a trajetória do aluno dos anos finais do ensino fundamental e a continuidade do trabalho com leitura desenvolvido nos anos iniciais, a pesquisa foi desenvolvida numa sala específica do sexto ano, podendo ter continuidade nos anos seguintes e ser ampliada para toda a unidade escolar.

A turma participante do projeto contou com vinte e cinco alunos matriculados regularmente, sendo nove do sexo masculino e onze do sexo feminino, todavia fizeram parte da pesquisa apenas vinte alunos, aos quais os pais assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido – TCLE e o Termo de autorização de uso de imagem e voz. Os alunos que não participaram da pesquisa não foram dispensados da realização das atividades, visto que fazia parte do plano de ensino designado para a turma. Todos os participantes da pesquisa apresentavam-se alfabetizados, em processo de letramento, em faixa etária adequada ao ano matriculado.

A pesquisadora, que também é a professora da turma, atua na rede municipal de ensino desde o ano de 2000, ocupou cargo técnico do ano de 2003 até o final de 2016, retornando para o trabalho docente em 2017. Diante ao perfil, a pesquisadora foi a agente promotora de todo o processo da pesquisa, que teve início com a sensibilização no primeiro bimestre e a realização das oficinas literárias entre os meses de agosto a dezembro.

3.3 Participantes da pesquisa

No que tange ao público participante, a pesquisa fez referência aos anos finais do ensino fundamental, todavia a amostra utilizada foi constituída por uma turma do sexto ano, perfazendo um total de vinte alunos participantes, sendo nove meninos e onze meninas entre onze e doze anos de idade. Na turma não houve a presença de nenhum aluno com deficiência, porém, um dos participantes estava em processo de avaliação multidisciplinar por uma equipe da Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Saúde.

Quanto à legenda dos participantes da pesquisa, visando a integridade e o anonimato serão denominados pela letra “A” seguido de número, quando necessário trabalho em grupo, pela letra “G” e número e, ainda quando, reunidos em duplas pela letra “D” e número. Quando houver a interação de todos os participantes, a letra será “T”. A pesquisadora, sempre que necessário, será identificada pela letra “P”.

Quanto à aplicação nas atividades projetadas para a pesquisa, foi resguardado o direito de participação de todos os alunos matriculados na turma, mesmo porque fazia parte do plano de ensino anual da turma.

Todos os alunos participantes tiveram assinados por seus responsáveis o Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido -TCLE, além de terem assinado também o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido -TALE.

3.4 Etapas da pesquisa

A pesquisa apresentada contou com cinco etapas, vislumbrando atender à sua problematização inicial que era a busca por procedimentos didáticos que visassem a construção da leitura literária nos alunos do sexto ano do ensino fundamental, usando a literatura como instrumento cultural e catalisador para ampliar o seu sistema de referências e modificar suas representações de mundo e formas de enxergá-lo. Cabe ressaltar neste momento, que as cinco etapas da pesquisa relacionam-se amplamente com as etapas da Pesquisa-ação.

É pertinente citar que as cinco etapas do método recepcional se aplicam às etapas da pesquisa-ação de Thiollent (1997), que buscam identificar um problema, buscar e experimentar soluções em situações reais e avaliá-las quanto aos resultados apresentados.

A primeira etapa correspondeu à busca de referencial teórico na área de leitura literária que viesse ao encontro das exigências postas nos documentos oficiais e do perfil dos participantes. Determinada a teoria, iniciam-se as revisões bibliográficas, que dariam sustentação para aplicação da pesquisa. Nesse momento, define-se pela aplicação do método recepcional, de Bordini e Aguiar.

Em seguida, dá-se início à segunda etapa, composta pela elaboração, organização e planejamento de treze oficinas de leituras literárias para cumprir as cinco etapas do método recepcional

À terceira etapa coube ao desenvolvimento das oficinas literárias, distribuídas nas cinco etapas do método recepcional, sendo elas: Determinação do horizonte de expectativas, atendimento do horizonte de expectativas, rompimento do horizonte de expectativas, questionamento do horizonte de expectativas e ampliação do horizonte de expectativas.

A primeira oficina, “Sensibilização”, corresponde à primeira etapa do método recepcional, que é a *determinação dos horizontes de expectativas*, ou seja, o momento em que a pesquisadora conhece o perfil leitor dos participantes. O fato de a pesquisadora ser professora da turma não implicava o conhecimento total do perfil leitor de seus alunos, era necessário estabelecer uma estratégia que evidenciasse o perfil da turma pesquisada.

Para observar o comportamento espontâneo do leitor foi levado para a sala de aula, durante um mês, uma caixa com mais de oitenta títulos, dos mais variados gêneros, como: charada, charge, tirinhas, piadas, gibis, poemas, contos, crônicas, lendas, fábulas e receitas, bem como, aplicada uma entrevista semiestruturada, conforme apêndice 1.

A atividade com a caixa de leitura foi dividida em dois momentos: a) diariamente, após a conclusão das atividades diárias. b) semanalmente, durante a aula de leitura. Cabe destacar, que a turma tinha, conforme combinado com a professora, duas horas/aulas semanais destinadas para a prática de leitura. Necessariamente, os textos lidos não precisavam ser da caixa de leitura, podendo ser oriundo de outros meios.

Figura 2 - Leitura realizada pelos alunos



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Sempre que terminavam uma leitura, a pesquisadora abordava-os perguntando se tinham gostado da história, se indicariam ou não para um outro colega ou ainda, o que mais tinha chamado a atenção. Os diálogos com os alunos, sempre aconteciam de forma espontânea, mesmo porque o objetivo da pesquisadora era conhecer o perfil leitor dos alunos.

Quanto à entrevista, as perguntas foram lidas pela pesquisadora e respondidas oralmente pelos vinte participantes presentes no encontro. Todas as respostas também tiveram o registro escrito realizado pelos próprios participantes. O tempo pedagógico destinado para a realização da entrevista foi de duas horas/aulas. A dinâmica foi tranquila, os alunos ficaram à vontade para comentar as perguntas da entrevista, após efetuarem o registro.

Para Bordini e Aguiar (1993), é na etapa de determinação do horizonte de expectativas que o professor tem oportunidade em conhecer os valores prezados pelos alunos tanto social quanto moralmente, bem como suas afinidades e interesse no âmbito da leitura.

Desenhado o perfil leitor, a pesquisa adentrou na segunda etapa do método recepcional, *atendimento do horizonte de expectativas*. Para a efetivação desta etapa foram organizadas quatro oficinas literárias, sendo elas: “Encontro”, “Um convite e vários destinos”, “Um breve olhar entre o leitor e o livro”, “O que será” e “O presente”.

A primeira oficina, desta etapa, teve duração de quatro encontros semanais, totalizando oito horas/aulas. Dando continuidade às aulas semanais de leitura, o momento contou com a prática de leitura compartilhada ou colaborativa, conforme denominação no PCN de Língua Portuguesa (1998). Os textos escolhidos pelos alunos eram lidos pela professora, ou ainda, por algum aluno da sala. Após, abria-se para uma roda de conversa destacando o tema, enredo, personagens, tempo,

narrador, etc. Conforme os alunos, faziam suas observações, a professora mediava com algumas perguntas, visando maior interação entre o grupo e o texto lido.

Os textos escolhidos, pelos alunos, para leitura foram: “A velha contrabandista”, de Stanislaw Ponte Preta, “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga, “Quanta besteira o mundo tem”, de Ricardo Azevedo e o conto popular “Maria Angula”.

Quadro 7 - Perguntas utilizadas para a mediação de leitura

Texto 1- A velha contrabandista	
1	O título da obra tem relação com o enredo apresentado?
2	Foi um texto de fácil ou difícil compreensão?
3	No texto lido, o que mais chamou a sua atenção?
4	Você gostou da história lida?
5	Para você, o final da história foi surpreendente?
Texto 2- Quanta besteira o mundo tem	
1	A história narrada correspondeu com as expectativas relacionadas ao título?
2	Na sua opinião, o texto é mais dramático ou engraçado?
3	As palavras utilizadas no texto foram de fáceis compreensão? Há palavras que prejudicaram a compreensão do texto?
4	Foi um texto de fácil ou difícil compreensão?
5	No texto, o que mais chamou sua atenção?
6	Vocês gostaram da história?
Texto 3- O bife e a pipoca	
1	O que vocês acharam do texto lido?
2	No texto lido, o que mais chamou a sua atenção?
3	A história narrada correspondeu com as expectativas relacionadas ao título?
4	Foi um texto de fácil ou difícil compreensão?
5	O título da obra teve relação com o enredo apresentado?
6	Entre o texto “A velha contrabandista” e “O bife e pipoca”, qual você prefere?
Texto 4- Maria Angula	
1	O que vocês acharam do texto lido?
2	Foi um texto de fácil ou difícil compreensão?
3	No texto lido, o que mais chamou a sua atenção?
4	Você gostou da história lida?
5	Para você, o final da história foi surpreendente?
6	Ao ouvir a sugestão da última receita, vocês imaginaram que Maria Angula fosse capaz de realizá-la?
7	Qual gênero textual vocês preferem? Suspense, comédia ou aventura?

Fonte: dados da pesquisadora

Nesta atividade, os alunos contribuíram interagindo com os textos, com os colegas de classe e com o próprio professor, a partir de seu conhecimento e visão de mundo. Não havia nesta etapa a necessidade em se questionar, ampliar as expectativas de leitura do texto trabalhado, apenas em observar as leituras que eram realizadas a partir do conhecimento de mundo do grupo participante.

Segundo Bordini e Aguiar (1993, p.88) esta etapa deve atender as necessidades dos leitores, sob dois sentidos:

Primeiro, quanto ao objeto, uma vez que os textos escolhidos para o trabalho em sala de aula serão aqueles que corresponde ao esperado. Segundo, quanto às estratégias de ensino, que deverão ser organizadas a partir de procedimentos conhecidos dos alunos e de seu agrado.

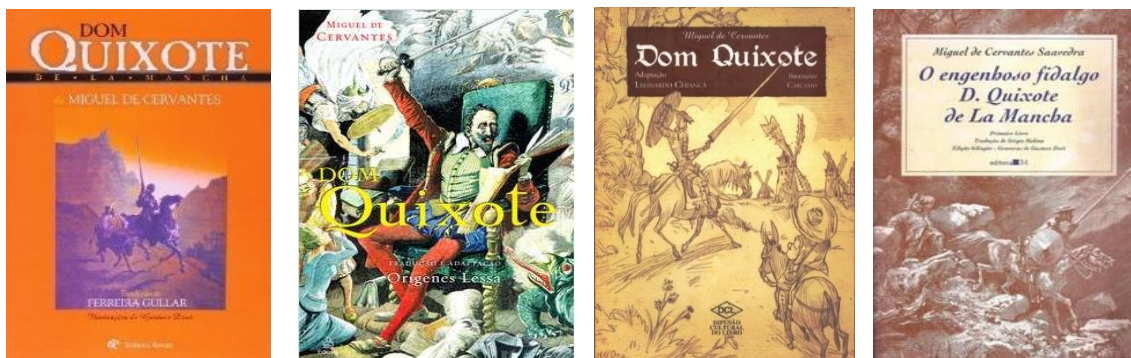
A par disso, foi aplicada a oficina “Encontros” com a duração de duas horas/aulas. Nela, as obras mais citadas, pelos alunos, na determinação do horizonte de expectativas, foram apresentadas aos participantes, visando a escolha de uma delas, para a leitura. Para esta oficina, os participantes selecionaram três obras, sendo elas uma adaptação de “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, “O diário de Zalata”, de Zlata Filipovic e “Contos para enganar a morte”, de Ricardo de Azevedo. Todas as obras escolhidas eram fornecidas pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola- PNBE. Junto aos livros ainda foram apresentados três fragmentos de vídeo que tratavam das histórias apresentadas, estando disponibilizados nos seguintes links:

- <https://www.youtube.com/watch?v=FIIn5DaZuj4>
- <https://www.youtube.com/watch?v=IfJ0sa27JBc>
- <https://www.youtube.com/watch?v=qiDGfUcFqe0&t=59>

Encerrada a apresentação das obras, a professora realiza uma enquete, em que os alunos escolhem a obra a ser lida na íntegra. Faz-se necessário, neste momento, elucidar que a obra escolhida pelos alunos foi “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, essência das demais oficinas a serem apresentadas.

Dando continuidade ao atendimento de expectativas, a segunda oficina desta etapa, denominada “Um breve olhar entre o leitor e o livro”, realiza o levantamento de hipótese da leitura de quatro versões do livro “Dom Quixote”. As atividades tiveram a duração de duas horas/aulas. Foram utilizados como instrumentos de estudo quatro versões que a escola possuía em sua sala de leitura, distribuídos pelo PNBE. Destas obras, três eram adaptações destinadas ao ensino fundamental e uma versão apresentava a obra na íntegra, conforme figura 3.

Figura 3 - Capas apresentadas da obra Dom Quixote



Fonte: imagem para divulgação

Para o desenvolvimento da atividade a turma foi dividida em duplas. Cada participante pode escolher seu colega de trabalho, vislumbrando estabelecer o diálogo para a leitura da capa. As capas foram entregues de forma aleatória aos grupos, devendo cada grupo ficar com uma obra.

Quadro 8 - Organização dos grupos com a distribuição das capas

Duplas	Capa analisada
1	Tradução de Sérgio Molina e ilustração de Gustave Doré
2	Tradução de Ferreira Gullar e ilustração de Gustave Doré
3	Tradução e adaptação de Orígenes Lessa
4	Tradução de Ferreira Gullar e ilustração de Gustave Doré
5	Adaptação de Leonardo Chianca e ilustração de Cárcamo
6	Tradução de Ferreira Gullar e ilustração de Gustave Doré
7	Adaptação de Leonardo Chianca e ilustração de Cárcamo
8	Tradução de Sérgio Molina e ilustração de Gustave Doré
9	Tradução e adaptação de Orígenes Lessa
10	Adaptação de Leonardo Chianca e ilustração de Cárcamo

Fonte: dados da pesquisadora

Foi estabelecido um tempo de vinte minutos para a realização da atividade que foi norteadas por cinco questões, que podem ser conferidas no quadro 10.

Quadro 9 - Perguntas que auxiliaram os participantes na leitura da capa

Perguntas
O que você consegue observar na ilustração da capa? O que mais chama atenção? Por quê?
Qual será o tema da história pela ilustração da capa?

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Encerrada a atividades, as duplas compartilharam suas leituras com os demais colegas da classe. Vale ressaltar que, as proposições dos participantes se deram de forma espontânea. Não havia uma organização prévia, no que diz respeito, às ordens de apresentação. Apenas, ficou acordado com grupo, que iniciada a apresentação de uma capa, o grupo que também tivesse analisada a mesma capa, poderia dar a sequência à explanação.

Quanto à atividade da oficina 5, que, também tratou do levantamento de hipóteses dos capítulos não houve a elaboração de perguntas, pela pesquisadora, sendo, a interação e o conhecimento de mundo dos alunos, a base da atividade. Inicialmente foi solicitado aos alunos que formassem duplas, e, que cada uma deveria existir um orador e um escriba, visando ao compartilhamento de tarefas. Cada dupla ficou responsável por um capítulo, que foi entregue aleatoriamente pela pesquisadora.

Quadro 10 - Descrição dos capítulos por grupo

Grupos	Capítulos
G1	1-O sonho de um homem
	2-Um castelão e duas nobres damas
G2	3- Dom Quixote é sagrado cavaleiro
	4-As primeiras aventuras
G3	5-O escudeiro Sancho Pança e a nova partida
	6-Lutando contra os moinhos de vento
G4	7-Como o intrépido cavaleiro libertou a princesa prisioneira
	8-Surra e descanso
G5	9-O milagroso e maldito bálsamo de Ferrabrás
	10- Lutando contra dois exércitos de uma vez só
G6	11- O cavaleiro da triste figura
	12- Liberdade aos prisioneiros
G7	13-Uma carta para Dulcinéia
	14- Um plano para levar Dom Quixote de volta para casa
G8	15- Estranho combate contra o narigudo Cavaleiro dos Espelhos
	16- A radiante duquesa e seu castelo de verdade
G9	17- O reino de Baratária
	18- O Cavaleiro da Triste Figura reencontra seu escudeiro
G10	19- O cavaleiro da Lua Branca triunfa sobre Dom Quixote
	20- O caminho de volta para casa
G11	21- A aldeia de Dom Quixote e Sancho Pança
	22- Triste fim do cavaleiro Dom Quixote de la Mancha

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Encerrado o levantamento de hipóteses, a partir dos títulos dos capítulos, as duplas tiveram cinco minutos para exposição. Durante a explanação, qualquer aluno poderia solicitar o direito à voz, visando enriquecer o levantamento de hipóteses do capítulo do livro a ser lido.

Sob a ótica do dialogismo, é pertinente ressaltar, que esta etapa, promove uma interação de vozes entre autor- leitor e mediador. Para Bakhtin (2000) o livro, assim como a fala está presente para interagir com o seu leitor.

A última oficina desta etapa, “O presente” foi a mais esperada, pois correspondia ao dia da entrega do livro. Foi este o primeiro contato que os participantes tiveram com o livro para manuseio pessoal.

Antes da entrega do livro, a professora solicitou à turma a formação de um círculo, da qual fez parte e iniciou um diálogo, fazendo algumas indagações, como: a) Vocês sabem o motivo de estarem em círculo? b) Para o desenvolvimento das aulas de leitura, o que está faltando? O que precisamos para ter sucesso durante as aulas de leitura? Conforme os alunos iam interagindo, a pesquisadora, principalmente, no que diz respeito ao terceiro item, realizava o registro das propostas numa folha de papel *craft*.

Neste momento, foi realizada a entrega do livro, bem como foi conversado sobre a importância de sua conservação, visto que seria devolvido para a pesquisadora, ao final da aplicação da pesquisa. Reforçando a importância da conservação e da devolução do livro, foi enviado aos pais um termo de responsabilidade, conforme apêndice 3, para ciência da importância da conservação e devolução do livro ao final do trabalho.

Após a entrega, os alunos realizaram a leitura sensorial⁷, abrindo as páginas, sentindo a gramatura do papel, observando as cores, lendo as ilustrações e comparando-as com as versões já vistas anteriormente. Vale ressaltar que, em todas as aulas, a pesquisadora levava as outras adaptações do livro Dom Quixote já apresentadas aos alunos.

Devido à ansiedade do grupo a pesquisadora realizou a leitura em voz alta do primeiro capítulo, sugerindo a eles, que apenas ouvissem o que era lido pela pesquisadora. Encerrada a leitura do primeiro capítulo, foi definido pela professora em conjunto com a turma de alunos, que a leitura do segundo e terceiro capítulos seria realizada em espaço externo ao da escola.

A *ruptura do horizonte de expectativas* foi demarcada, pela aplicação de duas oficinas literárias, com duração de quatro horas/aulas. Para a realização desta oficina

⁷ Leitura sensorial - segundo Maria Helena Martins (1982) está relacionada aos sentidos tato, audição, visão, olfato e paladar. É considerada a primeira leitura a ser realizada, começando bem cedo e acompanhando o ser humano durante toda sua vida.

a leitura prévia dos capítulos designados era de fundamental importância, pois seria a prática de leitura individual dos participantes que desencadearia a execução da atividade.

A oficina “O sonho de um homem” teve início com a organização das carteiras em círculo e com a retomada das normas de convivência, visando organização e o cumprimento dos objetivos propostos.

Neste momento, a pesquisadora perguntou aos alunos se conseguiram realizar a leitura dos capítulos solicitados anteriormente, para após dar continuidade ao trabalho.

O primeiro capítulo do livro foi retomado, por meio de um questionamento realizado pela pesquisadora, que abarcava tanto a localização de informações explícitas no texto quanto o próprio levantamento de hipóteses realizado previamente pelos participantes. Foram abordados: O título do capítulo, o local onde se inicia o enredo, personagens, características e sonhos de Dom Quixote, comparação do Brasil ao país de origem do enredo.

Quanto à atividade dos demais capítulos lidos, foi realizada a leitura em voz alta pelo professor e alguns alunos voluntários. Durante a leitura, foi solicitado aos alunos para que escolhessem um trecho que tivesse chamado mais a atenção e, após, compartilhassem por meio da leitura, o motivo da escolha do fragmento. Não foi obrigatória a participação de todos, podendo o leitor interagir ou não. Foi ressaltado que o leitor poderia escolher um fragmento que não tivesse gostado, não sendo necessário destacar apenas passagens que tenham apreciado, mesmo por que o leitor não tem a obrigatoriedade de gostar da obra escolhida. Após a escolha e leitura de um trecho, outro participante poderia se inscrever para também realizar alguma explanação quanto ao trecho lido.

Encerrada as impressões de leitura, foi projetado um vídeo que ilustrava a vida de um cavaleiro na Idade Média, disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=kKfO64ue5iU&t=113s>. A atividade teve por função mediar diferentes tempo e espaço entre leitor e autor ou narrador, visto que ambos se encontram em tempo e espaço diferentes.

Na oficina “As primeiras aventuras”, foi trabalhada a leitura dos capítulos 4,5 e 6. tendo como objetivo despertar nos alunos a curiosidade para ampliar o que é posto no enredo narrado, como (personagens, linguagem utilizada e contexto histórico). A atividade principal foi a aplicação de um jogo lúdico denominado “Jogo do mico

literário” que se encontra descrita no corpo da oficina, no apêndice 13, e como parte do produto desta pesquisa.

Já no início da atividade, a pesquisadora indaga a leitura dos capítulos. Em seguida, entrega um marca página a cada aluno, que continha uma frase de um dos capítulos lidos. O material entregue tinha por objetivo a formação de grupos para o desenvolvimento das atividades propostas. Também foi explicitada a função do marca página perante ao fato de alguns alunos não terem este conhecimento.

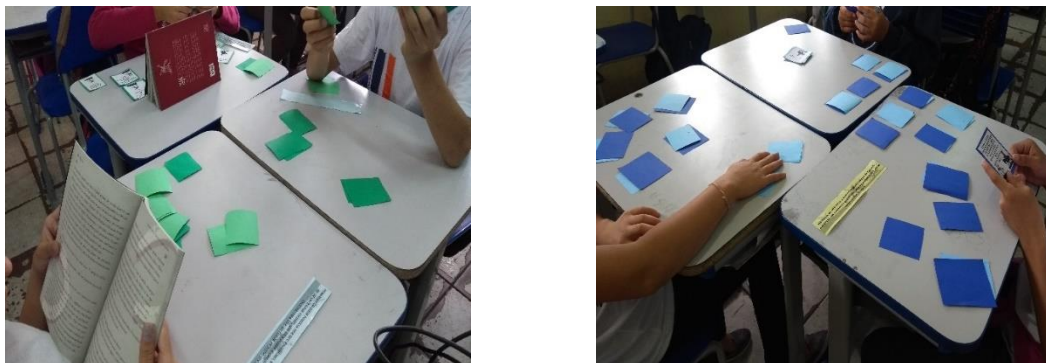
Foi realizada uma retomada sobre os capítulos lidos e o atendimento das expectativas em relação ao que havia sido levantado como hipótese na oficina 2. Dando continuidade, foi discutido o título da oficina “As primeiras aventuras”, que prontamente é relacionado, pelos participantes, aos capítulos lidos.

A oficina apresentada foi organizada em dois momentos, sendo a primeira dedicada à contextualização do tempo e espaço da publicação da obra original de “Dom Quixote de la Mancha” e a segunda à aplicação do “Jogo do mico literário”.

No primeiro momento da oficina, foi apresentado um *powerpoint* que envolveu alguns tópicos citados no enredo, como a cidade de Porto Lápice na Espanha, a tradição dos moinhos de vento e o gigante Briaréu. Tais apresentações fizeram com que os participantes relacionassem o enredo com seu tempo e espaço ao tempo e espaço atual.

O segundo momento da oficina foi constituído por um trabalho em grupo, quando os alunos participaram do “Jogo do mico literário”.

Figura 4- Jogo do mico literário



Fonte: acervo da pesquisadora

Em seguida, a pesquisadora orientou aos grupos quanto ao modo de jogar, bem como, chamou a atenção da importância da leitura dos capítulos para participar

da atividade. Foi estabelecido um tempo de quinze minutos para a interação. Após, os alunos comentaram a experiência da atividade do jogo estar relacionada à leitura de um livro.

Na etapa, *questionamento do horizonte de expectativas*, foram exploradas, além da adaptação de Leonardo Chianca, outras obras de arte, assim como, os textos trabalhados⁸ na segunda etapa do método recepcional. Foram preparadas duas oficinas literárias, totalizando sete horas/aulas.

A primeira oficina desta etapa denominada “Trancos e barrancos” foi aplicada em três dias diferentes, totalizando cinco/horas aulas. Fizeram parte desta oficina a leitura dos capítulos 7,8, 9 e 10.

Como nas oficinas anteriores, realizou-se a retomada dos capítulos lidos, em que os alunos fazem inferências comparando o enredo lido às hipóteses levantadas previamente.

Na primeira etapa desta oficina foi realizada uma explanação coletiva em que a pesquisadora explicou que tanto as obras literárias quanto as obras de arte, principalmente as clássicas estão presentes em muitas outras obras ou ainda sendo citadas nos mais diversos formatos.

A pesquisadora apresentou algumas obras que faziam referência ao clássico da literatura ‘Dom Quixote de la Mancha’.

Quadro 11 - Obras que fazem referência ao livro Dom Quixote

	Obras citadas que fazem referência ao livro Dom Quixote
01	Enredo da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel
02	Exposição “O sonhar venci mundos” de Luiz Gagliastri
03	Poema- “Sagração” de Carlos Drummond de Andrade
04	Pinturas de Salvador Dali
05	Pinturas de Cândido Portinari
06	Música “Dom Quixote” – Engenheiros do Hawaii
07	Os três mosqueteiros- Alexandre Dumas
08	Quincas Borba- Machado de Assis
09	Em busca do tempo perdido- Marcel Proust

Fonte: dados da pesquisadora

Ainda ao se tratar da apresentação, utilizando imagens disponíveis na internet, foi promovido um ato de leitura, quando os participantes puderam lê-las, a partir de sua recepção.

⁸ Textos trabalhados na terceira etapa do método recepcional: “A velha contrabandista”, “Maria Angula”, “O bife e pipoca” e “Quanta besteira o mundo tem”.

Em seguida, a pesquisadora promoveu uma atividade oral, de forma que os alunos pudessem comparar os textos lidos na segunda etapa do método recepcional ao texto de Leonardo Chianca. Neste ponto, foram elencadas, oralmente, algumas questões, que os alunos responderam aleatoriamente.

Quadro 12 - Perguntas que nortearam o questionamento do horizonte de expectativas

1	Se formos comparar a obra “Dom Quixote” aos demais textos que já lemos, como: “A velha contrabandista” e “Maria Angula”, qual deles é mais fácil de ler?
2	Depois que começamos a ler Dom Quixote, conhecemos algumas palavras que não fazem parte do nosso vocabulário. Quais são elas? Na opinião de vocês, essas palavras contribuíram para enriquecer o vocabulário de vocês?
3	Dos capítulos lidos até agora, qual chamou mais sua atenção? Por quê?
4	Ler Dom Quixote é diferente de ler um gibi, Maria Angula ou até mesmo “A velha contrabandista”? Por quê? Quais são as diferenças?
5	Dos textos lidos, qual você mais gostou?
6	Quais são os principais personagens da obra “Dom Quixote” e “A velha contrabandista”? Há presença de heróis, mocinhas e bandidos?

Fonte: elaborado pela pesquisadora

No segundo momento foi estabelecida a formação de cinco grupos, para a escrita do roteiro e organização para apresentação do esquete, pautado num capítulo da obra, como demonstra o quadro 13.

Quadro 13 - Distribuição dos capítulos por grupo

Grupo	Capítulo
1	8- Surra e descanso
2	6- Lutando contra os moinhos de vento
3	9-O milagroso e maldito bálsamo de Ferrabrás
4	1- Lutando contra dois exércitos de uma vez só
5	6- Lutando contra os moinhos de vento

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Cada grupo recebeu uma caixa com sucatas, fotocópias do capítulo, folha de almaço e demais materiais para a organização do esquete. Foi estabelecido o tempo máximo de duas aulas para a escrita, organização e montagem do esquete.

Neste momento, foi retomado a organização estrutural de um texto dramatizado. Ainda foi entregue um roteiro, que os grupos deveriam utilizar para organizar a escrita do esquete, conforme apêndice 14. Ainda foi projetado um vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=O4LVWprbatQ&t=3s>.

Figura 5 - Produção do roteiro para esquete



Fonte: arquivo da pesquisadora

O terceiro momento da oficina foi constituído pela apresentação dos esquetes, que aconteceu no período de uma hora/aula. Quanto ao cenário, ficou definido que na lousa haveria uma ilustração com um castelo, casas e um campo ensolarado que representaria todos os ambientes das apresentações.

Encerrada as apresentações foi realizada uma roda de conversa, tendo os alunos a oportunidade de ilustrar os pontos positivos, ou seja, o que foi de fácil realização e os pontos negativos, como sendo aqueles com maior dificuldade, para a apresentação do esquete.

A oficina “Diversos olhares”, correspondeu a comparação da adaptação lida de Leonardo Chianca às adaptações existentes no mercado editorial. Foram destinadas para esta atividade duas horas/aulas.

Para o desenvolvimento desta oficina foram preparados dois momentos pedagógicos. O primeiro, destinado a um trabalho em duplas em que os participantes realizaram a leitura de um trecho de outra adaptação do livro Dom Quixote e depois compararam-no à adaptação de Leonardo Chianca. E, o segundo dirigido à prática da dialogia entre as obras, autores e leitores.

Para a realização da atividade, a pesquisadora comentou sobre a importância da leitura individual silenciosa⁹ da segunda versão, visto que a de Leonardo Chianca, já foi realizada em casa.

⁹ Definimos leitura silenciosa como aquela que se faz visualmente. Não utiliza a voz.

Para o primeiro momento, a turma foi organizada em onze duplas, sendo que cada uma recebeu um roteiro de leitura, visto o nível de dificuldade de algumas das versões apresentadas. Foi salientado que aquele seria o momento de conhecerem um pouco as diferenças existentes entre as adaptações de Leonardo Chianca, Ferreira Gullar, Orígenes Lessa e Isabel Vieira.

Para a efetivação desta oficina foram realizadas fotocópias de trechos dos livros que correspondiam aos capítulos lidos pela turma. Junto à fotocópia, os participantes também tiveram acesso ao livro original.

O objetivo da atividade não era realizar uma análise comparativa entre as adaptações, mas demonstrar e fazer com que os alunos conhecessem outras versões do clássico estudado. Diante desta ação, os alunos perceberam que um mesmo texto pode ser expresso em variados gêneros e estilos de linguagem.

Como tarefa, foi solicitado aos participantes a observação das ilustrações, tipo e tamanho de letra, e por último o estilo da escrita, incluindo a atenção ao vocabulário. Ainda foi realizada a leitura de um fragmento da obra original, demonstrando aos participantes algumas diferenças quanto ao uso das palavras.

No primeiro momento da oficina a turma foi organizada em onze duplas, sendo que cada uma recebeu um roteiro de leitura, visto o nível de dificuldade de algumas das versões apresentadas.

Inicialmente a dupla realizou a leitura silenciosa individual, mas em seguida compartilharam entre eles as diferenças observadas, além de destacarem as palavras os termos que não tinham conhecimento.

Quadro 14 - Perguntas que nortearam a observação das obras

01	Qual texto foi mais difícil para ler? Por quê? Foi o uso do vocabulário? Você tem algum exemplo para demonstrar?
03	De qual adaptação você mais gostou? Por quê?

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Visando maior organização no momento da explanação oral das duplas, os participantes puderam realizar suas ponderações numa folha de registro, que foi entregue pela pesquisadora para posterior compartilhamento entre a turma.

No segundo momento, em círculo, as duplas compartilharam oralmente a leitura, semelhanças e diferenças entre ambas as adaptações estudadas.

Nesta etapa, o professor tem a função de mediar as leituras realizadas,

levando-os a questionamentos sobre as diversas adaptações a que o livro “Dom Quixote de la Mancha” está sujeito.

No que se refere especificamente à obra, foi esclarecido que uma obra clássica universal, geralmente apresenta várias versões, devido ao seu tempo em circulação o meio editorial. Cada tradutor insere na obra original sua interpretação. Ainda, ao se referir às adaptações é pertinente salientar que há um significativo resumo do enredo, cabendo a cada tradutor e adaptador selecionar o que considera mais pertinente para o leitor.

Para a *ampliação do horizonte de expectativas* foram desenvolvidas atividades de produção oral e escrita, de forma que pudessem relacionar a história narrada nos últimos capítulos a acontecimentos de nossa atualidade, a preencher lacunas deixadas pelo autor no ato da leitura, bem como associar o texto lido a outras artes. Para esta etapa foram aplicadas três oficinas literárias, totalizando nove horas/aulas.

A oficina 7, “Novos rumos e rumores”, foi organizada para acontecer em dois momentos diferentes, no total de três horas aulas. No primeiro momento a pesquisadora retoma a formulação de hipóteses levantadas na oficina 5, assim como, destaca alguns questionamentos levantados na oficina anterior a partir da aventureira trajetória de Dom Quixote.

A atividade principal foi a aplicação de uma atividade denominada “loteria literária” pautada na história do livro. Em seguida os participantes puderam elencar hipóteses e questionamentos em relação ao enredo.

Figura 6 - Jogo da loteria literária

VAMOS DESCOBRIR?	
01	Montava num cavalo branco como a neve
02	Convidou Dom Quixote para se instalar em seu reino
03	Foi levado por doze pajens para ceia e tece como posição na mesa, o lugar de honra
04	Caiu sob um feitiço e se transformou em aldeã, conforme relato de Dom Quixote
05	Local por onde percorriam Sancho Pança e Dom Quixote ao serem abordado por uma mulher elegante
06	Descreveu as aventuras bizarras de Dom Quixote à duquesa
07	Pregaram uma peça em Sancho Pança e Dom Quixote
08	Farsa preparada pelo duque e duquesa a Sancho Pança
09	Cidade com mais ou menos mil habitantes
10	Personagem que impedia, com uma varinha, Sancho Pança de se alimentar
11	Após se cansar da sua ocupação de governador Sancho Pança dirigiu-se à estrabaria e abraçou
12	Nasci para ocupar meus campos. Deixem-me ir em paz

LOTERIA LITERÁRIA		
01	Mulher elegante que encontrou Sancho Pança e Dom Quixote	Dulcinéia, musa inspiradora de Dom Quixote
02	Duque	Sancho Pança
03	Dom Quixote	O duque
04	Dulcineia del Toboso	A duquesa
05	Margens do Elbro	Floresta encantada
06	Sancho Pança	Duque
07	Duque e duquesa	Feiticeiro e pajens
08	Ser governador de um reino	Ser rico e poderoso
09	Baratária	Elbro
10	Médico	Governanta
11	O seu burrico	A seu amigo Dom Quixote
12	Fala de Sancho Pança	Fala de Dom Quixote

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Para a atividade da loteria literária foi critério a não consulta ao livro durante sua realização, pois a atividade correspondia a informações explícitas contidas no enredo. A atividade envolveu doze comandas que foram retiradas do livro, a partir dos capítulos 15, 16 e 17. A pesquisadora realizou a leitura oral das alternativas, devendo o participante assinalar a coluna em que a afirmativa estivesse de acordo com o trecho lido.

Todos os participantes resolveram a loteria literária individualmente, diferente de outras oficinas em que as atividades propostas foram realizadas em duplas ou em grupos.

Encerrada a escolha das alternativas, que teve uma duração de vinte minutos, a pesquisadora explicou que a próxima etapa era a correção da loteria. Para tanto, ela seria corrigida a partir da leitura dos capítulos propostos. Nesse caso, foi utilizado como o recurso o audiolivro da editora, que está disponível na *internet no link* <https://www.youtube.com/watch?v=pjD-n2CjkGc&t=2287s>. Conforme eram projetadas as passagens contidas na loteria literária, os participantes realizavam sua correção e animadamente comemoravam cada acerto. Ao final da leitura de cada capítulo, a pesquisadora fazia um intervalo para que os participantes pudessem interagir entre eles. Todas as questões elencadas na loteria literária foram discutidas após a correção com a projeção do audiolivro.

Para a segunda atividade foi proposto aos participantes a construção de um texto que denotasse uma nova aventura para Dom Quixote enquanto Sancho Pança estivesse governando seu reino em Baratária. Após a produção escrita, os alunos leram seus textos, demonstrando criatividade e ampliação dos horizontes de leitura, a partir do início da pesquisa. Encerrada a explanação foi montado um mural com os textos produzidos pelos alunos.

Vale destacar que o objetivo desta atividade para a pesquisa não é trabalhar a estrutura da escrita, mas despertar no participante a criatividade para a ampliação do horizonte de expectativas, com passagens que poderiam estar inseridas na versão lida.

Para a segunda oficina, desta etapa do método recepcional foram organizados três momentos com duração de duas horas/aulas, que corresponderam aos capítulos.

No primeiro momento, os alunos foram motivados a relatar espontaneamente sobre a experiência dos capítulos lidos. Para isso, foi sobre o prazer em ler, se os capítulos foram prazerosos ou não de serem lidos e se conseguiram perceber

referência a outros enredos na história de Dom Quixote. Para este momento foram disponibilizados dez minutos apenas para não explorar todas as impressões dos alunos.

Para a segunda parte da oficina foi projetado um *powerpoint* que fazia um paralelo ao encontro anterior, mas ao mesmo tempo ampliava as expectativas de leitura dos alunos apresentando novos textos e gêneros que estavam relacionados ao texto principal “Dom Quixote”.

Foram utilizadas para esta atividade duas letras de música, sendo a primeira “Vida de viajante” de Luiz Gonzaga e “Dom Quixote”, do grupo Engenheiros do Hawai. Quanto à disposição da turma, esta foi organizada em duplas.

Encerrado o dialogismo entre os textos citados no parágrafo anterior, deu-se início ao último momento da oficina, quando os alunos se organizaram em círculo para dialogar sobre o final da obra.

Quadro 15 - Proposta de indagações em relação a obra lida

	Para você quem é Dom Quixote?
1	Posso considerar esta história uma narrativa de aventura? Por quê?
2	Para vocês o final foi feliz, Foi real? Ele se diferencia dos contos de fada?
	Vamos trazer Dom Quixote para nossa atualidade...
1	Se Dom Quixote estivesse hoje presente em nossa sociedade, a história aconteceria da mesma forma? Quais recursos utilizaria (carro, ônibus, carroça, internet, celular)?
2	7-Quem são nossos heróis de hoje? Por quê?

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Encerrada as atividades da referida oficina, foi proposta a construção de uma maquete, com base na obra lida, que culminaria na última oficina desta pesquisa.

A oficina 13, “Eu e Dom Quixote”, teve como atividade principal a exposição oral da maquete, pautada na obra “Dom Quixote”, adaptada por Leonardo Chianca. O trabalho teve por objetivo expor as mais diversas recepções efetuadas, demonstrando a ampliação de leitura dos alunos participantes da pesquisa.

A sala de leitura, já organizada, foi o local escolhido para a exposição e apresentação das maquetes. Logo, devido ao seu tamanho físico foi necessário estabelecer uma ordem para que os alunos pudessem apresentar, com qualidade, seus trabalhos, a todos os visitantes.

A exposição ficou aberta pelo período de uma semana, contudo a apresentação oral resultou num espaço temporal de 2 horas/aulas, momento em que acontecia a aula de Língua Portuguesa. Neste período, algumas turmas do sexto ano,

acompanhadas de seus professores, tiveram a oportunidade de conhecer um pouco sobre a obra “Dom Quixote” e o trabalho desenvolvido no decorrer do ano letivo.

Para este trabalho, os participantes previamente em dupla ou trio, a partir das explicações da pesquisadora construíram, em casa, uma maquete que fazia referência a uma passagem do livro lido. Todas as maquetes foram entregues três dias antes à da exposição oral, objetivando a visita da comunidade escolar.

A intenção era que cada participante ficasse ao lado da maquete, realizando a explanação conforme interesse do visitante, todavia devido ao espaço foi realizado um rodízio de apresentações, de modo que todos os participantes pudessem explicar seus trabalhos.

Cada grupo teve o tempo de cinco a dez minutos para explanação de sua maquete, podendo ser seguida de indagações dos visitantes.

Figura 7- Maquete em exposição na sala de leitura (1)



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 8 - Maquete em exposição na sala de leitura (2)



Fonte: arquivo da pesquisadora

Finalizada as apresentações, cada participante recebeu um certificado de apresentação oral, conforme modelo em apêndice 26, que foi entregue pela pesquisadora e equipe de coordenação pedagógica.

Terminada a aplicação das oficinas literárias, foi aplicada uma entrevista semiestruturada final aos agentes participantes, com total de 12 perguntas, conforme apêndice 2, com objetivo de verificar mudanças no comportamento leitor. Esta atividade correspondeu à quarta etapa da pesquisa.

Nesta ação, o participante pode registrar suas impressões, no que tange aos procedimentos metodológicos aplicados no decorrer da pesquisa, bem como quanto ao seu comportamento leitor.

Encerradas as oficinas a pesquisadora iniciou a com a transcrição dos áudios, por meio de um diário de bordo, bem como, pela análise e interpretação dos dados que deram subsídios para a última etapa, que correspondeu à conclusão final, de acordo com a problematização e os objetivos propostos para essa pesquisa.

3.4.1 Aplicação do método recepcional

As atividades descritas neste item, que correspondem à terceira etapa desta pesquisa, priorizaram a aplicação do método recepcional, bem como a dialogia existente no processo de leitura. Para melhor compreender a aplicação da pesquisa é pertinente ressaltar que o trabalho com método recepcional inicia-se antes mesmo da leitura da obra “Dom Quixote” por meio da identificação do perfil leitor.

As oficinas literárias propostas tem por objetivo trabalhar o método recepcional, de forma que o aluno possa interagir com os textos apresentados. Durante a aplicação das oficinas, o aluno-leitor dialoga, não apenas com a obra principal, “Dom Quixote”, mas com todas as demais obras, com os colegas e professor no papel de mediador.

Todas as oficinas, inspiradas na Teoria da Estética da Recepção, visam determinar, atender, romper, questionar e ampliar o horizonte de expectativa do leitor, bem como (re) despertar o prazer pela leitura. Ainda é denotado nas oficinas o dialogismo defendido por Bakhtin (2000) diante as diversas vozes existente no processo leitor.

Para cada oficina literária foi atribuído um título que ludicamente fez alusão aos capítulos lidos. A partir desta dialogia, a pesquisadora apropriou-se do lúdico, do ato de brincar com as palavras, objetivando incentivar, no aluno, o levantamento de hipótese em torno do enredo.

Ainda, referindo-se ao título da oficina, a pesquisadora registrava os apontamentos observados pelos participantes, na lousa. Assim, a proposta

possibilitava maior integração entre obra e leitor, leitor e leitor e leitor e pesquisador. No prefácio à primeira edição do livro “O ato da leitura”, Iser (1996, p.15) destaca que “o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura.” Logo, apropriar-se, de início deste feito era de grande valia, pois os participantes, mesmo aqueles que, por algum motivo, não tivessem lido o capítulo proposto da obra principal, acabavam integrando-se à atividade, folheando os capítulos, em busca de alguma equivalência que o fizesse compreender o título atribuído à oficina.

Dessa forma, também se trabalhou a referência literária constituindo um horizonte textual, em que o leitor estabelecesse uma relação entre o que lia ao título atribuído à oficina literária.

Cabe destacar que todas as oficinas aplicadas, fazem referência ao método recepcional de leitura, bem como sua aplicação também está atrelada ao dialogismo bakhtiniano.

Quadro 16 - Plano geral das oficinas de leitura com o método recepcional

Oficinas e Etapas do Método Recepcional	Objetivo	Atividades realizadas	Período	Duração
1- Sensibilização (Determinação do horizonte de Expectativas)	Identificar o perfil leitor dos participantes	- Observação da prática de leitura, dos alunos dos mais variados gêneros textuais. - Entrevista semiestruturada	23/03 02/03 09/03 16/03	8h/a
2- Encontros (Atendimento do horizonte de expectativas)	Realizar leituras, que venham ao encontro o perfil leitor dos participantes	- Leitura das obras “A velha contrabandista”, “Quanta besteira o mundo tem”, “O bife e a pipoca” e “Maria Angula”	23/03 05/04 12/04 19/04	08 h/a
3- Um convite e vários destinos (Atendimento do horizonte de expectativas)	Promover a escolha da obra principal entre os alunos, com base na determinação do horizonte de expectativas	Apresentação das obras “O diário de Zlata”, “Contos para enganar a morte” e “Dom Quixote”. Escolha da obra, por meio de uma votação.	17/08	02 h/a
4- Um breve olhar entre o leitor e o livro (Atendimento do horizonte de expectativas)	Apresentar a obra Dom Quixote, nas mais diversas adaptações, partindo da leitura da capa com elementos pré-textuais.	-Leitura da capa de variadas adaptações do livro Dom Quixote. -Adaptações escolhida: Ferreira Gullar, Leonardo Chianca e Orígenes Lessa.	28/08	2h/a
5- O que será? (Atendimento do horizonte de expectativas)	Explorar a leitura inicial do livro, a partir da apresentação do título dos capítulos.	-Trabalho em grupo a partir do título de um dos capítulos do livro Dom Quixote- adaptação de Leonardo Chianca,	04/09	2h/a

		firmando o levantamento de hipótese. -Explanação oral das hipóteses levantadas.		
6- O presente (Atendimento do horizonte de expectativas)	-Promover a entrega do livro Dom Quixote. -(Re)conhecer os elementos estruturais da narrativa. -Promover a leitura, a partir de hipóteses, respeitando a criatividade e liberdade de cada aluno participante.	-Estudo dos elementos estruturais do livro literário. -Leitura oral pelo professor do capítulo1. -Roda de conversa, a partir do capítulo lido, tendo como referência o conhecimento de mundo que o aluno traz para a sala de aula.	26/09	02h/a
7-O sonho de um homem (Ruptura do Horizonte de expectativas)	-Promover a prática da leitura dialógica entre aluno-leitor, obra, autor e professor mediador. -Despertar nos alunos o desejo em expor seu posicionamento leitor. -Relacionar as hipóteses de leitura da oficina 2 ao que é tratado no livro.	-Leitura oral e dramatizada pelo professor dos capítulos lidos. -Destaque do trecho que mais chamou atenção. -Roda de conversa, a partir dos capítulos lidos.	02/10	02 h/a
8-As primeiras aventuras (Ruptura do Horizonte de expectativas)	-Apresentar a proposta de relação de uma obra com o tempo e espaço em que foi escrita ou está inserida.	-Estudo da contextualização histórica e espacial do enredo. -Jogo do mico- atividade com informações explícitas do texto.	09/10	2h/a
9- Aos trancos e barrancos (Questionamento do horizonte de expectativas)	-Mostrar que um texto pode e tem relação com outras obras artísticas. - Produzir um esquete, a partir das leituras realizadas até o momento.	-Apresentação de outras obras de arte que promovem a leitura dialógica e dialética com o livro Dom Quixote. -Produção de um esquete, a partir de uma cena dos capítulos estudados.	16/10 18/10 23/10	5h/a
10- Diversos olhares (Questionamento do horizonte de expectativas)	-Comparar várias adaptações, a partir de um trecho lido, permitindo que os alunos-leitores sejam capazes de identificar as semelhanças e diferenças quanto à linguagem e estrutura textual utilizada pelos tradutores.	-Leitura e comparação entre a adaptação de Leonardo Chianca à adaptação de Ferreira Gullar, Isabel Vieira e Orígenes Lessa. -Roda de conversa sobre as diferenças e semelhanças elencadas.	30/10	2h/a
11-Novos rumos e rumores (Ampliação do horizonte de expectativas)	-Realizar o levantamento de hipótese de leitura, a partir dos capítulos lidos. -Questionar o texto, a partir das lacunas vistas pelo leitor no ato da leitura.	-Loteria literária. -Produção de texto, a partir de hipótese de leitura sobre o personagem dom Quixote. -Leitura em voz alta do texto produzido, seguido de explanação partindo do imaginário do leitor.	06/11 08/11	03h/a

12- A vida como ela é (Ampliação do horizonte de expectativas)	-Correlacionar a história narrada nos últimos capítulos a acontecimentos de nossa atualidade, conforme experiências prévias dos alunos leitores.	-Audição dos últimos capítulos – audiolivro. Relação da obra lida a fatos sociais e históricos locais. -Ficha reflexiva sobre a obra lida. -Roda de conversa acerca da reflexão registrada. -Exploração para construção de uma maquete.	13/11 16/11	04h/a
Oficina 13- Eu e Dom Quixote (Ampliação do horizonte de expectativas)	-Demonstrar, por meio da exposição oral das maquetes diversas leituras de uma mesma obra.	-Apresentação oral da maquete, à comunidade escolar, demonstrando as diversas leituras que uma obra possibilita.	11/12	2h/a

Fonte: organizado e elaborado pela pesquisadora

No que corresponde à aplicação das oficinas literárias é pertinente afirmar que buscou a efetivação dos objetivos propostos para esta pesquisa, por meio de atividades interativas, dialógicas que levassem o leitor a uma interação com a obra, com outros leitores e mediador.

Para melhor compreender a organização dos resultados das oficinas, é oportuno esclarecer que os planos aplicados estão disponibilizados do apêndice 4 ao 23.

3.5 Seleção do *corpus* para análise

Para constituir o *corpus* de análise de pesquisa, foram selecionadas dezessete atividades¹⁰, sendo duas relacionadas à determinação do horizonte de expectativas, cinco referentes ao atendimento do horizonte de expectativas, quatro à ruptura do horizonte de expectativas, três correspondentes ao questionamento do horizonte de expectativas e uma que elucida a ampliação do horizonte de expectativas. Ainda, consideramos, a entrevista final como atividade, visto sua importância para comparação aos dados coletados na entrevista inicial. Para análise dos discursos foram realizados recortes nas gravações realizadas durante a aplicação das atividades, bem como, foram escolhidos oito textos, que fossem capazes de ilustrar a ampliação do horizonte de expectativas.

¹⁰ Consideramos atividade todas as intervenções realizadas, sejam elas, orais ou escritas.

Quadro 17 - Atividades para análise

Etapas do Método Recepcional	Oficinas	Atividades analisadas
Determinação do horizonte de Expectativas	1-Sensibilização-	1- Observação da prática de leitura, dos alunos dos mais variados gêneros textuais. 2- Entrevista inicial
Atendimento do horizonte de expectativas	1- Encontros	3-Leitura das obras “A velha contrabandista”, “Quanta besteira o mundo tem”, “O bife e a pipoca” e “Maria Angula”
	2- Um convite e vários destinos	4-Escolha da obra, por meio de uma enquete.
	4- Um breve olhar entre o leitor e o livro	5- Leitura da capa de variadas adaptações do livro “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes.
	5- O que será?	6-Levantamento de hipótese, a partir dos títulos dos capítulos- Explicação oral.
	6- O presente	7-Impressões de leitura-primeiro contato com o livro
Ruptura do Horizonte de expectativas	7-O sonho de um homem	8-Impressões de leitura, a partir do capítulo lido 9-Explicação oral dos capítulos lidos, sob ótica do leitor.
	8-As primeiras aventuras	10- Contexto histórico e espacial do enredo- 11-Jogo do mico
Questionamento do horizonte de expectativas	9- Aos trancos e barrancos	12-Relação do livro Dom Quixote a outras obras de arte, bem como, às leituras iniciais- explicação oral- Impressões de leitura 13-Produção de esquete- avaliação
	10- Diversos olhares	14- Explicação oral _ diferenças e semelhanças entre a adaptação de Leonardo Chianca e Orígenes Lessa e Ferreira Gullar.
Ampliação do horizonte de expectativas	11-Novos rumos e rumores	15-Produção de texto, a partir de hipótese de leitura sobre o personagem dom Quixote.
	12- A vida como ela é	16- Explicação oral, partir dos capítulos finais
		17-Entrevista final

Fonte: organizado e elaborado pela pesquisadora

Diante ao quadro, observa-se uma expressiva valoração aos diálogos dos participantes, ou seja, aos momentos de interação, devido à prática do dialogismo, que se faz presente em todas as etapas do método recepcional. Consideramos estes momentos como atividades de intervenção, visto o papel do leitor para a Teoria da Estética da Recepção. É pertinente esclarecer, ainda, que a etapa do atendimento do horizonte de expectativas, apresenta maior número de atividades analisadas, devido à faixa etária em que os participantes se encontram.

3.6 Procedimentos para a análise dos dados

As atividades de leitura foram analisadas a partir do dialogismo de Bakhtin, respeitando os discursos entre o leitor, obra, autor e demais leitores e por meio do método recepcional, No que se refere à categorização para análise dos dados que

atestam a influência positiva da Teoria da Estética da Recepção destacamos: o léxico, a visão de mundo, valores éticos e sociais e relação com os outros. Quanto ao dialogismo bakhtiniano ressaltamos a interação entre o leitor, obra, autor e demais leitores, destacando em função da faixa etária dos participantes, a predominância do dialogismo face a face entre os leitores.

Foram utilizados como instrumento para a produção de dados: 1. Duas entrevistas semiestruturadas, sendo a primeira aplicada no início da pesquisa e a outra ao final, com o objetivo de comparar os dados coletados, observando a mudança de postura no comportamento leitor do participante e a receptividade em relação à metodologia aplicada. 2. Diálogos entre os participantes, a obra e a pesquisadora, visando a aplicação das cinco etapas do método recepcional, bem como do dialogismo bakhtiniano. 3. Produções orais para averiguar o questionamento e a ampliação do horizonte leitor. 4. Produções escritas para apurar a ampliação do horizonte de expectativa do leitor, a partir de lacunas deixadas pelo narrador. 5. Jogos lúdicos, objetivando a localização de informações explícitas nos textos, que possam colaborar para a compreensão do enredo narrado.

Diante do exposto, numa abordagem qualitativa, a pesquisadora buscou encontrar sentido nas proposições dos participantes, conforme eram realizadas as atividades de prática de leitura, embasadas no método recepcional e o dialogismo entre os leitores participantes, a obra e o autor.

3.7 Produto educacional

Atendendo a exigência do Programa de Docência para a Educação Básica, a pesquisa resulta na elaboração de um produto educativo, que será representado por meio de um objeto digital de aprendizagem, intitulado “Leitura: uma viagem pelo mundo da imaginação”. O produto educacional ilustra a aplicação de seis atividades aplicadas em sala de aula, envolvendo a cinco etapas do método recepcional. Para elaboração e desenvolvimento do objeto digital de aprendizagem, o programa teve parceria do Laboratório de Pesquisa e Produtos Educacionais-LADEPPE¹¹.

¹¹ LADEPPE- Laboratório de Pesquisa e Produtos Educacionais tem como objetivo fornecer subsídios técnicos na elaboração de materiais didáticos digitais para a elaboração dos produtos educacionais ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP de Bauru.

É pertinente ressaltar que o produto educacional desenvolvido tem como objetivo fortalecer a interação entre o leitor e obra, podendo a prática de leitura transpassar as páginas do livro, integrando o aluno leitor ao meio midiático. Cabe, ainda, ressaltar que o objeto poderá ser instalado em computadores, podendo o aluno junto a outros colegas ou ainda, sozinho, interagir com a obra, por meio de jogos e curiosidades, desde que tenha conhecimento da obra destacada na pesquisa.

3.8 Aspectos éticos

Quanto ao planejamento e organização para a aplicação da pesquisa em âmbito legal, foram tomadas todas as medidas cabíveis visando a preservar a identidade dos participantes, bem como a validação dos dados coletados.

Os procedimentos legais abarcaram autorização da direção da Unidade Escolar para aplicação da pesquisa que ocorreu no primeiro bimestre letivo de 2017; reunião com os pais para sensibilização da pesquisa, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e da autorização para o uso de imagem e voz dos participantes nas atividades pedagógicas. Ainda foi firmada a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos participantes que foram encaminhados ao Comitê de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil e aprovado pelo parecer de número 2.422.584, conforme anexos 1, 2 e 5.

4. RESULTADO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises da produção de dados, conforme desenvolvimento do método recepcional e o dialogismo entre os autores, obras e leitores participantes da pesquisa. Ainda, calcado na produção de dados das oficinas literárias, apresentamos uma avaliação da pesquisa, sob a ótica dos participantes da pesquisa.

Por fim, exprimimos uma síntese avaliativa da produção dos dados, elucidando alguns fatores, que tenham influenciado, em algum momento, no resultado apresentado.

4.1 Determinação do horizonte de expectativas

Para esta etapa da pesquisa foram realizadas e analisadas duas atividades para análise, sendo: 1. A caixa de leitura e a entrevista semiestruturada.

Na atividade com a caixa de leitura, conseguimos evidenciar os livros mais desejados e lidos, além de observarmos o comportamento espontâneo dos alunos perante o acervo disponibilizado. Para melhor apresentação do resultado, o quadro foi organizado em ordem alfabética.

Quadro 18 - Dez livros mais lidos durante a exposição da caixa de leitura

Título	Autor
A bolsa amarela	Lygia Bojunga
Adivinha quanto eu te amo	Sam Mc Bratney
A ilha do tesouro	Robert Louis Stevenson
Coleção contos de mitologia- A caixa de Pandora	Texto de Adriana Bernardino
Contos para rir e chorar	Ruth Rocha e Sylvia Orthof
Diário de um banana	Jeef Kinney
Fazedores do amanhecer	Augusto Massi, José Paulo Paes, Manoel de Barros, Ricardo Silvestrin, Tatiana Belinky e Thiago de Mello
O mistério do livro sem mistério	Cristina Agostinho
O velho, o menino e o burro & outras histórias caipiras	Ruth Rocha
Robinson Crusóe	Daniel Defoe
Gibis variados	

Fonte: dados da pesquisadora

Foi observado que os gêneros mais procurados e lidos pelos alunos foram: diário, contos de aventura, terror, poesia, além das narrativas de aventura, conforme quadro, os gêneros não fogem ao perfil desenhado por Bordini e Aguiar (1993).

No que diz respeito à entrevista semiestruturada, composta por dezessete perguntas, tivemos a participação de vinte alunos entre onze e doze anos. Para a análise da entrevista, organizamos as perguntas e respostas em quadros, como segue.

Quadro 19 - Questão 1- Você gosta de ler?

Resposta dos alunos	
Sim: 19	Não :01

Fonte: dados da pesquisadora

Diante da primeira pergunta lançada, constatamos que apenas um aluno apontou não gostar de ler, o que demonstra o gosto pela prática de leitura pelos outros participantes.

Quadro 20 - Questão 2- Que tipo de leitura você realizou/ realiza?

Alunos	Periodicidade (1) Nunca (2) Raramente (3) Algumasvezes (4) Sempre	Gêneros () Livros literários () gibis () textos pela internet () revistas () jornais () Livros religiosos
A1	4	Livros literários
	3	Gibis, textos pela <i>internet</i>
	2	Revistas, livros religiosos
	1	Jornais
A2	4	Textos pela <i>internet</i>
	3	Gibis
	2	Livros literários, revistas, livros religiosos
	1	Jornais
A3	4	Gibis, textos pela <i>internet</i>
	3	Revistas, jornais
	2	Livros literários
	1	Livros religiosos
A4	4	Gibis
	3	Textos pela <i>internet</i>
	2	Livros literários, revistas, jornais
A5	4	Gibis
	3	Revistas, livros religiosos
	2	Textos pela <i>internet</i>
	1	Jornais
A6	4	Livros religiosos
	3	Revistas,
	2	Gibis

	1	Livros literários, textos pela <i>internet</i>
A7	4	Livros literários
A8	4	Livros literários
	3	Gibis, livros religiosos
	2	Textos pela <i>internet</i>
	1	Jornais
A9	4	Livros literários
	3	Gibis, livros religiosos
	1	Jornais, revistas
A10	4	Livros literários, gibis, textos pela <i>internet</i> , revistas, livros religiosos
	1	Jornais
A11	4	Textos pela <i>internet</i>
	3	Gibis, revistas
	2	Jornais, livros religiosos
	1	Livros literários
A12	4	Textos pela <i>internet</i>
	3	Gibis, livros religiosos
	2	Livros literários
	1	Revistas
A13	4	Textos pela <i>internet</i>
	3	Livros literários e religiosos, gibis
	2	Revistas e jornais
A14	4	Gibis, livros religiosos
	3	Revistas
	2	Livros literários
	1	Textos pela <i>internet</i> , jornais
A15	4	Livros literários
	3	Gibis, livros religiosos
	2	Textos pela <i>internet</i> , revistas
	1	Jornais
A16	4	Livros literários
	3	Revistas, gibis
	2	Jornais
	1	Livros religiosos
A17	4	Livros religiosos
	3	Gibis, textos pela <i>internet</i>
	2	Revistas
	1	Jornais
A18	4	Gibis, livros religiosos
	3	Revistas
	2	Textos pela <i>internet</i>
	1	Livros literários, jornais
A19	4	Livros literários
	3	Gibis
	2	Revistas
	1	Textos pela <i>internet</i> , livros religiosos, jornais
A20	3	Gibis, revistas, livros religiosos e literários
	2	Jornais, textos pela <i>internet</i>

Fonte: dados da pesquisadora

Na segunda pergunta, ao serem indagados quanto ao tipo de leitura e a frequência com que a realizam, os gibis foram os mais citados, seguido pelos livros religiosos, textos da *internet* e o literário ocupando o terceiro lugar. No que diz respeito

ao texto literário, é pertinente notar que na maioria das vezes que é citado na entrevista, ocupa a periodicidade raramente ou algumas vezes. Do total de participantes, dois afirmaram que leem com frequência revistas e um afirmou ler jornal. Já, nesta mesma pergunta, observamos que nove alunos afirmaram nunca terem lido jornal. Cabe fazer uma referência ao A10, que sintetiza as leituras que são realizadas pela turma.

Quadro 21 - Questão 3 - Como são realizadas as leituras que você pratica?

Alunos	Instrumentos utilizados para leitura
A1	Um pouco de cada instrumento, (físico e no <i>smartphone</i>)
A2	Livro físico
A3	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A4	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A5	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A6	Livro físico
A7	Livro físico
A8	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A9	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A10	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A11	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A12	Mídia (<i>smartphone, tablet, computador, notebook</i>)
A13	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A14	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A15	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A16	Um pouco de cada instrumento, (físico e mídia)
A17	Mídia (<i>smartphone, tablet, computador, notebook</i>)
A18	Mídia (<i>smartphone, tablet, computador, notebook</i>)
A19	Livro físico
A20	Livro físico

Fonte: dados da pesquisadora

Ao tratar do meio utilizado para a realização das leituras, dez participantes disseram ler por meio de recursos tecnológicos como celular, *tablet* e computador e de livros físicos, justificando que o suporte utilizado dependia do tipo de leitura; seis afirmaram ler apenas livros físicos; e três alunos declararam ler apenas por meio de recursos digitais. É pertinente ressaltar que, os dados apresentados, vem ao encontro de um perfil leitor contemporâneo, bem como de uma sociedade globalizada.

Quadro 22 - Questão 4 - Locais onde geralmente empresta livros

Alunos	Locais onde geralmente empresta livros			
	Biblioteca Municipal	Outras bibliotecas, mantidas por instituições privadas	Biblioteca escolar ou sala de leitura	Em casa
A1	X			
A2				X
A3				X

A4				X
A5				X
A6		X		X
A7				X
A8				X
A9		X		X
A10				X
A11				X
A12			X	
A13	X		X	
A14			X	
A15		X		
A16	X			
A17		X		X
A18				X
A19	X	X		
A20				X

Fonte: dados da pesquisadora

Referente ao local, onde geralmente fazem empréstimos de livros, treze participantes indicaram suas residências como local de acesso aos livros que leram. A biblioteca mantida por instituição privada foi a segunda mais citada, enquanto que biblioteca municipal foi mencionada por quatro alunos, talvez devido à distância entre o bairro onde mora e a biblioteca ou até mesmo pelo desconhecimento de sua existência. Já, a biblioteca escolar foi citada por apenas três alunos, dado esse que revela o quanto a leitura literária pode estar se distanciando da escola.

Quadro 23 - Questão 5 - Pessoas que influenciam você a praticar leitura

Alunos	Pessoas que influenciam você a praticar a leitura				
	Pai	Mãe	Responsáveis com quem mora	Professor	Outros.
A1		X			
A2		X		X	
A3		X	X (vó)		
A4		X			
A5	X	X		X	
A6		X			
A7		X			
A8			X (vó)		
A9					Ninguém
A10	X	X			
A11	X	X			
A12		X		X	
A13		X			
A14				X	
A15		X			
A16		X			
A17	X	X		X	
A18		X			
A19	X	X			
A20	X	X			

Fonte: dados da pesquisadora

Sobre quem os influenciavam a praticar a leitura, houve uma predominância da figura materna, sendo citada oito vezes isoladamente, oito vezes em conjunto com pai ou responsável e quatro vezes acompanhada pela figura do professor. Já a figura do professor é citada apenas uma vez isoladamente e quatro em conjunto com a mãe. A figura da avó também é citada uma vez sozinha e duas vezes em conjunto com o pai ou mãe. Já um participante sinalizou que não se sente influenciado por ninguém. Em relação a esses dados é relevante citar que estão de acordo a Pesquisa Retratos Brasil- 4ª edição, em que a figura materna também ocupa o patamar, ficando o professor em segundo lugar, no que diz respeito à influência de leitura. Cabe ressaltar, que a figura materna pode ser a pessoa mais citada devido à fase infantil em que a mãe tem o hábito de contar histórias.

Quadro 24 – Questão 6 - Motivos que levam à escolha de uma obra

Alunos	Motivos para a escolha da obra					
	Capa	Espessura	Tipo de letra	Imagens, figuras	Indicação de alguém	Título
A1	X					X
A2	X					
A3					X	X
A4		X				X
A5						X
A6	x					X
A7					X	X
A8	X					
A9		X			X	
A10						X
A11						X
A12	X		X			X
A13	X					X
A14						X
A15				X		X
A16			X			X
A17						X
A18	X			X		
A19	X			X		X
A20						X

Fonte: dados da pesquisadora

Em relação ao motivo que leva os alunos a escolherem um livro, podemos destacar que o título foi indicado como um dos elementos que mais influenciam na hora da escolha de um livro. Foi citado isoladamente seis vezes; três participantes disseram que, além do título, também fazem a escolha pelas imagens, bem como pela

capa. Apenas dois participantes citaram que o tamanho/ tipo de letra é o que mais o influencia na escolha de um livro. Ainda com relação à espessura dos livros, este item é citado por três participantes, mas que também o associa ao título. Quanto à escolha pela capa e imagens somente um entrevistado faz referência a este item. Ainda outros dois alunos associam o título em conjunto com a capa ou indicação de alguém.

Em geral, os participantes afirmaram que o título é o item que mais os influencia na hora de escolher um livro para ler, mesmo pontuando outros itens como letra, ilustração, capa.

Quadro 25 - Questão 7 - Gêneros que mais atraem a atenção do aluno

Alunos	Gêneros						
	Poesia	H.Q	Romance	Cordel	Crônica	Conto	Outros
A1							Aventura, idade média
A2			X				
A3		X					
A4						X	
A5	X	X					
A6	X						
A7			X				
A8			X			X	
A9		X					Livros de <i>youtubers</i>
A10		X					Terror, suspense
A11							Suspense
A12		X					
A13		X				X	
A14		X					
A15							Idade média e comédia
A16							Suspense e terror
A17		X					
A18		X	X				
A19		X					Diários
A20				X			

Fonte: dados da pesquisadora

Ao serem questionados sobre o que mais gostam de ler, é possível observar que a resposta vem ao encontro do tipo de leitura que realizam com frequência, sendo a história em quadrinho o gênero mais citado, seguido pelo romance, suspense e aventura. É pertinente salientar que o gênero romance foi citado em sua totalidade pelo gênero feminino. Ainda, um participante citou o gênero cordel e um outro citou o conto. Sobre os gêneros conto e cordel é importante citar que foram gêneros trabalhados e lidos durante as aulas, conforme planejamento escolar.

Quadro 26 - Questão 8 - Presença de biblioteca nas escolas onde já estudaram

Sim	Não
19	01

Fonte: dados da pesquisadora

Um outro tema abordado na entrevista foi a existência de sala de leitura ou biblioteca escolar nas escolas onde tinham estudado anteriormente. Dos vinte alunos participantes notamos, que apenas um aluno disse desconhecer a existência do espaço na escola onde estudava.

Quadro 27 - Questões 9 e 10 - Título dos dois últimos livros lidos

Alunos	Sim	Não	Título 1	Título 2
A1	X		Deltora Quest 3	Deltora Quest 4
A2	X		Dom Quixote	A montanha encantada
A3		X		
A4	x		O menino maluquinho	O urso esfomeado
A5	x		O menino maluquinho	A turma da Mônica
A6		X		
A7	x		Diário de um banana	
A8	x		Os únicos	Diário de um banana
A9		X		
A10		X		
A11		X		
A12		X		
A13		X		
A14		X		
A15	x		Harry Potter	Guerra civil
A16	x		Sangue na torneira	Feliz dia das bruxas
A17		X		
A18	x		Harry Potter	Mônica jovem
A19	x		Diário de um banana	Histórias de assombração
A20				

Fonte: dados da pesquisadora

Em relação à demanda de livros lidos no ano anterior, observamos que, do total dos participantes entrevistados onze afirmaram lembrar o título, sendo eles: “Harry Potter”, “Diário de um banana”, “Dom Quixote”, “Robinson Crusoe”, “O médico e o monstro”, “Os únicos”, “Feliz dia das bruxas”, “Mônica jovem”, “Turma da Mônica”, “O menino maluquinho” e “A montanha encantada”. Notamos ainda, que, nesse conjunto de obras, há a citação do gênero história em quadrinhos. Não foi questionado neste item, assim como no item 2, a leitura na íntegra das obras, também não foi abordado quanto à obrigatoriedade da leitura. Os demais participantes disseram que não se lembravam do título das duas últimas obras lidas.

Observamos que, os livros, em geral, fazem parte de um acervo contemporâneo e apresentam uma relação com o meio em que estão inseridos. Quanto à grafia das obras, salientamos que todas foram escritas, de acordo com o registro dos participantes, não havendo intervenção, por parte da pesquisadora.

Quadro 28 - Questão 11 - Como gosta de praticar a leitura

Alunos	Entre amigos			Sozinho			Biblioteca
	Na escola	Em casa	Em outros lugares	Na escola	Em casa	Em outros lugares	
A1	x				X		
A2					X		
A3	x	X					
A4						X	
A5					X		
A6					X		
A7					X		
A8					X		
A9					X		
A10		X					
A11					X		
A12				X			
A13	X						
A14					X		
A15					X		
A16					X		
A17					X		
A18				X			
A19						X	
A20					X		

Fonte: dados da pesquisadora

Ao observarmos o como os alunos preferem ler quanto ao espaço e à companhia, notamos que a maioria prefere ler em casa sozinhos. Um dado interessante é a não referência à biblioteca escolar. Diante desses dados, constatamos que não ler na biblioteca tem estreita relação com os dados da questão 5, visto que se não há empréstimos de livros na biblioteca, logo a frequência e o desejo em frequentar esse espaço também é baixo.

É pertinente salientarmos também que se o aluno não faz referência ao espaço escolar é devido à ausência de trabalho envolvendo este espaço leitor. Ressaltamos ainda, que este aluno tem como origem um espaço com pouco letramento, e mesmo assim, o aluno ainda prefere ler em sua casa.

Quadro 29 - Questão 12 - Presença de biblioteca ou sala de leitura na escola pesquisada

Sim	Não	Não sabe
15	02	03

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à pergunta 12, notamos, do total de alunos entrevistados, quinze alunos afirmaram que tinham conhecimento do espaço em formação, enquanto que três disseram que não saberiam responder e dois afirmaram desconhecer a existência de um espaço para leitura. Cabe ressaltar que no período da aplicação da entrevista, a sala de leitura estava sendo organizada para atender a comunidade escolar.

Quadro 30- Questão 13- Fatores que contribuem para a desistência de uma leitura

Alunos	Fatores					
	História desinteressante	Vocabulário difícil	Letras pequenas	Poucas imagens	Número de páginas	Outros
A1	X					
A2						Palavras difíceis
A3		X				
A4				X	X	
A5	X					
A6				X		
A7	X					
A8	X					
A9	X					
A10	X					
A11	X					
A12		X				
A13	X					
A14	X					
A15	X					
A16	X					
A17				X		
A18			X			
A19	X	X				
A20	X					

Fonte: dados da pesquisadora

Ao observarmos os motivos que levam os alunos a desistirem de ler um livro, constatamos que um enredo desinteressante é o fator de maior relevância para onze dos entrevistados, enquanto que o vocabulário e poucas ilustrações foram citados por três deles. Já o número de páginas foi citado por um aluno. Quanto ao tema “interessante”, consideramos os enredos que denotavam aventura, humor e suspense. O A2 parece não ter compreendido o significado da palavra vocabulário destacando em sua resposta no item “outros”, o termo “palavras difíceis”.

Quadro 31 - Questão 14 - Fatores que mais atraem atenção no ato da leitura

Alunos	Fatores
A1	Aventura
A2	Ilustrações
A3	Título
A4	Ilustrações
A5	Ilustrações
A6	Humor
A7	Enredo
A8	Ação
A9	Enredo
A10	Suspense
A11	Ilustrações
A12	Suspense
A13	Nada
A14	Enredo
A15	Título
A16	Humor
A17	Enredo
A18	Ilustrações
A19	Aventura
A20	Aventura

Fonte: dados da pesquisadora

De acordo com os dados do quadro 31, observamos que o que mais atrai o participante no ato da leitura é a ilustração, devido ao fato de facilitar a compreensão do texto escrito. O enredo foi citado quatro vezes, independente do gênero. Já para os demais alunos, o gênero é o fator que mais atrai para a leitura, destacando aventura, humor e suspense. Já um aluno não compreendeu a pergunta citando o título e um último disse que nada é atrativo no ato da leitura.

Quadro 32 - Questão 15 - Gêneros que mais gosta de ler

Alunos	Gêneros: (1) Romance, (2) Memórias, (3) Aventura, (4) Tecnologia, (5) Jogos digitais, (6) Tragédia, (7) Suspense, (8) Humor, (9) Bíblico, (10) Contos de fadas (11) Outros										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
A1			X				X				
A2							X				
A3			X					x			
A4			X					X	x		
A5			X					x			
A6			X		X						
A7	X		X				X				
A8	X		X				X				
A9			X		X						
A10							X				Terror

A11							X		x		
A12			X							x	
A13			X				X				
A14	X		X			X	X	x	x		
A15			X								
A16		x						x	X		
A17	X		X	X		X	X	x	x		
A18			X				X				
A19			X					x			
A20			X			X					

Fonte: dados da pesquisadora

Para a constituição do quadro 32, os participantes puderam indicar mais de uma resposta, visto que os interesses divergem, conforme a faixa etária, gêneros, meio social. (BORDINI E AGUIAR, 1993).

No que tange aos gêneros textuais que mais gostam de ler, foi constatado que as histórias que envolvem aventura e suspense foram as mais citadas na entrevista. Segundo Bordini e Aguiar (2002, p. 23), nesta faixa de escolarização, os alunos apresentam preferência a temas literários, como: aventura, humor, animais, lendas, espionagem, horror, policial. “Os alunos querem narrativas com muita ação, que passem no presente ou no passado remoto e no futuro.” O gênero memória não foi citado por nenhum aluno.

Quadro 33 - Questão 16 - Realização de leituras por vontade própria

Sim	Não
18	02

Fonte: dados da pesquisadora

Ao serem indagados sobre já terem lido por vontade própria, dezoito participantes indicaram praticar esse tipo de leitura, enquanto dois afirmaram ler apenas quando solicitado pelo professor. Diante a este dado, contatamos a necessidade em intensificar o trabalho com a leitura literária, visto que, por meio dela, poderemos ampliar os horizontes leitores dos alunos, visando, inclusive, à melhoria do em meio em que está inserido.

Finalizando a entrevista, foi solicitado aos alunos a indicação de uma obra que gostariam de ler. De todo o grupo, três participantes indicam mais de uma obra, que foram consideradas na tabulação e análise dos dados. Foram destacados os seguintes títulos, conforme registro dos participantes:

Quadro 34 – Questão 17 - Títulos que gostariam de ler

Obra	Número de vezes que é citada pelos participantes
Deltora Quest	1
Nenhum	8
Dom Quixote	3
Contos para enganar a morte	2
A bolsa amarela	1
Harry Potter	2
Game of thrones	1
As aventuras de Pi	1
O dragão e seu escudeiro	1
Sherlock Holmes	1
Diário de um banana	1
Diário de Zlata	2
A culpa é das estrelas	1

Fonte: dados da pesquisadora

Observamos que o perfil desenhado pela pesquisa não foge ao que é citado por Bordini e Aguiar (1993), cujos alunos do sexto ano do ensino fundamental optam por uma leitura que permuta do gosto por contos de fadas, mitos e lendas para um enredo que ilustre um mundo mais real. Os temas escolhidos para ler demonstraram estar acerca de humor, aventura, suspense e amor. Notamos, ainda, que o tema “amor”, teve maior denotação por participantes do gênero feminino. Logo, destacar o gênero dos participantes se faz importante, visto que também contribuíram para a conclusão do perfil leitor. Observamos ainda um distanciamento significativo entre o item “nenhum” e “Dom Quixote” e acreditamos que esse dado revela o desconhecimento do aluno, no que tange a títulos de obras literárias.

Ao tratar do ensino da leitura literária, é preciso pensar no perfil do leitor, visto que a prática, somente se constitui, diante sua participação. Portanto, se a obra escolhida não for recepcionada pelo leitor, o ato da leitura tende a não se sustentar.

De todos os participantes entrevistados, apenas um manifestou o não gosto pela leitura. Todavia, ao serem indagados se havia algum título que gostariam de ler, quatro participantes comentaram, que no momento, não gostariam de realizar nenhuma leitura, dado esse que demonstra necessidade em se promover uma intervenção, visto que os participantes da pesquisa são crianças ou jovens em processo de formação.

Considerando-se que 40% dos entrevistados não demonstraram o desejo de ler nenhuma obra naquele momento, torna-se explícita a dificuldade da prática de leitura literária, pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental.

Por meio das atividades da caixa de leitura e da entrevista foi possível determinar o horizonte de expectativas dos leitores, identificando, segundo Bordini e Aguiar (1993, p.88) os valores prezados pelos alunos, em termos de crença, modismo, estilos de vida, [...] e interesses específicos na área de leitura”, bem como pressupor mecanismos para transformar o perfil leitor apresentado nesta etapa da pesquisa.

4.2 Atendimento do horizonte de expectativas

Para atender segunda etapa do método recepcional, foram apresentadas e analisadas. Cinco atividades, sendo elas: 1. A leitura dos contos “A velha contrabandista”, de Stanislaw Ponte Preta, “Quanta besteira o mundo tem”, de Ricardo de Azevedo, “O bife e a pipoca, de “Lygia Bojunga e “Maria Angula”, conto popular, que buscaram atender ao horizonte de expectativas dos participantes. 2. A escolha a obra literária a ser lida pelo grupo, visando trabalhar as três últimas etapas do método recepcional. 3. A leitura da capa de quatro versões da obra “Dom Quixote”. 4. Levantamento de hipóteses de leitura, partir dos títulos dos capítulos, da adaptação de Leonardo Chianca. 5. Impressões de leitura, a partir do primeiro contato com o livro, da obra selecionada.

No que diz respeito à análise da primeira atividade foram selecionados alguns recortes das leituras realizadas, pautada na interação entre a pesquisadora e os leitores, que serão apresentadas no formato de quadros.

Quadro 35 - Leitura 1 “A velha contrabandista”

Aluno/ pesquisadora	Perguntas/ respostas
P	Vocês gostaram da história?
A1	Sim, a história é muito engraçada. Uma velha passando a perna no policial.
A7	Gostei sim por causa da esperteza da velhinha.
A8	Engraçado ver uma velha sem dentes passar a perna na polícia.
P	Quem gostou do texto por outro motivo além de ser engraçado?
A13	Gostei pelo mesmo motivo do A7.”
A16	Eu também.
P	Alguém não gostou do texto?
A9	Eu não gostei. Achei muito boba a história da velha.
P	Quanto ao título, o que acharam?
A1	Eu achei interessante. Nem imaginava o que a velha contrabandeava.

A3	Eu gostei. Esperava uma história policial.
P	Vocês perceberam se o título da obra tem relação com o texto?
A1	Tem sim. Ela contrabandeava a moto.
A18	Também acho que tem.
P	Vocês conseguiram perceber pistas do texto no título?
A1	Sim, é só prestar atenção
P	Quanto aos personagens, quem são eles? Como eram?
A15	Os personagens era uma velha e um policial
A1	A velhinha deveria ser bem velha e tinha pouco dentes na boca. Imagino de cabelo branco. Tudo para disfarçar. O policial era malandro e já velho de serviço. Meu pai é policial. Desconfia de tudo.
A8	Acho que o policial não deveria ser tão velho
A1	Não disse que ele velho de idade, de serviço.
P	A1, O que você quis dizer com a palavra malandro?
A1	Conhecia as malandragens dos bandidos e que iria a qualquer momento pegar a velhinha.
P	Foi um texto de fácil compreensão?
A3	Foi fácil." Mas tinha algumas palavras que eu não sabia o que era."
P	Quais palavras foram de difícil compreensão?
A3	Lambreta, alfândega e encabulado".
A13	Professora, não sei o que é odontólogo?
P	No texto, o que mais chamou a atenção?
A6	Gostei do humor que há no texto.
A20	Eu gostei do final, quando a velhinha fala que faz contrabando de moto, lambreta.
A1	A parte que mais gostei foi quando a velha conta o que leva de contrabando. Essa velha é demais!
P	Para vocês, o final foi surpreendente?
A15	Para mim, ser uma velhinha foi surpresa.
A3	Para mim a velha devia levar relógio, roupa... não sei...
A13	Imaginava que deveria levar dinheiro dentro da roupa.
A1	Nunca imaginei a moto.

Fonte: dados da pesquisadora

O primeiro texto apresentado tratou-se de uma crônica, de Stanislaw Ponte Preta, um autor desconhecido pelos participantes. Não possuíam experiências de leitura deste autor, todavia o assunto tratado no texto atendia às expectativas de leitura, conforme o período de observação do perfil leitor.

Ainda, ao se reportar à interação entre leitores e texto, observamos as experiências de mundo dos alunos, de acordo com as respostas. Nas interações foi possível constatar ainda a influência de leitura do A1 sob os demais participantes. Para Bakhtin (2000), nesta ação interdiscursiva, que envolveu leitor e obra, o discurso explanado veio carregado de outras vozes e experiências sociais e intelectuais.

Para a atividade com texto "Quanta besteira o mundo tem", de Ricardo Azevedo, estiveram presentes dezenove participantes. O texto foi lido em voz alta pela pesquisadora e por mais dois alunos.

Quadro 36 - Leitura 2 “Quanta besteira o mundo tem!”

Aluno/ pesquisadora	Perguntas/respostas
P	O que vocês acharam do texto?
A1	Muito bobo.
A3	Eu gostei da história. Achei engraçada.
A5	- Eu não gostei muito. Quando escolhemos o texto imaginei outra coisa, não sei.
A7	O título faz eu pensar que a história foi uma besteira só. Muita coisa sem sentido.
A10	Muita coisa acontece ao mesmo tempo. Parece uma tragédia.
P	Para vocês esse é um texto de humor ou dramático?
A1	De humor, claro. Bem ruim, mas é...
A2	Acho que é meio dramático.
A3	Humor.
A17	Humor.
A18	Humor.
A 19-	Acho que é meio de suspense, principalmente quando os moços caem no rio.
P	Esse texto do Ricardo de Azevedo é baseado em contos populares. Pertence ao livro “Bocós, burros, burraldos e paspalhões”. Ele caracteriza neste livro os diversos tipos de caipira que o Brasil tem. Além de caracterizar também os diferentes tipos de heróis.
A1	No caso do texto que lemos, o herói é o noivo que salva ajuda todo mundo que aparece.
P	Sim.
P	Gente, posso afirmar que o nosso texto é caracterizado pelo humor?
T	Sim.
P	As palavras utilizadas no texto fáceis de compreender? Há palavras que prejudicaram a compreensão do texto?
A1	Não, foi um texto fácil.
A4	Acho que tinha menos palavra difícil que outros. É um texto grande.
P	Que outros A4? Para você, o que é um texto grande?
A4	Os outros que já lemos. No da velha tinha umas palavras estranhas. Texto grande é quando passa de uma página
A17	O texto traz várias histórias de pessoas atrapalhadas. Meu Deus, querer cortar a noiva... foi a perna ou a cabeça?
A1	Acho que os dois.
P	Vamos ler de novo para tirarmos a dúvida. Leia A 17
A17	Leitura do trecho do texto.
A17	Eles não sabiam o que cortar.... eram muito atrapalhados.
A19	Parece coisa de outro mundo essas histórias.
A1	Gente, olha o título fala de besteira no mundo e o título do livro tem burro, né!
P	A1, o que é ser uma pessoa burra?
A1	Não saber nada, ser atrapalhada. Na verdade, o texto tem pessoas burras e paspalhonas, que gostam de causar. Não é esse o título do livro?
P	Sim, A1. E vocês, concordam como A1?
A10	Sim. É um texto muito doido. Fiquei curioso para ler o livro inteiro.
P	Eu posso emprestá-lo para você.
P	Gente, no texto há alguma passagem que mais tenha chamado a atenção vocês?
A1	A noiva do machado. É muita louca, não dá para imaginar isso. Ficou chorando pensando no que poderia acontecer.
A19	A lua refletida no rio e os moços imaginando um queijo.
A13	Gostei de tudo, mas principalmente quando o viajante volta para casar com a moça. A vida é assim... nossa, no lugar onde ele vivia só tinha gente burra.
A17	Gostei de quando ele ajuda a noiva. Iam cortar a noiva. Coitada da moça!
P	Qual texto vocês gostaram mais? A velha contrabandista ou o que lemos hoje? Levantem a mão para o texto da velha contrabandista.
P	Quinze gostaram mais do texto da velha contrabandista.
P	A5, por que você prefere o texto 1?
A5	Por que a história da velha não é confusa. É um texto curto.

A7	Eu gostei porque foi surpreendente o final.
A10	Eu também gostei por causa da história.
P	Os demais, por que escolheram o texto de hoje?
A1	Não que eu tenha gostado mais, mas achei que tem mais aventura. Cada história sem pé e sem cabeça.
A19	Gostei da história porque me fez rir muito. Lembrei de um amigo meu, que não posso falar o nome.
P	Para finalizar, vocês acreditam que existam pessoas assim, atrapalhadas como na história?
A17	Com certeza. Não tenho dúvida. Tem gente que vive se envolvendo em confusão. Eu sou um.
A1	É mesmo. Que confusão é sair com você.
A4	Eu acho que a história tem a ver sim, com a gente. Por exemplo a mulher que quer casar, ao invés de fazer o que o pai pediu ficou olhando para o machado e chorando. Lembro minha mãe, quando ela fala que tem gente que fica se lamentando ao invés de correr atrás do que quer. Eu penso igual minha mãe.
A3	É verdade, não tinha pensado nisso
P	Se esta é uma história contada por alguém, posso dizer que esse texto é uma narrativa?
A1-	Sim.
A4	Com certeza.
A18	Sim. Ele é um narrador observador, não é?
P	Sim, A18. Muito bem! O texto é uma narrativa, podemos identificar o narrador, os personagens, o local onde acontecem a história. E o texto da velha contrabandista, também era uma narrativa.
P	Ainda, falando dos textos da velha contrabandista e do de hoje? Quem são os principais personagens?
A1	A velha e o viajante.
P	No texto de hoje, o viajante é considerado um herói e no texto da velha identificamos um herói?
A1-	Não. A velha era uma fora da lei.
P	Os fora da lei não são heróis?
A1	Não sei, depende. Para algumas pessoas sim.
P	Vocês concordam com o A1
A17	Concordo sim, pois tem bandido que vende droga, mas não é mal. Ele ajuda a família e compra comida, remédio.
P	Vocês observaram que lemos dois gêneros diferentes, uma crônica e um conto.
T	Sim.
P	Para encerrar podemos afirmar que o texto de hoje é um texto com muita aventura e humor?
T	Sim.

Fonte: dados da pesquisadora

Por meio desta leitura observamos que o gênero e o tema atenderam às expectativas do leitor, porém quando comparado ao primeiro texto, a turma denota maior afinidade com o texto de Stanislaw Ponte Preta. Mais uma vez, as leituras realizadas vêm carregadas de dialogismo interdiscursivo, quando fazem referência a outras vozes existentes dentro deles, como no exemplo do A 4, ao citar o discurso de sua mãe. Por meio desta atividade observamos que os alunos já apresentam bem definidos os elementos da narrativa, tendo inclusive conhecimento sobre tipo de narradores. Ao se tratar da figura do herói, novamente observamos a leitura do meio externo sendo reproduzida pelo discurso do A17 “Concordo sim, pois tem bandido que

vende droga, mas não é mal. Ele ajuda a família e compra comida, remédio”. Quanto ao léxico, é pertinente salientar que não houve maiores dificuldades quanto ao significado, diferente do texto 1. Todavia, os alunos ainda preferiam ao texto 1, devido ao enredo. Dado esse, que vem ao encontro da entrevista realizada na etapa de determinação do horizonte de expectativas.

Para a leitura do texto 3, “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga estiveram presentes dezoito alunos. A leitura foi realizada em voz alta, na íntegra, pela pesquisadora.

Quadro 37 - Leitura 3 “O bife e a pipoca”

Aluno/pesquisadora	Perguntas/respostas
P	O que vocês acharam do texto?
A1	Muito triste, mas real.
A17	É a realidade da maioria das crianças, ninguém tem motorista particular, mordomia. Tem dia que a gente nem tem mistura em casa.
A5	Achei bonito porque fala da amizade.
A18	Eu achei triste, mas gostei. Gostei mais do Tuca.
A1	Eu gostei do Rodrigo. Ele dá pão pro Tuca e ainda ensina matemática.
P	Em geral, posso dizer que gostaram da história?
T	Sim.
P	No texto lido, o que mais chamou a atenção de vocês?
A17	A diferença entre pobre e rico.
A10	O Tuca deveria ser bom, porque ganhou uma bolsa de estudos
A18	O olhar do Tuca na geladeira. Faço isso, às vezes, na casa de minha madrinha.
A3	A amizade que existiu entre os dois. Será que depois eles ainda ficaram amigos?
A1	Acho que não. Não sei, o que o Rodrigo pensou depois de ir na favela?
A17	Acho que não ficaram mais amigos.
A13	O menino pobre trabalhava. Isso falam que não é certo. Mas pobre precisa trabalhar.
P	A13, mas o que chamou mais sua atenção?
A13	Acho que a mãe do Tuca, bêbada. Não gostei ...imaginei ser muito triste a vida do Tuca, fiquei com dó.
P	Agora, prestem atenção. A história narrada correspondeu com as expectativas relacionadas ao título.
A17	Nem imaginava.
A1	Também não. Achei que fosse um texto de comédia de novo.
A9	Gostei desse. Mas não quero ler.
A2	Nossa, pensei em receita. Mas não nessa história. Acontece no Rio, professora?
P	Sim, A2. Em duas realidades bem diferentes.
A19	Eu na verdade, fiquei com dó do Tuca, mas ao mesmo tempo não sei se ele foi legal com o Rodrigo.
A1	Ele quis mostrar pro Rodrigo que a vida é difícil, bem diferente daquela que ele vive com carro, motorista, empregada...
P	Em geral, o que mais chamou a atenção foi a diferença de classe entre os dois colegas?
A1	Sim.
P	Quem mais concorda com o A1? Todos concordam. Certo.
P	Foi um texto difícil para compreender?

T	Não.
A1	Foi o mais fácil até agora.
A17	Concordo com o A1
A13	Também achei ele bem fácil. Parece que a gente viaja para dentro da história.
A17	Para mim foi um texto triste, mas bem fácil de entender. Se teve palavra difícil, não lembro.
A14	Eu também achei bem fácil.
P	Entre os três textos lidos, vamos lembrar: “A velha contrabandista”, “Quantas besteiras no mundo tem” e o de hoje, qual vocês preferem ?Quero ouvir todos agora.
A17	Gosto do primeiro e do de hoje. Posso ficar com os dois?
P	Pode. Mas, por que os dois?
A17	O primeiro é engraçado e esse de hoje vi muita realidade.
A1	A velha contrabandista.
A2	O primeiro.
A10	O da velha.
A7	A velha contrabandista.
A2	O primeiro.
A7	Igual.
A3	O primeiro.
A4-	Acho que o de hoje.
A14	O da mulher louca.
A6	O segundo.
A8	O de hoje.
A9	Nenhum, mas vou escolher o de hoje.
A11	Do viajante.
A18	O da velha.
A13	O texto de hoje.
A15	O da moto com a velha.
P	Para finalizar, posso dizer que, dos três textos, o que vocês mais gostaram foi o da velha.

Fonte: dados da pesquisadora

O texto levado para a leitura, foi escolhido pelos alunos, em função do título e da capa. De todos os três textos levados para leitura, este foi o que mais chamou a atenção dos alunos durante a leitura em voz alta, talvez devido ao fato de os personagens serem dois meninos jovens, de classe sociais diferentes. Mais uma vez, o enredo foi o que mais atraiu atenção dos leitores, associado ao tema “diferenças sociais”. Neste ínterim, o dialogismo de Bakhtin aflora ao associarem toda a história narrada à história deles, citando: a passagem da geladeira, do alcoolismo, trabalho infantil e do valor da amizade. Observamos a voz social na fala do A13 ao relacionar sua vida à de “Tuca”, personagem do conto lido, bem como, na passagem em que destaca que menino precisa trabalhar, desde cedo. Ainda há a fala do A17, ao destacar o olhar comprido na geladeira, relacionado o comportamento do personagem Tuca ao seu- “Faço isso às vezes na casa de minha madrinha. O dialogismo presente entre a obra e o leitor na esfera social é grande relevância, pois o aluno consegue não apenas associar o que lê ao seu meio social, atribuindo um significado, como também,

despertar o desejo no aluno em buscar novas experiências de leitura. Quanto à preferência de leitura, do total de alunos presentes, onze optaram pelo texto lido de Stanislaw Ponte Preta, três optaram pelo conto de “Ricardo Azevedo” e cinco optaram pelo texto de Lygia Bojunga. Cabe ressaltar que o A17 fez referência a dois textos, não conseguindo se decidir.

Para finalizar esta atividade, a pesquisadora realizou a leitura, em voz alta, do conto popular, “Maria Angula”. Estiveram presentes neste dia dezessete participantes.

Quadro 38 - Leitura 4 “Maria Angula”

Aluno/ pesquisadora	Perguntas/ respostas
P	Vocês gostaram do texto?
A3	Gostei muito. Uma história de terror.
A13	Não gostei muito, falava coisa nojenta.
A17	Adorei, simplesmente adorei.
A20	Gostei do final, quando a alma penada pega a Maria Angula
A15	Gostei de tudo, mas o que mais gostei foi da receita da vizinha... foi vingativa.
A9	Gostei desse também. Já imaginaram que terrível. Fico imaginando a cena da mulher com morto...
A18	Para mim foi legal.
P	Mas, por que foi legal?
A18	Por causa da história
A2	Eu gostei. Quero ele!
P	Vocês praticamente já disseram o que mais chamou a atenção. Tem algum aluno que gostaria de acrescentar mais alguma colocação?
A1	Para mim foi a hora que o marido comeu aquela coisa nojenta.
A3	Para mim foi a hora do cemitério. A Maria Angula foi muito forte para pegar o morto fresco.
P	Na hora da última receita, vocês imaginaram que poderia ser algo tão diferente?
A14	Eu não.
P	A14, ao ouvir a sugestão da última receita. você imaginou que Maria Angula fosse capaz de fazê-la?
A14	Acho que sim, porque ela é muito maldosa. Quando criança já judiava dos animais.
A1	Verdade. Ela era cruel.
A2	Eu também achei que ela fosse fazer sim. Pagou caro por isso.
A11	Eu não imaginava nada disso. Pensei que talvez não fosse atender a moça ou fosse pedir para colocar muito sal ou pimenta.
A1	O texto parece lenda urbana... “A noiva do banheiro”. Isso é uma lenda urbana.
P	A1, este é um conto popular. Há várias versões sobre a mesma história. Assim como na história do Ricardo Azevedo, o enredo é quase difícil de imaginar na vida real.
A1	É nada professora, tem muita gente maldosa no mundo.
A19	Não sei se dessa forma, mas tem muita violência no mundo.
A13	Falta de Deus. Tem que ler a bíblia.
A2	Essa é uma história de terror. Dá até medo.
P	E o final da história foi surpreendente?
A1	Sim, mas gostaria que o marido tivesse casado de novo. Mas ficou procurando a Maria Angula.
A14	Nossa, quando a professora leu o final fiquei até com medo da voz “Maria Angula”. Não imaginava isso.
A1	Gostei do final, mas dá um certo medinho.

A15	Para mim, o surpreendente foi a Maria Angola preparar a receita. O final meio que já imaginava. História de terror.
P	Entre os gêneros suspense, humor e aventura, qual vocês preferem para ler? Para a escolha dos gêneros, vou anotar na lousa.
P	Suspense teve quatro votos, humor cinco votos e aventura oito votos.
P	Entre os textos lidos qual deles vocês gostaram mais? Também vou anotar na lousa para ir mais rápido e não ter erro.
P	A velha contrabandista teve 6 votos, o texto “Quanta besteira o mundo tem” teve dois votos, “O bife e a pipoca” dois cinco e o conto popular “Maria Angola teve quatro votos”.

Fonte: dados da pesquisadora

No conto Maria Angola destacamos o suspense e o terror, conforme identificação do perfil leitor. Por meio desta análise, podemos observar que, a história contemplou a expectativa de leitura dos alunos, pois durante o ato da leitura, todos demonstraram envolvimento. Notamos que os alunos chegaram a fechar os olhos quando foi narrado o momento em que o marido come a “receita macabra” e ainda na passagem em que a “alma penada” chama Maria Angola pelo nome e a faz sumir. Há a presença de efeito no ato da leitura, proporcionando inclusive a sensação de medo no leitor. Observamos a presença da formação moral no comportamento dos alunos ao reprovarem o comportamento de Maria Angola, no decorrer do enredo. O dialogismo entre a obra e os leitores, pautando-se no comportamento moral é bem marcante na leitura deste texto. Ao serem indagados sobre a receita, os alunos salientaram que não imaginavam que seria uma receita tão diferente. O A11 salientou que, talvez, a cozinheira fosse alterar a receita para o prato ficar mais salgado ou apimentado. Afinal, Maria Angola não sabia cozinhar. Quanto à alma penada, o A15 disse já imaginar esse desfecho, todavia salientou que ficou surpreso com Maria Angola ter tido coragem de cumprir a receita. O A1 relacionou o texto lido à lenda urbana da “noiva que vestia branco e assombrava os banheiros das escolas”. Neste momento, constatamos o dialogismo entre o texto lido e a lenda da “noiva do banheiro”, existente na região. Para Jauss (1979) essa relação do leitor com a obra, que a torna viva. Bordini e Aguiar (1993, p. 86) destacam ainda que é essa interação citada por Jauss que sustenta o método recepcional. “O método é portanto, eminentemente social ao pensar o sujeito em constante interação com os demais através do debate, e ao atentar para a atuação do aluno como sujeito na história.”

Ao tratar do trabalho com os quatro textos é pertinente citar que a leitura teve como objetivo a recepção do leitor, pautada em seu conhecimento prévio, fosse ele intelectual ou social. Para tanto, é possível observar que as perguntas utilizadas para

mediar a recepção, tiveram como foco a opinião do leitor. Para Bordini e Aguiar (1993, p. 86) “o processo de recepção textual implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se na autonomia da obra.”

Cabe ressaltar, que por meio das leituras conseguimos conhecer as dificuldades quanto ao léxico, bem como, a visão de mundo do leitor, a partir dos enredos abordados e seus valores éticos e sociais.

Quanto às dificuldades quanto ao léxico, podemos destacar dificuldades para compreender o significado das palavras “lambreta”, “alfândega”, “encabulado” e “odontólogo”. Todos presentes no texto “A velha contrabandista”. Quanto à visão de mundo do leitor, podemos considerar que o texto “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga, foi o que mais chamou a atenção dos alunos, pois a diferença social existente entre os personagens principais foi marcante, conseguindo os alunos associarem o comportamento do personagem Tuca ao já experimentado por eles, durante alguma situação no meio social. No que diz respeito ao texto “Quanta besteira o mundo tem”, de Ricardo Azevedo, os alunos associaram o comportamento de uma das personagens, “a noiva”, ao de pessoas que não lutam para alcançar os objetivos pretendidos na vida. Não podemos deixar de destacar. Ainda, é importante destacar que por meio desta etapa foi possível observar a relação do leitor com o texto e com o próprio colega de classe, diante das diferentes visões de leitura. Quanto aos valores éticos e sociais, o texto que mais se destacou, de acordo com a recepção de leitura dos alunos foi o conto popular “Maria Angula”, diante de seu comportamento no meio em que estava inserido, vivendo de aparência e mentiras. Conforme a fala do A1, Maria Angula era uma pessoa cruel, devido às suas maldades. Destaca ainda, que devido ao seu comportamento ela mereceu o fim dado. O mesmo participante relaciona o comportamento de Marai Angula ao de muitas pessoas. que convivem no meio social.

Por fim, podemos destacar que todos os textos apresentados causaram efeito no ato da leitura, fazendo-os demonstrar o conhecimento que apresentavam em relação aos temas trabalhados, assim como, a afinidade com os gêneros trabalhados. Em tempo, é importante destacar que, por meio desta etapa, foi possível observar a relação do leitor com o texto e com o próprio colega de classe, diante das diferentes visões de mundo.

A segunda atividade desta etapa, pertence à oficina “Um convite e vários destinos”, e está relacionada à apresentação de três livros, como citado na página

72. Para a escolha foram considerados os temas “humor”, “suspense e terror” e “aventura” salientados na etapa de determinação de horizontes de expectativas.

Quadro 39 - Resultado da enquete: escolha da obra

Título da obra	Número de votos	
	Meninos	Meninas
Contos de enganar a morte	2	2
Dom Quixote	4	2
O diário de Zlata	2	3

Fonte: dados da pesquisadora

No que diz respeito à escolha da obra literária, a turma não fugiu ao delineamento do perfil leitor, com base na idade, postulado por Bordini e Aguiar (1993), sendo citadas obras que denotam aventura e humor, como os preferidos pela turma. Ao se tratar da escolha da obra clássica “Dom Quixote”, é necessário destacar que, no decorrer da apresentação, alguns participantes afirmaram o interesse pela obra devido ao fato de já terem ouvido falar ou até mesmo por já terem tido acesso via canais de interação a desenhos animados com o nome Dom Quixote. Uma outra hipótese levantada pela pesquisadora faz referência a um projeto desenvolvido, na mesma escola, nos anos de 2015 e 2016 que tratava de práticas de leituras com clássicos da literatura universal.

Essa etapa da pesquisa está vinculada ao atendimento do perfil leitor, que Bordini e Aguiar (1993) apontam como um dos fatores determinantes para a recepção, com quem concordamos. Nesta etapa, o proposto no plano de ensino foi atendido, porém, a preferência de leitura dos participantes foi valorizada, como delineado no diagnóstico do perfil leitor.

Logo, é certo afirmarmos que a obra escolhida pela turma veio ao encontro do perfil analisado durante os dois meses de observação, denotando um enredo aventureiro e carregado de humor, características citadas e consideradas importantes para a leitura.

A terceira atividade, desta etapa, contemplou a leitura da capa de quatro versões da obra “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes. Para esta atividade estiveram presentes dezoito participantes.

Quadro 40 - Leitura das capas

Pergunta 1- O que você consegue observar na ilustração da capa? O que mais chama a atenção? Por quê?	
Grupo	Leitura realizada.

D1	Um homem com uma lança. A aparência do homem, parece estar cansado de lutar na guerra
D2	Guerra e espada. Dois homens, um mais gordo e outro magro. Tem muita montanha no lugar. Acho que a magreza do homem chama a atenção. Pesquisamos e acontece muita guerra no livro.
D3	Uma capa muito colorida e confusa. O homem, (Dom Quixote) tem uma lança na mão. A confusão da capa é muito estranha.
D4	Observamos várias mortes e a guerra. Tudo isso chamou nossa atenção.
D5	A capa tem cor marrom e tem dois homens, um gordo e um magro. Eles estão lutar na guerra. O magro deve ser Dom Quixote e o gordo seu amigo Sacho Pança.
D6	Uma capa com duas pessoas, que parecem que vão lutar para salvar uma pessoa.
D7	Um desenho riscado, com a figura do Dom Quixote e de outro homem. A cor da capa chamou nossa atenção.
D8	O fato de ser um cavaleiro medieval Sancho Pança e Dom Quixote usam roupas diferentes.
D9	Não respondeu.
D10	Dois homens lutando contra o moinho de vento. O homem gordo parece mais devagar.
Pergunta 2: Qual o tema da história pela ilustração da capa?	
D1	Guerra.
D2	Guerra com mocinhos e bandidos.
D3	Guerras, época medieval, reinos em conflito, etc
D4	Guerra.
D5	Guerra.
D6	Guerra.
D7	Guerra.
D8	Cavaleiro, idade medieval.
D9	Aventura.
D10	Guerra.

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à análise de leitura das capas, cabe ressaltar que alguns alunos já haviam pesquisado sobre a obra, no decorrer da semana. Observamos que em relação à pergunta 1, exceto o grupo, todos relacionaram as ilustrações à presença de dois homens. A palavra guerra apareceu duas vezes. Talvez o motivo que tenha levado a essa leitura seja o momento histórico mundial e até mesmo político atual. Ainda destacamos a presença das palavras “bandido” e “mocinho”, denunciando a influência de filmes e alusão ao trabalho com os valores “bem” e “mal”. Para Jauss (1979) a leitura é recepcionada de acordo com o momento histórico que cada leitor vivencia. Talvez se a capa fosse lida num outro momento, não seria essa a leitura do grupo. A recepção, segundo Bordini e Aguiar (1993), inicia-se no momento em que o texto e o leitor se encontram, trazendo à tona, cada qual, sua história.

No que se refere à pergunta dois, nove duplas citaram ser a guerra o núcleo gerador enquanto um grupo citou a palavra “aventura”. Também estiveram presentes junto à palavra “guerra” outras, como: época medieval, reino em conflito, mortes e batalhas.

Podemos afirmar ainda, que o conhecimento de mundo trazido pelos alunos acerca das ilustrações, contribuíram para o levantamento de hipóteses. Destacamos esse conhecimento pautado no acesso às informações, hoje, mais acessíveis, devido à *internet*.

A leitura da capa teve por objetivo demonstrar que, por se tratar de um clássico da literatura universal, há diversas recepções acerca da mesma obra. Sendo assim, foi possível expor aos alunos as diversas leituras que um texto pode proporcionar.

A quarta atividade desta etapa correspondeu ao levantamento de hipótese leitura, sobre o conteúdo dos capítulos da obra lida. Estiveram presentes nesta oficina dezoito participantes.

Devido à extensão do trabalho, em relação à análise desta atividade, serão percorridas apenas algumas passagens que possam ilustrar o levantamento de hipóteses de leitura.

Quadro 41 - Exposição de hipóteses, sobre o conteúdo dos capítulos do livro “Dom Quixote”, pelos grupos

Grupo 1	
Capítulo 1- O sonho de um homem	
Hipótese dos grupos sobre o conteúdo dos capítulos	Interação entre a pesquisadora e os grupos
1-Um homem sonhou que ele era cavaleiro e que estava lutando e o homem sonhou isso porque eles estavam em guerra e essa guerra era grande. Eles estavam usando escudos, espadas. 5. Porque tinha na capa que vimos. 6. Sim.	1- Por que vocês acham que lutavam com espadas e escudos? 2- E o sonho que aparece no título é o ato de sonhar? Vocês acreditam nisso?
2- Um castelão e duas nobres damas	
1-Prejudicado	1-Prejudicado
Grupo 2	
3- Dom Quixote é sagrado cavaleiro	
1- Dom Quixote é sagrado cavaleiro por um velho numa taberna. 2- Eu li um pouco em casa. Pesquisei na <i>internet</i> . 3-Não.	1-Como vocês chegaram a essa conclusão? Vocês sabem o que é uma taberna? 2-Gostariam de propor um significado para essa palavra que vocês usaram?
4-As primeiras aventuras	
1- Dom Quixote inicia uma imensa aventura que envolve um furacão. 2- Sim, pois esse é um país estrangeiro. Lá a gente vê nos jornais muitas notícias com furacão. 3- Na internet, televisão. Agora fala muito da Espanha na televisão com aquelas pessoas que estão fugindo da guerra.	1-Seria possível a existência de um furacão na Espanha? Como assim? 2-Onde vocês têm esse tipo de informação?
Grupo 3	
5-O escudeiro Sancho Pança e a nova partida	

1-Ele quis dizer que o escudeiro de Dom Quixote chamava Sancho Pança e ele prometeu uma nova aventura, uma nova vida. Em busca de mais aventuras, de felicidade. 2-A gente conhecia um pouco sobre a história. A gente sabia que Sancho Pança era amigo do Dom Quixote e eles gostavam de aventura.	1-Como vocês chegaram a essa leitura?
6-Lutando contra os moinhos de vento	
1-Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança acreditam que os moinhos de vento são malvados gigantes e que são como ameaças para a sociedade. Então, juntos partem para uma guerra contra os gigantes malvados. 2-A gente já tinha pesquisado. E a capa do livro mostra os moinhos de vento e os dois amigos. 3-Foi mais fácil o capítulo 6 porque está na capa do livro.	1-Como vocês fizeram essa leitura com os moinhos de vento, gigantes? 2 Qual dos dois capítulos foi mais fácil imaginar e levantar hipóteses de leitura?
Grupo 4	
7-Como o intrépido cavaleiro libertou a princesa prisioneira	
1-Dom Quixote deve ser uma pessoa atrapalhada que tenta salvar uma prisioneira, que deve ser a Dulcinéia. Deve contar a história como numa piada. 2-Sim	1-Na visão de vocês, o texto dever ser bem-humorado?
8- Surra e descanso	
1-Dom Quixote deu ou levou uma surra de alguém e depois Dom Quixote ou a outra pessoa descansou quando levou a surra. Dom Quixote tem uma vida parecida com a minha, cheia de confusão. 2-Deve ser cheio de emoção com muita aventura. Acho que vai ser divertido ler.	1- O grupo 4 tem mais alguma coisa que gostaria de comentar em relação ao capítulo? Vocês imaginam que será um capítulo divertido para se ler?
Grupo 5	
9-O milagroso e maldito bálsamo de Ferrabrás	
1-Para a gente a história trata de dois perfumes, um milagroso e outro maldito que pode ajudar ou matar alguém. Não entendemos muito bem. O que significa esta palavra "Ferrabrás"? Queremos ver o que vai acontecer no capítulo seguinte? A gente usou o dicionário também para descobrir o significado da palavra "bálsamo". Descobrimos que é perfume. 2-Ficamos com medo de fazer errado.	1-Por que vocês usaram o dicionário? 2-No levantamento de hipótese, não há erros, apenas suposições. É brincar com as palavras.
10- Lutando contra dois exércitos de uma vez só	
1-Acho que fala do Dom Quixote lutando contra dois exércitos de uma só vez e sozinho para sair de uma prisão e por a frente tem várias batalhas contra cavaleiros e seguranças e ele tem que sair se não vai morrer de sede e fome. Achamos difícil o capítulo 10. 2-Não vimos muito sentido no título.	1-Por que?
Grupo 6	
11- O cavaleiro da triste figura	
1-Em um dia ensolarado estava Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança em uma jornada de libertação. Como o prisioneiro e o seu amigo Sancho Pança andava com o seu cavalo em alta velocidade perdeu o controle e bateu em uma rocha e seu amigo Dom Quixote ficou muito triste com o seu amigo por ter batido em uma rocha e ter desmaiado e ter machucado muito.	
12- Liberdade aos prisioneiros	
1-Certo dia Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança, elesteve uma ideia de libertar os prisioneiros. Chegando lá pularam o muro e brigaram com os guardas e pegaram cada um uma das chaves e libertaram todos os prisioneiros.	
13-Uma carta para Dulcinéia	

1-Dom Quixote escreveu uma carta para sua mãe Dulcineia que estava morando em uma cidade distante, de onde ele mora. Perguntando se estava bem e como estava os parênteses e que estava com muita saudade de sua mãe querida. Que chorou a ver. Dias depois, um tio de Dom Quixote respondeu sua carta e falou que sua mãe tinha falecido. Quando Dom Quixote leu a carta ficou muito triste e não quis mais saber de ninguém e nem de trabalhar e ficou trancado no quarto. 2-Sim. Ela morreu. Eles eram pobres.	1- Para vocês Dulcinéia é a mãe de Dom Quixote?
14- Um plano para levar Dom Quixote de volta para casa	
1-Um dia Dom Quixote fugiu de casa e sua família queria trazê-lo de volta para casa. Como não podiam sair de casa contrataram dois homens de sua confiança. Procuraram na cidade inteira, mas não o encontraram. Foram para outra cidade tentar encontrá-lo, viram um homem idêntico com o que haviam informado, pegaram ele e o levaram para sua casa. Sua família viu que não era ele e ficaram muito tristes e desistiram de sua busca.	
Grupo 8	
15- Estranho combate contra o narigudo Cavaleiro dos Espelhos	
1-Eu acho que é um combate estranho que o Dom Quixote faz com o narigudo cavaleiro do Espelho. 2- Não sei dizer, talvez uma pessoa com nariz grande. 3-Não.	1-Na sua opinião quem seria esse narigudo cavaleiro do espelho? 2-Você gostaria de falar mais alguma coisa?"
16- A radiante duquesa e seu castelo de verdade	
1-Para mim, trata da história de uma linda mulher que sempre sonhou em ter um castelo, e um dia o seu sonho se realizou, e agora se gaba aos que davam risada de sua cara. E mostra que o mundo é capaz de dar voltas. 2-Sim.	1- Vocês sabiam o significado de todas as palavras do título?
Grupo 9	
17- O reino de Barataria	
1-Dom Quixote estava indo para o reino de Barataria. Lá era um reino muito florido, havia muitas pessoas boas, animais e joias. O motivo dele estar indo lá era porque uma pessoa havia assassinado alguém. 2- Achamos o título engraçado. Pensamos num reino onde tudo fosse muito barato. Mas não escrevemos nada disso. 3- Foi acordo no grupo. Somente achamos engraçado. Pensamos num texto de humor.	1- O título ajudou vocês na formação do texto? 2- Por que?
18- O Cavaleiro da Triste Figura reencontra seu escudeiro	
1-Eu acho que vai contar a história de um cavaleiro que estava muito triste lá perto da figura. Então ele saiu andando ele foi para bem longe da figura e aí ele sentiu muita falta de lá. Então, ele saiu andando e continuou indo para lá bem longe. Então, aconteceu uma coisa, o escudeiro apareceu lá na figura e não encontrou o seu cavaleiro. O cavaleiro voltou para a figura e reencontrou o seu escudeiro e ficou muito feliz com o escudeiro. 2-Acho que um quadro.	1- O que significa a palavra figura para vocês?
Grupo 10	
19- O cavaleiro da Lua Branca triunfa sobre Dom Quixote	
1-Dom Quixote, ele tinha ido com o seu cavalo até a lua para a aldeia ver seus parentes. 2-Dom Quixote foi ver os parentes numa aldeia chamada Lua.	1-Um pouco confuso, tudo isso. Podem explicar?
20- O caminho de volta para casa	

1- Em um lindo dia de sol Dom Quixote foi embora de sua casa sentiu muita falta de sua casa então resolveu ir para bem longe e nunca mais voltar. 2- Sim.	1- É o retorno de Dom Quixote para casa?
Grupo 11	
21- A aldeia de Dom Quixote e Sancho Pança	
1-Acho que a aldeia de Dom Quixote é uma aldeia que vive poucos habitantes que Dom Quixote criou, é pequena.	
22- Triste fim do cavaleiro Dom Quixote de la Mancha	
1-Agora vou falar da triste história de um cavaleiro que morreu com uma espada na cabeça. Todos na cidade ficaram muito tristes com essa história. 2-Dom Quixote. 3-Sim.	1- Quem é o cavaleiro? 2- Ele morre?

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à análise desta atividade observamos que uma das maiores dificuldades foi dar sentido aos títulos, ou seja, atribuir um significado. Destacamos uma constante preocupação dos alunos em relação às hipóteses de leitura, mesmo tendo antes, a pesquisadora, explicado o significado da palavra “hipótese”, que era desconhecida por alguns. Diante à pouca interação, constatamos que os alunos esperavam perguntas e respostas prontas. Para ilustrar, citaremos como exemplo, a explanação dos grupos 8 e 10, que destacaram a dificuldade em imaginar um texto, a partir de um título.

Nesse passo, ressaltamos a importância da Teoria da Estética da Recepção na formação do leitor. Nesta teoria, o leitor, enquanto protagonista do processo, assume o papel de coautoria dos textos. Não há leitura sem a atuação do leitor, sem a interação com o texto. Identificamos esse vazio, na ausência de recepção, no levantamento de hipótese no capítulo 2, quando o grupo se recusa a expor a leitura, visto a postura de um dos integrantes.

Todavia, constatamos que as leituras realizadas na oficina anterior contribuíram para a formulação de hipóteses dos grupos 1 e 4, conforme consta no quadro 42. Os grupos 3, 7 e 9 diante da proposta realizaram a atividade pautando-se em experiências literárias e sociais vivenciadas anteriormente. No grupo 7, ao citarem os temas “morte e sofrimento”, ratificaram o perfil leitor desenhado por Bordini e Aguiar (1993), que é a transição da leitura imaginária para uma leitura mais real.

Ainda, salientamos que, durante as apresentações, foi possível observar a presença marcante da leitura de mundo, quando cada grupo externou em seu discurso as experiências vivenciadas com outras leituras e suportes, como televisão e *internet*.

No que se refere à última atividade, da segunda etapa, do método recepcional foram analisadas as impressões, no que se refere ao primeiro contato com a obra. Para tanto, apresentamos um quadro, com algumas impressões dos alunos quanto ao livro físico.

Quadro 42 - Impressões de leitura da obra “Dom Quixote”, de Leonardo Chianca

Alunos	Impressões do aluno
A1	Eu gostei. Achei o livro, embora meio sem cor.
A2	O livro é bem bonito. Tem poucos desenhos.
A3	Fiquei emocionada de ver o livro. Achei que não fosse ter o livro. Demorou para chegar.
A4	Não entregou o registro
A5	Bonito. A história parece que vai ser legal.
A6	Eu gostei da capa, do final que explica.
A7	Gostei. Acho que vais ser legal.
A8	Achei tudo bem legal. Agora acho que entendo a capa
A9	Não entregou o registro
A10	Não entregou o registro
A11	Achei interessante. Tem muita coisa no livro.
A12	Bonito.
A13	Fiquei emocionada com o livro. Nunca tinha pego um livro novo. Ele tem um cheiro diferente
A14	Foi bom pegar o livro e ver como ele é.
A15	É diferente de ler o livro da escola. Eu gostei muito.
A16	Não entregou o registro
A17	Muito bom. Tem coisas no livro que nem imaginava, como a ficha catalográfica. Também gostei do fim do livro, com informações do autor e do ilustrador. O livro tem cheiro diferente. A gente que é pobre não tem costume de ler.
A18	Foi legal.
A19	Gostei de ver o livro e saber que vamos poder ficar com ele.
A20	Não entregou o registro

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à entrega das atividades escritas, sobre as impressões, podemos observar, que dos vinte participantes, cinco alunos não as entregaram. Deste conjunto, dois deles, A9 e A20 são mais resistentes em desenvolver as atividades de leitura propostas. Sempre salientam que não gostam de ler.

Ao se referir aos dados apresentados, constatamos, que em geral, os participantes estão receptivos à leitura, visto que participaram ativamente das atividades propostas. O A1 destacou a falta de cor no livro, bem como o A2 relatou que o livro apresenta poucas ilustrações. Para o A3, A13 e A19, conforme registro, a entrega de um livro novo tem valor sentimental, visto que nunca tinham tido um livro novo em mãos, exceto o material apostilado. Dados esses, que salientam a

importância da escola na formação de leitores. Quanto aos registros, observamos que foram pautados na leitura sensorial ao se referir ao primeiro contato com a obra, tanto o A13 quanto o A19 relataram o cheiro do livro novo, bem como, A2, A6 e A8 reportaram às ilustrações. Para Martins (1988, p. 40; 42) a leitura sensorial é:

a visão, o tato, audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler[...]. Não se trata de uma leitura elaborada, é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse, mundo apresenta, relaciona-se om aas primeiras revelações. [...] Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto,; em forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode até ouvi-lo se folhearmos as páginas.

Nesta mesma atividade, ao tratar do atendimento do horizonte de expectativas, observamos a leitura emocional, visto os sentimentos que o primeiro contato despertou nos alunos. O subjetivismo nesta modalidade se faz presente, visto principalmente, o perfil etário dos participantes. Nesta, ainda, destacamos os desejos e preferências de leitura. (MARTINS,1988)

Por meio das atividades propostas, que ilustraram a segunda etapa do método recepcional, concluímos que atendemos o horizonte leitor. Tanto no que confere aos gêneros textuais e temas trabalhados, quanto, no que diz respeito, aos procedimentos didáticos, respeitando o perfil do aluno, suas experiências literárias e de mundo.

4.3 Ruptura do horizonte de expectativas

A terceira etapa do método recepcional foi contemplada com a aplicação de duas oficinas literárias que exigiram maior esforço intelectual dos alunos sendo realizadas e analisadas as seguintes atividades: 1. Leitura dos capítulos 1 ao 6. 2. Jogo da memória literária.

Iniciou-se, neste momento, a leitura dos capítulos da adaptação de Leonardo Chianca, da obra “Dom Quixote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes. A partir desta etapa, constituiu-se a ruptura do horizonte de expectativas, que Bordini e Aguiar (1982), caracteriza por meio da introdução de atividades que abalam as incertezas dos alunos. Para constatar a ruptura dos horizontes, apresentamos o resultado de duas atividades realizadas a partir dos capítulos 1 ao 3. Para a realização da oficina estiveram presentes dezoito participantes.

Quadro 43 - Leitura e compreensão do capítulo1

Participantes A- Aluno P- Pesquisadora	Perguntas e respostas- Capítulo 1
P	Quais as impressões que vocês tiveram em relação ao capítulo 1?
A1	Foi muito diferente daquilo que havia imaginado. Porque o Dom Quixote parece ser louco. Mudou seu nome, pegou se burro quase morto e queria transformá-lo em cavalo de guerra.
A11	Foi muito diferente do que a gente havia imaginado. Imaginava um homem que sonhava com guerras. Ele gostava de ler histórias de guerras.”
A17	O nome dele era engraçado demais, Quixada, Quejada, Quixana”. Ele construiu uma armadura de papelão, isso não iria funcionar.”
A14	O texto é difícil para entender algumas coisas.
A18	Tem algumas palavras que a gente não sabe como elmo.
P	Alguém mais não sabe o significado da palavra elmo?
A13	Eu fiquei na dúvida.
A4	Eu pesquisei na <i>internet</i> .
A1	É aquilo que o cavaleiro usa na cabeça, um capacete.
P	É importante que vocês pesquisem as palavras que desconhecem no dicionário, seja ele físico ou virtual. A pesquisa servirá para que vocês possam compreender a história. Mesmo sendo uma adaptação ele vai apresentar um vocabulário diferenciado.
A14	Por que no nome do cavalo é Rocinante?
P	A14, quando lemos o texto temos pistas sobre o nome do cavalo de Dom Quixote?
A14	Não sei.
P	Vamos ler a página 8. Vamos ver ... o segundo parágrafo lá no final...
A14	Seria...” E depois de refletir por quatro dias batizou seu altivo cavalo de batalha com o nome Rocinante. Pensou consigo: rocim é um cavalo magro, mas o meu foi rocim antes, hoje é o primeiro dos rocins.” Não entendi.
P	O que seria rocim, de acordo com o texto?
A14	Cavalo magro.
A1	É um cavalo de pequeno porte, pequeno. É isso.
P	Como vocês enxergam Dom Quixote?
A17	O livro fala que ele era velho e magro.
A1	Ele tinha uns cinquenta anos e era magro.
P	Então, cinquenta anos é ser velho para você?
A17	Sim, para mim já é um pouco velho.
P	Quais os personagens aparecem no texto?
A13	Dom Quixote...só...
A17	Acho que cinco...cavalo não é personagem.
A19-	Sete...tem o padre e o amigo dele.
P	Agora que vocês leram o texto, vocês conseguem justificar o título do capítulo?
A1	Sim... sonho, loucura do Dom Quixote.
A13	Ele tinha o sonho de ser cavaleiro andante.
A9	Ele era doido.
A19	Acho que ele sonhava em ter uma família. Ele era muito sozinho por isso lia muito.

Fonte: dados da pesquisadora

De acordo com o exposto observamos que ocorreu o rompimento de expectativas ao abalar as certezas dos alunos, no que se refere às experiências de leitura, pois o enredo teve um início bem diferente daquilo que haviam imaginado ou ainda tinham como conhecimento de outras obras já lidas.

Um outro ponto a ser destacado é o vocabulário utilizado, visto que, ao se tratar de uma aventura de cavalaria, o léxico utilizado é diferente dos textos que estão habituado a ler. Cabe ressaltar essa diferença pelo tempo em que autor e leitor estão presente. Chianca (2005), tomou cuidado em não perder a autenticidade da obra em relação ao léxico, mantendo presente em sua adaptação, palavras, como: “elmo, cavaleiro andante, rocim, camponesa, armadura”.

Nesse processo de compreensão de leitura, percebemos que o conhecimento de mundo que o aluno trouxe em sua bagagem, já não foi suficiente para compreender o texto. Foi preciso pesquisar. Há uma ruptura no léxico e no gênero. Embora o humor e aventura estivessem presentes, os alunos não tinham conhecimento do gênero “romance de cavalaria.”

Nesta etapa do método recepcional foram abordadas as impressões de leitura de todos os capítulos, pautado no trecho que mais tenha chamado a atenção do leitor.

Quadro 44 - Impressões de leitura dos capítulos 1, 2 e 3

Participante	Página	Passagem lida	Motivo
A2	9	“Oh, princesa Dulcinéia, meu coração sofre por você...”	“A frase é romântica, fala de amor.”
Participante	Contribuição		
A5	“Gosto de livros que falam de amor e sentimento. Aqui Dom Quixote demonstra seu amor pela Dulcinéia.”		
A4	“Também achei romântico.”		
P	“Vocês acham que o livro vai ser romântico?”		
A5	“Espero que sim professora. Ele vai encontrar sua Dulcineia e vai casar e vai ter filhinhos.”		
P	“A Dulcineia existe?”		
A1	“Não, só na imaginação do Dom Quixote.”		
P	“Tem algum trecho do livro que fala da Dulcinéia?”		
A1	Página 9- “Um cavaleiro andante sem amor é como um cavaleiro andante sem alma. O novo Dom Quixote fez sua escolha cari sobre uma jovem e bonita camponesa de Toboso, uma aldeia vizinha. Chamava-se Aldonza Lorenzo e resolveu oferecer a ela seu coração. Mas para uma bela dama também era preciso um belo nome, digno de uma princesa. Batizou-a de Dulcineia del Toboso.” A moça existia, mas não a Dulcineia, assim como seu cavalo que não era valente e forte. Tudo imaginação dele.”		
P	“Assim, como nas histórias de cavalaria Dom Quixote também queria ter uma dama. Lembrando que Cervantes fez esse livro, com o objetivo de fazer uma crítica aos livros de cavalaria. Era uma crítica ao momento em que viviam na Espanha. Lembrem-se que pelos livros. Muitas vezes conseguimos entender a história de um país. Um exemplo são as músicas, poemas e até mesmo personagens brasileiros na época da ditadura. Quanto à Dulcinéia, vamos ver o que vai acontecer.”		
A1	“Eles escrevem uma coisa para dizer outra. A gente viu isso.”		
Participante	Página	Passagem lida	Motivo
A17	11	“Anoitecia. As duas jovens iam de Sevilha na companhia de alguns tropeiros. Mas a imaginação de Dom Quixote convertia quase tudo o que via	“Achei engraçado, ele mudava tudo o que via. Era um louco. Já

		em imagens de um romance de cavalaria. Assim o modesto albergue transformou-se num fortificado castelo rodeado por quatro torres, com campanários de prata, fossos em volta e uma ponte levadiça.”	imaginou um hotel virar um castelo?”
Participante	Contribuição		
A1	“Fiquei imaginando quanta confusão iria surgir. Os livros de cavalaria deixaram ele tendo alucinação. Imagino a cena dele olhando para as duas mulheres. Elas não eram damas. Ainda tem a história dos porcos.”		
A4	“Ele fez a maior confusão, vendo coisas onde não existia. Castelo, dama armadura.”		
Participante	Página	Passagem lida	Motivo
A1-	18	“E partiu, sem nem mesmo pagar a conta da hospedagem e da alimentação. Dom Quixote tremia de alegria. Enquanto se afastava do albergue, lembrou-se dos conselhos que lhe tinha dado o castelão: deveria voltar para casa e pegar um pouco de dinheiro, roupa branca e procurar um escudeiro.”	“Foi engraçado ele ficar no albergue e ainda sair sem pagar a conta.”
Participante	Contribuição		
A2	“Não achei certo ele sair sem pagar.”		
A 15	“Não tenho um trecho apenas, gostei de vários. Como por exemplo aquele que ele dá o nome para seu cavalo de Rocinante, que coitado era de dar pena. Também gostei do trecho que ele fala que quer defender os pobres.”		
A17	“Acho que o Dom Quixote vai ser um defensor das pessoas. Ele é o grande herói da história.”		

Fonte: dados da própria pesquisadora

Com esta abordagem, observamos no quadro 44, que os alunos após sentirem as incertezas citadas por Bordini e Aguiar (1993), tiveram uma menor participação oral. A experiência de mundo dos alunos já não correspondia com o enredo. Nesta atividade, os alunos até indicaram o trecho que mais chamou a atenção, todavia não conseguiram fazer compreender ou relacionar com o meio atual. Ao observarmos a dificuldade de leitura dos alunos, constatamos a ausência do dialogismo entre leitor e obra. Consequentemente a interação entre os leitores também foi menor, pois não havia o que refutar, argumentar ou concordar, visto o vazio que se instalou entre o leitor e o texto. O aluno 1 demonstrou maior facilidade na compreensão dos capítulos, fato esse que serviu de instrumento para a intervenção da pesquisadora com os demais do grupo.

Quanto à leitura dos três primeiros capítulos da obra “Dom Quixote”, é pertinente afirmarmos que as impressões expostas corresponderam a uma leitura pautada apenas na localização de informações explícitas e nas experiências de leituras passadas. Um exemplo a ser citado é a condição de Dom Quixote encontrar

a Dulcineia para se casarem, assim como nos contos de fada, gênero bastante explorado no segmento inicial do ensino fundamental.

Uma outra observação a ser citada é a relação que o participante A17 faz ao levantar a hipótese de que, no decorrer da história, Dom Quixote será um reparador de injustiças. O valor honestidade também é citado por um participante, ao mencionar que não achou certo Dom Quixote sair sem o pagamento do albergue.

Logo, com a intervenção da pesquisadora foi possível fazer com que os leitores rompessem com os modelos de leitura já experimentados, vivenciando novos desafios literários quanto ao gênero, léxico e social

A análise dos resultados da segunda oficina, desta etapa do método recepcional, foi pautado na relação tempo e espaço do leitor e obra. Os espaços analisados foram a cidade de *Porto Lápice*, localizada na Espanha, a diferença temporal nas estações do ano, bem como a citação da figura da mitologia grega “Briaréu”.

Durante a atividade de apresentação, constatamos que o rompimento de horizontes, fez-se presente, no uso das palavras “corcel e albergue”. No que tange a palavra “albergue” foi necessário uma contextualização, em relação ao uso da palavra no século XVII e na atualidade; já no que diz respeito à palavra “corcel”, o desconhecimento era total. Os alunos ainda romperam com conceitos posto em gêneros textuais estudados até o momento. Na visão de leitor, os alunos acreditavam que uma obra literária sempre se faz em torno de tempos e ações fictícias. No entanto, na obra de Cervantes, observaram que, Porto Lápice não é uma cidade fictícia, que hoje ainda se faz presente na Espanha. Ainda, compreenderam que as estações do ano acontecem em diferentes meses, conforme a localização geográfica de um país. Por exemplo, o mês de junho citado na obra refere-se ao início do verão na Espanha, enquanto no Brasil é inverno; a diferença da vegetação e clima entre a região de Porto Lápice e a região sudeste do Brasil. Ainda, destacaram a presença do Gigante Briaréu, símbolo da mitologia grega, em jogos de *vídeo games*.

Neste momento o dialogismo entre as artes, esteve presente, sendo inclusive anunciada sob a voz de um aluno, ao citar que o “Gigante Briaréu” citado nos livros, também era personagem nos jogos de *vídeo-game*. Para os alunos A1, A14 e A17, Briaréu tinha como origem os jogos de *vídeo game*, não a mitologia. Vale ressaltar, que essa relação só foi possível em função de um “saber prévio”. Bakhtin (2000) defende que esse saber determina, muitas vezes, a leitura realizada. “A obra é viva

e significativo do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico, e religioso num mundo também vivo e significativo.” (Bakhtin, 1988, p.30). Desse ponto de vista constatamos que a compreensão textual delineada pelos alunos não se separou da vida social em que estão inseridos.

Segundo Jauss (1979) a leitura de um texto, vai depender do momento histórico tanto do leitor que a lê, quanto do autor que a escreve. Enquanto, o personagem “Briaréu” já apresentava significado para alguns alunos, para outros ele apenas era mais uma loucura de Dom Quixote. Para Jauss (1979), a Estética da Recepção possibilita trabalhar essas diferenças, evocando o horizonte de expectativas que podem ser alterados no decorrer do ato da leitura.

Sobre a segunda atividade desta oficina, notamos que teve o horizonte de expectativa rompido, diante da estratégia de ensino de leitura, proposta pela pesquisadora: o jogo de cartas. Embora a tarefa de “formar pares de cartas” estivesse pautada em informações explícitas no texto, o como deveriam confirmar ou refutar as afirmações escritas nas peças do jogo era inédito. Para esse diálogo com o texto era preciso ter lido e compreendido o enredo.

Sobre o desenvolvimento do jogo, constatamos a interação entre os alunos, comentando as passagens da obra, no que diz respeito aos capítulos 4, 5 e 6. Desta forma, a atividade promoveu a troca das mais variadas leituras, sendo os personagens o elemento principal da discussão e do jogo.

Podemos constatar, por meio da observação, que a personagem “Dulcinéia del Toboso” foi a que mais chamou a atenção dos participantes, por se tratar da amada do personagem principal “Dom Quixote”, e por não possuir uma descrição conclusiva sobre a mesma. O participante A1 destacou a seguinte frase: “Dulcinéia deve ser uma mulher feia, mas muito feia mesmo, vindo das loucuras de Dom Quixote.” No ato dessa fala observamos o rompimento do perfil elegante da mocinha das histórias de cavaleiro. Sendo “Dom Quixote”, o avesso do perfil esbelto de um herói de cavalaria, ocuparia também, o mesmo perfil “Dulcinéia del Toboso”. Não há indícios no texto, desta descrição, apenas hipóteses de leitura pautada na estética de escrita de “Miguel de Cervantes”, conforme fala do A1 “Deve ser assim mesmo. Esse autor faz tudo ao contrário do que estamos acostumados.” O A 5 destacou que conseguiu compreender melhor a história narrada, a partir da troca com os colegas, no momento do jogo.

Por fim, concluímos que a ruptura do horizonte de expectativas se deu sob a ótica lexical, no que se refere ao vocabulário utilizado no tempo e espaço da narrativa

e composicional ao se tratar do gênero “novela de cavalaria”, assim como do perfil dos personagens, principalmente do protagonista “Dom Quixote”.

4.4 Questionamento do horizonte de expectativas

Na quarta etapa do método recepcional foram trabalhadas duas oficinas literárias que abrangeram as leituras dos capítulos 7 ao 15, de forma que os alunos comparassem o que já tinham de conhecimento quanto ao tema, gênero, linguagem a um novo conhecimento. Para esta etapa foram aplicadas e analisadas as seguintes atividades: 1. Produção do esquete. 2. Comparativo entre as adaptações de Leonardo Chianca, Orígenes Lessa, Isabel Vieira e Ferreira Gullar.

Para análise, foram utilizados os dados de duas atividades referente à leitura dos capítulos 7, 8, 9 e 10, todavia na produção do esquete poderiam optar por qualquer capítulo já lido. Na primeira atividade foi realizada a leitura de uma ilustração de Salvador Dali, bem como da música “Dom Quixote de la Mancha, o cavaleiro dos sonhos impossíveis”, da autoria de Arlindo Neto, Barbosão, Gabriel Fraga, Grassano, Gugu Das Candongas, Ito Melodia, João Bosco, Léo da Ilha, Márcio André Filho e Marquinho do Banjo.

Quadro 45 – Impressões de leitura

Alunos/ pesquisadora	Perguntas/respostas
P	Essa imagem é do Salvador Dali. A1, você consegue relacionar a imagem pintada de Salvador Dali à imaginada e escrita por “Miguel de Cervantes”?
A1	Sim, muito claro. A fisionomia é a mesma do texto “magro e esguio”.
A17	Para mim professora ficou mais fácil com o desenho. Por isso acho que os livros tinham que ter desenho.
P	Para vocês, o que é mais fácil: ler a adaptação ou a imagem?
A1	Elas se completam.
A4	Eu não vi muita coisa na imagem, é confusa.
A13	Prefiro a história escrita. A imagem não tem história.
A14	O que estamos lendo.
A15	Também acho.
A9	Prefiro os desenhos. Não tem que ler.
P	A9, mesmo sendo imagens realizamos a leitura delas. Pela cor utilizada, pelo estilo do desenho. Os especialistas em pintura conseguem saber o autor a partir do desenho.
P	A1, é possível ver a história de Dom Quixote na arte de Dali?
A1	Não.
A17	Impossível.
A4	Também acho que não.
P	P-Vamos pegar a imagem de Dali, o texto da velha contrabandista e o Dom Quixote. Todos eles têm um autor? Tem narrador? Personagens? Consigo identificar o tempo e o espaço?

A7	A imagem não tem narrador.
A19	O texto da velha tem e o do Quixote também.
P	Como você identificam isso? Vou colocar o texto da velha para vocês verem. Peguem o livro para verem. Vamos abrir logo no primeiro capítulo e depois no capítulo 8.
A14	O narrador é observador nos dois.
P	Bem colocado, temos os verbos que estamos estudando, com predominância na terceira pessoa. Qual é?
T	Ele.
P	Os verbos também estão com predominância em que tempo verbal?
T	No passado.
P	No pretérito perfeito, do modo indicativo. E o vocabulário, onde posso localizar e dizer qual é mais fácil ou difícil de ler?
A1	O Dom Quixote é mais difícil. A gente ainda nem terminou de ler.
P	Sim, a crônica lemos e discutimos em uma aula, já o Dom Quixote vamos terminar de ler somente em dezembro. E quanto ao lugar onde acontece a história?
A17	No Dom Quixote tem muitos lugares, depende a enracada dele. A velha é no posto da polícia.
P	Sim, os capítulos determinam onde acontece aquele episódio. Conseguimos saber, que é na Espanha, esse é o país. Mas, cada capítulo tem um espaço, como: albergue, moinhos de vento, na estrada. A crônica da velha contrabandista acontece no posto policial, alfândega.
A1	Já na imagem, a gente não consegue ver o lugar, só o personagem. A gente sabe disso porque lemos o texto.
A4	O texto do Dom Quixote é mais completo, a gente consegue viver mais emoção. De verdade, eu estou gostando muito e aprendendo outras coisas.
A13	Tem a Dulcinéia.
A1	Ela não aparece no texto. Aparece sempre o barbeiro e o padre. São os amigos do Dom Quixote.
A 14	E sua sobrinha com a mulher que trabalha. Mas elas aprecem pouco.
P	Com isso, observamos que o texto do Dom Quixote apresenta os mesmos elementos, só que de uma forma mais complexa. No texto Dom Quixote ainda não sabemos o desfecho.
A1	No texto da velha, ela vai embora de boa.
P	Agora, ouçam essa música e observem a letra?
A13	Nossa, um samba... tem a história do Dom Quixote.
A1	Fala do Rocinante, do Sancho Pança...
A14	Da Dulcinéia.
A17	Também do moinho de vento, das lutas com a manada.
P	Vocês conseguiram identificar a história?
T	Sim.
P	Posso falar que no texto também é uma narrativa?
A1	Acho que sim, porque conta a história do Dom Quixote.
A17	Eu acho que a música fala da atualidade.
P	Tem um verso que fala em ter Dom Quixote no coração. O que significa isso para vocês?
	A17- Acho que é ter esperança, porque ele acreditava que precisava salvar as pessoas.
A1	Mas era tudo ilusão dele.
A17	Sim, mas ele falou no início do livro de reparar as injustiças.
P	A17 você falou que a música fala de um tempo atual. Dom Quixote realmente sonhava em reparar as injustiças. Quais injustiças você acredita que há hoje?
A17	Nãos ei direito. Mas Dom Quixote era triste na Espanha, imagina se viesse para o Brasil.
A1	Já sei, Dom Quixote ia lutar contra os políticos.
P	Alguém já se imaginou Dom Quixote, um sonhador?
A17	Já me senti um sonhador, mas sou pobre não tenho muito com o que sonhar. No Brasil pobre não é ouvido. Não tem remédio no posto. No mercado é muito caro. Não adianta reclamar professora, não muda.

A1	A1- Não sei se sou um sonhador. Sou muito realista.
A13	Eu me considero uma sonhadora. Penso no meu futuro.

Fonte: dados da pesquisadora

Diante da atividade realizada observamos que os alunos diante a diversidade de textos apresentados conseguiram elencar as semelhanças e diferenças entre a ilustração, a música, a crônica e o romance de cavalaria. De acordo com A1 “Dom Quixote” exigiu maior esforço intelectual, porém é um texto mais gostoso de ler. Para o A4 o texto adaptado por Chianca é mais completo e cheio de emoções. Para Bordini e Aguiar (1993), essas são características que elucidam o questionamento do horizonte de expectativas. Para o A1 na ilustração de Dali, ele não consegue ver tantos detalhes ou ainda associá-lo ao texto de Cervantes. Diz ainda, que se não tivesse lido o livro, não teria como identificar a ilustração. Constatamos, também que, foi a partir deste momento, que identificamos a relação tempo e espaço entre o leitor e a obra, no que diz respeito ao tema e à sua abordagem. O A1 destacou que ter um pouco de Dom Quixote é ser sonhador. Já, o A17 faz uma relação tempo e espaço entre a obra e sua vida social, dizendo que no Brasil, ser pobre, significa não poder sonhar. Nesse momento o aluno, ainda, cita a situação política do país, conforme relato no quadro 46. Para Bordini e Aguiar (1993, p. 90),

este é o momento de os alunos verificarem que conhecimentos escolares ou vivências pessoais, em qualquer nível, do religioso ao político, proporcionaram a eles facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhes caminhos para a atacar os problemas encontrados.

Na segunda atividade que correspondeu à produção escrita e oral de um esquete observamos, que os alunos conseguiram organizar a produção escrita e oral, conforme consta no apêndice 24. Ao analisarmos as escritas constatamos que todos os grupos utilizaram corretamente os elementos da narrativa (narrador, personagem, tempo e espaço). Já quanto à estrutura tiveram maior dificuldade, visto que se tratava de um episódio do livro. Tal afirmativa, confirma-se diante da avaliação dos alunos no quadro 47.

Quadro 46- Avaliação da produção do esquete, sob a ótica do aluno

Participantes: Aluno/pesquisadora	Perguntas e respostas
P	Quais foram as facilidades e dificuldades encontradas na produção escrita e oral? Gostaria que vocês falassem primeiro da produção escrita.

A17	Achei um pouco difícil, principalmente porque não prestamos atenção que tinha que ter diálogo e pouco tempo.
A12	Não foi muito fácil. Tinha o tempo. Uma esquete tem pouco tempo de duração.
A17	Acho que aprendemos muito com essa atividade.
P	Aprenderam o quê?
A12	Acho que a prestar atenção na escrita. A gente pegou um capítulo grande e tinha que escrever pouco. Não sei se ficou legal. Podia ter ficado melhor.
A8	A gente podia ter seguido o texto da velha, que era mais fácil.
P	O texto do Dom Quixote era mais difícil?
A8	Sim.
A12	Sim
A9	Sei não.
A1	Sim, mais longo.
P	Agora, quanto à exposição oral?
A1	Foi engraçado... dei muita risada.
A6	Eu fiquei com vergonha de falar. A voz parecia que não saía.
A13	Era só ler o texto.
A19	Quem foi o narrador do nosso grupo que falou bastante.
A1	Precisava ter ensaio. A gente não ensaiou...
A17	Quando a gente lê assim, parece que aprende mais.
A14	Quando meus colegas liam, eu entendia mais também.
P	Ler dessa forma ficou mais fácil?
T	Sim.
A9	Até eu gostei.
A3	A professora não dá prova do livro. É muito chato. Assim dá vontade de ler
A1	O gostoso é ler.

Fonte: dados da pesquisadora

Ao observarmos as colocações dos alunos, compreendemos os gêneros textuais curtos, como os mais apreciados, devido à sua menor complexidade na estrutura. Tanto que, o A12 relatou que o texto “A velha contrabandista” era mais fácil. Bordini e Aguiar (1993, p. 90), salientam que “textos de melhor realização artísticas tendem a ser vistos como difíceis num primeiro momento e, devidamente decifrados, a provocar admiração do leitor.” Logo, a obra “Dom Quixote”, um romance de cavalaria, expressou maior desafio nos leitores, devido à sua linguagem e estrutura. O A12, em sua avaliação, conforme quadro 47 comprova a quarta etapa do método recepcional ao relatar os desafios detectados na proposta da produção textual escrita e oral.

Um outro ponto a ser destacado, nesta análise, é o despertar para a leitura literária, de alguns alunos devido aos procedimentos didáticos e metodologia aplicada, conforme relatos do A9 e A1. O encontro de vozes, produziu novos textos. Os alunos tiveram autonomia para questionar ou não o capítulo escolhido. Sob a ótica de Bakhtin, esse processo dialógico, entre leitor e autor se completam por meio de palavras e de mundo. Há não apenas o encontro entre leitor e autor, mas na

incorporação do leitor perante o texto. Dois tempos, dois espaços diferentes que deram origem a um novo texto. Para Jauss (1979), a recepção se faz no encontro entre o leitor contemporâneo e o autor, bem como na trajetória histórica da obra literária.

A oficina 10 foi resultado da comparação de quatro adaptações da obra “Dom Quixote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes sendo elas de Leonardo Chianca, Ferreira Gullar, Orígenes Lessa e Isabel Vieira.

Quadro 47 - Comparativo das adaptações do livro “Dom Quixote de la Mancha”

1-Qual foi o texto mais difícil para ler?		2-Motivo da dificuldade	3-Texto que mais gostou
D2	Leonardo Chianca	Orígenes Lessa	
	X		Letras pequenas, livro grosso
Diferenças: capítulos e no enredo.			
D3	Leonardo Chianca	Ferreira Gullar	
		X	Linguagem mais formal
Diferenças: linguagem usada na adaptação de Ferreira Gullar é mais formal. Quanto ao livro do Chianca é mais engraçado e divertido.			
D4	Leonardo Chianca	Orígenes Lessa	
		X	Linguagem
Diferenças: capítulos e no enredo. (faltam personagens no texto do Leonardo Chianca)			
D5	Leonardo Chianca	Orígenes Lessa	
		X	Linguagem
Diferenças: No enredo, o texto do Leonardo Chianca é mais resumido.			
D6	Leonardo Chianca	Isabel Vieira	
	X		
Diferenças: O texto da Isabel Vieira é muito resumido.			
D7	Leonardo Chianca	Orígenes Lessa	
		X	Linguagem
Diferenças: Nome dos capítulos, total de páginas e o enredo. (NO livro de Lessa, o padre se veste de escudeiro e o barbeiro de donzela. No livro de Chianca, o padre se veste de donzela e o barbeiro de escudeiro.			
D9	Leonardo Chianca	Ferreira Gullar	
		X	Linguagem
Diferenças: No enredo, o texto do Leonardo Chianca é mais resumido. A linguagem do outro parece mais antiga			
D10	Leonardo Chianca	Ferreira Gullar	
		X	A linguagem
Diferenças: No enredo, o texto do Leonardo Chianca é mais resumido. No livro de Gullar um personagem recebe o nome “Ginês de Pasmontes” e no de Chianca “Gil de Passamonte.”			

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à primeira pergunta destacada no quadro, os participantes elencaram um grau de dificuldade elevado, visto as diferenças entre as obras. Para as duplas que ficaram com a tradução de Ferreira Gullar, as dificuldades foram maiores ainda, diante do fato do livro não apresentar título para os capítulos.

Em geral, as diferenças destacadas pelos grupos foram superficiais, como algumas passagens da fala de personagens e o número do capítulo. A dupla 9 ponderou que a adaptação de Leonardo Chianca apresentava a história de forma mais resumida comparada à de Ferreira Gullar. Relatou ainda que a linguagem da adaptação de Ferreira Gullar aparentava ser mais antiga. A dupla apresentou as passagens fazendo a comparação.

Quadro 48 - Comparativo - Dupla 9

Adaptação de Leonardo Chianca	“Se não nos disser onde deixou o Senhor Quixada, pensaremos que você matou pra roubar-lhe seu cavalo.”
Adaptação de Ferreira Gullar	“Se não contares, pensaremos que o mataste roubando-lhe Rocinante.”

Fonte: dados da pesquisadora

Os participantes, ainda fizeram uma relação quanto aos estudos linguísticos, mesmo sem a abordagem da pesquisadora. Foi citado pela dupla o uso dos verbos, do pronome pessoal do caso oblíquo e da linguagem formal e informal.

Nesta dupla, verificamos uma identificação maior com o texto de Ferreira Gullar, devido à uma estética mais rebuscada e rica em detalhes. Dado esse que vem ao encontro da quarta etapa do método recepcional.

Quadro 49 – Comparativo - Dupla 7

Adaptação de Leonardo Chianca	“Como conheciam bem o espírito das histórias de cavalaria pensaram o seguinte: o padre se disfarçaria de donzela e o barbeiro de escudeiro.” p. 63
Adaptação de Orígenes Lessa	“Fizeram um plano complexo. O padre se disfarçaria em mulher, o rosto coberto. O barbeiro se transformaria no fiel escudeiro de uma donzela e iria pedir proteção do ilustre fidalgo contra seus inimigos. Assim o encaminhariam para a sua asa e cuidariam dele. Feito o plano, modificado um pouco (a “donzela” seria o barbeiro...)” p. 75

Fonte: dados da pesquisadora

Para a dupla 7 o que mais chamou a atenção foi a vestimenta do padre, considerando-a muito estranha para a postura de um sacerdote. A turma em geral demonstrou estranheza quanto ao fato de o padre querer se vestir de mulher, mesmo que fizesse parte de um plano para levar Dom Quixote de volta para sua casa. Diante a esta explanação ressaltamos a influência política, social e religiosa na interação entre a obra e o leitor.

A dupla 3 não conseguiu visualizar maiores diferenças entre os textos de Gullar e Chianca, destacando as diferenças entre os capítulos, somente ressaltaram que a linguagem utilizada por Chianca é mais fácil e divertida para ler. Afirmaram que a versão de Gullar era mais complicada para entender, as palavras utilizadas eram mais complexas. O A13 cita um trecho do livro de Gullar para demonstrar que o uso dos pronomes pessoais do caso oblíquo foi um complicador para que compreendesse a história.

A dupla 4 que também ficou com a adaptação de Orígenes Lessa relatou que além das observações já citadas pela dupla 7, destacou a inexistência do personagem Dom Fernando na adaptação de Leonardo Chianca. Os participantes desta dupla destacaram que gostaram mais da adaptação de Orígenes Lessa, por ser mais completa. Relataram ainda um comparativo em relação ao número de páginas.

Quadro 50- Comparativo quanto ao número de páginas- Dupla 4

Orígenes Lessa	
Título do capítulo	Número de páginas
Novos Rumos	6
Retorno à hospedaria	4
Retorno à aldeia	4
Leonardo Chianca	
Título do capítulo	Número de páginas
Uma carta para Dulcinéia	4
Liberdade aos prisioneiros	4
Um plano para levar dom Quixote de volta para casa.	2

Fonte: dados da pesquisadora

A dupla 6 que ficou com a versão de Isabel Vieira declarou que o texto de Leonardo Chianca apresentava uma versão mais completa, por conseguinte mais interessante. A dupla destacou como diferenças: título e volume dos capítulos. Salientaram que não há um capítulo específico que trate da carta que Dom Quixote escreveu para Dulcinéia. Para a dupla o que mais chamou a atenção foi justamente a ausência da carta que o personagem Dom Quixote escreveu para sua amada.

Por fim, podemos concluir que durante a quarta etapa do método recepcional os alunos já apresentaram uma postura questionando em relação aos textos apresentados, principalmente no que se refere à adaptação de Leonardo Chianca.

4.5 Ampliação do horizonte de expectativas

Para a última etapa do método recepcional foram desenvolvidas cinco atividades acerca dos capítulos 17 ao 22, que visaram a ampliação do horizonte de expectativas. Todavia, para análise foram selecionadas duas atividades, sendo elas: 1. Produção textual. 2. Explanação oral. Nesta etapa, os alunos já conseguiam relacionar o texto lido ao meio social de forma crítica.

Quadro 51 - Ampliação do horizonte de expectativa leitor por meio da interação

	Interação entre obra-leitor e leitor-leitor
P	Após se cansar da ocupação de governador Sancho Pança dirigiu-se à estrabaria e abraçou quem?
A1	Ele estava como rei; ele abraçou o burro.
A5	Professora, os dois eram amigos, imaginei que o Sancho Pança fosse abraçar o Dom Quixote. Nada a ver com abraçar um burro.
P	Gente, mas lembrem que Sancho Pança era fiel... não seria diferente com o “Malhado”. Quando vocês saem para viajar e ficam longe de seu animal de estimação, qual é a reação deles ao verem vocês novamente? Seu animalzinho fica feliz em te ver? Você vai brincar com ele logo que chega da viagem?
A17	Acho falta do meu cachorro quando viajo. Quando chego ele fica atrás de mim. Só pára quando brinco com ele.
A5	Verdade.
P	Vocês conhecem algum livro que trata da relação entre o homem e o animal?
A1	Agora não lembro, professora. Só me lembro das fábulas, mas nenhuma que fale do amor dos homens aos animais.
A17	“Marley e eu”, mas só vi o filme.
P	Sim, tem o filme também. A partir do livro que surgiu o filme. Esse livro tem na biblioteca municipal.
A1	Muito bom o filme. Verdade tem o livro.

Fonte: dados da pesquisadora

De acordo com o quadro 51, verificamos a ampliação do horizonte leitor dos alunos ao relacionarem uma passagem do livro ao valor amizade, dentro de um contexto atual. Segundo Bordini e Aguiar (1993), nesta etapa, os leitores transpassam o conteúdo escolar, entrelaçando o meio social. Salientamos ainda, que levam para o meio onde estão inseridos aprendizagens e leituras aprendidas na escola. É mistura da voz do outro à sua voz, como afirma Bakhtin (1988).

No que diz respeito ao dialogismo, observamos uma relação entre o texto lido e o filme “Marley e eu”, no que tange a amizade entre o “malhado” e “Sancho Pança.” Todavia, os alunos desconhecem a existência do livro, conforme fala da pesquisadora.

Uma outra passagem que demonstra essa ampliação de leitura é na fala do A5, quando questiona o comportamento do personagem ao deixar de abraçar seu amigo para abraçar um animal. Neste apontamento o leitor se coloca no lugar do personagem refutando a ideia exposta no texto. Em meio a esta dialogia, observamos uma intervenção menor da pesquisadora, visto que os alunos já conseguem interagir

entre si, debatendo o capítulo estudado, dado esse, que indica e comprova o sucesso no alcance dos resultados.

Já quanto à atividade de produção textual, analisamos 4 textos, tendo como objetivo demonstrar a ampliação do horizonte de expectativas, bem como a presença do dialogismo entre o leitor e a obra “Dom Quixote.” Para melhor organização, primeiramente apresentamos os textos originais, seguidos pela transcrição, para após expor as análises dos dados produzidos.

Figura 9 - Produção textual – A6

HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

A vida do Dom Quixote



Dom Quixote na sua vida no castelo, com o Duque e o Donzela, resolveram comer e beber muitos até que foram dormir.

Depois de dormir, Dom Quixote acordou para sair com seu cavalo, Rocinante, para partir em mais aventuras, mas Duque e Donzela foram correndo atrás de Dom Quixote e perguntaram:

— Onde você está, meu senhor? — perguntou Duque preocupado.

— É mesmo, onde você está indo, Dom Quixote? — perguntou a Donzela preocupada.

Dom Quixote respondendo com medo:

— É... é... Eu vou só ali nas árvores para pegar algumas mangas para o pa-ra-ra o banquete.

Após isso, Dom Quixote foi “pegar” as mangas mas ele esperou o Duque e a Donzela entrarem para dentro do reino, quando eles entraram, Dom Quixote saiu correndo com Rocinante em busca de novas aventuras e ele foi atrás de seu parceiro Sancho.

Quando ele achou Sancho, no seu reino, ele foi logo falando com Sancho:

— Sancho, venha comigo em busca de novas aventuras! Por favor Sancho!

Sancho então respondeu:

— Não meu amigo, meu, pois estou numa vida muito boa, com empregados, guardas e...

Quando Sancho falou que ele tinha empregados, uma companheira passou e Dom Quixote viu e pensou que era Dulcinea e deu-lhe um beijo e ela ficou sem entender nada e todos saíram de Dom Quixote.

Fonte: arquivo da pesquisadora

A vida do Dom Quixote

Dom Quixote na sua vida no castelo, com o Duque e o Donzela, resolveram comer e beber muitos até que foram dormir.

Depois de dormir, Dom Quixote acordou para sair com seu cavalo, Rocinante, para partir em mais aventuras, mas Duque e Donzela foram correndo atrás de Dom Quixote e perguntaram:

- Onde você está, meu senhor? - perguntou Duque preocupado
- É mesmo, onde você está indo, Dom Quixote? - perguntou a Donzela preocupada:

Dom Quixote, respondendo com medo:

- É é-é-é... Eu vou só ali nas árvores para pegar algumas mangas para-o, pa-ra-ra o banquete.

Após isso, Dom Quixote foi “pegar” as mangas mas ele esperou o Duque e a Donzela entrarem para dentro do reino, quando eles entraram, Dom Quixote saiu correndo com Rocinante em busca de novas aventuras e ele foi atrás de seu parceiro Sancho.

Quando ele achou Sancho, no seu reino, ele foi logo falando com Sancho:

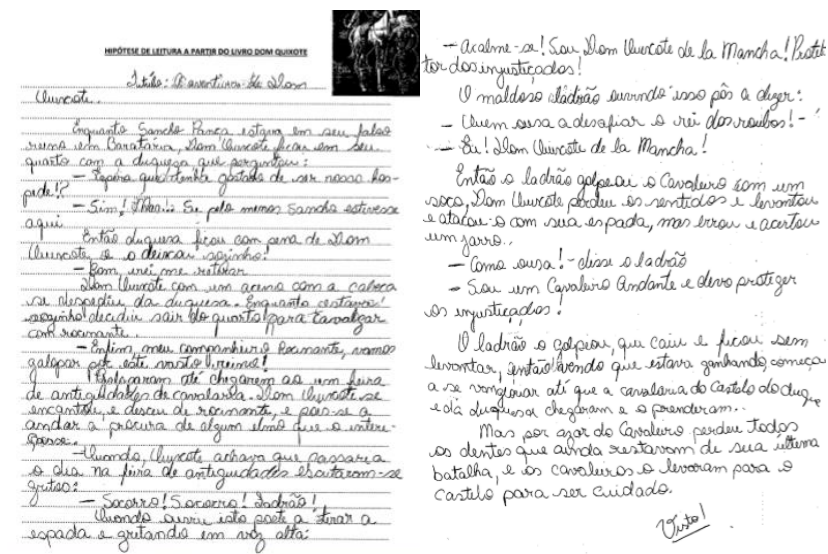
- Sancho venha comigo em! busca de novas aventuras! Por favor Sancho!

Sancho então respondeu:

- Não, meu antigo mestre, pois estou numa vida muito boa, com empregadas, guardas e só.

Quando Sancho falou que ele tinha empregadas, uma empregada passou e Dom Quixote viu e pensou que era Dulcinea e deu-lhe um beijo e ficou sem entender nada e todos riram de Dom Quixote.

Figura 10 - Produção textual - A16



HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

Título: As aventuras de Dom Quixote

Quixote...

Enquanto Sancho Pança estava em seu falso reino em Baratária, Dom Quixote ficou em seu quarto com a duquesa que perguntou:

- Espero que tenha gostado de ser nosso hospede!?

- Sim! Mas!.. Se pelo menos Sancho estivesse aqui.

Então duquesa ficou com pena de Dom Quixote e o deixou sozinho.

- Bom, irei me retirar.

Dom Quixote com um aceno com a cabeça se despediu da duquesa. Enquanto estava sozinho decidiu sair do quarto para cavalgar com rocinante.

- Enfim meu companheiro Rocinante, vamos galopar por este vasto reino!

Galoparam até chegarem a uma feira de antiguidades de cavalaria. Dom Quixote se encantou, e desceu de rocinante, e pôs-se a andar a procura de algum elmo que o interessasse.

- Quando, Quixote achava que passaria o dia na feira de antiguidades escutaram-se gritos:

- Socorro! Socorro! Ladrão!

Quando ouviu isso pôs a tirar a espada e gritando em voz alta:

- Acalme-se! Sou Dom Quixote de la Mancha! Protetor dos injustiçados!

O maldoso ladrão ouvindo isso pôs-se a dizer:

- Quem ousa a desafiar o rei dos roubos! -

- Eu! Dom Quixote de la Mancha!

Então o ladrão golpeou o cavaleiro com um soco, Dom Quixote perdeu os sentidos e levantou e atacou-o com sua espada, mas errou e acertou com um jarro.

- Como ousa! - disse o ladrão.

Fonte: arquivo da professora

Título: As aventuras de Dom Quixote

Enquanto Sancho Pança estava em seu falso reino em Baratária, Dom Quixote ficou em seu quarto com a duquesa que perguntou:

- Espero que tenha gostado de ser nosso hospede!?

- Sim! Mas!.. Se pelo menos Sancho estivesse aqui

Então duquesa ficou com pena de Dom Quixote e o deixou sozinho:

- Bom irei me retirar

Dom Quixote com um aceno com a cabeça se despediu da duquesa. Enquanto estava sozinho decidiu sair do quarto para cavalgar com rocinante.

- Enfim meu companheiro Rocinante, vamos galopar por este vasto reino!

Galoparam até chegarem a uma feira de antiguidades de cavalaria. Dom Quixote se encantou, e desceu de rocinante, e pôs-se a andar a procura de algum elmo que o interessasse

- Quando, Quixote achava que passaria o dia na feira de antiguidades escutaram-se gritos:

- Socorro! Socorro! Ladrão!

Quando ouviu isso pôs a tirar a espada e gritando em voz alta:

- Acalme-se! Sou Dom Quixote de la Mancha! Protetor dos injustiçados!

O maldoso ladrão ouvindo isso pôs-se a dizer:

- Quem ousa a desafiar o rei dos roubos! -

- Eu! Dom Quixote de la Mancha!

Então o ladrão golpeou o cavaleiro com um soco, Dom Quixote perdeu os sentidos e levantou e atacou-o com sua espada, mas errou e acertou com um jarro.

- Como ousa! - disse o ladrão

- Sou um Cavaleiro Andante e devo proteger os injustiçados!

O ladrão o golpeou, que caiu e ficou sem levantar, então vendo que estava ganhando, começou a se vangloriar até que a cavalaria do castelo do duque e da duquesa chegaram e o prenderam.

Mas por azar o cavaleiro perdeu todos os dentes que ainda restavam de sua última batalha, e os cavaleiros o levaram para o castelo para ser cuidado.

Diante dos textos do A6 e A16, observamos que a ampliação se encontra presente no léxico utilizado pelos alunos, que correspondem ao tempo e espaço da obra “Dom Quixote”. No texto do A6, o uso de palavras, como “meu senhor”, “duque”, “donzela”, “banquete” e “antigo mestre” que denotam a relação do texto produzido e de seu autor à obra lida. O mesmo, observamos no texto do A16, com o uso dos termos: “cavalgar”, “elmo”, “vasto reino”, “com um aceno da cabeça”, “cavaleiro andante”, “golpeou”, “cavalaria”, “batalha”, “antiguidades”. No texto do A16, observamos, ainda, a presença do valor solidariedade, nas passagens: “Então a duquesa ficou com dó de Dom Quixote e o deixou ir sozinho.”; “-Acalme-se! Sou Dom Quixote de la Mancha! Protetor dos injustiçados! Em ambos os textos, embora os alunos tenham citado alguns elementos textuais da obra “Dom Quixote” conseguiram criar um novo enredo.

Figura 11 - Produção textual- A8



Fonte: arquivo da pesquisadora

Título: Dom Quixote a procura de seu escudeiro

Após à partida de Sancho Pança, Don Quixote ficou sozinho no castelo apenas com a companhia de duas duquesa. Deitado em sua solene cama Quixote ficava pensando o que fazia Sancho governando um reino sem sua ajuda, pois afinal, era ele que guiava e orientava seu fiel escudeiro. Se * ¹² pensava que sancho precisava de sua ajuda, então resouel que iria sair as escondidas em Busca de Sancho enquanto todos dormiam, Ficou horas trancado

¹² * - o símbolo representa que a palavra não foi transcrita, por questões de grafia.

em seu aposento pensando em seu engenhoso Plano e ao cair a noite Pose a por tudo em pratica, pegou um cavalo no celeiro e colocou no lugar de rocinante preparou Tudo e saiu a caminho de Barataria onde se encontrava Sancho.

No caminho Dom Quixote encontrou dois valentões que ocupavam sua passagem, pensando ser ajudantis de “fristão” Dom Quixote resolveu vacas:

- Venham lutar comigo seus gigantes deboxado! Isso si são homens de verdade.

Mas como sempre seu entusiasmo só servil para sair estrupiado... E dom Quixote saiu marcando e foi procurar ervas para fazer seu milagroso Balsamo de Ferrabras, o tomou e se encostou em uma pedra para tirar e em seguida partir novamente em busca de seu fiel Escudeiro.

Figura 12 - Produção textual - A11



Fonte: arquivo da pesquisadora

A amizade reina!

Enquanto Sancho Pança foi governador de Barataria Dom Quixote saiu do reino e foi lutar com os moinhos de vento mas... algo aconteceu!

O Dom Quixote pulou nos moinhos de vento e as suas roupas no moinho e conforme o moinho de vento que ele achava que era gigantes girava lançou pra longe. Junto com seu burro Dom Quixote ficou furioso ele não queria perder pro gigante, por mais que ele era pequeno ele achava que podia muito bem enfrentar aquele gigante então ele voltou para onde estava o tal “gigante” e subiu no seu burro e foi com a espada lutando com o gigante!

Mas... como o Dom Quixote e o Sancho Pansa eram melhores amigos ele foi até la para convencer de que aquilo eram moinhos de vento, mas Dom Quixote falou para ele o que você está fazendo aqui? Não era pra você esta no castelo? Dom quixote falou.

- A nossa amizade é mais importante do que qualquer coisa por isso estou aqui!

- Você é o melhor amigo que alguém poderia ter.

No que se refere aos textos do A8 e A11, observamos maior dificuldade na autonomia da produção textual, todavia dialoga com a obra Dom Quixote e ressalta o valor “amizade”. A livro lido se faz presente em todo o enredo do aluno ao citar elementos “espaço” e “personagens”. Constatamos que, os dois textos apresentados não apresentaram nenhuma outra passagem externa à obra.

Em geral, os quatro textos não alteraram as características psicológicas do personagem principal, como podemos constatar nas passagens: A6, “- Sancho venha

comigo em busca de novas aventuras!"; A8, "Mas como sempre seu entusiasmo só servil para sair estrupiado." A11, " Dom quixote ficou furioso ele não queria perder para o gigante por mais que ele era pequeno ele acha que podia mais[...]."; A16 "Sou um cavaleiro andante e devo proteger os injustiçados."

Nos textos produzidos, verificamos a inserção do outro, ao incorporarem neles discursos que se fazem presentes no meio social em que estão inseridos. Há neste discurso a produção e reprodução das vozes já existentes. O discurso existente não teve início no aluno, mas sim em outros.

Ainda salientamos que numa obra de ficção, como Dom Quixote, com tempo, espaço, personagens descontínuos, os leitores sentem a necessidade de ligar esses elementos. Assim, completam esses espaços, que Iser (1996) chama de lacuna, com intervenções próprias, tornando-se coautor da obra.

Por fim, é pertinente destacar que todos os participantes conseguiram escrever, tendo como foco principal o herói Dom Quixote, todavia nem todos conseguiram atingir o objetivo proposto que foi inserir mais uma passagem na adaptação do livro lido.

A segunda oficina contou com três atividades orais e uma escrita. Estiveram presentes nesta oficina dezoito participantes.

Para demonstrar a comprovar a quinta etapa do método recepcional, realizamos um recorte das falas dos alunos que são decorrentes da interação entre obra, aluno – leitor e pesquisador.

Quadro 52 - Ampliação do horizonte leitor, a partir da leitura dos capítulos 19, 20, 21 e 22

Participantes- Alunos/pesquisadora	Leitura do aluno/ pesquisadora
P	Qual a sensação de terem encerrado a leitura do livro? Vocês gostaram do final?
A1	Ele morreu e não tivemos um final feliz, como esperado geralmente. Ele era louco.
A13	Não gostei do final. Por que ele tinha que morrer?
A17	É o que geralmente acontece com os pobres. Eu gostei, foi real.
A12	Gosto quando ele é reconhecido pelos bandidos. Ele ficou famoso.
A17	Nesse momento, o bandido devolve tudo para Dom Quixote. Ele rouba dos ricos e dá aos pobres. É igual a história de Robin Hood.
A1	Parece mesmo ser Robin Hood. Ele já existia? [...]
P	Vocês têm ideia de quanto tempo durou a viagem de Dom Quixote e Sancho Pança a Barcelona? Lembrem-se que foram a cavalo.
A12	Ele gostou de lá, tinha festa.
A1	Ele foi humilhado nesse passeio. Não era festa.
P	Já se sentiram enganados, traídos ou enganados em um lugar que não conheciam? Como nos sentimos quando vamos a um lugar que não conhecemos?

A1	Ficamos na nossa! Fico num canto só observando.
A20	A gente fica com medo, foi isso que aconteceu com Sancho Pança.
A12	Não, ele foi ao desfile com Dom Quixote, se sentiram importantes.
P	Será A12.
A12	Eu acho que sim
P	Agora falamos um pouco sobre a cidade de Barcelona e São Paulo. O que está acontecendo na Espanha hoje, que vemos na televisão.
A1	Estão chegando muitos refugiados. Eles estão fugindo da guerra. Não lembro o nome de onde eles tão vindo.
P	Sim- A Espanha como vimos é um país pequeno comparado ao Brasil, sua população talvez seja parecida com a do nosso estado, em torno de quarenta milhões.
A17	Nossa, bem pequeno.
P	Se comparado ao Brasil sim. Vamos pensar...podemos relacionar a chegada de Dom Quixote a Barcelona com a chegada dos migrantes nas grandes cidades brasileiras como São Paulo?
A15	Depende professora, Dom Quixote era muito sonhador
A4	Ele era sonhador, mas as pessoas quando mudam de cidade, também sonham com uma vida melhor.
P	Então, somos sonhadores igual ao Dom Quixote?
A4	Sim
A1	Quando as pessoas vão para São Paulo chegam pensando que vai ser mil maravilhas, mas não é assim. A vida na cidade grande é difícil.
P	Será que é fácil mudar de cidade, chegar num lugar estranho sem conhecer ninguém? Será que foi fácil para Dom Quixote? Temos que confiar nos outros. É preciso confiar nos estranhos e ter esperança?
A17	Mas professora, nem sempre dá certo. As pessoas muitas vezes enganam as outras.
A1	O Dom Quixote confiou em Dom Antônio e foi feito de bobo da corte.
A14	Mas ele gostou de lá. Lá ele ainda encontrou um outro cavaleiro e o desafiou.
A1	Era o cavaleiro da lua branca... outra farsa...
P	Gente, vocês estão falando sobre traição, farsa. Esse comportamento está comum entre os nós, seres humanos?
A17	É só ouvir pai e mãe conversar. Minha vó sempre diz que devemos ter cuidado com quem andamos.
A5	As pessoas não são verdadeiras. São aproveitadoras.
P	Como vocês se sentiriam se estivessem no lugar de Dom Quixote e Sancho Pança?
A1	Muito mal.
A5	Eu iria ficar muito triste, pois isso que fizeram com ele é bullying.
A17	Teria vontade de sumir.
P	Se sentir enganado não é um sentimento legal, então?
A1	Não, professora.
A2	As pessoas deveriam respeitar mais as outras. Não gostaria que fizessem isso comigo.
P	Qual era o sonho de Dom Quixote?
A1	Fazer justiça.
P	A1, ele conseguiu?
A1	Não, pois não tem como mandar nas atitudes das pessoas. Ele era um louco.
P	Para termos um lugar justo, o que seria preciso?
A8	Paz.
A7	Honestidade.
A14	Saúde.
A3	Emprego.
A6	Boa escola
A5	As pessoas precisam ser verdadeiras, ter Deus.
A1	Menos corrupção, políticos limpos.

P	Ao se tratar de Sancho Pança, qual sua importância na vida de Dom Quixote?
A4	Amizade, lealdade e fidelidade.
A20	Ele era o melhor amigo de Sancho Pança.
P	Sancho Pança também era um sonhador?
A17	Era sim, tanto que conseguiu trazer dinheiro para casa e ainda recebeu uma herança do amigo Dom Quixote.
P	Para finalizar nossa conversa, poderiam me dizer quem, na opinião de vocês, poderia representar nosso Dom Quixote hoje? Por quê?
A7	Na minha opinião seriam os presidentes, mas em vez de ajudar eles tiram da gente.
A10	Os presidentes. Eles querem fazer justiça do gosto deles. Na maioria é o jeito errado. Era para eles cuidarem do país.
A12	Nos dias de hoje ninguém poderia ser meu herói.

Fonte: dados da pesquisadora

Observamos a ampliação do horizonte de expectativas por meio da fala dos alunos ao realizarem conexão com outras obras, bem como com tema, que trata de situações do ambiente social. Logo, percebemos que a leitura transpassou os muros da escola, as páginas do livro.

Houve a presença de um olhar mais crítico e desconfiado do leitor, no que se refere à obra e ao meio em que está inserido. Os alunos A1 e A17 questionaram a sanidade mental do protagonista, como também atribuíram a ele vários adjetivos valorizando a ética e amizade. Fizeram um paralelo da obra “Dom Quixote à situação atual no Brasil e até mesmo do país de origem da obra. O A17 citou a situação política e social atual dos refugiados que chegam à Espanha, as famílias que se mudam à busca de melhoria para a família. Nesta explanação, também, salientamos a relação com o personagem Sancho Pança, que somente aceitou o desafio de Dom Quixote, visando o bem-estar de sua esposa e filhos. Dessa forma, verificamos a ampliação de visão de mundo ao relacionarem o texto lido a valores éticos e sociais, como: saúde, solidariedade, amizade, honestidade.

Ainda, identificamos a ampliação de leitura, também, no momento em que o A1 enxergou um outro personagem, “Robin Hood”, devido à sua postura no texto com Dom Quixote. Nesse passo, a ampliação de leitura, dá-se por meio da própria literatura.

Perante a esta inserção, destacamos, que os textos, também dialogam entre si, promovendo o dialogismo interdiscursivo, assim, como os leitores dialogam com os textos e com outros leitores.

Constatamos os diferentes olhares e leituras, em relação a um mesmo texto, assim como, averiguamos como se deu o processo de interação dialógica entre os

participantes e as obras e entre si. Por fim, apuramos as diferentes vozes que integraram um novo texto, uma nova leitura de um novo Dom Quixote.

4.6 Resultado avaliativo da aplicação das oficinas literárias, sob ótica dos participantes da pesquisa

Nesta etapa da pesquisa, estiveram presentes catorze alunos, onde puderam avaliar as oficinas literárias, bem como se autoavaliarem, conforme comportamento leitor. Para apresentação, os resultados foram organizados em quadros seguidos pela análise.

Quadro 53 - Atendimento ao perfil leitor dos participantes da pesquisa

Questão 1-Você gostou da obra escolhida para o projeto de leitura? Questão 2- Justifique sua resposta		
Aluno	Resposta	Justificativa
A1	Um pouco	Por causa da morte de Dom Quixote.
A3	Sim	Porque gosto de aventuras, como as que Dom Quixote presenciou.
A4	Sim	Porque ele é aventureiro. Eu gosto de aventura.
A5	Sim	Porque é bem divertida e legal.
A6	Sim	Porque conta a história de dois cavaleiros muito atrapalhados.
A7	Um pouco	Gosto mais de livros atuais.
A8	Sim	Sempre tive vontade de conhecer o livro. Tive a oportunidade aqui no projeto.
A9	Não	Porque não gosto de ler.
A11	Sim	Porque a história foi divertida.
A12	Sim	Porque a história fala de cavalaria e luta.
A14	Um pouco	O livro era muito comprido.
A16	Um pouco	Não gostei da obra escolhida.
Sim	Sim	Porque eles vivem grandes aventuras.
Sim	Sim	Porque ler faz bem e foi uma atividade diferente.

Fonte: dados da pesquisadora

Constatamos que a obra principal “Dom Quixote” atendeu ao perfil leitor, sendo que apenas dois alunos não terem gostado do enredo. O A9, durante toda a pesquisa demonstrou maior resistência às atividades propostas. As aventuras do protagonista foi o que mais chamou a atenção dos leitores. Nesse momento, denotamos que a escolha da obra, realizadas pelos alunos, ratifica a fala de Bordini e Aguiar (1993), quanto às preferências de leitura.

Quadro 54 - Comportamento leitor

Questão 3 - Você leu algum outro livro neste período? Questão 3.1- Se sua resposta for sim, qual título?

Aluno	Resposta	Justificativa
A1	Não	-----
A3	Sim	Bíblia e histórias em quadrinhos.
A4	Sim	Bíblia, gibi, História de Jesus, etc.
A5	Sim	Bíblia
A6	Não	-----
A7	Sim	A seleção- Kieira Cass
A8	Sim	Diário de um banana, O único, Bíblia, Robinson Crusoe, Histórias em quadrinhos
A9	Não	-----
A11	Sim	Bíblia
A12	Sim	A turma da Mônica
A14	Sim	Crepúsculo e Branca de Neve
A16	Sim	A hora do espanto: o espantinho
A17	Sim	A Bíblia e as histórias em quadrinhos
A18	Sim	Cavaleiro das trevas

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto ao comportamento leitor no decorrer na pesquisa, observamos que do total de entrevistados, apenas dois não realizaram nenhum tipo de leitura paralelo ao exigido para a pesquisa. Notamos, que um deles é o A1, que apresentou um destaque significativo durante as oficinas, realizando inúmeras interpelações ao refutar, concordar e relacionar os textos lidos ao meio social. Quanto aos gêneros lidos, denotamos que a bíblia esteve presente na rotina de seis alunos, como também, as histórias em quadrinhos foi opção de leitura de cinco alunos. Averiguamos que o A8 citou a leitura de cinco textos diferentes, porém não foi averiguado, se a leitura foi ou não na íntegra. Logo concluímos que a leitura foi presente na rotina dos alunos, inclusive de modo autônomo.

Quadro 55 - Recepção das oficinas literárias, sob ótica dos alunos

Questão 4- Você gostou das oficinas que realizamos?		
Questão 5- Qual foi a oficina que mais gostou? Por quê?		
Aluno	Resposta	Resposta e justificativa
A1	Sim	A oficina do esquete porque interagimos mais com o livro.
A3	Sim	Gostei de duas, sendo a do esquete e a da maquete. Não justificou o motivo
A4	Sim	Gostei da oficina da maquete porque pudemos produzir uma cena que gostamos. Foi muito legal montar a maquete!
A5	Sim	Gostei da oficina da maquete. Foi muito divertido e legal montar a maquete, pensar na cena.
A6	Sim	A oficina que mais gostei foi a da maquete, pois foi muito divertido escolher um trecho do livro para a construção do trabalho.
A7	Sim	A oficina da maquete. Não houve justificativa
A8	Sim	A da esquete porque me diverti muito com a produção e a apresentação.
A9	Sim	As oficinas da esquete e maquete. Não houve justificativa.
A11	Sim	A oficina da maquete porque foi divertido fazer.
A12	Sim	Maquete. Não houve justificativa
A14	Sim	A oficina que falou do livro de Robin Hood. Tenho vontade de ler o livro.

A16	Sim	Gostei da maquete porque fizemos um trabalho em dupla e apresentamos. Foi muito divertido!
A17	Sim	A oficina do esquete. Não houve justificativa.
A18	Sim	Da maquete porque a gente teve que construir os personagens.

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto às estratégias utilizadas para a aplicação do método recepcional, todas as oficinas atenderam às expectativas dos alunos. Todavia, as oficinas lúdicas foram as mais significativas, devido ao prazer proporcionado na confecção de personagens e até mesmo na interação. Para Huizinga (2000), a literatura deveria participar mais com atividades lúdicas, visto que contribuem para a formação global do indivíduo.

Vale ressaltar que ao mesmo tempo que rompemos com o horizonte do leitor, com a apresentação de uma adaptação da literatura universal, também mediamos com estratégias, que contribuíram para a sua compreensão. A escola é o espaço onde deve se construir elos entre os textos de entretenimento e os mais complexos. (PCN, 1998).

Quadro 56- Recepção da obra “Dom Quixote”

Questão 6- Você acredita que as oficinas ajudaram você a compreender melhor o texto?			
Questão 7- A história de Dom Quixote correspondeu à sua expectativa do início do livro?			
Questão 8- Você acredita que a leitura do livro tenha ajudado você a conhecer um pouco mais sobre história, cultura e valores?			
Participante	Questão 6	Questão 7	Questão 8
A1	Sim	Não	Sim
A3	Sim	Não	Sim
A4	Sim	Sim	Sim
A5	Sim	Sim	Sim
A6	Sim	Sim	Sim
A7	Sim	Sim	Sim
A8	Sim	Sim	Sim
A9	Sim	Sim	Sim
A11	Sim	Não	Sim
A12	Sim	Sim	Sim
A14	Sim	Sim	Sim
A16	Sim	Não	Não
A17	Sim	Sim	Sim
A18	Sim	Sim	Sim

Fonte: dados da pesquisadora

No que tange às respostas da questão seis, foi unânime a receptividade, visto a contribuição para a compreensão da obra. Nesse empo, podemos destacar que ler textos mais complexos não impede o prazer pela leitura, visto que a leitura de mundo do aluno foi respeitada. Para Iser (1996) o texto familiar auxilia na compreensão dos textos complexos, mas o complexo, por sua vez, reestrutura o familiar.

A questão oito respondeu ao dialogado na oficina doze, demonstrando que o final mais realista da obra não correspondeu às expectativas de leitura de quatro alunos.

Quanto à ampliação do horizonte de expectativas, esta é observada pelos alunos diante dos temas estudados no decorrer da leitura. O A5 salientou que aprendeu muito sobre geografia e história na leitura do Dom Quixote; o A14, destacou que não imaginava que existissem livros tão antigos. O A17 destacou que o livro falou de valores como amizade, solidariedade e honestidade. Destacou ainda, que se fosse ler o livro sozinho teria desistido logo no início. Ler junto com os demais colegas e com a pesquisadora foi o que tornou a leitura mais fácil.

Diante desta observação, denotamos a importância do ensino da leitura literária, pois trata de um ensino que humaniza. A literatura tem o dom de alfabetizar o ser humano, de modo que ultrapassa as letras e páginas de um livro à leitura do mundo. A leitura de uma obra literária não acontece apenas no momento em que se decodifica uma palavra, uma frase, mas permanece viva no leitor.

Quadro 57 - Novas propostas de leitura

Participantes	Questão 9- Após a leitura do livro Dom Quixote, qual livro, você gostaria de ler?
A1	Sim- Deltora Quest
A3	Sim- Harry Potter
A4	Sim- O menino maluquinho
A5	Sim- Crepúsculo
A6	Sim- Crepúsculo
A7	Sim- Jogos verazes
A8	Sim- Robin Hood, Crepúsculo
A9	Não
A11	Sim- Crepúsculo
A12	Sim-Robin Hood
A14	Sim- Crepúsculo
A16	Sim- Robin Hood
A17	Sim- não especificou o título
A18	Sim- não especificou o título

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à obra que gostariam de ler percebemos a presença da leitura de cultura de massa, sendo citado “Crepúsculo” de Stephenie Meyer, “Harry Potter” de J.K Rowling. O livro “Robin Hood” foi citado cinco vezes. Um dos participantes justificou sua escolha pautada na curiosidade, pois gostaria de saber se o livro citado era divertido. Esta pergunta teve por objetivo buscar novas leituras, que atendessem a um perfil leitor mais complexo, no que diz respeito ao gênero, tema ou composição.

Quadro 58 - Avaliação da pesquisa

Questão 10- Que nota você atribuiria para este projeto? Por quê?	
Participante	Resposta dos participantes
A1	8, sem justificativa
A3	10, porque gostei muito
A4	10, porque foi muito divertido, houve aprendizagem.
A5	1000, amei muito!
A6	8, porque gostei das atividades.
A7	10, porque foi muito legal
A8	10, porque adoro ler.
A9	10, legal, mas eu não gosto de ler.
A11	9, não gosto de ler.
A12	9, porque foi muito divertido.
A14	9,5, não houve justificativa.
A16	10, adorei a experiência com a obra.
A17	1000, porque foi muito divertido.
A18	10, sem justificativa

Fonte: dados da pesquisadora

Quanto à avaliação da pesquisa, constatamos que num total de “zero” a “dez”, não houve registro inferior a nota “oito”. Esteve presente nas justificativas positivas o lúdico, o prazer e o próprio gosto pela leitura.

Diante a este dado, verificamos que a prática de leitura aplicada, não apresentou resistência quanto ao desenvolvimento das atividades. Mesmo o participante A9, que durante toda a pesquisa afirmava não gostar de ler, participou das atividades. Logo, concluímos que o protagonismo permitido, pela Teoria da Estética da Recepção, ao leitor, talvez seja o diferencial no ensino da leitura literária.

As questões onze e doze, referem-se a autoavaliação do comportamento leitor, dos participantes da pesquisa, durante sua aplicação.

Quadro 59 - Autoavaliação

Questão 11- Ao final, que atribuiria a você mesmo como leitor? Por quê?		
Questão 12- Você, hoje gosta de ler?		
Participante	Questão 10	Questão 11
A1	10, porque consegui interpretar bem o livro e encontrar as coisas mais rápido que as outras pessoas”	Sim
A3	10, porque eu me dediquei muito	Sim
A4	9, porque de vez em quando eu lia meio não prestando atenção. Eu lia por ler, mas só de vez em quando. O resto eu lia com vontade.	Sim
A5	Eu dou 10 porque eu amei muito.	Sim
A6	9, porque eu leio com atenção.	Sim
A7	9, porque às vezes não conseguia ler as páginas pedidas.	Sim
A8	9,5 porque as vezes eu relaxo um pouco, mas adoro ler.	Sim, muito.

A9	De 0 a 10, não sei direito.	Um pouco.
A11	9, porque eu não gosto de ler.	Não
A12	10, porque eu consegui entender que gosto de ler.	Sim
A14	10, porque me fez refletir.	Sim.
A16	8, às vezes não termino o livro, mas quando não termino é porque não foi legal.	Sim
A17	9,5 porque na minha opinião eu interpreto bem."	Sim
A18	8, sem justificativa	Sim

Fonte: dados da pesquisadora

A questão onze levou os alunos a uma reflexão em relação à sua participação na pesquisa. Dentre os comentários, observamos que, em geral, eles se dedicaram às atividades propostas, elencando inclusive os desafios encontrados no decorrer da leitura, como: falta de atenção, vocabulário. O A9 não conseguiu se autoavaliar e o A18 não atribuiu um motivo. Bordini e Aguiar (1993) salientam que neste momento, os leitores também ampliam seu horizonte leitor ao fazerem uma comparação entre o momento final da leitura ao inicial.

No que diz respeito à última pergunta foi igual à primeira, da entrevista inicial. Objetivamos, por meio desta, um comparativo do comportamento leitor tendo como parâmetro a primeira e última etapa do método recepcional.

Quadro 60 - Dados comparativos - Entrevista inicial e final

Entrevista	Total de participantes	Respostas		
		Sim	Não	Pouco
Inicial	20	19	01	0
Final	14	13	0	01

Fonte: dados da pesquisadora

De acordo com o quadro, observamos uma mudança no perfil leitor, mesmo havendo uma diferença quanto ao número de participantes. Validamos tal afirmativa, visto que a resposta alterada na entrevista final pertence ao mesmo aluno, que elencou no início da pesquisa, não gostar de ler.

Por fim, analisamos que os procedimentos didáticos utilizados para o ensino da leitura literária foram capazes de romper com os modelos antes existentes na memória dos participantes, bem como, ampliar o horizonte leitor dos participantes, libertando-os para novas percepções.

4.7 Síntese da análise de dados

Diante dos resultados apresentados no decorrer da pesquisa, no que diz respeito à aplicação do método recepcional, de Bordini e Aguiar (1993) e do dialogismo bakhtiniano, observamos a ampliação do horizonte de expectativa dos participantes no léxico, visão de mundo, valores éticos e sociais, bem como o dialogismo entre leitor, obra e autor, respeitando a faixa etária dos participantes. Ainda, salientamos que, a prática do dialogismo foi de fundamental importância para a ampliação do horizonte leitor.

Quanto à aplicação das oficinas literárias, destacamos que aquelas que exigiram maior esforço intelectual dos participantes, tiveram menos contribuições, principalmente devido a fatores, como: a relação tempo e espaço entre obra e leitor, desconhecimento de experiência social e desconhecimento lexical.

Quanto à ruptura do horizonte de expectativas, o maior desafio foi o léxico e a distância entre leitor e obra, no que se refere ao tempo, espaço e costumes culturais. Nesse passo, salientamos que para a participação do leitor nas discussões, a mediação da pesquisadora foi de suma importância, de forma que o aluno pudesse ampliar sua leitura e mudar suas representações de mundo. Observamos a ampliação quanto ao vocabulário utilizado, principalmente no que tange ao conto “A velha contrabandista” e à obra Dom Quixote, como: Odontólogo, lambreta, alfândega, encabulado, corcel, donzela, albergue, pajem, intrépido, rocim, autodidata, taberna, bálsamo, elmo e marca página. Vale ressaltar que a ampliação lexical tem início na segunda etapa do método recepcional, seguindo até a última atividade, conforme o enredo e a interação entre leitor, obra e participantes.

No que diz respeito, à visão de mundo, a ampliação do horizonte leitor foi constatada no decorrer do enredo da obra Dom Quixote, principalmente em relação aos elementos tempo e espaço da narrativa. A partir do espaço geográfico espanhol, citado no texto, foi apresentado o clima, a flora, os costumes locais, bem como, suas diferenças comparadas ao Brasil. Verificamos, também, a ampliação leitora, em relação ao personagem Briaréu, que para muitos, era visto apenas como um personagem de um jogo de *vídeo-game*, não como representante da mitologia grega. Observamos que para muitos, a figura do cavaleiro medieval fazia parte apenas dos contos de fadas e dos filmes de aventura, não havendo relação com a História. Quanto

aos moinhos de vento foram apresentadas suas diferentes funções ao longo da história da humanidade, respeitando o tempo e espaço.

No tocante à presença dos valores éticos e sociais apontamos, que foram observados e citados no decorrer de toda a pesquisa, mas teve maior destaque a partir da oficina 11. Os participantes relacionaram a postura de “Dom Quixote” ao valor “honestidade”, visto seu comportamento ao perder as lutas e cumprir sua palavra. Os participantes ainda destacaram que ele buscava justiça, perante aos menos favorecidos. Nesse momento, os alunos, principalmente o A17 e o A1 citaram a situação política atual do país, que fere os direitos dos mais pobres (saúde, educação, salário, remédio nos postos de saúde e desvio de dinheiro público). No trabalho com os últimos capítulos os alunos ainda destacaram a “amizade” entre “Sancho Pança e Dom Quixote”, a fidelidade de Sancho Pança para com seu parceiro Dom Quixote, “paz” necessária para se viver bem numa comunidade, além da “solidariedade”.

Quanto à relação entre os participantes e divergência de opiniões podemos ressaltar que foi se adequando e ampliando no decorrer das rodas de conversa, por meio da prática do dialogismo face a face. Podemos citar, como exemplo a postura do A1, que no início da pesquisa era mais impositiva perante os colegas e ao final de pesquisa, já conseguia respeitar as opiniões alheias, principalmente em relação ao A9. Quanto à divergência de opinião, destacamos que, inclusive, contribuíram para a ampliação do horizonte leitor daqueles que tinham maior dificuldade de se expor em público, dado esse que foi verificado diante da participação do A13. Constatamos que, este participante, apresentou dez inserções orais da primeira a quinta oficina. A partir da sexta oficina, verificamos um crescimento significativo, no que diz respeito, às explanações orais, apresentando um total de trinta e quatro inserções até a décima segunda.

No que tange ao dialogismo, respeitando a faixa etária dos participantes entendemos que a ampliação se deu por meio da interação entre os participantes da pesquisa, incluindo a pesquisadora, entre o leitor e obra e entre a obra Dom Quixote e demais obras de arte. Observamos a dialogia face a face diante das diversas leituras que ocorreram no decorrer do trabalho durante as rodas de conversa e até mesmo diante das explanações orais. Quanto ao dialogismo entre leitor e obra, detectamos diante das atividades escritas e explanações orais, quando o aluno questionava a obra, ou seja, as lacunas deixadas pelo autor. Um exemplo a ser citado foi a produção textual produzida pelos alunos, como consta no apêndice 25. Nesta atividade, o aluno

deveria inserir uma passagem narrativa a Dom Quixote, enquanto Sancho Pança estava governando o reino de Baratária. Destacamos ainda interação por meio do jogo “Mico literário”, quando os alunos deveriam montar pares de cartas, de acordo com o enredo narrado. Nesse momento, os alunos não apenas realizaram a localização de informação explícita no texto, mas realizaram inferências, de acordo com seu conhecimento de mundo. Nesse momento eles muitas vezes, ao errar não concordavam com o enredo descrito, questionando-o. O dialogismo entre a obra principal e demais obras de arte esteve presente no momento em que a pesquisadora apresentou novas adaptações do livro “Dom Quixote”, bem como, sua releitura por meio de outras artes. Nesse passo, conseguiram observar as diferentes leituras de uma mesma obra em tempos e espaços diferentes, inclusive o A1 afirma que as artes se completam, conforme consta no apêndice 24, oficina 9 e linha 13. Para o A17, linha 7, os livros deveriam ser ilustrados para facilitar a compreensão do leitor. O A1 destacou uma interação entre o personagem “Dom Quixote” e “Robin Hood” devido à seguinte passagem na página 82: “Em seguida, o bandido contou a história da sua vida, argumentando que exercia seu ofício com dignidade, tirando dos ricos e nunca dos pobres”. Diante desse fato, os alunos inclusive buscaram pesquisar a história de Robin Hood, descobrindo tratar-se de uma lenda inglesa mais antiga à história de “Dom Quixote. Ainda, podemos destacar os levantamos de hipótese de leitura realizados na introdução das oficinas, a partir dos títulos atribuídos, que fazem referência ao trabalho desenvolvido e capítulos lidos.

Diante do exposto averiguamos as vozes sociais existentes na oralidade dos participantes durante as atividades aplicadas, conforme apêndice 24. Para tanto, ressaltamos as seguintes passagens.

Quadro 61- Vozes sociais dos alunos

Oficina/atividade	Participante	Vozes dos alunos
03- Leitura do texto “Maria Angula”	[27] A1	É nada professora, tem muita gente maldosa no mundo.
	[28] A19	Não sei se dessa forma, mas tem muita violência no mundo.
	[29] A13	Falta de Deus. Tem que ler a bíblia.
03- Leitura do texto “Quanta besteira o mundo tem!”	[56] A4	Eu acho que a história tem a ver sim, com a gente. Por exemplo a mulher que quer casar, ao invés de fazer o que o pai pediu ficou olhando para o machado e chorando. Lembro minha mãe, quando ela fala que tem gente que fica se lamentando ao invés de correr atrás do que quer. Eu penso igual minha mãe.
	[10] P	No texto lido, o que mais chamou a atenção de vocês?

03- Leitura do texto "O bife e a pipoca"	[11] A17	A diferença entre pobre e rico.
	[12] A10	O Tuca deveria ser bom, porque ganhou uma bolsa de estudos.
	[13] A 18	O olhar do Tuca na geladeira. Faço isso, às vezes, na casa de minha madrinha.
	[17] A13	O menino pobre trabalhava. Isso falam que não é certo. Mas pobre precisa trabalhar.
	[18] A13	Mas o que chamou mais sua atenção?
	[19] A 13	Acho que a mãe do Tuca, bêbada. Não gostei ...imaginei ser muito triste a vida do [20] Tuca, fiquei com dó.
7- Leitura dos capítulos 1, 2 e 3 da obra "Dom Quixote"- adaptação de Leonardo Chianca	[9] P	A classe sabe o que é uma donzela?
	[10] A1	Moça pura, sabe...
	[11] A13	Que nunca namorou
	[74]P	Será que hoje não podemos considerar "família", as pessoas com quem moramos, compartilhamos bons momentos?
	[75] A13	Acho que não, não é a mesma coisa.
	[76] A17	Acho que família é as pessoas que moram com a gente. O namorado da minha mãe que pode morar em casa é da família. Em casa minha família é eu, minha mãe, meu irmão mais novo e minha avó. Tem uma tia também. Tem o namorado da minha mãe, mas ele ainda não mora com a gente.
9- Leitura dos capítulos 7, 8, 9 e 10		[78] A17- Não sei direito. Mas Dom Quixote era triste na Espanha, imagina se viesse para o Brasil.
	[79] A1	Já sei, Dom Quixote ia lutar contra os políticos.
	[80] P	Alguém já se imaginou Dom Quixote, um sonhador?
	[81] A17	Já me senti um sonhador, mas sou pobre não tenho muito com o que sonhar. No Brasil pobre não é ouvido. Não tem remédio no posto. No mercado é muito caro. Não adianta reclamar professora, não muda.
	[82] A1	Não sei se sou um sonhador. Sou muito realista
	[83] A13	Eu me considero uma sonhadora. Penso no meu futuro
12- Leitura dos capítulos 19, 20, 21 e 22	[24] P	Vocês acham correto serem observados ou avaliados apenas pela roupa que vestem.
	[25] A5	Vixi, aqui na cidade, tem loja que se você não estiver bem vestida não te atende, fazem pouco caso.
	[63] P	Será que é fácil mudar de cidade, chegar num lugar estranho sem conhecer ninguém? Será que foi fácil para Dom Quixote? Temos que confiar nos outros. É preciso confiar nos estranhos e ter esperança?
	[64] A17	Mas professora, nem sempre dá certo. As pessoas muitas vezes enganam as outras
	[68] P	Gente, vocês estão falando sobre traição, farsa. Esse comportamento está comum entre os nós, seres humanos?
	[69] A17	É só ouvir pai e mãe conversar. Minha vó sempre diz que devemos ter cuidado com quem andamos.
	[70] A5	As pessoas não são verdadeiras. São aproveitadoras.
	[71] P	Como vocês se sentiriam se estivessem no lugar de Dom Quixote e Sancho Pança?
	[72] A1	Muito mal.
	[73] A5	Eu iria ficar muito triste, pois isso que fizeram com ele é <i>bullying</i> .
	[74] A17	Teria vontade de sumir.
	[77] A2	As pessoas deveriam respeitar mais as outras. Não gostaria que fizessem isso comigo.
		[96] P
		Qual era o sonho de Dom Quixote?

	[97] A1	Fazer justiça.
	[100] P	Para termos um lugar justo, o que seria preciso?
	[101] A4	Paz.
	[102] A7	Honestidade.
	[103] A14	Saúde.
	[105] A1	Menos corrupção, político limpos.
	[106] A3	Emprego.
	[107] A6	Boa escola.
	[108] A19	Menos corrupção.
	[109] A5	As pessoas precisam ser verdadeiras, ter Deus.
	[114] A2	Mais Deus no coração, com médico que atendesse todo mundo.
	[118] A17	Menos corrupção.
	[112] A18	Escola e creche.
	[111] A12	Menos briga
	[116] A11	Amizade verdadeira.
	[113] A20	Menos violência.

Fonte: dados da pesquisadora

Diante do exposto, constatamos que, as vozes sociais estiveram presentes durante toda a aplicação da pesquisa, apresentando maior destaque na última etapa do método recepcional, ou seja, nas três últimas oficinas. Dessa forma, notamos que foi na etapa da ampliação do horizonte de expectativas que os participantes conseguiram relacionar a leitura realizada ao meio social, com olhar mais crítico e transformador.

A ampliação do horizonte leitor dos participantes, aconteceu de forma gradativa, conforme eram aplicadas as oficinas literárias. Observamos que, a partir, do momento em que o conhecimento de mundo dos participantes era valorizado, mais se sentiam motivados a participar das atividades de leitura. Constatamos, dessa forma, a presença do protagonismo leitor citado por Jauss (1994).

Quanto à participação dos alunos nas oficinas, destacamos especificamente quatro casos: O A1 teve uma significativa participação em todas as oficinas apresentadas, demonstrando ter um conhecimento literário diferente aos demais participantes. O A9, mesmo afirmando não gostar de ler, demonstrou ao final da pesquisa, mudança no perfil leitor, ao interagir, em alguns momentos, com a obra e demais colegas da classe. Quanto ao A17 e A13, evidenciamos que conseguiram no decorrer da pesquisa relacionar dialogicamente a obra “Dom Quixote” aos problemas sociais vivenciados na atualidade.

Logo podemos considerar que, respeitando os diferentes níveis de conhecimento literário e intelectual, o método recepcional, por meio da Teoria da

Estética da Recepção foi capaz de ampliar as representações de mundo dos participantes, bem como sua forma para enxergá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante à problematização, ao objetivo geral e específicos propostos neste trabalho, apresentamos nossas considerações finais ao analisarmos o processo de construção da leitura literária de alunos do sexto ano do ensino fundamental, tendo como referência a Teoria da Estética da Recepção e o dialogismo para um meio pouco letrado, ou ainda com poucos eventos de letramentos literários.

Para responder ao questionamento da pesquisa (“Como construir a leitura literária nos alunos do sexto ano do ensino fundamental, usando a literatura como instrumento cultural e catalisador para ampliar o seu sistema de referências e modificar suas representações de mundo e formas de enxergá-los?”), pautamo-nos no Método Receptional, de Bordini e Aguiar (1993), como um dos caminhos para construir a leitura literária, bem como, em quatro objetivos específicos, que visaram responder a situação problema inicial proposta na pesquisa.

Quanto ao método receptional, destacamos que esse percorre um caminho metodológico que tem início no conhecimento de mundo, valorizando as preferências de leitura do aluno, para após, romper com novas propostas literárias, visando ampliar o horizonte leitor, de modo, que seja capaz, de transformar não apenas sua relação com os textos literários, mas o meio onde está inserido.

Quanto ao primeiro objetivo que visou a investigação da receptividade dos textos literários pelos participantes, salientamos que foi possível, visto a interação entre participantes e pesquisadora durante toda a pesquisa, por meio da mediação de leitura. É relevante citarmos que, a metodologia utilizada para aplicação aliada ao método receptional e ao dialogismo contribuíram para que todo o processo fosse observado e analisado. Diante das gravações e registros realizados conseguimos organizar um diário de bordo, por meio do qual, conseguimos acompanhar a participação dos alunos nas atividades propostas e seus avanços, conforme desenvolvimento das etapas do método receptional.

Ainda, denotamos a receptividade a partir dos resultados das atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa, repleta de impressões de leitura, principalmente ao se tratar do texto “Dom Quixote”. Por fim, conseguimos avaliar esse objetivo, por meio de uma entrevista final, ao questionarmos os participantes sobre a receptividade das oficinas literárias, dos textos trabalhados, assim como, sobre o seu próprio protagonismo.

Quanto ao segundo objetivo, que fez referência ao processo de interação dialógica entre os participantes e as obras e entre si, é correto afirmarmos que foi se despertando no decorrer das oficinas literárias. Inicialmente, os participantes tinham receio de errar, esperavam sempre uma resposta pronta da pesquisadora. Ao final, verificamos uma maior espontaneidade ao dialogarem criticamente com a obra principal, fazendo relação dela com meio em que estavam inseridos, bem como com os demais participantes da pesquisa.

Consolidamos tal proposição, ao observarmos que a leitura ultrapassou o limite das salas de aula e das páginas do livro, permitindo que os participantes pudessem dar asas à imaginação, fugindo da proposta de perguntas e respostas e fazendo relação da obra lida com outros tipos de arte. Nesse processo, denotamos a ampliação do horizonte leitor.

Diante do posto, afirmamos que não houve motivos para que as atividades de leitura ficassem presas apenas a modelos de perguntas e respostas escritas, explorando as informações explícitas do texto. O barulho tomou conta das aulas, nas quais, a leitura criou vida. Dom Quixote passou a ser assunto nos corredores, a fazer parte da vida não apenas dos participantes, mas também dos pais ou familiares que acompanhavam todo o processo de suas casas. Por onde a turma passava pela escola, havia vestígio de um cavaleiro andante. Alunos de outras turmas iam até a porta da sala participante para saber quando poderiam ter aulas com o livro. Fato esse que demonstrou uma positiva resposta à proposta, visto que os participantes dialogaram com os demais alunos da escola, durante os intervalos sobre as aulas de leitura.

Gostaríamos de destacar que embora a mola mestra da pesquisa tenha sido a Teoria da Estética da Recepção, foi perceptível, durante a aplicação de todas as oficinas literárias, a importância do dialogismo bakhtiniano, para que os leitores pudessem romper, questionar e ampliar o seu horizonte de expectativas.

Logo, observamos que, a Teoria da Estética da Recepção e a Teoria da Enunciação, por meio do dialogismo interagem entre si. Não haveria ampliação do horizonte de expectativas se o leitor não dialogasse com a obra e autor, questionando as lacunas presentes nos textos, relacionando-os ao meio em que estão inseridos.

No que tange ao terceiro objetivo, que foi verificar se o procedimento didático do método recepcional de leitura influenciou na ampliação de leitura dos participantes da pesquisa, observamos que foi atingido de forma positiva, respeitando a

singularidade de cada aluno. Observamos, no decorrer da pesquisa, a crescente autonomia dos alunos diante de seus posicionamentos ao debater sobre os textos apresentados, unindo o conhecimento de mundo ao intelectual. A consolidação desse objetivo também é mensurada, diante da avaliação que os alunos realizaram ao final da pesquisa.

Cabe ressaltar que trabalhar o método recepcional, com uma obra principal, foi um ponto dificultador, porém possível, visto a definição de objetivos para cada oficina desenvolvida. Afirmamos que foi desafiador devido ao fato de necessitarmos explorar os capítulos lidos, à medida que íamos aplicando o método recepcional. No decorrer das atividades desenvolvidas, foi comum uma etapa mesclar a outra, visto a singularidade de leitura de cada participante, bem como o direcionamento dado pelo grupo ao texto. As dificuldades encontradas quanto ao léxico, ao tempo e espaço da narrativa, acabavam norteando os níveis de leitura realizadas. Ora, a leitura realizada contemplava o questionamento e a ampliação do horizonte de expectativa, ora permeava apenas o atendimento do horizonte leitor.

O quarto objetivo que visou à elaboração de um objeto de ensino e aprendizagem para a construção da leitura literária para alunos dos anos finais do ensino fundamental foi alcançado por meio do objeto digital de aprendizagem, intitulado “Leitura: uma viagem pelo mundo da imaginação”. Buscamos, por meio das oficinas literárias, elucidar algumas atividades aplicadas no decorrer da pesquisa, tendo por objetivo enriquecer a interação entre o leitor e obra, bem como auxiliar os alunos, na compreensão da leitura.

Por fim, constatamos que a Teoria da Estética da Recepção é capaz de tornar a leitura literária um instrumento cultural e catalisador, oportunizando ao aluno do sexto ano do ensino fundamental a ampliação e modificação de seu sistema de referências e representações de mundo, bem como sua forma de enxergá-lo.

Quanto ao tempo pedagógico destinado para a aplicação da pesquisa, salientamos que era previsto um tempo maior, mas devido aos trâmites legais para a aquisição da obra principal, houve atraso. Diante disso, foi necessário condensar as oficinas, de forma que atendesse a aplicação de todas as etapas do método recepcional, bem como, a prática do dialogismo.

Cabe salientar que não coube a esta pesquisa trabalhar a análise literária, mas buscar procedimentos metodológicos que fossem capazes de despertar nos alunos pouco letrados ou com pouco acesso ao letramento literário, o gosto pela leitura

literária. Logo, este trabalho não explora todos os elementos narrativos literários, visto que a formação do leitor literário acontece no decorrer de toda a educação básica. A todo o momento, a faixa etária do leitor foi respeitada, vislumbrando não estremecer ainda mais a relação dos alunos com o texto literário.

Compreendemos a limitação do estudo teórico deste trabalho e temos ciência de que outras discussões teóricas e de aproximação poderiam ser realizadas. Contudo, o trabalho apresentado é coerente com a proposta do Programa de Mestrado Profissional “Docência para a Educação Básica” e mantém abertas possibilidades de pesquisas vindouras a serem desenvolvidas no estudo de doutorado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1988.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1995.

BARTHES, Roland. **O prazer do Texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Brasília. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/sileg/integras/790690.pdf>>. Acesso em 16 de março de 2018.

BRASIL. Ministério da educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>>. Acesso em: 18 de março de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF.1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 01/04/2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília: Edições Câmara, 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em 16 de março de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. Portaria interministerial nº 1442, de 10 de agosto de 2006. Brasília. Disponível em: <

<http://www.semesp.org.br/legislacao/migrado2046/>>. Acesso em 16 de março de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011. Brasília. Disponível em:<
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm>.
Acesso em 16 de março de 2018.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males – Antonio Candido. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, 1999, p. 81- 89.

CÂNDIDO, Antônio. **Direitos Humanos e Literatura**. In. A.C.R. Fester (Org.). Brasiliense, 1989.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2016.

DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S.; e Colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ªed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAILLA, Zoara (Org). **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: <
http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FI
[NAL_COM_CAPA.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FI)>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. - Coleção Polêmicas do nosso tempo; v.4 São Paulo: Editora Cortez, 23ª edição, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. Trad. João Paulo Monteiro- 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

IDEB-Índice de desenvolvimento da educação básica- Resultados e metas. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br>>. Acesso em: 21 de junho de 2017.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: Lima, Luiz Costa. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de Estética de Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83 – 132.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer.V. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer.V. 2. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. **A leitura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Terallari. São Paulo: Ática, 1994.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervat. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Leitura**: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2012.

MACEDO, S. M. M. Cultivando o Prazer da Leitura: o prazer de ler desde pequeno. In. Salto para o Futuro: Ensino fundamental / Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. 9ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução: Celina Olga de Souza - 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

PISA NO BRASIL. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/pisa-no-brasil>>. Acesso em: 17 de abril de 2017.

QEDU. Desenvolvido por Meritt e Fundação Lemann, 2013. **Apresenta informações sobre a qualidade do aprendizado em cada escola, município e estado do Brasil**. Disponível em: <<http://qedu.org.br/>>. Acesso em: 01/04/2017.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Tradução Fátima Conceição Murad, Melisa Kassner, Sheila Clara Dystler Ladeira. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

UNESP. BELUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges. **Recomendações para padronização na apresentação de dissertações e teses**. Bauru, 2005.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Caminhos da leitura literária no Brasil**: prelos, editoras e instituições. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado. Territórios da leitura: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

REFERÊNCIAS: OFICINAS LITERÁRIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Sagração**. In: _____. As impurezas di branco. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 67.

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2005.

AZEVEDO, Ricardo. **Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões**. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2009.

BAÚ DE HISTÓRIAS. **Don Quixote**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iHNvqGQQPok>>. Acesso em 14 de junho de 2017.

BOJUNGA, LYGIA. **Tchau**. 17ª edição. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Traduzido e adaptado por Isabel Vieira-1ed. São Paulo: Atual, 2010.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Traduzido e adaptado por Orígenes Lessa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Traduzido e adaptado por Ferreira Gullar-4ª ed. Rio de Janeiro; Editora Revan, 2005.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Traduzido e adaptado por Leonardo Chianca-1ª ed. São Paulo: Editora DCL,2005.

CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Traduzido e adaptado por Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2002.

FERNANDES, Leonardo. **União da Ilha 2010 Letra e Samba**. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=yS-uADkndHQ> >. Acesso em 14 de junho de 2017.

FILIPOVIC, Zlata. **O diário de Zlata**: a vida de uma menina na guerra. Trad. Heloisa Jahn e Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1994.

HISTÓRIA DE NINAR. **Dom Quixote**- História de ninar. (BR.Bedtimestory. TV).2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qjDGfUcFqe0> >. Acesso em 10 de agosto de 2017.

MACHADO, Gabriel. **Diário de Zlata**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfJ0sa27JBc> >. Acesso em: 14 de junho de 2017.

MAQUETE ESCOLAR- MODELOS E DICAS DE COMO FAZER. Disponível em: <<http://www.artesanatoereciclagem.com.br/1562-maquete-escolar-modelos-e-dicas-de-como-fazer.html> >. Acesso em 27 de setembro de 2017.

MARIA Angula. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/criancas/halloween2.htm>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

MARISTA GRAÇAS. **Como fazer uma esquete teatral**. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O4LVWprbatQ> >. Acesso em 22 de julho de 2017.

PARENTE, Monique. **Engenheiros do Hawaii- Dom Quixote**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jR794-1gyvl> >. Acesso em 14 de junho de 2017.

PRETA, Stanislaw Ponte. **A velha contrabandista**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTE3MzQ5/>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2017.

QUINTAL DA CULTURA. **História cantada: o homem que tentou enganar a morte**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FIIn5DaZuj4> > . Acesso em: 14 de junho de 2017.

RAMON, Jefferson. **Luiz Gonzaga- A vida de viajante (Tema da microssérie Gonzaga de Pai para Filho- Rede Globo)**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hh5BMG69WVI> >. Acesso em 14 de setembro de 2017.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevista Inicial

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Nome:..... Idade:.....

1 Você gosta de ler?☐ Sim ☐ Não**2 Que tipo de leitura você realizou/ realiza? Assinale as alternativas com os números correspondente à coluna 1 quanto à periodicidade.**

- | | |
|--|---|
| ☐ (1) Nunca | ☐ () livros literários |
| ☐ (2) Raramente | ☐ () gibis |
| ☐ (3) Algumas vezes | ☐ () textos pela internet |
| ☐ (4) Sempre | ☐ () revistas |
| | ☐ () jornais |
| | ☐ () livros religiosos |

3 Como são realizadas as leituras que você pratica?

- ☐ () mídia (*smartphone, tablet, computador, notebook*)
- ☐ () livro físico
- ☐ () um pouco de cada instrumento.

4 Em caso de leitura de livros físicos, onde você geralmente pega os livros para ler?

- ☐ () Biblioteca municipal
- ☐ () outras bibliotecas mantidas por instituições privadas
- ☐ () biblioteca escolar ou sala de leitura
- ☐ () Em casa

5 Quem influencia você a praticar a leitura?

- ☐ () Pai
- ☐ () Mãe
- ☐ () Responsáveis, com quem mora. Quem?.....
- ☐ () Professor (a)
- ☐ () Outros. Quem?.....

6 Você escolhe um livro pelo (a):

- | | |
|--|--|
| ☐ Capa | ☐ Imagens, figuras |
| ☐ Espessura | ☐ Indicação de alguém |
| ☐ Tipo de letra | ☐ Título |

7 Quais os gêneros que mais atraí sua atenção, que gosta de ler?

- | | |
|---|---|
| ☐ Poesia | ☐ Cordel |
| ☐ História em Quadrinhos | ☐ Crônica |
| ☐ Romance | ☐ Outros. Quais..... |
| ☐ Conto | |

8 Nas escolas onde você já estudou tinha biblioteca ou sala de leitura?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| ☐ Sim | ☐ Não |
|------------------------------|------------------------------|

9 Você lembra do título dos dois últimos livros que leu?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| ☐ Sim | ☐ Não |
|------------------------------|------------------------------|

11 Caso lembre dos títulos, cite-os.

.....

.....

12 Você gosta de ler...

- | | |
|---|---|
| ☐ entre amigos , na escola | ☐ entre amigos , em outros lugares |
| ☐ sozinho, na escola | ☐ sozinho, em cada lugares |
| ☐ entre amigos, em casa | ☐ biblioteca |
| ☐ sozinho, em casa | |

13 Na escola onde você estuda atualmente, há biblioteca ou sala de leitura?

- | | | |
|------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|
| ☐ Sim | ☐ Não | ☐ Não sabe |
|------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|

14 O que te leva desistir de ler um livro?

- | | |
|---|--|
| ☐ História desinteressante | ☐ Poucas imagens |
| ☐ Vocabulário difícil | ☐ Número de páginas |

() Letras pequenas

() Outros.

Cite.....

15 O que mais é atrativo para você numa leitura?

.....
.....

16 Quais os temas que mais gosta de ler?

() Romance

() Tragédia

() Memória

() Suspense

() Aventura

() Piada

() Tecnologia

() Bíblico

() Jogos digitais

() Fábulas/ conto de fadas

() Outros.

Cite.....

17 Você já leu algum livro por vontade própria?

() Sim

() Não

19 Há algum título que gostaria de ler? Cite.

.....
.....

Apêndice 2 – Entrevista final

ENTREVISTA FINAL COM OS ALUNOS

Caros alunos, passamos o último semestre semanalmente conversando sobre leitura, mais especificamente sobre um livro de um certo Dom Quixote. Nosso trabalho chegou ao fim, com muita alegria. Vencemos dragões, monstros e nos apaixonamos por inúmeras Dulcineias. Para finalizar gostaria de contar com a atenção de vocês para uma breve conversa!

Nome:..... Idade.....

1- Você gostou da obra escolhida para o projeto de leitura?

- (5) Sim
- (6) Não
- (7) Um pouco

2-Justifique sua resposta.

.....

3-Você leu algum outro livro neste período?

- (1) Sim
- (2) Não

3.1- Se sua resposta for sim, qual?.....

.....

4-Você gostou das oficinas que realizamos?

- (1) Sim
- (2) Não

5-Qual foi a oficina que você gostou mais? Por quê?

.....

6-Você acredita que as oficinas ajudaram você a compreender melhor o texto?

- (1) Sim
- (2) Não

7-A história do Dom Quixote correspondeu à sua expectativa do início do livro?

- (1) Sim

(2) Não

8-Você acredita que a leitura do livro tenha ajudado você a conhecer um pouco mais sobre história, cultura, valores?

(1) Sim

(2) Não

(3) Um pouco

9-Depois a leitura do livro Dom Quixote, qual livro você gostaria de ler?

(1) Sim

(2) Não

10-Que nota você atribuiria para este nosso projeto? Por quê?

.....

11-Ao final, que nota você atribuiria a você como leitor? Por quê?

.....

.....

12-Você, hoje gosta de ler?

(1) Sim

(2) Não

(3) Um pouco

Apêndice 3 – Termo de compromisso e responsabilidade

TERMO DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE

Eu,, matriculado na sala, no ano letivo de 20....., declaro estar recebendo emprestado o livro Dom Quixote, com adaptação de Leonardo Chianca, cadastrado sob nº....., do acervo particular da professora e comprometo-me a devolvê-lo ao final do projeto de leitura, datado para de, nas mais perfeitas condições.

Ciência:	
Aluno(a)	
Pais ou responsáveis	

Ourinhos, de de 20.....

TERMO DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE

Eu,, matriculado na sala, no ano letivo de 20....., declaro estar recebendo emprestado o livro Dom Quixote, com adaptação de Leonardo Chianca, cadastrado sob nº, do acervo particular da professora e comprometo-me a devolvê-lo ao final do projeto de leitura, datado para de nas mais perfeitas condições.

Ciência:	
Aluno(a)	
Pais ou responsáveis	

Ourinhos, de de 2017.

Apêndice 4 - Oficina 1

OFICINA1-SENSIBILIZAÇÃO

Duração: 8horas/aulas

Objetivo: identificar o perfil leitor dos participantes.

Para a realização desta oficina será necessário:

- 1.Livros nos mais diversos gêneros
- 2.folha de sulfite, computador e impressora

Disposição da classe: sugestão

As carteiras deverão estar dispostas de acordo com a rotina estabelecida pelo professor.

Procedimentos didáticos

1- Caixa de leitura

- 1.1 Os alunos terão a liberdade de lerem livros ao final das atividades de rotina escolar.
- 1.2 O professor deverá orientar que todas as obras lidas, sejam elas completas ou incompletas deverão ser anotadas num bloco de anotações, para averiguar as obras mais retiradas da caixa de leitura.

2- Entrevista inicial

- 2.1 O professor deverá conversar com o grupo sobre a importância da atividade, sensibilizando-os da importância do valor honestidade no momento das respostas.
- 2.2 Ler as perguntas uma a uma. No intervalo das perguntas, o professor poderá ouvir as repostas dos alunos individualmente.
- 2.3 Em seguida, o professor orientará os alunos efetuarem o registro da entrevista.

Apêndice 5 - Oficina 2

OFICINA 2- ENCONTROS

Duração: 8horas/aulas

Objetivo: realizar leituras que venham ao encontro do perfil leitor dos participantes.

Para a realização desta oficina será necessário:

1. Livros diversos para atender a terceira etapa do método recepcional.

Disposição da classe: sugestão

As carteiras deverão estar dispostas preferencialmente em semicírculo para melhor acolhimento e mediação e entre professor-aluno, aluno-aluno.

Procedimentos didáticos

- 1- Para a realização desta oficina combine com os alunos alguns textos, que eles gostem para a prática da leitura compartilhada.
- 2- Ainda, combine as normas de convivência, de modo, que todos possam participar e ter seu posicionamento respeitado.
- 3- A leitura poderá ser realizada em voz alta pelo professor, ou ainda, compartilhada com alunos.
- 4- Encerrada a leitura, o professor realiza algumas perguntas, no que se refere ao texto lido. Lembre-se de que os questionamentos devem partir da visão do leitor e não do autor.
- 5- Cabe ao professor realizar a mediação de leitura, conforme o posicionamento dos participantes.
- 6- Ao encerrar a leitura, o professor poderá realizar um encerramento, mas tomando cuidado para não extrapolar a visão de mundo dos participantes.

Observação:

Para cada texto lido, deverá ser planejado o tempo pedagógico de 1 a 2 horas/aulas. Estima-se a leitura, de no mínimo três obras, visto a necessidade de atendimento do horizonte de expectativa do leitor

Apêndice 6 - Oficina 3

OFICINA 3 - UM CONVITE E VÁRIOS DESTINOS

Duração: 2 horas/aulas

Objetivo: promover a escolha da obra principal entre os alunos, com base na determinação do horizonte de expectativas

Para a realização desta oficina será necessário:

1- *Kit multimídia*

2- Computador

Disposição da classe: sugestão

As carteiras deverão estar dispostas em semicírculo, ou ainda, seguindo a organização da rotina escolar

Procedimentos didáticos

- 1- Inicie a aula comentando sobre as obras e gêneros que mais foram citadas na entrevista.
- 2- Em seguida, apresente um *powerpoint* com as três obras mais indicadas.
- 3- Trabalhe neste momento, os autores, leve os livros para que todos possam apreciar. Se possível, apresente comentários sobre as obras, visando facilitar a escolha.
- 4- Ao final, faça uma eleição para eleger a obra que atenderá as três últimas etapas do método recepcional.

Apêndice 7 – Oficina 4

OFICINA 4- UM BREVE OLHAR ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Duração: 2horas/aulas

Objetivo: Apresentar a obra Dom Quixote, nas mais diversas adaptações, partindo da leitura da capa com os elementos pré-textuais.

Para a realização desta oficina será necessário:

- 1.Recurso multimídia.
- 2.Cartolina, canetinha ou lousa e seus acessórios.
- 3.Diferentes capas do livro Dom Quixote impressas, colorido.

Disposição da classe: sugestão

As carteiras deverão estar dispostas preferencialmente em semicírculo para melhor acolhimento e mediação e entre professor-aluno, aluno-aluno.

Procedimentos didáticos

- 1- Inicie a aula, já com o *datashow* instalado, isto é muito importante para não perder tempo e a atenção das crianças para o desenvolvimento da oficina.
- 2- Problematize a aula, perguntando sobre a obra a ser lida pelos alunos. Deixe-os falarem, esta oficina somente será interessante se os alunos dialogarem com os colegas e com o professor!
- 3- Entregue a cada dois ou três alunos uma capa do livro *Dom Quixote*, de preferência com adaptação nacional.
- 4- Peça aos alunos para observarem a capa, as informações verbais que ali contem, além das imagens (não-verbais). Nesta etapa será explorada a oralidade, devendo o professor interagir com os grupos. É pertinente repetir a mesma capa até três vezes, vislumbrando a leitura dos diferentes grupos. O tempo para a realização desta etapa deverá ser breve.
- 5- Após, esclareça oralmente a importância dos elementos textuais da capa, como: título da obra, autor, editora, responsáveis pela adaptação e ilustração.
- 6-Paralela a esta ação, apresente as capas, em *powerpoint*, já distribuídas para os alunos, para que todos possam apreciá-las, dando ênfase à adaptação trabalhada.
- 7-Em seguida, utilizando cartolinas ou o próprio *datashow* apresente algumas perguntas pré-textuais que servirão de norte para conhecer o horizonte de expectativas de leitura dos alunos.

- Em que época Miguel de Cervantes deve ter escrito Dom Quixote?
- O que acontecia no mundo, quando Miguel de Cervantes escrevia seu livro? Você consegue imaginar?
- E no Brasil? Como deveria ser o Brasil, na época em que o livro de Cervantes foi escrito?
- Qual será o tema da história pela ilustração apresentada na capa?
- O que vocês observam na capa? O que mais chama a atenção? Por quê?

Observação: Novas perguntas poderão ser inseridas, desde que não fique uma exploração extensa. É pertinente nesta etapa, não extrapolar as informações que a capa possa sugerir

- 8- Registre na lousa ou na cartolina as repostas apresentadas pelos alunos.
- 9- Diante os registros, apresente o contexto histórico geográfico do país de origem da obra estudada e faça um paralelo com o Brasil.
- 10- Em seguida, apresente os capítulos da obra a ser estudada, realizando apenas a leitura oral.

Apêndice 8 – Oficina 5

OFICINA 5- O QUE SERÁ?

Duração: 2horas/aula

Objetivo: explorar a leitura inicial do livro, a partir da apresentação do título dos capítulos.

Para a realização desta oficina será necessário:

1-Papel de sulfite com os títulos dos capítulos do livro. Cada título deverá ser escrito numa fileta de papel.

2-Folha de sulfite.

3- Lousa e seus acessórios.

4- Gravador de voz.

Disposição da classe: sugestão

A turma deverá ser dividida em duplas ou trios, conforme perfil da turma.

Mãos à obra

- 11- Entregue para cada aluno um título do capítulo do livro *Dom Quixote*. Em seguida peça aos alunos para se organizarem em dupla ou trio, conforme a comanda do professor.
- 12- O mesmo título do capítulo da obra *Dom Quixote* poderá ser entregue para cada dois ou três alunos diferentes.
- 13- Para esta atividade o grupo deverá se organizar para que haja um orador e um escriba das discussões levantadas acerca do título do capítulo pré-estabelecido.
- 14- Estabeleça ao grupo o tempo médio de dez minutos para discutir e registrar as impressões que tiveram ao ler o título do capítulo.
- 15- Reúna a turma em círculo e inicie os apontamentos discutidos em grupo. Esta etapa do trabalho deverá ser gravada em áudio para apontamentos do professor quanto às observações realizadas pelos alunos-leitores.

16- Esta atividade, conforme a distribuição dos capítulos, poderá ter discutido mais de uma vez, um título de capítulo.

17- Ao final, o professor deverá recolher as anotações dos grupos, vislumbrando não esquecer as primeiras impressões dos alunos da obra a ser lida.

REFERÊNCIAS

CHIANCA, Leonardo. **Dom Quixote**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

Apêndice 9 - Material de apoio da oficina 5

DOM QUIXOTE

CAPÍTULO

Oficina 5- O que será?

Apêndice 10 - Frase para a confecção do marca página

Fileta com os capítulos- Adaptação de Leonardo Chianca

1-O SONHO DE UM HOMEM

**2-UM CASTELÃO E DUAS NOBRES
DAMAS**

**3- DOM QUIXOTE É SAGRADO
CAVALEIRO**

4-AS PRIMEIRAS AVENTURAS

**5-O ESCUDEIRO SANCHO PANÇA E
A NOVA PARTIDA**

**6-LUTANDO CONTRA OS MOINHO
DE VENTO**

**7-COMO INTRÉPIDO CAVALEIRO
LIBERTOU A PRINCESA
PRISIONEIRA**

8-SURRA E DESCANSO

**9-O MILAGROSO E MALDITO
BÁLSAMO DE FERRABRÁS**

**10-LUTANDO CONTRA DOIS
EXÉRCITOS DE UMA SÓ VEZ**

**11-O CAVALEIRO DA TRISTE
FIGURA**

**12-LIBERDADE AOS
PRISIONEIRO**

**13-UMA CARTA PARA
DULCINÉIA**

**14-UM PLANO PARA LEVAR DOM
QUIXOTE DE VOLTA PARA CASA**

**15-ESTRANHO COMBATE CONTRA
O NARIGUDO CAVALEIRO DOS
ESPELHOS**

**16-A RADIANTE DUQUESA E SEU
CASTELO DE VERDADE**

17-O REINO DE BARATÁRIA

18-O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA REENCONTRA SEU ESCUDEIRO	
19-O CAVALEIRO DA LUA BRANCA TRIUNFA SOBRE DOM QUIXOTE	
20-O CAMINHO DE VOLTA PARA CASA	
21-A ALDEIA DE DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA	
22-TRISTE FIM DO CAVALEIRO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA	

Apêndice 11 – Oficina 6

OFICINA 6- O PRESENTE

Duração: 2horas/aula

Objetivos:

- Promover a entrega do livro, estabelecendo um contrato pedagógico para o bom aproveitamento do projeto.
- Estabelecer o primeiro contato com o livro, promovendo uma leitura imaginária composta pela criatividade e liberdade de cada aluno-leitor.

Para a realização desta oficina será necessário:

- 1exemplar para cada aluno da obra escolhida Dom Quixote, com adaptação de Leonardo Chianca.
- 2- 1 folha de papel *craft*.
- 3- Caneta hidrocolor.

Disposição da classe: sugestão

As carteiras deverão estar dispostas, preferencialmente, em círculo para melhor mediação e entre professor-aluno.

Mãos à obra

- 1- Organize as carteiras, de forma que haja maior interação entre professor e aluno. A escolha para esta oficina foi no formato de círculo, ao qual todos deverão estar interligados. O professor também deverá ter uma carteira inserida no círculo.
- 2- Inicie um diálogo oral com os alunos, levantando as seguintes indagações
 - Vocês sabem por que estão em círculo?
 - Para o desenvolvimento das aulas de leitura, o que está faltando?
 - O que precisamos para ter sucesso durante as práticas de leitura?

Para o questionamento do terceiro item, registre as propostas dos alunos no papel *craft* e cole no mural da sala de aula. O professor poderá nesta etapa estabelecer a construção de um mural com as normas elaboradas e ilustradas pelos alunos.

Nesta etapa é pertinente destacar o cuidado que se deve ter com os livros, principalmente aqueles que são emprestados de um espaço público ao qual, todos os cidadãos têm direito ao acesso.

Caso a escola tenha biblioteca ou sala de leitura, pode-se relembrar as normas de funcionamento ou até mesmo convidar alguém para falar sobre o tema.

- 3- Entregue o livro aos alunos, de forma como se fosse um presente.
- 4- Deixe-os manusear, realizando o primeiro contato com o livro ao qual será o companheiro de leitura.
- 5- Explore oralmente a primeira leitura que eles realizaram. Esta etapa deverá ser breve.
- 6- Retome junto com os alunos a oficina de leitura de capas, pergunte se há algo que mudou, em relação à leitura da capa.
- 7- Apresente os outros elementos pré-textuais, como ficha catalográfica, folha de rosto e sumário.
- 8- Peça aos alunos para registrarem uma frase que represente esse primeiro contato com o livro.

REFERÊNCIAS

CHIANCA, Leonardo. **Dom Quixote**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

Material de apoio

MEU PRIMEIRO CONTATO COM O LIVRO....
SENSAÇÕES ...EMOÇÕES...SENTIMENTOS...

Apêndice 12 - Oficina 7

OFICINA 7 - O SONHO DE UM HOMEM

Duração: 2 horas/aulas

Objetivo: Promover a leitura em voz alta e compartilhada, vislumbrando o estreitamento entre leitor-obra e autor.

Despertar a atenção quanto às hipóteses levantadas no estudo dos capítulos, verificando ou não o seu atendimento quanto ao horizonte de expectativas.

Para a realização desta oficina será necessário:

Que o aluno tenha em mãos o exemplar do livro *Dom Quixote*.

Disposição da classe: sugestão

Para a realização desta oficina será necessário que os alunos estejam organizados em círculo. Para esta oficina não se faz necessário o espaço da sala de aula. O professor poderá escolher um outro espaço que possa propiciar a leitura oral e discussão da obra lida.

Mãos à obra

- 1- Organize a turma em círculo, sendo inclusive o professor participante desse grupo.
- 2- Converse com os alunos acerca da leitura realizada em casa.
- 3- Retome a leitura do primeiro capítulo, instigue-o quanto ao atendimento das hipóteses levantadas na oficina com os títulos das oficinas.
- 4- Se preciso, realize a leitura oral dos capítulos 2 e 3. Lembre-se de que a leitura oral do capítulo 1 já pode ter sido realizada na oficina anterior.
- 5- Para a prática de leitura oral, é de fundamental importância que o professor realize a leitura com o máximo de cuidado, podendo inclusive dramatizar as falas dos personagens!
- 6- Oriente aos alunos para marcar em cada um dos capítulos um parágrafo ou trecho que mais tenha chamado sua atenção. Neste momento vale dizer aos alunos, que até mesmo a não compreensão do trecho pode ser o motivo para que o leitor possa destacá-lo.

Após a leitura, o professor iniciará seu papel de mediador na prática. Deverá o profissional, prestar muita atenção para não intimidar a participação dos alunos, com comentários que possam levar os alunos/leitores a não desejarem a participação oral ou até mesmo a leitura do livro. Lembre-se, o aluno é um leitor em formação, sendo este o seu primeiro contato com o livro a ser trabalhado.

- 7- Encerrada a leitura, indague o grupo sobre o ato de ouvir alguém ler uma história. Se gostaram ou não, por quê?
- 8- Para a participação oral, combine com os alunos a ordem de inscrição, devendo professor mediar as participações e foco na leitura.
- 9- O que imaginaram para o primeiro capítulo aconteceu? Instigue os alunos a participarem. Faça as inscrições, caso os alunos ainda estejam intimidados com a exposição ou até mesmo com a dificuldade de compreender o texto, chame a atenção do grupo que realizou a leitura do título do primeiro capítulo. Faça a mesma dinâmica para o segundo e terceiro capítulos.
- 10- Dando continuidade, inicie as inscrições de alunos que gostariam de elencar algum trecho do texto. Solicite para o aluno realize a leitura do trecho, indicando a página e até mesmo o parágrafo

para que todos possam acompanhar no livro. Em seguida, o aluno/leitor deverá dizer o motivo que o levou a escolher o trecho lido.

11- O professor, no papel de mediador deverá instigar para que outros alunos também participem da discussão, podendo concordar ou não do que foi posto pelo aluno/leitor.

12- No decorrer do primeiro capítulo o professor deverá chamar a atenção dos alunos para alguns dados importantes, caso não tenham elencado:

- Local onde acontece o enredo.
- Personagens que parecem no primeiro capítulo.
- Por que o título do capítulo seria “ O sonho de um homem?
- Quem seria Dom Quixote?
- Há dados interessantes que diferem de nosso país. Vocês perceberam algum?
- Quais as características de um cavaleiro, conforme Dom Quixote?
- Qual era o desejo do cavaleiro Dom Quixote de la Mancha?

13- Os alunos ao abordarem o capítulo 2- Um castelão e duas nobres damas, o professor mediador poderá destacar:

- Quem seriam as nobres damas? A opinião da turma é a mesma após ter lido o capítulo 2?
- O que Dom Quixote imagina neste segundo capítulo?
- Quem decide ouvir o nobre cavaleiro Dom Quixote?
- Em quais confusões Do Quixote se envolve?
- Neste capítulo, Cervantes cita o nome de uma cidade. Vocês sabem qual? Onde ela está localizada? Como seria esta cidade no século XVII?

14- Ao darem continuidade à discussão sobre a leitura, no capítulo 3, Dom Quixote é sagrado cavaleiro. Como aconteceu essa consagração?

15- Em seguida, apresente um pequeno vídeo que possa ilustrar o mundo de cavalaria.

SUGESTÃO DE VÍDEOS
https://www.youtube.com/watch?v=h-sWzJNGiRg&t=15s https://www.youtube.com/watch?v=EqzQrrIDv38&t=152s

Apêndice 13 - Oficina 8

OFICINA 8-AS PRIMEIRAS AVENTURAS

Duração: 2 horas/aulas

Objetivo:

Apresentar a proposta de relação de uma obra com o tempo e espaço em que foi escrita ou está inserida.

Despertar nos alunos a curiosidade para pesquisar temas que são tratados no livro em destaque

Para a realização desta oficina será necessário:

1- Confeção do marca páginas

- Papel sulfite
- Impressão ou caneta hidrocor
- Cola branca

2-Confeção do jogo do mico literário

- Papel sulfite
- Impressão ou caneta hidrocor
- Cola branca
- Folha *contact* transparente.

3-Apresentação da aula

- Livro a ser estudado e discutido
- *Kit* multimídia.
- Lousa e seus acessórios.
- Outros, como: mapa *mundi*, globo.

Disposição da classe: sugestão

Para a realização da oficina “As primeiras aventuras” haverá dois momentos com duas disposições diferentes:

1º momento: grupo de 3 a 4 alunos

2º momento: a sala deverá ser organizada em semicírculo para melhor contato entre professor - mediador e aluno-leitor

Mãos à obra

16- Na entrada da aula, o professor deverá recepcioná-los com marca página, a qual cada deverá ter escrito uma frase dos capítulos solicitados para que fossem lidos em casa.

17- Peça aos alunos que leiam as frases recebidas e sempre explore a opinião do aluno-leitor sobre algo do texto. Reserve para esta dinâmica uns 10 minutos. Converse sobre importância do marca páginas para um leitor.

18- Os marca páginas deverão ser confeccionados e organizados por cor e número (cor para a formação dos grupos) e (número para a formação de participantes. Essa formação acontecerá após a apresentação do professor sobre algumas curiosidades do livro e da Espanha, país de origem do autor Miguel de Cervantes e local, que escolheu para que seu personagem pudesse se aventurar...

- 19-** No primeiro momento, apresente um *powerpoint* ou vídeo sobre algumas curiosidades do local onde ocorre o enredo, como também sobre o local onde nasceu e/ou viveu o autor. Insira neste material imagens e vídeos que possam contribuir na compreensão do aluno sobre o espaço.
- 20-** Destaque que o autor muitas vezes recebe influências do local onde vive ou de experiências para escrever sua história.
- 21-** Essa etapa vai contribuir para que o aluno compreenda algumas passagens do texto, já que trata de um enredo que acontece num país e época bem distante dos conhecimentos de mundo dos alunos-leitores.
- 22-** Em seguida peça aos alunos para constituírem o grupo, conforme as cores dispostas nos marca páginas.
- 23-** A dinâmica terá como objetivo observar se os alunos realizaram a leitura, conforme combinado em aula anterior.
- 24-** Estabeleça um tempo máximo para a realização da atividade.
- 25-** A atividade será constituída de uma dinâmica em que os alunos deverão formar pares entre as frases ou palavras escritas nas cartas.
- 26-** Como no jogo do mico, os participantes deverão formar pares. Quem ficar com a palavra sem par, perde o jogo. Também perderá o jogo quem formar par errado.

Jogo do mico-

Para a confecção do jogo, escolha frases ou palavras que possam fazer sentido, de acordo com o enredo do texto.

Sugestão, pautada no livro de Dom Quixote.

Reparador de injustiças- Dom Quixote

Imperatriz da Mancha- Dulcineia del Toboso

Lia livros de cavalaria por dois dias e duas noites- Dom Quixote

Pessoa desesperada com o desaparecimento do Sr Quixada- A sobrinha de Dom Quixote

Responsável pelo delírio do Sr. Quixada- os famosos livros de cavalaria

Bravo camponês que abandonou mulher e filhos para seguir o cavaleiro Dom Quixote- Sancho Pança

Promessa de Dom Quixote a Sancho Pança- Governo de um reino

Baixo e bastante gordo- Sancho Pança

Recompensar escudeiros com reinos conquistados por ele- costume de cavaleiros andantes

Futura rainha e herdeiros de tronos- mulher e filhos de Sancho Pança

Lavrador sozinho e cheio de filhos- Sancho Pança

Desaforados gigantes, covardes criaturas- Moinhos de vento

Segundo Dom Quixote, roubou sua biblioteca com os livros- Frisção

Bateu em um rapaz com cinturão de couro- O fazendeiro

Quebrou a lança de Dom Quixote ao meio e bateu nele violentamente deixando o pobre cavaleiro quase desmaiado em meio a poeira- Um mercador briguento

Sobrinha de Dom Quixote- Dolores

Grandes amigos do Sr. Quixada- o padre e o barbeiro Nicolau

Queimar os livros e murar a sala onde se encontrava a biblioteca- decisão tomada pela sobrinha de Dom Quixote

Nome do burro de Sancho Pança- Malhado

Cidade para onde seguiram Sancho Pança e Dom Quixote, após a luta com os moinhos de vento- Cidade de porto Lápice

Após a luta com os moinhos de vento, Dom Quixote teve sua lança quebrada que foi substituída por... – um ramo de carvalho

12-Terminado o jogo, todos deverão formar um círculo único na sala, expondo as frases que formaram e contextualizando com o livro.

13-Neste momento, o professor-mediador intervém, fazendo a relação do que estão expondo oralmente ao que foi projetado em imagens e vídeo.

14-É importante também fazer a relação dos capítulos anteriores aos capítulos expostos na atual oficina.

15-Pergunte aos alunos, como será que continua a história. Solicite que alguns façam comentários. Relacione as expectativas que tiveram antes de ler o livro ao que estão encontrando no enredo do texto.

16- Neste encontro, peça aos alunos que resumam em uma frase o trabalho desenvolvido entre os capítulos 4 e 6.

SUGESTÃO DE VÍDEOS

<https://youtu.be/AWdhk8QzqDQ>

SUGESTÃO DE SITES - Obra Dom Quixote

<https://mitologiahelenica.wordpress.com/tag/briareu>

<http://riosibericos.com/puerto-lapice/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Moinho_de_vento

<https://youtu.be/iHNvqGQQPok>

REFERÊNCIAS

CHIANCA, Leonardo. **Dom Quixote**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

Apêndice 14 - Oficina 9

OFICINA 9- AOS TRANCOS E BARRANCOS

Duração: 5 horas/aula

Objetivo:

Fazer com que os alunos compreendam que um texto pode ser lido e interpretado de várias formas.

Demonstrar que uma obra de arte pode inspirar outras artes, nem sempre do mesmo gênero.

Para a realização desta oficina será necessário:

- Sucatas
- Retalhos
- Papel crepom
- Cartolina ou *Collor set*
- 2 cabos de vassoura
- Folhas de almaço
- Caneta ou lápis
- Caneta hidrográfica
- Cola
- Fita adesiva ou similar
- Fotocópia dos capítulos da obra lida
- Livro escolhido para a leitura
- Rádio
- Datashow e seus acessórios
- Câmera para a gravação das apresentações.
- Outros.

Disposição da classe: sugestão

Para a realização da oficina “Entre trancos e barrancos ” haverá três momentos com disposições diferentes.

1ª etapa: A classe poderá permanecer organizada, conforme orientação cotidiana.

2ª etapa: Grupos com quatro a cinco participantes.

3ª etapa: o grupo maior deverá se posiciona em semicírculo , enquanto um grupo de apresenta.

Mãos à obra

- 1- Para iniciar o primeiro encontro, o professor, no papel de mediador de leitura deverá apresentar uma outra arte (poemas, pinturas, teatro, Histórias em quadrinhos, desenhos animados e outros) que faça referência ou seja inspirado à obra estudada.
- 2- Após apresentação, abrir espaço para que os alunos façam referência à obra lida. Esse momento deverá ter uma duração de no máximo vinte minutos.
- 3- Explicar a comanda da oficina “Entre trancos e barrancos: releitura seguida da apresentação de um esquete, partir de um dos capítulos estudados (capítulos 7,8, 9 ou 10).
- 4- Estabelecer junto aos alunos grupos de no mínimo 4 integrantes, no máximo 6.

- 5- Entregar aos grupos formados os materiais da oficina, que deverão estar fechadas em caixas, de preferência decoradas, de acordo com o tema da obra ou em forma de presente. 5.1. Nesta caixa deverá conter as sucatas, fotocópia do capítulo, folhas de almaço e demais materiais necessários para a formação da oficina.
- 6- Estabelecer um tempo máximo de quarenta minutos para o trabalho em grupo, que deverá ser organizado em: Leitura do capítulo estabelecido para apresentação. Reescrita da releitura do capítulo designado, organização e montagem da esquete.
- 7- Apresentação da esquete para o grupo em sala. Caso não seja possível apresentar na mesma aula, o professor poderá transferir para a aula seguinte.
- 8- Após a apresentação o professor abrirá para uma roda de conversa em que os leitores poderão dialogar sobre os capítulos lidos e reproduzidos, sob o olhar do aluno leitor.

É pertinente realizar um roteiro para que o professor, no papel de mediador possa inserir as releituras produzidas pelos alunos à adaptação lida.

SUGESTÃO DE VÍDEOS- OBRA- DOM QUIXOTE

- <http://homoliteratus.com/wp-content/uploads/2013/12/donquixotedali1.jp>. Acesso em 10/08/2017
- <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/1213>. Acesso em: 10/08/2017
- <http://www.elfikurten.com.br/2011/02/candido-portinari-mestres-da-pintura.html> . Acesso em : 10/08/2017.
- <http://blog.poemese.com/20-curiosidades-de-dom-quixote/>. Acesso em: 10/08/2017
- <https://www.youtube.com/watch?v=725VqPs2Mil> . Acesso em: 10/08/2017
- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-04/espetaculo-inspirado-em-dom-quixote-de-la-mancha-e-apresentado-em-sao-paulo>. Acesso em: 10/08/2017
- <https://www.youtube.com/watch?v=wPfTwJVkRP4>. Acesso em: 10/08/2017
- <https://youtu.be/VHTq0DE5HHs>

Apêndice 15 - Material de apoio da oficina 9

MODELO DE ORIENTAÇÃO PARA PRODUÇÃO DA ESQUETE	
NOME DA ESCOLA:	
PARTICIPANTES:	
1.....	Nº.....
2.....	Nº.....
3.....	Nº.....
4.....	Nº.....
Antes de iniciarmos nossa produção é preciso saber antes o que é uma esquete e como organizá-la para apresentação. Usem a imaginação!	
Esquete é uma peça de curta duração, geralmente de caráter cômico, produzida para teatro, cinema, rádio ou televisão. O termo em Inglês com o mesmo significado é “<i>sketch</i>”. Esquete é um pequeno fragmento de um texto, de atuação intensa, podendo ser uma adaptação de um trecho significativo do livro. É como um filme de curta-metragem; portanto, a dramatização deverá ter no máximo 10 minutos de duração. Disponível em: < http://brigadeiroschorcht.com.br/projlinguagens.htm >. Acesso em 14/04/2010.	
Vamos organizar?	
Primeiramente, vamos anotar o nome da obra, o autor e o capítulo escolhido.	
Obra:	
Autor:	
Capítulo:	
Agora, vamos organizar a escrita?	
Qual parte do livro vamos reproduzir em forma de esquete?	
.....	
Qual o tempo destinado para a apresentação?	
.....	
Em nosso grupo, quem assumirá o papel descrito no livro? Sancho Pança, Dom Quixote, guerrilheiros?	
.....	
Qual será o cenário necessário?	
.....	
Quais materiais vamos precisar para ilustrar e montar a esquete?	
.....	
Haverá humor na esquete?.....	

Lembrem-se : Todo texto narrativo precisa de personagens, lugar onde aconteça a história, tempo e um narrador. Neste caso, o narrador poderá ficar oculto.

TÍTULO:.....

[illegible]

Apêndice 16 - Material de apoio para elaboração do esquete

OFICINA 9**ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO ESQUETE**

- 1-** Cada integrante deverá realizar a leitura silenciosamente.
- 2-** Anote no papel entregue as semelhanças e diferenças.
- 3-** Após escreva, para posterior discussão em grupo, as seguintes questões:
 - a) Qual texto foi mais difícil ler? Por quê? Foi o uso das palavras, vocabulário... Demonstre com exemplo, retirando do texto lido uma frase ou parágrafo.
 - b) Você sabe dizer qual adaptação é a mais antiga? Por quê você chegou a esta conclusão?
 - c) Qual texto você mais gostou? Por quê?
- 4-** Respondida as questões, um integrante da dupla deverá ser o responsável para expor para a classe. Isso não impede do colega colaborar.
- 5-** Para casa, pesquisem textos ou outras artes que façam referência ou façam lembrar o texto Dom Quixote.
Semana que vem montaremos um mural.

Apêndice 17 - Oficina 10

OFICINA 10- DIVERSOS OLHARES

Duração: 2 horas/aula

Objetivo:

Ser capaz de identificar as semelhanças e diferenças quanto a linguagem e estrutura textual utilizada nas versões lidas.

Fazer com que os alunos sejam capazes de levantar questionamentos, a partir de suas experiências de leitura e de mundo.

Para a realização desta oficina será necessário:

- 1-Que todos os alunos tenham o livro lido em mãos.
- 2-Fotocópia dos capítulos de outras adaptações do livro lido na íntegra
- 3-Folha de sulfite.
- 4- Um gravador de áudio.

Disposição da classe: sugestão

A oficina desse encontro será organizada em duas etapas:

1ª etapa: a turma deverá ser organizada em duplas

2ª etapa: a turma deverá ser organizada em círculo, devendo inclusive o professor fazer parte do círculo.

Mãos à obra

- 1-Organizar a turma em duplas, de forma que os grupos sejam produtivos.
- 2-Solicitar que cada aluno esteja com seu livro em mãos.
- 3-Entregar fotocópia de uma adaptação diferente da lida na íntegra pelo aluno. Cada dupla deverá receber o mesmo texto.

Este trabalho será realizado com 3 adaptações diferentes.

- 4-Solicitar a leitura individual e silenciosa, da segunda versão, a todos os participantes.
- 5-Peça aos alunos para apontar e anotar as semelhanças e diferenças que localizaram no texto. Nesta etapa, o trabalho entre a dupla é de fundamental importância, pois poderão alinhar as diferentes leituras que realizaram, apontando as diferenças e semelhanças entre o texto lido na íntegra e o excerto entregue para comparação.
- 6-Solicite aos alunos, que em dupla, discutam e anotem qual o texto foi mais difícil para a realização da leitura e o motivo que os levou a esta avaliação. Peça para que, se possível, demonstrem com exemplos, que podem ser extraídos do texto lido.
- 7-Opinar sobre a versão lida, quanto ao período temporal em que foi adaptada? Qual é a mais antiga? Por quê?

8- Destacar a versão que mais gostou e o motivo. Esta etapa de trabalho deverá ter uma duração de meia hora a quarenta minutos, conforme o nível de interação da turma com a obra lida

9- Realizada a etapa do trabalho em dupla, o grupo deverá se organizar em círculo para uma roda de conversa, ao qual os alunos poderão expor suas impressões diante aos dois textos que tiveram acesso.

10- Para melhor interação e explanação do trabalho será necessário:

11.1- Cada dupla deverá expor sua posição, em relação aos apontamentos realizados.

11.2 - Para as duplas que tiveram o mesmo capítulo, a explanação será em conjunto.

11.3- Ao final da explanação, integrantes de outras dupla poderão interagir, a partir do que foi exposto pela dupla participante.´

12- O professor mediador, conforme a apresentação das duplas deverá fazer a intervenção, de forma que não iniba a participação do aluno- leitor. Lembre-se de que o aluno é o leitor, a partir da visão de mundo e experiências próprias dele.

13- No momento da explanação, o professor deverá despertar nos alunos, o interesse em participar, destacando a versão que mais gostou, a que ele considera mais antiga.

14- Após encerrada as apresentações, o professor deverá encerrar apontando as diversas leituras que realizaram, as diferentes sensações diante às adaptações apresentadas.

15- Proponha aos alunos, que pesquisem textos ou outras artes que façam referências ao texto lido e monte um mural para exposição.

Para esta oficina, o professor deverá disponibilizar de um gravador de voz, para o registro da roda de conversa.

REFERÊNCIAS

CHIANCA, Leonardo. **Dom Quixote**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

GULLAR, Ferreira. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo, Editora Revan, 2005

LESSA, Orígenes. **Dom Quixote**. Adaptação. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha**.

Tradução.de Sergio Molina. 2ed. São Paulo, Editora 34, 2003.

VIEIRA, Isabel. **Dom Quixote**. Adaptação. São Paulo, Editora Atual, 2010.

Apêndice 18 - Material de apoio da Oficina 10

NOME:.....Nº.....

NOME:.....Nº.....

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA- SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	
DOM QUIXOTE – ADAPTAÇÃO DE LEONARDO CHIANCA	DOM QUIXOTE- ADAPTAÇÃO DE.....

NOME:.....Nº.....

.

NOME:.....Nº.....

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA- DIFERENÇAS	
DOM QUIXOTE – ADAPTAÇÃO DE LEONARDO CHIANCA	DOM QUIXOTE- ADAPTAÇÃO

Apêndice 19 - Oficina 11

OFICINA 11-NOVOS RUMOS E RUMORES

Duração: 3 horas/aula

Objetivo:

Verificar por meio do jogo da loteria literária, a capacidade de assimilação e compreensão do fragmento lido.

Ouvir a leitura do texto, a partir de uma gravação, podendo assim, enriquecer ainda mais sua leitura realizada anteriormente

Propor aos alunos, no papel de leitores que elaborem uma hipótese de leitura partir de um dos capítulos lidos, podendo imaginar outras situações que complementem lacunas deixadas pelo autor na obra.

Para a realização desta oficina será necessário:

- Fotocópia
- Folhas de sulfite
- Aparelho de som
- Áudio dos capítulos que foram designados para leitura em casa.
- Folha de almaço

Disposição da classe: sugestão

A oficina exigirá o esforço do trabalho individual

Mãos à obra

Para esta oficina, os alunos deverão permanecer sentados individualmente, pois haverá uma investigação quanto à capacidade de entendimento do leitor ao texto lido, partir de fragmentos explícitos do texto.

1- Conversar com os alunos- leitores sobre a experiência dos capítulos lidos, indagando a sensação ao ler os fragmentos combinados.

2- Entregar a loteria literária a cada um dos alunos.

2.1. Ler em voz alta para que possam assinalar a alternativa que consideram correta

01	Montava num cavalo branco como a neve
	Mulher elegante que encontrou Sancho Pança e Dom Quixote
	Dulcinéia, musa inspiradora de Dom Quixote
02	Convidou Dom Quixote para se instalar em seu reino
	Duque
	Sancho Pança
03	Foi levado por doze pajens para ceia e tece como posição na mesa, o lugar de honra
	Dom Quixote
	O duque
04	Caiu sob um feitiço e se transformou em aldeã, conforme relato de Dom Quixote
	Dulcineia del Toboso

	A duquesa
05	Local por onde percorriam Sancho Pança e Dom Quixote ao serem abordado por uma mulher elegante
	Margens do Elbro
	Floresta encantada
06	Descreveu as aventuras bizarras de Dom Quixote à duquesa
	Sancho Pança
	Duque
07	Pregraram uma peça em Sancho Pança e Dom Quixote
	Duque e duquesa
	Feiticeiro e pajens
08	Farsa preparada pelo duque e duquesa a Sancho Pança
	Ser governador de um reino
	Ser rico e poderoso
09	Cidade com mais ou menos mil habitantes
	Baratária
	Elbro
10	Personagem que impedia, com uma varinha, Sancho Pança de se alimentar enquanto estava governador
	Médico
	Governanta
11	Após se cansar da sua ocupação de governador Sancho Pança dirigiu-se à estrabaria e abraçou
	O seu burrico
	A seu amigo Dom Quixote
12	Nasci para ocupar meus campos. Deixem-me ir em paz
	Fala de Sancho Pança
	Fala de Dom Quixote

Nesta atividade os leitores não deverão consultar o livro, pois servirá de motivação para a audição que será executada em seguida.
A atividade deverá ser realizada de modo espontâneo e sem preocupação, pois a intenção é verificar, as informações que foram assimiladas por meio da leitura individual realizada pelos alunos.

3-Reorganizar a sala em círculo ou semicírculo.(Poderá sala permanecer na organização inicial para a execução da audição)

4-Colocar para audição os capítulos propostos para leitura em casa.

5- Após a audição, discutir as passagens dos capítulos lidos, comparando-os às alternativas elencadas na loteria.

6- Levantar questionamentos da leitura, permitindo a criação, pelos alunos, de situações narrativas, conforme lacunas, do enredo lido.

Para esta etapa não existe o certo ou errado, apenas deverá ter coerência ao texto apresentado.

Propor que, individualmente, criem uma pequena passagem para inserir nos capítulos que foi lido

7- Após a criação, os alunos poderão ler para a turma, demonstrando a criatividade e diversidade de inserções permitidas, a partir da leitura realizada.

8- O professor- mediador deverá recolher os textos e poderá montar um mural, com as inserções dos alunos- leitores.

REFERÊNCIA

CHIANCA, Leonardo. **Dom Quixote**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

Apêndice 21 - Jogo da loteria literária

Orientação: estas comandas deverão ser lidas pelo professor no momento da resolução da atividade ou ainda poderá ser impressa uma cópia para cada participante.

Bom divertimento!

VAMOS DESCOBRIR? (Parte 1)	
01	Montava num cavalo branco como a neve...
02	Convidou Dom Quixote para se instalar em seu reino...
03	Foi levado por doze pajens para ceia e tece como posição na mesa, o lugar de honra...
04	Caiu sob um feitiço e se transformou em aldeã, conforme relato de Dom Quixote...
05	Local por onde percorriam Sancho Pança e Dm Quixote ao serem abordado por uma mulher elegante...
06	Descreveu as aventuras bizarras de Dom Quixote à duquesa...
07	Pregaram uma peça em Sancho Pança e Dom Quixote...
08	Farsa preparada pelo duque e duquesa a Sancho Pança...
09	Cidade com mais ou menos mil habitantes.
10	Personagem que impedia, com uma varinha, Sancho Pança de se alimentar...
11	Após se cansar da sua ocupação de governador Sancho Pança dirigiu-se à estrabaria e abraçou....
12	Nasci para ocupar meus campos. Deixem-me ir em paz...

LOTARIA LITERÁRIA (Parte 2)			
01	Mulher elegante que encontrou Sancho Pança e Dom Quixote	Dulcinéia, musa inspiradora de Dom Quixote	
02	Duque	Sancho Pança	
03	Dom Quixote	O duque	
04	Dulcineia del Toboso	A duquesa	
05	Margens do Elbro	Floresta encantada	
06	Sancho Pança	Duque	
07	Duque e duquesa	Feiticeiro e pajens	
08	Ser governador de um reino	Ser rico e poderoso	
09	Baratária	Elbro	
10	Médico	Governanta	
11	O seu burrico	A seu amigo Dom Quixote	
12	Fala de Sancho Pança	Fala de Dom Quixote	

Apêndice 22 - Oficina 12

OFICINA 12-A VIDA COMO ELA É

Duração: 04 horas/aula

Objetivo:

Retomar a leitura realizada individualmente por meio do áudio dos capítulos propostos. Relacionar as hipóteses propostas na oficina anterior ao que o autor destaca no capítulo seguinte. Estabelecer a relação do livro *Dom Quixote* a outras obras, conforme citação nos capítulos finais. Correlacionar a história narrada nos últimos capítulos a acontecimentos de nossa atualidade, conforme experiências prévias dos alunos.

Para a realização desta oficina será necessário:

- 1-Que o aluno tenha em mãos o exemplar do livro *Dom Quixote*.
- 2-Aparelho de som, *Datashow* e seus acessórios
- 3-Projeção de vídeos que possam contribuir e/ou demonstrar as hipóteses levantadas pelos alunos.
- 3.1-Sugestão para o trabalho com o livro *Dom Quixote* de Leonardo Chianca
<https://www.youtube.com/watch?v=hh5BMG69WVI>
<https://www.youtube.com/watch?v=UgHGBrTIG2o>
<https://www.youtube.com/watch?v=yS-uADkndHQ>
<https://www.youtube.com/watch?v=725VqPs2Mil>
- 4-Áudio dos capítulos que foram designados para leitura em casa.
- 5- Gravação de trechos da obra trabalhada

Disposição da classe: sugestão

Para a realização da oficina desta oficina haverá três momentos com disposições diferentes.

- 1º momento:** A classe poderá permanecer organizada, conforme orientação cotidiana para relatar sobre a experiência de ler o final do livro, áudio dos capítulos lidos anteriormente e apresentação do *powerpoint* com algumas intervenções, apresentação de músicas.
- 2º momento:** A classe deverá ser organizada em duplas para que possam discutir as relações que encontraram entre a obra *Dom Quixote* e outras vindas posteriormente. Neste momento entrega-se um roteiro para que possa ajudar os alunos a direcionar a leitura.
- 3º momento:** Deverá se posicionar em círculo ou semicírculo para relatar as impressões de leitura.

Mãos à obra

- 3- Neste primeiro momento os alunos-leitores deverão relatar sobre a experiência dos capítulos lidos, indagando sobre o prazer em ler, se os capítulos foram prazerosos ou não de serem lidos e se conseguiram perceber referência a outras histórias. Para este momento, que a oralidade será explorada, o professor deverá disponibilizar uns dez minutos apenas para não explorar todas as impressões dos alunos.
- 4- Após o momento da sensibilização, colocar o áudio dos capítulos finais para que os alunos possam ouvir e melhor compreender o texto lido. Caso os leitores não tenham percebido nenhuma semelhança dos escritos a outras obras escritas posteriormente, chamem a atenção para que possam observar no momento da audição.
- 5- Após chamar a atenção dos alunos leitores para algumas passagens, o professor poderá utilizar o *powerpoint* para apresentar algumas passagens, vislumbrando associar o tempo e acontecimentos relatados na obra a situações da atualidade. Esta etapa deverá ter a duração de vinte minutos

6- Entregar uma ficha com algumas indagações que deverá ser discutida em duplas. As indagações poderão ser realizadas de acordo, com a leitura realizada pelos leitores anteriormente.

SUGESTÃO DE ROTEIRO

Durante toda a obra tivemos a oportunidade de trabalhar com nossas emoções, conhecimentos e expectativas. Hoje encerramos nossa leitura, o que será que aprendermos com Dom Quixote, Miguel de Cervantes, com a Espanha. O que tem de parecido com o nosso país? Há situações que lemos no livro, que hoje presenciamos em nossa comunidade ou até mesmo em nosso país, de uma forma mais ampla? Vamos refletir?

1-A que conclusão você chegou ao final do livro? Quem era Dom Quixote? Um louco ou um sonhador? Quais os motivos que levam você a defender esta hipótese?

2-Nos dias de hoje, quem na sua opinião poderia representar nosso personagem Dom Quixote? Por quê?

3-De acordo com a família de Dom Quixote, ele era um louco. Na sua opinião como as pessoas cuidam dos familiares considerados “loucos” nos dias atuais? Você conhece algum caso que gostaria de contar?

4- Para você:

a) O que é ser louco?

b) O que é ser sonhador?

5- Nos últimos capítulos lidos você conseguiu lembrar de algum filme, novela, personagem, ou outro livro? Qual?

6- Para você, qual a importância do Sancho Pança na vida de Dom Quixote?

7- Você tem amigos fiéis assim como Dom Quixote tinha Sancho Pança? Gostaria de falar o nome?

8- Qual a importância da amizade para você?

9- Sancho Pança era um louco ou um grande sonhador? Ele conseguir atingir seus objetivos?

10- Você é uma pessoa sonhadora? O que te leva a acreditar que seja uma pessoa sonhadora?

Observação: Para esta etapa de estudo da obra e sua correlação com o meio, o professor poderá elaborar outras perguntas, mas um ponto é importante destacar: tê-la pronta para entregar aos alunos.

Pode também fazer um número menor de questionamentos ou ainda dividir as perguntas em grupos diferentes.

5-Reunir a turma em círculo ou semicírculo para expor as conclusões, a partir da leitura realizada. Para esta etapa do trabalho, não será necessário abarcar todas as perguntas, nem seguir a sequência traçada na oficina. Para a continuidade deste trabalho, todas as perguntas serão colocadas num vidro ou numa caixa, que serão sorteadas para discussão.

6-Neste momento, o professor, enquanto mediador, faz as interferências que julgar necessário, mas com cuidado ao interferir nas conclusões dos leitores.

7-Ao final o professor solicitará que possam registrar por meio de uma maquete, uma cena do livro, que mais tenha gostado ou chamado sua atenção.

7- Recomenda-se a orientação da maquete para um outro momento.

ORIENTAÇÃO PARA A MAQUETE

ORIENTAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO DA MAQUETE

1. O trabalho deverá acontecer em dupla.
2. Escolha uma passagem do livro que mais tenha gostado para a elaboração de seu trabalho.
3. Para organizar a maquete é preciso saber qual o material irá utilizar.
4. Não esqueça do capricho!
5. Numa folha a parte registre o nome da dupla, o capítulo escolhido e dê um título para a cena que escolheu para elaborar a maquete.

SUGESTÕES PARA A MONTAGEM DA MAQUETE

1. A base da maquete: para a criação da maquete use como base uma caixa de sapato grande, papel paraná, madeira, papelão ou até mesmo isopor.
2. Para representar o solo e as ruas use o papel *color set*, crepom ou até mesmo pintem com tinta guache ou outra de sua preferência.
3. Para as casas e demais construções como albergue, moinho de vento, castelo, casa do Dom Quixote, carroças etc. Utilize caixas de fósforo, remédio, leite, suco, etc. Vocês poderão encapar as construções com papel dobradura, de presente, seda ou outros.
4. Árvores e cercas: utilize o papel color set marrom ou palitos de sorvete ou outro qualquer. Nada impede de utilizarem gravetos de árvores ou pequenos arbustos.
5. Para confeccionar as personagens e animais utilizem brinquedos de plástico, massa de modelar caseira ou outro recurso que desejar.

RECEITA DA MASSA DE MODELAR

INGREDIENTES

- 2 copos de farinha de trigo
- 1/2 copo de sal
- 1 copo de água
- 1 colher de chá de óleo
- Corante alimentício ou suco

MODO DE FAZER

- 1-Em uma tigela grande, misture bem todos os ingredientes secos.
- 2-Em seguida, adicione a água aos poucos e amasse bem.
- 3- Adicione o óleo e misture bem novamente.
- 4-Por fim, pingue algumas gotas do corante alimentício e amasse até a cor da massinha se tornar homogênea.
- 5-Guarde em um saco plástico.

Disponível em: <http://www.artesanatoereciclagem.com.br/1562-maquete-escolar-modelos-e-dicas-de-como-fazer.html>. Acesso em 25 de nov. de 2017

1. Sugestão de sites e vídeos que ensinam a fazer uma maquete:

<https://www.youtube.com/watch?v=DvVB4tq2bWM>

<https://www.youtube.com/watch?v=gRrkMuyY96Y>

<https://www.youtube.com/watch?v=f5FmO-UJw8c>

<https://www.youtube.com/watch?v=ZWfZ6TK4luM>

<https://www.youtube.com/watch?v=lbz80INHSjY>

<http://www.artesanatoereciclagem.com.br/1562-maquete-escolar-modelos-e-dicas-de-como-fazer.html>

Apêndice 23 - Oficina 13

OFICINA 13-EU E DOM QUIXOTE

Duração: 2 horas/aula

Objetivo: Apresentar a obra Dom Quixote, na visão dos alunos -leitores por meio de uma maquete e apresentação oral.

Para a realização desta oficina será necessário:

1. Espaço para a montagem das maquetes e circulação de convidados.
2. A sala poderá ser decorada com os trabalhos desenvolvidos pelos alunos no decorrer da leitura da obra estudada.
3. Papel e tinta para a impressão dos certificados.
4. Local que possa servir de apoio para a exposição das maquetes.

Disposição da classe: sugestão

Então, durante as demais atividades esta poderá acontecer e um espaço livre, em que os alunos da maquete possam explicar para os convidados, o trabalho criado por eles.

Mãos à obra

- 1- Esta oficina está diretamente ligada a todas as outras oficinas, pois representa a leitura dos alunos diante às expectativas que eles criaram em relação ao livro antes de conhecê-lo e o atendimento ou não a esta expectativa. Também no decorrer desta oficina os alunos posicionarão a leitura que realizaram de toda a obra.
- 2- Para a apresentação dos trabalhos os alunos receberão um roteiro que auxiliará no momento da apresentação.

- 1- Título da obra, nome do autor, adaptação.
- 2- Apresentação geral da obra, falando da obra original de Miguel de Cervantes escrita em 1605.
- 3- Apresentar o capítulo escolhido para a maquete.
- 4- Contextualizar a maquete apresentada, de acordo com a leitura realizada.

- 3- Na sala de apresentação os alunos deverão receber os convidados, conforme organização da escola, explicando sua obra, a partir da leitura e estudo realizados entre os meses de setembro e novembro.
- 4- Cada apresentação deverá ter em média cinco minutos de duração, devendo acontecer de forma aleatória.
- 5- Encerrada as apresentações cada aluno receberá um certificado pela apresentação do trabalho.

REFERÊNCIA

CHIANCA, Leonardo. **Dom Quixote**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005

Apêndice 24 - Transcrição das gravações

Siglas

P- Pesquisadora

A1- Aluno1

A2- Aluno 2

A3- Aluno 3

A4- Aluno 4

A5- Aluno 5

A6- Aluno 6

A7- Aluno 7

A8- Aluno 8

A9- Aluno 9

A10- Aluno 10

A11- Aluno 11

A12- Aluno 12

A13- Aluno 13

A14- Aluno 14

A15- Aluno 15

A16- Aluno 16

A17- Aluno 17

A18- Aluno 18

A19- Aluno 19

A20- Aluno 20

D1- Dupla1

D2- Dupla 2

D3- Dupla 3

D4- Dupla 4

D5- Dupla 5

D6- Dupla 6

D7- Dupla 7

D8- Dupla 8

D9- Dupla 9

D10- Dupla 10

G1- Grupo1

G2- Grupo 2

G3- Grupo 3

G4- Grupo 4

G5- Grupo 5

G6- Grupo 6

G7- Grupo 7

G8- Grupo 8

G9- Grupo 9

G10- Grupo 10

G11- Grupo 11

T- Todos

Transcrição da oficina 3

Data: 23/05/2017

Texto 1- “A velha contrabandista”

- [1] Para a leitura de hoje foi selecionado um texto de “Stanislaw Ponte Preta”, que apresenta,
- [2] em geral, textos bem engraçados”. Vamos ler? Eu leio ou vocês preferem ler?
- [3] A2- A professora pode ler.
- [4] P- Posso ler, então?
- [5] T- Sim.
- [6] (Leitura do texto)
- [7] P- Vocês gostaram da História?
- [8] A1- Sim.
- [9] A14 Sim.
- [10] A9- Não.
- [11] A17- Eu gostei, professora.
- [12] A20- Eu achei mais ou menos. Gostei.
- [13] A2- Sim, eu gostei.
- [14] A6- Sim, gostei.
- [15] A17- Cara, muito legal!
- [16] A19- Legal!
- [17] A11- Legal!
- [18] A3- Bom.
- [19] A4- Sim, gostei.
- [20] A 7- também.
- [21] P- Levanta a mão, quem não gostou?
- [22] P – Só você A9?
- [23] A9- Acho que sim.
- [24] P- Vocês sabem me dizer por que gostaram ou não da história?
- [25] A1- A história é engraçada. Uma velha passando a perna no policial.
- [26] A2- Também achei engraçada.
- [27] A7- Gostei por causa da esperteza da velhinha.
- [28] A8- Engraçada.
- [29] P- Quem gostou do texto por outro motivo além de ser engraçado?
- [30] A13- Gostei pelo mesmo motivo do A7.
- [31] A16- Eu Também.
- [32] P- Alguém não gostou do texto?
- [33] A 9- Eu não gostei. Achei muito boba a história da véia.
- [34] P- Nem sempre um texto agrada a todos os leitores.
- [35] A1- Ele nunca gosta de nada, professora.
- [36] P- Quanto ao título, o que vocês acharam?
- [37] A1- Eu achei interessante. Nem imaginava o que a velha contrabandeava.
- [38] P- Vocês perceberam se o título da obra tem relação com o texto?
- [39] A1-Tem sim. Ela contrabandeia a moto.
- [40] A18- Também acho que tem.
- [41] P- A gente percebe que as palavras “velha” e “contrabandista” já dão pistas sobre a história.
- [42] A1-Sim, é só prestar atenção.
- [43] P – Quanto aos personagens, quem são eles?
- [44] A15- A velha e o policial.
- [45] P- Como eram os personagens?
- [46] A1- A velhinha deveria ser bem velha e tinha pouco dentes na boca. Imagino de cabelo branco. Tudo para disfarçar. O policial era malandro e já velho de serviço. Meu pai é policial. Desconfia de tudo.
- [47] A8- Acho que o policial não deveria ser tão velho.
- [48] A1- Não disse que ele velho de idade, de serviço.

- [49] P- A1, O que você quis dizer com a palavra malandro?
- [50] A1- Conhecía as malandragens dos bandidos e que iria a qualquer momento pegar a velhinha.
- [51] P- Alguém discorda da leitura do A1?
- [52] P- Levanta o braço, quem discorda. Só você A9.
- [53] P- A9, por que você não concorda com a leitura do A1?
- [54] A9- Porque não. Não sei.
- [55] P- Foi um texto fácil ou de difícil compreensão?
- [56] A3- Foi fácil." Mas tinha algumas palavras que eu não sabia o que era.
- [57] P- Quais, A3?
- [58] A3- Lambreta, alfândega e encabulado.
- [59] A1- Nossa! Você não sabia isso?
- [60] P- A1, é preciso respeitar outras colocações. Mais alguém desconhece o significado?
- [61] Levantem o braço. Um, dois, três, quatro, cinco... quem já contei pode abaixar o braço. Seis, sete, oito nove e dez. Dez colegas não sabem o significado de alguma palavra.
- [62] A13- Professora, não sei o que é odontólogo?
- [63] P – Essa palavra faz lembrar qual outra, A13?
- [64] A 1- Odontologia, de dentista.
- [65] P- No texto, o que mais chamou a atenção?
- [66] A9- Nada.
- [67] A3- Menino, você nunca gosta de nada. O texto foi bem legal, a velha era muito esperta.
- [68] A6- Gostei pelo humor que há no texto.
- [69] A20- Eu gostei do final, quando a velhinha fala que faz contrabando de moto, lambreta.
- [70] A15- Fico imaginando a cara do guarda....
- [71] A1- A parte que mais gostei foi quando a velha conta o que leva de contrabando. Essa velha é demais!
- [72] P- Para vocês, o final foi surpreendente?
- [73] T- Sim.
- [74] A15- Para mim, ser uma velhinha foi surpresa.
- [75] A3 -Para mim a velha devia levar relógio, roupa... não sei...
- [76] A 15-Eu nem consegui imaginar.
- [77] A13- Imaginava que deveria levar dinheiro dentro da roupa.
- [78] A 10- Nunca imaginei a moto.
- [79] A1- Talvez drogas. Mas o final foi surpreendente
- [80] P- Vocês não conheciam o texto?
- [81] T- Não.
- [82] A2- Quero ler para meu irmãozinho. Ele vai gostar.
- [83] P- Em resumo, posso afirmar que esse é um texto bom para leitura?
- [84] P- quem acha que sim, levanta a mão.
- [85] P- Só você A9 que não gostou?
- [86] A9- Não.
- [87] P- Bom, gente, finalizando podemos concluir que este foi um texto...
- [88] A1- Um texto legal! Bom para dar umas risadas...
- [89] A17- Divertidíssimo.
- [90] P- Na próxima aula, vamos ler "O bife e a pipoca ou "Quanta besteira o mundo tem?"
- [91] A1-Quanta besteira o mundo tem?
- [92] P- Pode ser, turma?
- [93] T- Sim.

Texto 2- "Quanta besteira o mundo tem"

Data: 05/04/2017

- [1] P- O que vocês acharam do texto lido?
- [2] A1- Nossa, muito bobo!

- [3] A3- Eu gostei da história. Achei engraçada.
- [4] A5- Eu não gostei muito. Quando escolhemos o texto imaginei outra coisa, não sei”
- [5] A7- O título faz eu pensar que a história foi uma besteira só. Muita coisa sem sentido.
- [6] A 10- Muita coisa acontece ao mesmo tempo. Parece uma tragédia!
- [7] P- Para vocês esse é um texto de humor ou dramático?
- [8] A1- De humor, claro. Bem ruim, mas é...
- [9] A2- Acho que é meio dramático.
- [10] A3- Humor.
- [11] A17- Humor.
- [12] A 18- Humor.
- [13] A19- Acho que é meio de suspense, principalmente quando os moços caem no rio.
- [14] P- Esse texto do Ricardo de Azevedo é baseado em contos populares. Pertence ao livro “Bocós, burros, burraldos e paspalhões”. Ele caracteriza neste livro os diversos tipos de caipira que o Brasil tem. Além de caracterizar também os diferentes tipos de heróis.
- [15] A1-No caso do texto que lemos, o herói é o noivo que salva ajuda todo mundo que aparece.
- [16] P- Alguém mais gostaria de comentar?
- [17] A 3- Professora, acho que a maioria acha que humor, só não quer falar.
- [18] P- Posso afirmar que o nosso texto ele tem humor.
- [19] T- Sim.
- [20] P- As palavras utilizadas no texto fáceis de compreender? Há palavras que prejudicaram a compreensão do texto?
- [21] A1- Não, foi um texto fácil.
- [22] A4- Acho que tinha menos palavra difícil que outros. É um texto grande.
- [23] P- Que outros A4? Para você, o que é um texto grande?
- [24] A4- Os outros que já lemos. No da velha tinha umas palavras estranhas. Texto grande é quando passa de uma página.
- [25] A17- O texto traz várias histórias de pessoas atrapalhadas. Meu Deus, querer cortar a noiva... foi a perna.
- [26] A1- Acho que os dois.
- [27] P- Vamos ler de novo para tirarmos a dúvida. Leia A 17
- [28] A17-Leitura do trecho do texto.
- [29] A17-Eles não sabiam o que cortar.... eram muito atrapalhados.
- [30] A19- Parece coisa de outro mundo essas histórias.
- [31] A1- Gente, olha o título fala de besteira no mundo e o título do livro tem burro, né!
- [32] P- A1, o que é ser uma pessoa burra?
- [33] A1- Não saber nada, ser atrapalhada. Na verdade, o texto tem pessoas burras e paspalhonas, que gostam de causar. Não é esse o título do livro?
- [34] P- Sim. E vocês, concordam como A1?
- [35] A10- Sim. É um texto muito doido. Fiquei curioso para ler o livro inteiro.
- [36] P- Eu posso emprestá-lo para você.
- [37] P- Gente, no texto há alguma passagem que mais tenha chamado a atenção vocês.?
- [38] A1- A noiva do machado. É muita louca, não dá para imaginar isso. Ficou chorando pensando no que poderia acontecer.
- [39] A7- A lua refletida no rio e os moços imaginando um queijo.
- [40] A13- Gostei de tudo, mas principalmente quando o viajante volta para casar com a moça. A vida é assim... nossa no lugar onde ele vivia só tinha gente burra.
- [41] A17-Gostei de quando ele ajuda a noiva. Iam cortar a noiva. Coitada da moça!
- [42] P – Qual texto vocês gostaram mais? A velha contrabandista ou o que lemos hoje? Levantem a mão para o texto da velha contrabandista.
- [43] P – 15 alunos preferem a velha contrabandista.
- [44] P- A 5, por que você prefere o texto 1?
- [45] A5- Por que a história da velha não é confusa. É um texto curto.
- [46] A7- Eu gostei porque foi surpreendente o final.
- [47] A10- Eu também gostei por causa da história.

- [48] P- Os demais, por que escolheram o texto de hoje?
- [49] A1- Não que eu tenha gostado mais, mas achei que tem mais aventura. Cada história sem pé e sem cabeça.
- [50] A19- Gostei da história porque me fez rir muito. Lembrei de um amigo meu, que não posso falar o nome.
- [51] P- Mais alguém gostaria de expor sua opinião? Ninguém mais...
- [52] P- para finalizar, vocês acreditam que existam pessoas assim, atrapalhadas como na história?
- [53] A17- Com certeza. Não tenho dúvida. Tem gente que vive se envolvendo em confusão. Eu sou um.
- [54] A1- É mesmo. Que confusão é sair com você.
- [55] P- Mais alguém vai falar?
- [56] A4- Eu acho que a história tem a ver sim, com a gente. Por exemplo a mulher que quer casar, ao invés de fazer o que o pai pediu ficou olhando para o machado e chorando. Lembro minha mãe, quando ela fala que tem gente que fica se lamentando ao invés de correr atrás do que quer. Eu penso igual minha mãe.
- [57] A3- É verdade, não tinha pensado nisso.
- [58] P- Se esta é uma história contada por alguém, posso dizer que esse texto é uma narrativa?
- [59] A1- Sim.
- [60] A4- Com certeza!
- [61] A18- Sim. Ele é um narrado observador, não é?
- [62] A1- Sim.
- [63] P- Sim, A18. Muito bem! E o texto da velha contrabandista, também era uma narrativa, podemos identificar o narrador, os personagens, o local onde acontecem a história
- [64] P- Ainda, falando dos textos da velha contrabandista e do de hoje? Quem são os principais personagens?
- [65] A1- A velha e o viajante.
- [66] P- No texto de hoje, o viajante é considerado um herói e no texto da velha identificamos um herói?
- [67] A1-Não. A velha era uma fora da lei.
- [68] P- Os fora da lei não são heróis?
- [69] A1-Não sei, depende. Para algumas pessoas sim.
- [70] P- Vocês concordam com o A1.
- [71] A17-Concordo sim, pois tem bandido que vende droga, mas não é mal. Ele ajuda a família e compra comida, remédio.
- [72] P-Vocês observaram que lemos dois gêneros diferentes, uma crônica e um conto.
- [73] T- Sim.
- [74] P- Para semana que vem vamos ver um conto da autora Lygia Bojunga,
- [75] A17- Como chama, professora?
- [76] P- “O bife e a pipoca”.

Texto 3 - “O bife e a pipoca”

Data: 12/04/2017

- [1] P- O que vocês acharam do texto lido?
- [2] A1- Muito triste, mas real.
- [3] A17- É a realidade da maioria das crianças, ninguém tem motorista particular, mordomia.
- [4] Tem dia que a gente nem tem mistura em casa.
- [5] A5- Achei bonito porque fala da amizade.
- [6] A18- Eu achei triste, mas gostei. Gostei mais do Tuca.
- [7] A1- Eu gostei do Rodrigo. Ele dá pão pro Tuca e ainda ensina matemática.
- [8] P- Em geral, podemos dizer que gostaram da história?

- [9] T -Sim
- [10] P – No texto lido, o que mais chamou a atenção de vocês?
- [11] A17- A diferença entre pobre e rico.
- [12] A10- O Tuca deveria ser bom, porque ganhou uma bolsa de estudos
- [13] A 18- O olhar do Tuca na geladeira. Faço isso, às vezes, na casa de minha madrinha.
- [14] A3- A amizade que existiu entre os dois. Será que depois eles ainda ficaram amigos?
- [15] A1- Acho que não. Não sei, o que o Rodrigo pensou depois de ir na favela?
- [16] A17- Acho que não ficaram mais amigos.
- [17] A13- O menino pobre trabalhava. Isso falam que não é certo. Mas pobre precisa trabalhar.
- [18] A13- Mas o que chamou mais sua atenção?
- [19] A 13- Acho que a mãe do Tuca, bêbada. Não gostei ...imaginei ser muito triste a vida do Tuca, fiquei com dó.
- [20] P- Agora, prestem atenção. A história narrada correspondeu com as expectativas relacionadas ao título?
- [21] A17- Nem imaginava.
- [22] A1- Também não. Achei que fosse um texto de comédia de novo.
- [23] A 9- Gostei desse. Mas não quero ler.
- [24] A2- Nossa, pensei em receita. Mas não nessa história. Acontece no Rio, professora?
- [25] P- Sim, A2. Em duas realidades bem diferentes.
- [26] A 19- Eu na verdade, fiquei com dó do Tuca, mas ao mesmo tempo não sei se ele foi legal com o Rodrigo.
- [27] A 1- Ele quis mostrar pro Rodrigo que a vida é difícil, bem diferente daquela que ele vive com carro, motorista, empregada...
- [28] P- Em geral, o que mais chamou a atenção foi a diferença de classe entre os dois colegas?
- [29] A1- Sim.
- [30] P- Quem mais concorda com o A1? Todos concordam. Certo.
- [31] P Foi um texto difícil para compreender?
- [32] T- Não.
- [33] A1- Foi o mais fácil.
- [34] A17. Concordo com o A1.
- [35] A13- Também achei ele bem fácil. Parece que a gente viaja para dentro da história.
- [36] A17- Para mim foi um texto triste, mas bem fácil de entender. SE teve palavra difícil, não lembro.
- [37] A14- Eu também achei bem fácil.
- [38] P- Mais alguém gostaria de falar? Não havendo mais ninguém para falar, vamos encerrar com nossa última pergunta.
- [39] P- Entre os três textos lidos, vamos relembrar: “A velha contrabandista”, “Quanta besteira no mundo tem” e o de hoje, qual vocês preferem?
- [40] P Quero ouvir todos agora.
- [41] A17 – Gosto do primeiro e do de hoje. Posso ficar com dois?
- [42] P- Pode. Mas por que os dois?
- [43] A17- O primeiro é engraçado e esse de hoje vi muita realidade.
- [44] A1- A velha contrabandista.
- [45] A10- A da velha.
- [46] A2- O primeiro.
- [47] A7- A velha contrabandista.
- [48] A5- Igual.
- [49] A3- O primeiro.
- [50] A4- Acho que o de hoje.
- [51] A14- O da mulher louca.
- [52] A6- O segundo.
- [53] A8- O de hoje.
- [54] A9- Nenhum, mas vou escolher o de hoje.
- [55] A11- Do viajante.

- [56] A18- O da velha.
- [57] A13- O texto de hoje.
- [58] A15- O da moto com a velha.
- [59] A19- Igual.
- [60] A20- Acho que nenhum.
- [61] P- Para finalizar, posso dizer que dos três textos, o que mais vocês gostaram foi “A velha contrabandista”.

Texto 4 – “Maria Angula”

Data: 19/04/2017

- [1] P- Vocês gostaram do texto?
- [2] A3- Gostei muito. Uma história de terror.
- [3] A13- Não gostei muito, falava coisa nojenta.
- [4] A17- Adorei, simplesmente adorei.
- [5] A20- Gostei do final, quando a alma penada pega a Maria Angula.
- [6] A15- Gostei de tudo, mas o que mais gostei foi da receita da vizinha... foi vingativa.
- [7] P- Quem mais gostaria de falar?
- [8] A9- Gostei desse também. Já imaginaram que terrível. Fico imaginando a cena da mulher com morto...
- [9] A13- Credo, que coisa nojenta!
- [10] A18- Para mim foi legal.
- [11] P- Mas por que foi legal?
- [12] A18- Por causa da história...
- [13] A2- Eu gostei. Quero ele!
- [14] P- Vocês praticamente já disseram o que mais chamou a atenção. Tem algum aluno que gostaria de acrescentar mais alguma colocação?
- [15] A1- Para mim foi a hora que o marido comeu aquela coisa nojenta.
- [16] A3- Para mim foi a hora do cemitério. A Maria Angula foi muito forte para pegar o morto fresco.
- [17] P- Na hora da última receita, vocês imaginaram que poderia ser algo tão diferente?
- [18] A14- Eu não.
- [19] P- A14, ao ouvir a sugestão da última receita. você imaginou que Maria Angula fosse capaz de fazê-la?
- [20] A14- Acho que sim, porque ela é muito maldosa. Quando criança já judiava dos animais.
- [21] A1- Verdade. Ela era cruel.
- [22] A2- Eu também achei que ela fosse fazer sim. Pagou caro por isso.
- [23] A 11- Eu não imaginava nada disso. Pensei que talvez não fosse atender a moça ou fosse pedir para colocar muito sal ou pimenta.
- [24] A1- O texto parece lenda urbana... “A noiva do banheiro”. Isso é uma lenda urbana.
- [25] P- A1, este é um conto popular. Há várias versões sobre a mesma história. Assim como na história do Ricardo Azevedo, o enredo é quase difícil de imaginar na vida real.
- [26] A1- É nada professora, tem muita gente maldosa no mundo.
- [27] A19- Não sei se dessa forma, mas tem muita violência no mundo.
- [28] A13- Falta de Deus. Tem que ler a bíblia.
- [29] A2- Essa é uma história de terror. Dá até medo.
- [30] P- E o final da história foi surpreendente?
- [31] A1- Sim, mas gostaria que o marido tivesse casado de novo. Mas ficou procurando a Maria Angula.
- [32] A14- Nossa, quando a professora leu o final fiquei até com medo da voz “Maria Angula”. Não imaginava isso.
- [33] A1- Gostei do final, mas dá um certo medinho.
- [34] A15- Para mim, o surpreendente foi a Maria Angula preparar a receita. O final meio que ela imaginava. História de terror.

[36] P- Entre os gêneros suspense, humor e aventura, qual vocês preferem para ler? Para a escolha dos gêneros, vou anotar na lousa.

[37] P- Suspense foram 8, humor 5 e aventura 8.

[38] P- Entre todos os textos lidos, qual deles vocês gostaram mais? Texto 1 foram seis votos, texto 2- quatro votos, texto 3- dois votos e texto 4 com cinco votos. Logo, o texto que vocês mais gostaram foi o da velha contrabandista?

[39] A17- Sim.

Oficina 4 - Leitura da capa dos livros

Data: 28/08/2017

[1] P- Bom gente, para que todas as duplas possam expor suas leituras, gostaria da colaboração de todos na hora da explanação. Vocês observaram as ilustrações e realizaram uma leitura de imagens, lembrando do que já estudados, a leitura da linguagem não-verbal. Vocês tiveram a oportunidade de discutir as perguntas, agora vamos compartilhar. Quem gostaria de começar?

[2] D10- nós podemos começar.

[3] P- Pode ler a pergunta, D10? Com que capa vocês ficaram, mesmo?

[4] D10- A do Leonardo Chianca...a que é meio marrom.

[5] P- Certo. Podem ler.

[6] D10- O que você consegue observar na ilustração da capa? O que mais chama a atenção? Por quê?

[7] D10- A gente viu...estamos com vergonha....

[8] P- Podem ler... aqui estamos aprendendo todos juntos e cada dupla vai enxergar algo novo. Não se preocupem.

[9] A1- Ou não, né professora.

[10] P- A1, respeita a dupla. Agora é a vez deles participarem.

[11] D10- Dois homens lutando contra o moinho de vento. O homem gordo parece mais devagar.

[12] P- O que mais chamou atenção? Por quê?

[13] D10- Não sei.

[14] P- Teve mais dupla que ficou com a mesma adaptação? Leu algo diferente?

[15] D5- Nós ficamos com a mesma...

[16] P- Podem ler.

[17] D5- A capa tem cor marrom e tem dois homens, um gordo e um magro. Eles estão lutar na guerra. O magro deve ser Dom Quixote e o gordo seu amigo Sacho Pança.

[18] P- O que mais chamou atenção de vocês na ilustração?

[19] D7- A gente também pegou essa, tem que ler?

[20] P- Sim, claro.

[21] D7- Um desenho riscado, com a figura do Dom Quixote e de outro homem. A cor da capa chamou nossa atenção.

[22] No caso, a cor da capa num tom bege, marrom claro...

[23] P- Qual a dupla que vai ler expor agora? D1, pode ser vocês? Qual capa vocês pegaram?

[24] D1- A do Sergio Molina.

[25] D1- Um homem com uma lança. A aparência do homem, parece estar cansado de lutar na guerra.

[26] D1- O D8 pegou essa também.

[27] P- Podem ler D8.

[28] D8-O fato de ser um cavaleiro medieval Sancho Pança e Dom Quixote usam roupas diferentes.

[29] P- Vocês conseguiram ler isso na capa?

[30] D8- sim.

[31] P- Como chegaram a conclusão do cavaleiro medieval?

[32] D8- Porque a gente viu o desenho na capa e já sabia.

[33] P – Quem ficou com a tradução do Orígenes Lessa?

- [34] D2 A gente.
- [35] P- Mais alguma dupla? Deve ter mais uma.
- [36] A17- Querem fugir da raia. Não é você A9?
- [37] A9- Que eu o que...cuida da sua vida.
- [38] P- Vamos respeitar... Qual é a dupla?
- [39] A9-- Fui eu, não quero ler. A gente não quer participar.
- [40] P- Vocês pelo menos discutiram a capa?
- [41] A15- - Não professora.
- [42] P- Mais alguma dupla com essa versão? Não... Vamos para outra dupla com outra capa.
- [43] D2- A gente achou o seguinte...
- [44] P- Qual tradução é a de vocês? Só tem mais esta agora?
- [45] D2- A nossa foi difícil é do... deixa eu ler aqui... Ferreira Gullar.
- [46] P- Agora os grupos que faltam podem falar todos.
- [47] D2- Guerra e espada. Dois homens, um mais gordo e outro magro. Tem muita montanha no lugar. Acho que a magreza do homem chama a atenção. Pesquisamos e acontece muita guerra no livro.
- [48] P- Vocês pesquisaram em casa sobre a obra escolhida?
- [49] A14- Sim professora... tem muita guerra e aventura. Eu gostei bastante.
- [50] D3- Uma capa muito colorida e confusa. O homem, Dom Quixote, tem uma lança na mão. A confusão da capa é muito estranha.
- [51] D4- Observamos várias mortes e a guerra. Tudo isso chamou nossa atenção.
- [52] P- A capa era bem colorida.
- [53] A3- A gente achou bem confusa par entender, mas é sobre guerra.
- [54] D6- Uma capa com duas pessoas, que parecem que vão lutar para salvar uma pessoa.
- [55] A19- Acho que é isso.
- [56] P-Agora, que observamos a capa, vamos para a segunda pergunta. Qual o tema da história pela ilustração da capa? Agora, quero ouvir em sequência as duplas.
- [57] D1-Guerra.
- [58] D2-Guerra com mocinhos e bandidos.
- [59] D3-Guerras, época medieval, reinos em conflito, etc.
- [60] D4-Guerra.
- [61] D5-Guerra.
- [62] D6-Guerra.
- [63] D7-Guerra.
- [64] D8-Cavaleiro, idade medieval.
- [65] D9-Aventura.
- [66] D10-Guerra.
- [67] P- A grande maioria acha o livro vai tratar de guerra?
- [68] A1- Sim professora, vai ter muita guerra, sangue e aventura.
- [69] A13- Será que vai ter romance?
- [70] P- Não sei, vamos ter que ler.
- [71] A15- Vamos ler todos esses livros?
- [72] P- Não, vamos ler uma versão só.
- [73] A17- Ainda bem, muita coisa... a cabeça pira...
- [74] P- Para encerrar vocês perceberam que cada dupla realizou sua leitura, teve o seu olhar. Mesmo não tendo comentado o que chamou atenção, ficou explícito na fala de vocês o destaque para a cor, para o como a ilustração foi feita, para os personagens... Todas as leituras que realizamos foram sobre o que vimos. Além do mais, vocês levantaram a partir da capa hipótese sobre o enredo, onde a maioria determinou que era a guerra.
- [75] A1- Foram as armas medievais. Gosto de ver no *Discovery*.
- [76] P- Será que vai ter guerra, aventura, como disse a dupla 9, reinos em conflito, mocinhos, bandidos e mocinhas, para isso vamos ter que ler para descobri.
- [77] Na próxima oficina vamos conhecer um pouco mais sobre a obra de Miguel de Cervantes.

Oficina 5 - O que será?

Data: 04/09/2017

[1] P- Para a apresentação dos grupos, vamos nos organizar da seguinte maneira. A apresentação deverá seguir os capítulos do livro. Por exemplo, o grupo1 ficou com o capítulo1. O grupo 1 será o primeiro a se apresentar. Alguma dúvida?

[2] A1- Vamos na sequência, então?

[3] P- Sim.

P- Assim, como realizamos a leitura da capa do livro, hoje vamos ler os capítulos da obra lida, que é a adaptação do Leonardo Chianca. Na verdade, não sabemos o que vai acontecer na história, porém podemos levantar hipóteses, ou seja, imaginar o que vai acontecer nos capítulos.

[4] A17- Muito difícil, professora! Como assim, a gente vai imaginar... e se imagina errado?

[5] P- A17, A imaginação é livre, nesse momento o objetivo da atividade é imaginarmos o enredo da história.

[6] A13- Professora, a gente ainda não sabe o que o outro grupo vai falar.

[7] P- Não tem problema, A15. O que importa é darmos asas para a nossa imaginação hoje, para após compararmos nosso pensamento ao que formos ler.

[8] A17- Legal!

[9] P- Então, vamos lá...Capítulo 1- "O sonho de um homem"

[10] G1- A gente leu que o sonho de um homem podia ser... estou com vergonha...

[11] P- Pode ler, ou comentar, faça o que achar melhor. Não tem motivo para ficar com vergonha.

[12] G1- Mas se a gente errar?

[13] Nesta atividade, como estamos imaginando, levantando hipótese, não há erro.

[14] G1- "Um homem sonhou que ele era cavaleiro e que estava lutando e o homem sonhou isso porque eles estavam em guerra e essa guerra era grande. Eles estavam usando escudos, espadas."

[15] P- "Por que vocês acham que lutavam com espadas e escudos?"

[16] G1- "Porque tinha na capa que vimos."

[17] P- A capa ajudou vocês a lerem os capítulos?

[18] G1- Sim.

[19] P- "E o sonho que aparece no título é o ato de sonhar? Vocês acreditam nisso?"

[20] G1- "Sim."

[21] P- Agora, vamos para o capítulo 2 do livro, qual o grupo que ficou?

[22] G1- Fomos nós professor, mas não teve condição de fazer. O A9 só escreveu besteira. Ele não ajudou. Não concordamos com ele. Não vamos expor.

[23] P-A9, você acha certo isso?

[24] A9-Coloquei o que acho. Mas elas não concordam...

[25] P- Depois, vamos conversar... Agora, vamos para o capítulo3. "Dom Quixote é sagrado cavaleiro" Qual é o grupo?

[26] G2- A gente, podemos ler?

[27] P- Sim, fiquem à vontade.

[28] G2- No capítulo 3 Dom Quixote é sagrado cavaleiro por um velho numa taberna.

[29] P- Como vocês chegaram a essa conclusão? Vocês sabem o que é uma taberna?

[30] G2- Eu li um pouco em casa. Pesquisei na *internet*.

[31] P- Gostariam de propor algum significado para essa palavra que vocês usaram?

[32] G2- Não.

[33] P-E o capítulo 4, qual grupo que ficou responsável?

[34] G2- Ficamos com o capítulo 4, "As primeiras aventuras", também.

[35] G2- Dom Quixote inicia uma imensa aventura que envolve um furacão.

[36] P- Seria possível a existência de um furacão na Espanha?

- [37] G4- Sim, pois esse é um país estrangeiro. Lá a gente vê nos jornais muitas notícias com furacão.
- [39] P- De onde vocês têm esse tipo de informação?
- [40] G2- Na *internet*, televisão. Agora fala muito da Espanha na televisão, com aquelas pessoas que estão fugindo da guerra.
- [41] P- Então muitas informações, que vocês trazem da leitura veio dos meios de comunicação, como televisão, *internet*?
- [42] G2- Sim.
- [43] P- O capítulo 5, O escudeiro Sancho Pança e a nova partida, qual grupo?
- [44] G3- A gente. Ele quis dizer que o escudeiro de Dom Quixote chamava Sancho Pança e ele prometeu uma nova aventura, uma nova vida. Em busca de mais aventuras, de felicidade.
- [45] P- Como vocês chegaram a essa leitura?
- [46] G3- A gente conhecia um pouco sobre a história. A gente sabia que Sancho Pança era amigo do Dom Quixote e eles gostavam de aventura.
- [47] P- Vocês já tinham ouvido falar de Dom Quixote?
- [48] G3- Um pouco, acho que já, alguém contou... a gente pesquisou também.
- [49] P- O capítulo 6 é de vocês também?
- [50] G3- Sim. Capítulo 6. Lutando contra os moinhos de vento.
- [51] P- Podem ler ou comentar, vocês escolhem.
- [52] G3- Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança acreditam que os moinhos de vento são malvados gigantes e que são como ameaças para a sociedade. Então, juntos partem para uma guerra contra os gigantes malvados.
- [53] P- Qual dos dois capítulos foi mais fácil imaginar e levantar hipóteses de leitura?
- [54] G3- Foi mais fácil o capítulo 6 porque está na capa do livro.
- [55] O capítulo 7, o grupo que vai apresentar é o quatro. O que vocês imaginaram com o título “Como o intrépido cavaleiro libertou a princesa prisioneira”.
- [56] G4- Dom Quixote deve ser uma pessoa atrapalhada que tenta salvar uma prisioneira, que deve ser a Dulcinéia. Deve contar a história como numa piada.
- [57] P- Na visão de vocês, o texto deve ser bem humorado?
- [58] Sim.
- [59] A1- Agora eu quero falar...
- [60] P- Mas é seu grupo, A1?
- [61] A1- Não, mas não posso falar?
- [62] P- Depois do grupo responsável, poderá contribuir com certeza.
- [63] A17- Esse parece que vai ser o mais legal... muita luta... *bang, bang*...
- [64] A9- Vai dar sangue...
- [65] A13- Nossa, que triste!
- [66] P- Nossa gente, muitos falando junto... vamos ouvir o G4.
- [67] G4- Capítulo 8- “Surra e descanso”. Dom Quixote deu ou levou uma surra de alguém e depois Dom Quixote ou a outra pessoa descansou quando levou a surra. Dom Quixote tem uma vida parecida com a minha, cheia de confusão.
- [68] P- O grupo 4 tem mais alguma coisa que gostaria de comentar em relação ao capítulo? Vocês imaginam que será um capítulo divertido para se ler?
- [69] G4- Deve ser cheio de emoção com muita aventura. Acho que vai ser divertido ler.
- [70] P- Vamos para mais um capítulo, o nove... “O milagroso e o maldito bálsamo de Ferrabrás?”
- [71] G5- Para a gente a história trata de dois perfumes, um milagroso e outro maldito que pode ajudar ou matar alguém. Não entendemos muito bem. O que significa esta palavra Ferrabrás? Queremos ver o que vai acontecer no capítulo seguinte? A gente usou o dicionário também para descobrir o significado da palavra bálsamo. Descobrimos que é perfume.
- [72] P- Por que vocês usaram dicionário?
- [73] G5- Ficamos com medo de fazer errado.
- [74] P- No levantamento de hipótese, não há erros, apenas suposições. É brincar com as palavras. Agora vamos para o capítulo 10. Vamos lá...

[75] G5- Capítulo 10- Lutando contra dois exércitos de uma vez só... Acho que fala do Dom Quixote lutando contra dois exércitos de uma só vez e sozinho para sair de uma prisão e por a frente tem várias batalhas contra cavaleiros e seguranças e ele tem que sair se não vai morrer de sede e fome.

[76] P- Por quê?

[77] G5- Não vimos muito sentido no título.

[78] P- Grupo, capítulo 11, vamos lá?

[79] G6- No capítulo do "O cavaleiro da triste figura, a gente viu assim...

[80] P- Estão com vergonha?

[81] G6- "Em um dia ensolarado estava Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança em uma jornada de libertação dos prisioneiros e o seu amigo Sancho Pança andava com o seu cavalo em alta velocidade quando perdeu o controle e bateu em uma rocha e seu amigo Dom Quixote ficou muito triste com o seu amigo por ter batido em uma rocha e ter desmaiado e ter machucado muito.

[82] Vamos à leitura do título do capítulo 12. "Liberdade aos prisioneiros"

[83] G6- Certo dia Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança, eles tiveram uma ideia de libertar os prisioneiros. Chegando lá pularam o muro e brigaram com os guardas e pegaram cada um uma das chaves e libertaram todos os prisioneiros.

[84] Muito bem! Qual é o grupo que ficou com os capítulos 13 e 14?

[85] G7- Aqui.

[86] P- Podem ler

[87] G7- Dom Quixote escreveu uma carta para sua mãe Dulcineia que estava morando em uma cidade distante, de onde ele mora. Perguntando se estava bem e como estava os parentes e que estava com muita saudade de sua mãe querida. Que chorou a ver. Dias depois, um tio de Dom Quixote respondeu sua carta e falou que sua mãe tinha falecido. Quando Dom Quixote leu a carta ficou muito triste e não quis mais saber de ninguém e nem de trabalhar e ficou trancado no quarto.

[88] P- Para vocês Dulcinéia é a mãe de Dom Quixote?

[89] G7-Sim. Ela morreu. Eles eram pobres.

[90] P- e o capítulo 14?

[91] G7- Um dia Dom Quixote fugiu de casa e sua família queria trazê-lo de volta para casa. Como não podiam sair de casa contrataram dois homens de sua confiança. Procuraram na cidade inteira, mas não o encontraram. Foram para outra cidade tentar encontrá-lo, viram um homem idêntico com o que haviam informado, pegaram ele e o levaram para sua casa. Sua família viu que não era ele e ficaram muito tristes e desistiram de sua busca.

[92] Continuando nossa participação, porque o tempo está acabando..., capítulo 15. Grupo 8.

[93] G8- Eu acho que é um combate estranho que o Dom Quixote faz com o narigudo cavaleiro do Espelho.

[94] P- Na sua opinião quem seria esse narigudo cavaleiro do espelho?

[95] G8- Não sei dizer, talvez uma pessoa com nariz grande.

[96] P- Você gostaria de falar mais alguma coisa?

[97] G8- Não.

[98] P- E capítulo 16?

[99] G8- Para mim, trata da história de uma linda mulher que sempre sonhou em ter um castelo, e um dia o seu sonho se realizou, e agora se gaba aos que davam risada de sua cara. E mostra que o mundo é capaz de dar voltas.

[100] P- Vocês sabiam o significado de todas as palavras do título?

[101] G8- Sim.

[102] P- Agora, vamos para o grupo 9, que fez o levantamento de hipótese dos capítulos 17 e 18.

[103] G9- Dom Quixote estava indo para o reino de Baratária. Lá era um reino muito florido, havia muitas pessoas boas, animais e joias. O motivo dele estar indo lá era porque uma pessoa havia assassinado alguém.

[104] P- O título ajudou vocês na formação do texto?

- [105] G9 - Achamos o título engraçado. Pensamos num reino onde tudo fosse muito barato. Mas não escrevemos nada disso.
- [106] Por quê?
- [107] G9- Foi acordo no grupo. Somente achamos engraçado. Pensamos num texto de humor.
- [108] P- E sobre o capítulo 18, quais são as hipóteses que vocês levantaram?
- [109] G9 - Eu acho que vai contar a história de um cavaleiro que estava muito triste lá perto da figura. Então ele saiu andando e foi para bem longe da figura e aí ele sentiu muita falta de lá. Então, ele saiu andando e continuou indo para lá bem longe. Então, aconteceu uma coisa, o escudeiro apareceu lá na figura e não encontrou o seu cavaleiro. O cavaleiro voltou para a figura e reencontrou o seu escudeiro e ficou muito feliz com o escudeiro.
- [110] P- O que significa a palavra figura para vocês?
- [111] G9- Acho que um quadro.
- [112] P- E sobre o capítulo 19, "O cavaleiro da lua Branca triunfa sobre Dom Quixote"
- [113] G10- Dom Quixote, ele tinha ido com o seu cavalo até a lua para a aldeia ser seus parentes.
- [114] P- Um pouco confuso tudo isso, podem explicar?
- [115] G10- Dom Quixote foi ver os parentes numa aldeia chamada Lua.
- [116] P- Esta é a leitura de vocês
- [117] G10- Sim. Podemos já falar do capítulo 20?
- [118] p- Sim.
- [119] G10- Em um lindo dia de sol Dom Quixote foi embora de sua casa sentiu muita falta de sua casa então resolveu ir para bem longe e nunca mais voltar.
- [120] P- É o retorno de Dom Quixote para casa?
- [121] G10- Sim.
- [122] O último grupo a apresentar, o grupo 11, que ficou com os capítulos 21 e 22 da obra "Dom Quixote".
- [123] G11- Acho que a aldeia de Dom Quixote é uma aldeia que vive poucos habitantes que Dom Quixote criou, é pequena.
- [124] P- Vocês têm mais algo a acrescentar?
- [125] G11- Não.
- [126] P- Agora já vamos falar do capítulo 22 "Triste fim do cavaleiro Dom Quixote de la Mancha"
- [127] G11- "Agora vou falar da triste história de um cavaleiro que morreu com uma espada na cabeça. Todos na cidade ficaram muito tristes com essa história.
- [128] P- Quem é o cavaleiro?
- [129] G11- Dom Quixote.
- [130] P- Ele morre?
- [131] G11- Sim.
- [132] P- Gente, por meio desta atividade podemos levantar hipóteses de leitura de toda a obra. Vocês acharam difícil?
- [133] T- Sim.
- [134] A17- É difícil imaginar, mas foi bem interessante essa dinâmica.
- [135] A13- Imaginar como pode ser livro, é bem interessante.
- [136] P- Todas as hipóteses levantadas hoje, iremos retomar durante a leitura do livro. Com isso, podemos verificar se a obra veio ou não ao encontro de nossas expectativas.

Oficina 6 - O presente

Data: 26/09/2017

- [1] P- Vocês sabem por que estão em círculo?
- [2] A17- Vamos receber o livro hoje.
- [3] A1- Vamos receber o livro.
- [4] A2- Vamos começar a leitura do Dom Quixote.
- [5] 14- Vamos fazer uma dinâmica antes de ler.

[6] P Sim, hoje vocês irão receber o livro e começaremos a leitura do enredo. Afirmo ainda, que estamos em círculo porque assim todos podem se olhar e interagir. Mas o que está faltando nesta aula?

[7] T- O livro.

[8] P-Então agora, vou chamar um a um para entregar o livro e junto um termo de responsabilidade. Como sabem, ao final da leitura, vocês deverão devolver esse livro, porque é empréstimo. Também deverá estar bem conservado para que outros colegas possam ler depois de vocês.

[9] A13- Então, a gente vai devolver, professora?

[10] P- Sim, ao final todos deverão devolver. Caso no decorrer de nosso projeto, alguém precise se mudar, deverá devolver o livro antes, assim como fazem com a apostila.

[11] Nesse momento, a pesquisadora faz a entrega do livro e explica sobre o termo de responsabilidade.

[12] P- Agora que todos já estão com os livros, qual a receita para nossas aulas de leitura serem produtivas?

[13] A1- Ler.

[14] P- Sim, mas para que a leitura seja produtiva, do que precisamos? Podemos ter uma aula com barulho, nos momentos de leitura?

[15] A17- Não, precisamos estar em silêncio. Vai ser difícil...

[16] P-Além do silêncio. O que mais é preciso?

[17] A1- Concentração para a leitura. Se não tivermos concentração, não conseguimos entender.

[18] A19- Silêncio dos meninos, porque conversam muito. Não tem respeito.

[19] P – Vou anotar aqui na lousa, e depois, vocês irão anotar no caderno. Essa será nossa norma de convivência para as aulas de leitura.

[20] A4- Vamos precisar cumprir com as tarefas para dar certo.

[21] P- Então, vamos lá, precisamos de silêncio, concentração, realizar as leituras prévias, mais alguma coisa que gostariam de falar.

[21] A1- Não faltar né! De que adianta ter aula se faltar.

[22] P- Muito bem, A1. Agora, vocês já abriram o livro, mas quero que olhem com cuidado. A capa, as páginas, as letras, são da forma que imaginaram?

[24] A1- Sim, é do jeito que imaginei.

[25] A13- Não tem desenho.

[26] A17- Não gostei muito da aparência.

[27] A14- Eu gostei, as letras são grandes. Tem o nome dos capítulos.

[28] A7- No final do livro tem um monte de imagem.

[28] A1- Também traz outras informações. Quero ler.

[29] A13- Nunca tinha pego um livro novo na mão. Só apostila.

[30] A17- Eu também não. A gente não tem dinheiro para livro. Nem emprestar a gente empresta.

[31] P- Sim, A17. Livro no Brasil ainda é muito caro, mas podemos nos esforçar para emprestar. Tem as escolas aqui do bairro que fazem empréstimo.

[32] A17- A gente tem preguiça.

[33] A13- Dá trabalho. E, às vezes, não querem emprestar pra gente de outra escola.

[34] A2- O livro tem mais de cem páginas. Nossa! A gente vai conseguir ler?

[35] P- Vamos sim, lembram de nosso combinado!

[36] A1- A professora vai dar pra gente ler em casa.

[37] P- Agora, que vocês já manuseiam o livro. O que temos a observar? Quais as partes que o compõem?

[38] A1- Capa, sumário e os capítulos. Tem uma outra capa aqui, como chama mesmo?

[39] P-Vamos todos juntos observar, então. Prestem atenção!

Temos a capa, que já conhecemos e fizemos uma leitura das imagens e das informações escrita. Temos o sumário que também já fizemos uma oficina sobre ele. Mas, ainda temos que conhecer mais sobre o livro. Após a capa temos a ficha catalográfica com todos os dados da publicação, com o nome de todas as pessoas que ajudaram na confecção desse livro.

- [40] A13- Nossa! Muita gente!
- [41] P- Sim A13. Vamos ver.
- [42] Nesse momento, a pesquisadora dá um tempo para que possam observar as informações.
- [43] P- O que vocês viram na ficha catalográfica?
- [44] A1- O nome do Miguel de Cervantes, do adaptador, ilustrador, editora. Tem bem mais coisa.
- [45] P- Ainda podemos observar o ano de publicação. Qual foi?
- [46] A17- 2005.
- [47] A19- Ué, mas ele não foi escrito antes?
- [48] P- Sim A19, mas essa é uma adaptação. A adaptação de Leonardo Chianca teve sua primeira publicação em 2005.
- [49] A19- Entendi.
- [50] P- Mais alguma coisa?
- [51] A1- Tem mais coisa lá atrás.
- [52] P- Isso, são informações complementares para que as pessoas possam saber um pouco mais sobre a obra original e sobre o Leonardo Chianca e o Cárcamo que fez as ilustrações.
- [53] A1- Legal. Mas tem a *internet* também. É só jogar no *google*.
- [54] A13- Professora, a gente não vai ler?
- [55] A1- Já estou lendo.
- [56] A18- Eu já comecei em casa. Tenho um livro desse em casa. Diferente na capa, mas é do Dom Quixote.
- [57] P- A18, traga ele para a gente ver na próxima aula. Você já começou a ler então?
- [58] A18- Sim, fiquei curiosa, quando começamos a falar dele. Um dia olhei e tinha um livro desse lá em casa. É mais grosso.
- [59] Mas antes de ler, vamos falar sobre o que vocês acharam do livro?
- [60] A1- Não, professora, vamos ler.
- [61] A13- Vamos, professora.
- [62] A10- Eu também quero ler.
- [63] A17- Professora, eu fiquei emocionado, porque nunca tinha pegado um livro novo.
- [64] A1- Para mim foi normal, quero ler.
- [65] A13- Eu também gostei.
- [66] A15- Posso falar. Eu gostei de poder ler aqui na escola. Aqui a gente e nem tem biblioteca.
- [67] P- Agora, temos a sala de leitura. Ela é pequena, mas organizamos com carinho para vocês.
- [68] A1- Mas não tem ninguém lá.
- [69] P- Temos sim, só há os dias em que a sala funciona. Lembram que já falei com vocês sobre isso. Fizemos já até contação de história lá. Lembram do texto da assombração, que o professor leu?
- [70] A1- Verdade. Mas não cabia a gente lá e fomos na sala do lado?
- [71] P- Sim, é verdade.
- [72] P- Em geral, o livro parece interessante?
- [73] A1- Sim.
- [74] A18- sim.
- [75] A9- Não sei.
- [76] A20- Não sei.
- [77] A15- Sim.
- [78] A8- Espero que sim.
- [79] A3- Sim.
- [80] P- Alguém mais quer falar sobre o livro. Vamos combinar, vocês vão escrever em poucas linhas sobre o primeiro contato com o livro e me trarão na próxima aula.

Capítulos 1, 2 e 3

Impressões de leitura do capítulo 1

[1] Para iniciarmos o encontro de hoje, vamos retornar a leitura do capítulo 1. Quais foram as impressões que vocês tiveram em relação ao capítulo lido?

[2] A1- Foi muito diferente daquilo que havia imaginado.

[3] P- Por que, A1?

[4] A1- Porque o Dom Quixote parece ser louco. Mudou seu nome, pegou seu burro quase morto e queria transformar ele em cavalo de guerra.

[5] P- Sim. Dom Quixote é um livro que satiriza os romances de cavalaria da época. No século XVI quando a obra é lançada as obras em geral tem os cavaleiros como herói. Vem Cervantes e lança um livro em que o cavaleiro apresenta características diferente, como vocês já puderam ver no primeiro capítulo.

[6] A17- Ele ainda fala de uma mulher, que acho que vai ser sua namorada. Ele muda o nome dela.

[7] P- A17, como todo cavaleiro, Dom Quixote também precisava de uma bela donzela, um amor. Nas novelas de cavalaria, o mocinho, o cavaleiro sempre é aquele que salva as donzelas.

[8] A17- O que é uma donzela?

[9] P- A classe sabe o que é uma donzela?

[10] A1- Moça pura, sabe...

[11] A13- Que nunca namorou.

[12] P- Sim, uma mulher que não tenha tido namorados. Eram as mais cobiçadas para casar, época de cavalaria.

[13] A18- Tem algumas palavras que a gente não sabe, como elmo.

[14] P- Alguém mais não sabe o significado da palavra elmo?

[15] A13- Eu fiquei na dúvida

[16] A4- Eu pesquisei na *internet*.

[17] A1- É aquilo que o cavaleiro usa na cabeça, um capacete.

[18] A17- Entendi.

[19] P- Isso aí... é importante que vocês pesquisem as palavras que desconhecem no dicionário, seja ele físico ou virtual. Todos vocês ganharam um dicionário da escola no início do ano.

[20] A4- Eu sempre pesquiso.

[21] P- A pesquisa é importante para que vocês possam compreender a história. Mesmo sendo uma adaptação ele vai apresentar um vocabulário diferenciado.

[22] A14- Por que o nome do cavalo era Rocinante?

[23] P- A14, quando lemos o texto temos pistas sobre o nome do cavalo de Dom Quixote?

[24] A14- Não sei.

[25] P – Vamos ler a página 8. Vamos ver ... o segundo parágrafo lá no final...

[26] A14- Não acho.

[27] A1- Posso ler, professora.

[28] P Não, A1. Achou A14.

[29] A14. Seria..." E depois de refletir por quatro dias batizou seu altivo cavalo de batalha com o nome Rocinante. Pensou consigo: rocim é um cavalo magro, mas o meu foi rocim antes, hoje é o primeiro dos rocins." Não entendi.

[30] P- O que seria Rocim de acordo com o texto?

[31] A14- Cavalo magro. Mas é isso?

[32] P- Alguém tem um dicionário.

[33] A1- Eu tenho. Eu procuro.

[34] P- Vamos esperar o A1 pesquisar se é isso mesmo.

[35] A1- É um cavalo de pequeno porte, pequeno. É isso.

[36] P – Então podemos entender que Rocinante é um cavalo pequeno, mas para Dom Quixote, o melhor de todos.

- [37] A14- O texto é difícil para entender algumas coisas.
- [38] P- Para auxiliar no entendimento, depois vamos assistir a um vídeo.
- [39] A17- Professora, cavaleiro andante porque Dom Quixote vai andar bastante?
- [40] P- Sim, pode ser. Vamos aguardar a história.
- [41] A1- Gente, ele queria fazer tudo o que aprendeu nos livros de cavalaria. Um autodidata.
- [42] P- Pode ser. Agora se vai dar certo, vamos descobrir nos próximos capítulos, que aliás vocês já leram até o terceiro.
- [43] P- Mas, meninos e meninas, como vocês enxergam Dom Quixote?
- [44] A17- O livro fala que ele era velho e magro.
- [45] P- Ele era velho, são essas as palavras do texto?
- [46] A1- Vou ver... Ele tinha uns cinquenta anos e era magro.
- [47] P- A17, então cinquenta anos é ser velho para você?
- [48] A 17- Sim, para mim já é um pouco velho.
- [49] A13- Dom Quixote não tinha mulher?
- [50] P- O que vocês observaram no texto?
- [51] A1- Não, os cavaleiros geralmente não eram casados, andavam com seu bando. Lá fala que ele morava com a sobrinha e uma criada. Tinha um rapaz também, um criado, fala no texto.
- [52] P- Quais os personagens aparecem no texto?
- [53] A13- Dom Quixote ...só?
- [54] P- Seria isso mesmo? Vou reformular minha pergunta. O texto ele tem narrador?
- [55] T- Sim.
- [56] P- Como sabem disso?
- [57] A1- O verbo na terceira pessoa.
- [58] P- Sim..., o narrador observador, ele conta a história, mas participa dela.
- [59] P- Na narração, quais personagens apareceram no primeiro capítulo?
- [60] A1- Quatro personagens... Dom Quixote, a Dulcinéia, a sobrinha e... tem mais ...o cavalo Rocinante, espera...ele é personagem? Vamos ver... e tem o homem.
- [61] P- Podemos dizer que a história tem cinco ou seis personagens?
- [62] A 17- Acho que cinco ... cavalo não é personagem.
- [63] A19- Sete...tem o padre e o amigo dele.
- [64] P- Vamos continuar então, depois voltamos nessa indagação.
- [65] P – Agora que vocês leram o texto, vocês conseguem justificar o título do capítulo?
- [66] A1- Sim... sonho, loucura do Dom Quixote.
- [67] A13- Ele tinha o sonho de ser cavaleiro andante.
- [68] A9- Ele era doido.
- [69] A19- Acho que ele sonhava em ter uma família. Ele era muito sozinho por isso lia muito.
- [70] P- O que é família para você?
- [71] A19 - Meu pai e minha mãe.
- [72] P- Mas, Dom quixote morava com a sobrinha?
- [73] A19- Não era a mesma coisa.
- [74] P- Será que hoje não podemos considerar “família”, as pessoas com quem moramos, compartilhamos bons momentos?
- [75] A13- Acho que não, não é a mesma coisa.
- [76] A17- Acho que família é as pessoas que moram com a gente. O namorado da minha mãe que pode morar em casa é da família. Em casa minha família é eu, minha mãe, meu irmão mais novo e minha avó. Tem uma tia também. Tem o namorado da minha mãe, mas ele ainda não mora com a gente.
- [77] P- Gente esse tipo de conversa que estamos tendo que enriquece a leitura. Mas vamos pensar em família no século XVI, imaginem que o Brasil ainda era cheio de matas, havia muitos índios, os portugueses chegando ao Brasil. Na Europa, porque a Espanha está na Europa, como eram as famílias?
- [78] A1- Tradicionais. E Dom Quixote deveria ser um solteirão, porque só ficava lendo.
- [79] P- Dom Quixote era solteiro, então?
- [80] A13- Sim e sonhava com a Dulcinéia.

- [81] P- Gente, na visão de Dom Quixote como deveria ser um cavaleiro?
- [82] A1- Um homem forte e aventureiro. Tinha que ter um cavalo, armadura e uma namorada.
- [83] A17- Professora, ele fala dos fracos e oprimidos. Nós....Oh...quem poderá nos defender....
- [84] A1- Eu que não....
- [85] A14- Ele ia defender os fracos das injustiças, eu acho. Ele ia para as guerras defender.
- [86] P – Na opinião de vocês, ele será capaz de vencer essa guerra, que vocês imaginam com um armadura e elmo de papelão e armas velhas?
- [87] A14- Acho que não.
- [88] A13- Mas se ele estiver sonhando...sim...
- [89] P- Será que tudo isso é um sonho?
- [90] A13- Não sei.
- [91] Enfim, quais as impressões do primeiro capítulo?
- [92] A11- Foi muito diferente do que a gente havia imaginado.
- [93] A11, me diga o motivo.
- [94] A11- Imaginava um homem que sonhava com guerras. Ele gostava de ler histórias de guerras.
- [95] A17- Dom Quixote gostava de leituras de cavalaria.
- [96] A17- O nome dele era engraçado demais, Quixada, Quejada, Quixana. Uma doidera.
- [97] P- A17, você o considerou um louco?
- [98] A17- Sim, ele construiu uma armadilha de papelão...isso não iria funcionar.
- [99] A1- Ele não sabia seu nome. Para mim a história começou de forma bem diferente. Até o nome dele era diferente.
- [100] P- Podemos dizer então, que o primeiro capítulo foi diferente do que vocês haviam imaginado.
- [101] A1- Em geral, sim.
- [102] A13- Bem diferente.
- [103] P- Agora vamos para a segunda atividade.

Impressões de leitura - capítulos 1, 2 e 3

- [1] P- Bom, após termos lido novamente, gostaria de ouvir de vocês as impressões de leitura dos capítulos 2 e 3.
- [2] A3- Podemos falar do capítulo 1, também?
- [3] P- Já falamos bastante, mas pode sim. Vamos lembrar nossas regras.
- [4] A17- Respeitar os colegas... falar na hora certa...
- [5] P- Não será obrigatória a participação de todos, porém quanto mais gente contribuir, a leitura fica mais interessante. Lembrando que vocês devem ter grifado uma parte que mais tenha chamado atenção. Quem quiser ler, pode se inscrever. O colega que se inscreveu lê o trecho para a turma, comenta o motivo de ter escolhido aquele trecho. Em seguida, os colegas poderão comentar a leitura realizada pelo colega, dizendo o que acha. Tudo bem?
- [6] A9- Não entendi nada...
- [7] P- Mais alguém não entendeu? A7, A13, A15, mais alguém.... vou explicar novamente... primeiro vocês podem se inscrever para ler o trecho escolhido e comentar. Após os colegas podem comentar o trecho já comentado por alguém da turma.
- [8] A1- Tudo certo, prof., vamos começar...
- [9] P- Tudo certo, gente?
- [10] T- Sim.
- [11] P-Vamos iniciar as inscrições para quem gostaria de ler... A2, A5... (silêncio) quem mais vai contribuir?
- [12] A17- Eu vou...
- [13] A1- Eu também...
- [14] P- Podemos começar então... Todos os que deram o nome irão ler, e os demais da classe poderão contribuir depois... Não podemos esquecer que devemos respeitar a opinião de todos aqui. Devemos prestar atenção, que a nossa leitura não pode extrapolar o enredo lido.... Como

...a história está falando do Dom Quixote, da cavalaria e eu falar sobre algo totalmente diferente. A2, pode começar.

[15] A2- O trecho é...

[16] P- Fala a página antes, fica mais fácil para localizar.

[17] A2- Página 9... "Oh princesa Dulcinéia, meu coração sofre por você."

[18] P- Por que você escolheu esse trecho, A2?

[19] A2- A frase é romântica.

[20] P- Quem gostaria de comentar? Ou também tenha marcado esse trecho?

[21] A5- Eu. Gosto de livros que falam de amor e sentimento. Aqui Dom Quixote demonstra seu amor pela Dulcinéia.

[22] A4- Também achei romântico.

[23] P-Vocês acham que o livro vai ser romântico?

[24] A5- Espero que sim, professora. Ele vai encontrar sua Dulcineia e vai casar e vai ter filhinhos.

[25] P- A Dulcineia existe?

[26] A1- Não, só na imaginação do Dom Quixote.

[27] P- Tem algum trecho do livro que fala da Dulcinéia?

[28] A1- Página 9- "Um cavaleiro andante sem amor é como um cavaleiro andante sem alma. O novo Dom Quixote fez sua escolha cari sobre uma jovem e bonita camponesa de Toboso, uma aldeia vizinha. Chamava-se Aldonza Lorenzo e resolveu oferecer a ela seu coração. Mas para uma bela dama também era preciso um belo nome, digno de uma princesa. Batizou-a de Dulcineia del Toboso." A moça existia, mas não a Dulcineia, assim como seu cavalo que não era valente e forte. Tudo imaginação dele.

[29] P- Assim, como nas histórias de cavalaria Dom Quixote também queria ter uma dama. Lembrando que Cervantes fez esse livro, com o objetivo de fazer uma crítica aos livros de cavalaria. Era uma crítica ao momento em que viviam na Espanha. Lembrem-se que pelos livros, muitas vezes conseguimos entender a história de um país. Um exemplo são as músicas, poemas e até mesmo personagens brasileiros na época da ditadura. Quanto à Dulcinéia, vamos ver o que vai acontecer.

[30] A1- Eles escrevem uma coisa para dizer outra. A gente viu isso.

[32] P- Mais alguém gostaria de contribuir? Não. Então vamos para o próximo participante. A17, agora é a sua vez.

[33] A17- Página 11... "Anoitecia. As duas jovens iam de Sevilha na companhia de alguns tropeiros. Mas a imaginação de Dom Quixote convertia quase tudo o que via em imagens de um romance de cavalaria. Assim o modesto albergue transformou-se num fortificado castelo rodeado por quatro torres, com campanários de prata, fossos em volta e uma ponte levadiça."

[34] P- Por que você escolheu este trecho, A17?

[35] A17- Achei engraçado, ele mudava tudo o que via. Era um louco. Já imaginou um hotel virar um castelo?

[36] P- Quem gostaria de contribuir com a leitura do A17?

[37] A1- Fiquei imaginando quanta confusão iria surgir. Os livros de cavalaria deixaram ele tendo alucinação. Imagino a cena dele olhando para as duas mulheres. Elas não eram damas. Ainda tem a história dos porcos.

[38] A4- Ele fez a maior confusão, vendo coisas onde não existia. Castelo, dama armadura.

[39] P- Gente, realmente essa era a intenção do autor... chocar o leitor, porque estavam acostumados com cavaleiros com boa postura, esbeltos e bons guerreiros, mas Dom Quixote era assim?

[40] T- Nããããooo...

[41] A1- Um louco de pedra.

[42] Vamos continuar, ao final faremos um encerramento...Quem se inscreveu, vamos ver... A1?

[43] A1- Sou eu...

[44] P- Pode ler e dar sua justificativa logo em seguida.

[45] A1- Precisa falar a página?

[46] P- Sim.

- [47] A1- Página 18.
- [48] A13- Mais devagar, A1. Ainda não achei
- [49] P- Gente, vamos prestar atenção. Capítulos 1, 2 e 3 apenas... não é para procurar no livro todo.
- [50] A1- Pode ler?
- [51] T- Pode.
- [52] A1- “E partiu, sem nem mesmo pagar a conta da hospedagem e da alimentação. Dom Quixote tremia de alegria. Enquanto se afastava do albergue, lembrou-se dos conselhos que lhe tinha dado o castelão: deveria voltar para casa e pegar um pouco de dinheiro, roupa branca e procurar um escudeiro.” Escolhi esse trecho porque foi engraçado ele ficar no albergue e ainda sair sem pagar a conta.
- [53] A2- Não achei certo ele sair sem pagar.
- [53] A15- Não tenho um trecho apenas, gostei de vários. Como por exemplo aquele que ele dá o nome para seu cavalo de Rocinante, que coitado era de dar pena. Também gostei do trecho que ele fala que quer defender os pobres.
- [54] A17- Acho que o Dom Quixote vai ser um defensor das pessoas. Ele é o grande herói da história.
- [55] P- Vocês concordaram a postura do Dom Quixote?
- [56] T- Não.
- [57] A17- Acho que não foi certo, mas também não tinha dinheiro.
- [58] A1- Não foi certo, mas o jeito que a história é contada é engraçada.
- [59] P- Então, A1, você acha que se trata de uma história que vai ter aventura e humor.
- [60] A1- Acho que mais humor.
- [61] P- Quanto ao vocabulário, vocês acharam fácil?
- [62] A16- Tinha umas palavras difícil, a gente fica em dúvida, como albergue. Mas a professora acho que já falou? Não sei.
- [63] P-Albergue era como um hotel, em que as pessoas se hospedavam para passar a noite.
- [64] A17- Acho que vai ser muito massa a história.
- [65] P- Vocês observaram que ele se tornou cavaleiro somente quando houve uma cerimônia?
- [66] A1- Sim, mas tudo era tapeação.
- [67] A17- Só acontecia na cabeça do Dom Quixote.
- [68] P- Mas todos colaboram para que ele pensasse que fosse real? Isso é um fato dentro da história?
- [69] A15- Não entendi...
- [70] P- Quis dizer, A15, que todos concordaram com a ilusão de Dom Quixote.
- [71] A15- Sim.
- [72] P- Hoje exploramos um pouco os capítulos 2 e 3. Para a próxima aula termos novos capítulos, com isso vamos tentando amarrar as nossas hipóteses que já levantamos do capítulo ao que estamos lendo.
- [73] A1- Muito diferente.
- [74] P- Agora, vamos marcar a leitura dos próximos capítulos. Ainda hoje, temos um vídeo para assistir.

Oficina 8 - As primeiras aventuras
Data:09/10/2017

Capítulos 4, 5 e 6
Impressões de leitura

- [1] P- Vocês todos receberam um marca páginas, vocês sabem para que serve um marca página?
- [2] A1- Marcar uma página.
- [3] P – Isso. Hoje vocês receberam um marca página especial, com frases do livro “Dom Quixote, que vocês estão lendo. Ele vai ajudar vocês na organização e localização da página onde pararam com a leitura.

- [4] A3- Então ele vai ser meu?
- [5] P- Sim. Alguém gostaria de ler a frase de seu marca página e comentar?
- [6] A13- Eu gostaria. Posso ler?
- [7] P- Sim.
- [8] A13- “Pensando em quem poderia ser seu fiel escudeiro, Dom Quixote, lembrou-se de um lavrador vizinho, que era pobre e cheio de filhos, quando escutou uma voz ao longe pedindo socorro.” Acho que Dom Quixote pensou que poderia ajudar o Sancho Pança e o Sancho Pança ele. Ele parece que tem um bom coração.
- [9] P- Muito bem! Mais alguém gostaria de ler sua frase?
- [10] A1- Eu leio a minha. “Dom Quixote levantou-se, impaciente para ir atrás de mais aventuras” Ele acho que só gosta d esse meter em confusão. Eu tô achando isso. Um doido.
- [11] P- Você então acha que Dom Quixote vai ser meio confuso?
- [12] A1- Meio confuso não, um doidão... pirado. Um cara que pensa em justiça... ajuda os outro... um reparador de injustiças, como diz o livro
- [13] P- Mais um para ler, para darmos início às nossas atividades? Leia A 9.
- [14] A9- Não gosto de ler.
- [15] P- Então quem gostaria de ler...
- [16] A3- “Ele vivia dizendo que queria armar-se cavaleiro andante e sair pelo mundo em busca de aventura.” Nossa, adorei minha frase, pensei em viagem e eu gosto de viajar. Deve ser muito bom poder conhecer vários lugares.
- [17] P- Então vamos torcer para ter muitas viagens e aventuras... E neste livro vamos viajar... Agora, quero que prestem atenção no material que vou apresentar
- [18] Apresentação do *powerpoint*.
- [19] Agora, que já vimos a apresentação, observamos que A história se passa em que país?
- [20] A1- Na Espanha.
- [21] P- Isso e a Espanha fica localizada na Europa. Conseguimos pela história localizar onde a história acontece?
- [22] A1- Acho que... Porto Lápice, é isso?
- [23] P- Sim... Como vimos nas imagens e no vídeo esse lugar existe. O que vocês observaram?
- [24] A15- Um lugar pequeno e seco...
- [25] P – Sim, fica no interior da Espanha... Por que está seco?
- [26] A16- Não sei...
- [27] A1- Acho que não sei, mas porque não chove?
- [28] P- Sim, A1, mas porque com certeza lá deveria ser verão... lá é muito quente no verão e frio no inverno...
- [29] A17- Lá neva?
- [30] P- Acho que sim, mas tenho certeza de que faz muito frio. Vocês sabiam que enquanto aqui é verão lá é inverno?
- [31] A17- Como assim?
- [32] P- Sim, enquanto lá no mês de julho é verão, aqui é inverno. É o processo de translação, que vocês estudaram em Ciências.
- [33] A17- Nem tinha pensado nisso.
- [34] A3- Só no verão e inverno?
- [35] P- Não, com todas as estações do ano, se é primavera no Brasil é outono na Espanha, se é inverno no Brasil é verão na Espanha. Logo, conseguiremos entender, que se no livro falar no inverno ou no mês de julho, já saberemos que aqui a estação é outra.
- [36] A15- Acho que agora fica mais fácil para a gente entender a história.
- [37] P- Sim, pois vocês já têm uma pequena noção sobre o local onde se passa a história.
- [38] P- Quanto ao vocabulário, pergunto, conheciam todas as palavras?
- [39] A1- para mi é estranho a palavra albergue, mas agora já sei o significado e a palavra corcel.
- [40] P- Alguém sabe o que significa corcel?
- [41] A14- Acho que não. Nunca ouvi falar
- [42] P- Mas nem em casa?

- [43] A17- Acho que não... nem faço ideia.
- [44] P- Quando vocês leem uma palavra que não sabem o significado, o que fazem
- [45] A1- O certo seria pesquisar, mas não faço nada geralmente
- [46] A2- Eu tenho hábito de ver o dicionário.
- [47] P- Mais alguém? Não... o dicionário está aí para nos atender nesse momento, muitas vezes uma palavra que eu não sei o significado pode complicar minha leitura. Por exemplo; dá-se o nome de corcel a cavalos grandes e velozes. Inclusive muitos anos atrás tinha um carro com nome de Corcel.
- [48] A1- Vixi, deve fazer muito tempo mesmo, nunca ouvi falar. Então Dom Quixote imaginava o Rocinante um corcel...coitado...
- [49] P- Pode ser sim... um belo corcel, mas tudo isso aos olhos de Dom Quixote. Mas por que Dom Quixote falava que o burrico dele era um corcel, alguém sabe?
- [50] A17- Ele era louco...
- [51] A13- Ele tinha um bom coração. Ele via com seu coração as coisas
- [52] A2- Muito romântico isso.
- [53] P- Todo cavaleiro deveria ter um bom cavalo, para acompanhá-lo em suas lutas. Ele para ser sagrado cavaleiro tinha que cumprir algumas cerimônias.
- [54] A13 – Então ele foi sagrado cavaleiro no albergue, onde pensava que era um castelo.
- [55] P- Isso mesmo, A13. Será que para se tronar cavaleiro era só ir correndo atrás de aventuras?
- [56] A1- Era ou não?
- [57] A17- Acho que não, que o Dom Quixote precisou ser abençoado parece.
- [58] P- Sim, ninguém podia ser considerado cavaleiro de um reino, sem antes ser reconhecido pelo seu rei e ainda passar pela seção de sagração. Era sempre um momento importante no reino e para o cavaleiro. Esse cavaleiro era sempre forte, valente e lutava em favor de um reino. Dom Quixote era assim?
- [59] A3-Não, nem um pouco... ele era atrapalhado e vivia sonhando.
- [60] P- Isso mesmo, como o livro “Dom Quixote” é uma sátira das novelas de cavalaria, o Dom Quixote é o avesso de um herói cavaleiro. Acho que é isso que vamos ver...
- [61] A16-Professora, o que é Briaréu?
- [62] A17- Tem no vídeo game...
- [63] A14- Tem sim... é o mesmo professora?
- [64] P- Não sei se é o mesmo, porque não conheço jogos de game, mas posso pesquisar.
- [65] A 14- Ele vive nas batalhas.
- [66] P- Pode ter o mesmo significado, pois Dom Quixote fala que os moinho de vento são como gigantes.
- [67] A 4- Difícil ler esse livro, tem um monte de coisa que a gente não sabe.
- [68] P- Ele foi escrito em 1605, muito antigo, é um clássico. As palavras que se usava naquela época pode ser bem diferente de hoje. As palavras utilizadas muitas vezes são outras. O meio social é outro... Imaginem o Brasil... Como deveria ser.... era um bebê ainda.
- [69] A1- Briaréu é uma lenda, é isso? Os jogos se inspiraram na lenda?
- [70] P- Acredito que sim, faz parte da mitologia grega, como vocês viram na ilustração, tem muitas cabeças e braços...
- [71] A13- Que horror!
- [72] A1- Já imaginou a cena...
- [73] P- O texto fala de moinhos de vento? Vocês sabem o que é, para que servem?
- [74] A1- Fazer vento...
- [75] P- Não...
- [76] A14- Tem na capa. Ele lutou contra os moinhos de vento. Na capa tem isso, ele e Sancho Pança lutando contra os moinhos de vento pensando que era gigante. Nunca vi um moinho de vento.
- [77] P- Aqui no Brasil, é bem pouco comum, não há os moinhos de vento como vimos nos vídeos e nas imagens. Aqueles moinhos servem para fazer farinha, fubá... Aqui no Brasil, os moinhos mais comuns servem para gerar energia...Tem muito no Nordeste e no Sul.
- [78] A1- Já vi... tem em Santa Catarina, vi quando fui pra praia.

- [79] P- Sim, A1.
 [80] P- Lá na Espanha, venta muito e as pessoas aproveitam o vento para gerar energia e moer os grãos.
 [81] A5- Como assim...
 [82] P- Os moinhos ficam em pontos mais altos na área rural... são muitos...
 [83] A17- Como no filme que vimos?
 [84] P- Sim, como no filme...
 [85] A17- Ainda tem lá?
 [86] P- Tem sim, não sei como é de verdade, ainda não fui para a Espanha, mas quando eu for vou poder contar para vocês depois... Vocês podem pesquisar na *internet* sobre os moinhos de vento, energia eólica...
 [87] P- Agora, que já conversamos sobre alguns elementos que parecem no texto, vamos formar os grupos, conforme as cores no marca página para jogarmos o “jogo do mico”.

Oficina 9 – Aos trancos e barrancos

Data: 16/10

Capítulos (7,8, 9 e 10)

Relação da obra Dom Quixote com outras artes.

- [1] P- Hoje vou apresentar para vocês algumas artes que tem relação com o livro Dom Quixote. Por se tratar de um clássico da literatura, escrita no século XVII, e um dos livros mais lidos no mundo há várias outras manifestações de arte inspiradas no Dom Quixote.
 [2] P- Quero que observem com atenção todas as imagens apresentadas.
 [3] A1- Nossa, aquela imagem parece uma loucura, tão confusa quanto a cabeça do Dom Quixote.
 [4] P- Essa imagem é do Salvador Dali. Você consegue relacionar a imagem pintada de Salvador dali à imaginada e escrita por “Miguel de Cervantes”?
 [5] A1- Sim, muito claro. A fisionomia é a mesma do texto “magro e esguio”.
 [6] P- Mais alguém quer falar sobre essa pintura?
 [7] A17- Para mim professora ficou mais fácil com o desenho. Por isso acho que os livros tinham que ter desenho.
 [8] P – Em relação às outras imagens, alguém mais gostaria de falar?
 [9] A15- Para mim, todos os personagens estão ilustrados nessas imagens. Elas poderiam fazer parte do livro.
 [10] A17- Sim, gostei das imagens com sucatas. Foi muito criativo.
 [11] P- Por meio da arte, podemos colocar nossa leitura. Cada artista, criou o seu personagem a partir de sua leitura. É o como eles imaginavam o Dom Quixote, Sancho Pança, o Rocinante e o Malhado. É importante dizer que mesmo cada artista tendo sua leitura, não fugiram às características principais do livro.
 [12] P- Para vocês, o que é mais fácil: ler a adaptação ou as imagens?
 [13] A1- Elas se completam.
 [14] A4- Eu não vi muita coisa na imagem, é confusa.
 [15] A13- Prefiro a história escrita. A imagem não tem história.
 [16] P- Tem sim, todo texto tem uma história. Talvez nós não consigamos ler.
 [17] P- A1, é possível ver a história de Dom Quixote na arte de Dali?
 [18] A1- Não.
 [19] A17- Impossível.
 [20] A4- Também acho que não.
 [21] P- Turma, qual texto é mais fácil ler?
 [22] A14- O que estamos lendo.
 [23] A15- Também acho.
 [24] A9- Prefiro os desenhos. Não tem que ler.
 [25] P- A9, mesmo sendo imagens realizamos a leitura delas. Pela cor utilizada, pelo estilo do desenho. Os especialistas em pintura conseguem saber o autor a partir do desenho.

- [26] A1- Eles são especialistas.
- [27] P- Agora, vamos relacionar o livro que estamos lendo, as imagens e os textos lidos da Maria Angula, da velha contrabandista, do Ricardo de Azevedo e do bife, lembram? O que é mais fácil ler? O que temos de igual nesses textos?
- [28] A17- O texto do Dom Quixote é mais gostoso de ler.
- [29] A1- Gostei muito também. Tem mais história.
- [30] A14- Mais fácil achei o texto da velha contrabandista porque ele é curto.
- [31] P- Sim, ele é uma crônica, que também tem por finalidade contar uma história. O texto é mais curto. O Dom Quixote é uma sátira às novelas de cavalaria.
- [32] P- Vamos conferir? O que eles têm em comum?
- [33] A1- Quais deles?
- [34] P-Vamos pegar a imagem de Dali, o texto da velha contrabandista e o Dom Quixote. Todos eles têm um autor? Tem narrador? Personagens? Consigo identificar o tempo e o espaço?
- [35] A7- A imagem não tem narrador.
- [36] A19- O texto da velha tem e o do Quixote também.
- [37] P- Como você identificam isso? Vou colocar o texto da velha para vocês verem. Peguem o livro para verem. Vamos abrir logo no primeiro capítulo e depois no capítulo 8.
- [38] A 9- Muito difícil.
- [39] A14- O narrador é observador nos dois.
- [40] P- Você pode ler uma passagem.
- [41] A14- Vou ler da velha primeiro. Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. Agora, do Dom Quixote. Em algum lugar da Mancha, numa ladeia espanhola cujo nome não quero lembrar, vivia faz muito tempo, um nobre home. Esse foi do começo, agora do capítulo 8. As aventuras e desaventuras do cavaleiro de la Mancha e de seu fiel escoteiro, escudeiro, ainda não tinham terminado.
- [42] P – Bem colocado, temos os verbos que estamos estudando, com predominância na terceira pessoa. Qual é?
- [43] T- Ele.
- [44] P – Os verbos também estão com predominância em que tempo verbal?
- [45] T- No passado.
- [46] P- No pretérito perfeito, do modo indicativo. E o vocabulário, onde posso localizar e dizer qual é mais fácil ou difícil de ler?
- [47] A1- O Dom Quixote é mais difícil. A gente ainda nem terminou de ler.
- [48] P- Sim, a crônica lemos e discutimos em uma aula, já o Dom Quixote vamos terminar de ler somente em dezembro. E quanto ao lugar onde acontece a história?
- [49] A17 – No Dom Quixote tem muitos lugares, depende a enrascada dele. A velha é no posto da polícia.
- [50] P- Sim, os capítulos determinam onde acontece aquele episódio. Conseguimos saber, que é na Espanha, esse é o país. Mas, cada capítulo tem um espaço, como: Albergue, moinhos de vento, na estrada. A crônica da velha contrabandista acontece no posto policial, alfândega.
- [51] A1- Já na imagem, a gente não consegue ver o lugar, só o personagem. A gente sabe disso porque lemos o texto.
- [52] A4- O texto do Dom Quixote é mais completo, a gente consegue viver mais emoção. De verdade, eu estou gostando muito e aprendendo outras coisas.
- [53] P – No texto do Stanislaw Ponte Preta, observamos o narrador, os personagens, que são a velha e o policial, o espaço que é alfândega e o enredo que conta a história de uma velha que contrabandeava lambretas. Dom Quixote, observamos o narrador, os personagens, sendo os principais Sancho Pança e Dom Quixote. Os demais personagens aparecem, de acordo com a história.
- [54] A14- Tem a Dulcinéia.
- [55] A1- Ela não aparece no texto. Aparece sempre o barbeiro e o padre. São os amigos do Dom Quixote.

- [56] A 14- E sua sobrinha com a mulher que trabalha. Mas elas apreciam pouco.
- [57] P- Com isso, observamos que o texto do Dom Quixote apresenta os mesmos elementos, só que de uma forma mais complexa. No texto Dom Quixote ainda não sabemos o desfecho.
- [58] A1- No texto da velha, ela vai embora de boa.
- [59] P- Agora, quero ouçam essa música e observem a letra?
- [60] Audição da música com a letra.
- [61] A17- Nossa, um samba... tem a história do Dom Quixote.
- [62] A1- Fala do Rocinante, do Sancho Pança...
- [63] A14- Da Dulcinéia.
- [64] A17- Também do moinho de vento, das lutas com a manada.
- [65] P- Vocês conseguiram identificar a história?
- [66] T-Sim.
- [67] A17- A gente consegue enxergar a história.
- [68] P- Tem passagens que vocês ainda não leram.
- [69] A 4- Sim.
- [70] P- Posso falar que no texto também é uma narrativa?
- [71] A1- Acho que sim, porque conta a história do Dom Quixote.
- [72] A17- Eu acho que a música fala da atualidade.
- [73] P- Tem um verso que fala em ter Dom Quixote no coração. O que significa isso para vocês?
- [74] A17- Acho que é ter esperança, porque ele acreditava que precisava salvar as pessoas.
- [75] A1- Mas era tudo ilusão dele.
- [76] A17- Sim, mas ele falou no início do livro de reparar as injustiças.
- [77] P- A17 você falou que a música fala de um tempo atual. Dom Quixote realmente sonhava em reparar as injustiças. Quais injustiças você acredita que há hoje?
- [78] A17- Não sei direito. Mas Dom Quixote era triste na Espanha, imagina se viesse para o Brasil.
- [79] A1- Já sei, Dom Quixote ia lutar contra os políticos.
- [80] P- Alguém já se imaginou Dom Quixote, um sonhador?
- [81] A17- Já me senti um sonhador, mas sou pobre não tenho muito com o que sonhar. No Brasil pobre não é ouvido. Não tem remédio no posto. No mercado é muito caro. Não adianta reclamar professora, não muda.
- [82] A1- Não sei se sou um sonhador. Sou muito realista
- [83] A13- Eu me considero uma sonhadora. Penso no meu futuro.
- [84] P- Finalizando, podemos dizer que um mesmo texto, pode ser escrito de diversas formas. E, a leitura que realizamos vai ao encontro do tempo e espaço em que estamos inseridos.

Data 23/10/17

Roda de conversa

- [1] P- Agora que fizemos as atividades do esquete, gostaria de ouvir vocês um pouco. Quais foram as facilidades e dificuldades encontradas na produção escrita e oral? Gostaria que vocês falassem primeiro da produção escrita.
- [2] A17- Achei um pouco difícil, principalmente porque não prestamos atenção que tinha que ter diálogo e pouco tempo... sei lá.
- [3] A1- Acabou que o nosso narrador teve mais fala, que os personagens. Mas foi legal.
- [4] A12- Não foi muito fácil. Tinha o tempo. Uma esquete tem pouco tempo de duração.
- [5] A 17- Acho que aprendemos muito com essa atividade.
- [6] P- Aprenderam o quê?
- [7] A12- Acho que a prestar atenção na escrita. A gente pegou um capítulo grande e tinha que escrever pouco. Não sei se ficou legal. Podia ter ficado melhor.
- [8] A 8- A gente podia ter seguido o texto da velha, que era mais fácil.
- [9] P- O texto do Dom Quixote era mais difícil?
- [10] A8- Sim.

- [11] A12- Sim.
- [12] A9- Sei não.
- [13] A1- Sim, mais longo.
- [14] P- O mais difícil foi escrever um texto que tivesse diálogo e ficasse dentro do tempo.
- [15] A1- Nós não sabíamos que ia ser rapidinho na hora de falar.
- [16] P – Agora, quanto à exposição oral?
- [17] A1- Foi engraçado... dei muita risada.
- [18] A6- Eu fiquei com vergonha de falar. A voz parecia que não saía.
- [19] A13- Era só ler o texto.
- [20] A19- Quem foi o narrador do nosso grupo que falou bastante.
- [21] A1- Precisava ter ensaio. A gente não ensaiou...
- [22] A17- Quando a gente lê assim, parece que aprende mais.
- [23] A14- Quando meus colegas liam, eu entendia mais também.
- [24] P-Ler dessa forma ficou mais fácil?
- [25] T – Sim.
- [26] A9- Até eu gostei.
- [27] A3- A professora não dá prova do livro. É muito chato. Assim dá vontade de ler.
- [28] A1-O gostoso é ler.
- [29] P- Vocês prestaram atenção que um esquete é formado por diálogos?
- [30] A1- Sim, mas o narrador falou mais.
- [31] P – Foi difícil inserir diálogos no texto de vocês?
- [32] T – Sim.
- [33] A13- Nós conseguimos. Só humor, que não ficou bom.
- [34] A9- Foi engraçado. A gente usou até fantasia.
- [35] P- Vocês gostaram de desenvolver essa atividade?
- [36] A1- Eu particularmente, gostei.
- [37] P- Quero ouvir a opinião pelos grupos.
- [38] G1- A gente gostou porque escolhemos a parte do moinho de vento.
- [39] A12- O A 1, tem talento para o humor.
- [40] G2- A gente também gostou, mas achamos difícil.
- [41] G3- Bom.
- [42] A20- O A7 ajudou bastante.
- [43] A2- Eu gostei muito de poder reescrever o texto.
- [44] G4- Adoramos escrever as aventuras do Dom Quixote.
- [45] G5- Gostamos, foi bem legal.
- [46] P- Vocês observaram que um texto pode ser escrito de diversas formas?
- [47] T- Sim
- [48] P- Tivemos dois grupos que optaram por reescrever o capítulo 6. Tanto escrita quanto a apresentação foram diferentes.
- [49] A17- Cada um tem um jeito de escrever.
- [50] A 1- Era o capítulo mais interessante, na minha opinião.
- [51] A9- O grupo 1 para mim foi o mais engraçado.
- [52] P- Mas esse grupo escolheu o capítulo 8.
- [53] A9- Mas foi engraçado.
- [54] P- Todos os textos tiveram narrador. O narrador estava em primeira ou terceira pessoa?
- [55] A1- O nosso estava em terceira.
- [56] A7- O nosso também.
- [57] P- Acho que todos, né?
- [58] T- Sim.
- [59] P -Quais foram os personagens?
- [60] G3- Dom Quixote.
- [61] P- Só ele?
- [62] G3- Sim. O resto é tudo narrador.
- [63] G2-Dom Quixote, Sancho Pança e o narrador.
- [64] G4- Sancho Pança, Dom Quixote e dois guerreiros.

[65] P- Tem narrador G4?

[66] A15- Sim.

[67] G5- Sancho Pança, Dom Quixote, guerrilheiro e narrador.

[68] G1- Dom Quixote, Sancho Pança, dois bandidos. Tem o narrador também. O narrador foi o que mais falou. Os outros só ficaram olhando.

[69] P- Além de tudo vocês conseguiram identificar o espaço, ou seja, o lugar onde acontecia a passagem. Em geral, todos estão de parabéns pelo trabalho e desafios enfrentados.

Oficina 11 - Novos rumos e rumores

Data: 06/11/2017

Capítulos 15, 16, 17 e 18

Loteria literária

[1] P- Agora, que terminamos a nossa loteria, vamos conferir os acertos e as zebras?

[2] A13- Professora, zebra?

[3] A1- O que errou.

[4] P- Isso, A1. Questão 1. Montava num cavalo branco como a neve. Quem era? Vamos ouvir?

[5] Audição da obra lida.

[6] A1- Nossa errei... confundi a Duquesa com a Dulcinéia. A Dulcinéia tá no livro inteiro. Confundi. A Duquesa só tá no capítulo de Baratária.

[7] A13- Eu também errei. Não sabia o significado da palavra musa

[8] A7- Eu também não sabia.

[9] P-Agora, vamos para corrigir a questão 2. Convidou Dom Quixote a se instalar em seu reino. Quem seria?

[10] Audição da obra lida.

[11] A17- Errei por falta de atenção.

[12] A15- Eu também.

[13] P- Quando estamos lendo, precisamos nos concentrar?

[14] A1- Se essa loteria fosse de verdade, a gente já tinha dançado....

[15] P – Vamos para a terceira. Foi levado por doze pajens para a ceia e teve como posição na mesa, o lugar de honra. Quem é ele? Duque ou Sancho Pança

Audição da obra lida.

[16] A13- Não sei porque errei. Eu sabia a resposta.

[17] P- Mais alguém quer se manifestar?

[18] A1- Melhor não...

[19] P – Vamos continuar? Caiu sob um feitiço e se transformou em aldeã. Conforme relato de Dom Quixote. Quem seria?

[20] Audição da obra lida.

[21] A 4- Essa foi muito fácil. Acertei na mosca

[22] A9- Nossa achei que era a Dulcinéia mesmo, que sofreu um encanto.

[23] P – Alguém mais gostaria de comentar.

[24] A5- Não professora, vamos ouvir o resto.

[25] P – Alternativa cinco. Local onde percorriam Sancho Pança e Dom Quixote ao serem abordados por uma mulher elegante. Vamos aos resultados....

[26] A20- Nossa errei, não prestei atenção. Acho que não li direito.

[27] A1- Tudo muito fácil.

[28] A16- Acho que vou acertar tudo.

[29] P- Questão 6. Leia a comanda para mim, A13.

[30] A13- Descreveu as aventuras bizarras de Dom Quixote à duquesa. Sancho Pança, duque.

[31] P -Vamos ouvir agora mais um pouco. Prestem atenção!

[32] A9- Não sei.

- [33] A15- Errei porque não lembrava da história.
- [34] P- Agora, vamos para a pergunta sete. Quem pregou uma peça em Sancho pança e Dom Quixote?
- [35] A9- respondi qualquer coisa.
- [36] A20- Não sei o que é pajem. Tem esse negócio de feiticeiro também
- [37] A1- Gente tava fácil. O que é pajem?
- [38] A20- Eu não sei...
- [39] A18- Também não sabia direito. Joguei no bicho.
- [40] A14- Lembrei dos contos de fada e joguei. Já não lembrava do texto.
- [41] P- Se mais ninguém vai falar. Vamos para a pergunta oito. Leia você agora, A1.
- [42] A1- Leio. Qual é mesmo?
- [43] P – Oito.
- [44] A13- Não professora, é a nove já.
- [45] P – Não, ainda estamos na oito.
- [46] A1- Farsa preparada pelo duque e a duquesa a Sanho Pança.
- [47] A9- Ser governador, uma furada.
- [48] A3- Ser o governador do reino de Baratária.
- [49] A17- Muito fácil. Coitado do Pança. Acho que gostei mais dele do que do Dom Quixote.
- [50] P- Gente, com qual personagem vocês se identificaram mais?
- [51] A13- Dom Quixote, ele é um herói atrapalhado.
- [52] A1- Gostei dos dois, mas fico com Pança.
- [53] A9- Do gordinho.
- [54] A2- Dom Quixote
- [55] A5- Do fiel escudeiro... Sancho Pança. Dom Quixote era muito Magro. O fiel escudeiro gostava de comer. Ele era o cara que impedia sempre o Dom Quixote de mais maluquice. Dom Quixote não aguentava com as próprias perna, que nem eu... Professora, sou pequena e bem magra, não aguento fazer muita arte. Até tento, mas minha mãe sempre descobre e me coloca de castigo.
- [56] P- A5, vamos nos reportar ao texto novamente.
- [57] A5- Dom Quixote imaginava as coisas e quem ia ajudar era o Sancho Pança.
- [58] A6- Sempre quem ia lutar primeiro era o Dom Quixote, Sancho Pança só pensava em comida. Contou todas as atrapalhadas do Dom Quixote para o duque e a duquesa.
- [59] A19- Sancho Pança, porque era amigo do Dom Quixote.
- [60] P- O que é ser amigo?
- [61] T- É ser fiel, como o Sancho Pança.
- [62] A17 – É muito difícil ter amigo de verdade. Só pai e mãe que a gente pode confiar.
- [63] A5- A amizade é um Dom divino, que deve ser respeitado. Hoje as pessoas só conversam uma com as outras com interesse. Não dá pra confiar.
- [64] P- Vamos levantar a mão. Quem prefere o Dom Quixote? contei três ...só... E o Sancho Pança... Quinze... Então vocês preferem o Sancho Pança.
- [65] A4- Professora, eu prefiro o Dom Quixote.
- [66] P- Mais ninguém quer falar?
- [67] A1- Acho que não.
- [68] P Vamos agora, para a pergunta nove. Você pode ler A14?
- [69] A14- Cidade com mais ou menos mil habitantes.
- [70] Audição da obra lida.
- [71] A9- De novo errei... tô desatento.
- [72] A14- Errei também A9, por falta de atenção
- [73] A1- Eu acertei. Mas dava para confundir.
- [74] A5- Eu errei...acho que confundi.
- [75] P- Mais alguém quer comentar? Não.
- [76] P- A questão 10... você quer ler A5?
- [77] A5- Oba...Personagem que impedia, com uma varinha Sancho Pança de se alimentar. Alternativa 1 ou dois.
- [78] A9- Não sabia a resposta ...deixei em branco...

- [79] A2- Não sabia...então deixei em branco.
- [80] A1- Deveria ter marcado qualquer um.
- [81] P- Não pode dar esse tipo de conselho A1.
- [82] A1- Já foi...
- [83] A6- Na minha opinião, quem o impedia de comer era a governanta, que cuida da casa.
- [84] A8- Acho que não prestei atenção na leitura que fiz. O médico geralmente cuida da saúde, não fica no castelo.
- [85] A17- Acho que o escritor fez isso só para confundir nossa cabeça.
- [86] P- Bem gente, quem impedia o Sancho de comer era o médico. Sem contar que o duque e a duquesa queriam mostrar ao Sancho que cuidar de um reino não era nada fácil. Seria preciso alguns sacrifícios.
- [87] A1- Para os reis não serem envenenados sempre tem alguém no palácio que experimenta a comida antes.
- [88] P – Está terminando... Após se cansar da ocupação de governador Sancho Pança dirigiu-se à estrabaria e abraçou quem?
- [89] Audição da obra lida.
- [90] A1- Ele estava como rei; ele abraçou o burro.
- [91] A5- Professora, os dois eram amigos, imaginei que o Sancho Pança fosse abraçar o Dom Quixote. Nada a ver com abraçar um burro.
- [92] A17- Meu erro foi pura falta de atenção.
- [93] P- Gente, mas lembrem que Sancho Pança era fiel... não seria diferente com o “Malhado”. Quando vocês saem para viajar e ficam longe de seu animal de estimação, qual é a reação deles ao verem vocês novamente? Seu animalzinho fica feliz em te ver? Você vai brincar com ele logo que chega da viagem?
- [94] A17- Acho falta do meu cachorro quando viajo. Quando chego ele fica atrás de mim. Só pára quando brinco com ele.
- [95] A5- Verdade.
- [96] P- Vocês conhecem algum livro que trata da relação entre o homem e o animal?
- [97] A1- Agora não lembro, professora. Só me lembro das fábulas, mas nenhuma que fale do amor dos homens aos animais.
- [98] A17- “Marley e eu”, mas só vi o filme.
- [99] P- Sim, tem o filme também. A partir do livro que surgiu o filme. Esse livro tem na biblioteca municipal.
- [100] A1- Muito bom o filme. Verdade tem o livro.
- [101] P-Agora, vamos à última pergunta...
- [102] A5- Eu leio professora.
- [103] P- Pode ser A5.
- [104] A5- Nasci para ocupar meus campos. Deixem-me ir em paz. Quem falou isso foi...
- [105] A1- Sancho Pança.
- [106] P- Vamos conferir se foi ele mesmo
- [107] Audição da obra lida.
- [108] A19-Professora, tinha certeza de que era Dom Quixote.
- [109] A20- Foi falta de atenção.
- [110] A9- Não consegui acertar de novo.
- [111] A1- Gente tava falando do Sancho Pança, no reino de Baratária.
- [112] A17- Falta de atenção...
- [113] P- Agora que finalizamos nosso jogo, vamos retomar o capítulo do Sancho Pança em Baratária para uma nova aventura.

Oficina 12- A vida como ela é
Data: 13/11/2017

Capítulos.19, 20, 21e 22
Impressões de leitura

- [1] P- Hoje é um dia importante, pois encerramos a leitura do nosso querido Dom Quixote. Qual a sensação de terem encerrado a leitura do livro? Vocês gostaram do final?
- [2] A1- Ele morreu e não tivemos um final feliz, como esperado geralmente. Ele era louco.
- [3] A13- Não gostei do final. Por que ele tinha que morrer?
- [4] A17- É o que geralmente acontece com os pobres. Eu gostei, foi real.
- [5] A12- “Gosto quando ele é reconhecido pelos bandidos. Ele ficou famoso.”
- [6] A17- Nesse momento, o bandido devolve tudo para Dom Quixote. Ele rouba dos ricos e dá aos pobres. É igual a história de Robin Hood.
- [7] P- Podemos fazer uma relação da obra Dom Quixote com o texto de Robin Hood? Seria um encontro de heróis.
- [8] A1- Parece mesmo ser Robin Hood. Esta história já existia?
- [9] P – Podemos pesquisar. Todos conhecem o personagem Robin Hood?
- [11] P- Apenas cinco conhecem. Todos leram os livros?
- [12] A1- Não, a gente conhece dos desenhos.
- [13] A17- Pela televisão.
- [14] A5- Eu nunca tinha ouvido falar.
- [15] A13- Nem eu.
- [16] A1- Pode ser nosso próximo livro, professora.
- [17] P- Sim, podemos combinar para o próximo ano. Ainda sobre a obra lida, antes mesmo de falarmos da morte de Dom Quixote que vocês não gostaram, vamos falar sobre algumas passagens. Na história, aparece a cidade de Barcelona, momento em que Dom Quixote vai com seu amigo Sancho Pança viver novas aventuras, porém acontece algo com eles? O que foi?
- [18] A1- Primeiro foram roubado por uma quadrilha, depois Dom Antônio prega uma peça em Dom Quixote e eles são humilhados
- [19] P- Vocês consideraram essa postura adequada?
- [20] A1- Não foi, né.
- [21] A17- Mas Dom Quixote só contava doideira e vestiam roupas diferentes da época medieval.
- [22] P -Mas, por isso mereciam ser zombados?
- [23] A17 – Não, né.
- [24] P- Vocês acham correto serem observados ou avaliados apenas pela roupa que vestem?
- [25] A5- Vixi, aqui na cidade, tem loja que se você não estiver bem vestida não te atende, fazem pouco caso.
- [26] A13- O que é a capital catalã?
- [27] P – Era a denominação que a cidade recebia, por ser a capital de um reino, como se fosse a capital de um estado, como a cidade de São Paulo, Curitiba.
- [28] A1- Entendi.
- [29] A17- Barcelona é o time que o Neymar jogou.
- [30] P- Sim.
- [31] A1- Nossa ela é muito antiga mesmo.
- [32] P- Sim, foi fundada na época medieval. E é a segunda maior cidade da Espanha e a quarta melhor do mundo para os grandes negócios.
- [33] A14- Ela é grande?
- [34] P -Sim, em torno de um milhão e seiscentos mil habitantes. Imaginem dezesseis vezes o tamanho da nossa cidade.
- [35] A9- Cara, muito grande.
- [36] A5- Igual São Paulo?
- [37] P – Não bem menor. São Paulo tem mais de dez milhões de habitantes. Talvez possamos comparar a Curitiba. Quem conhece Curitiba?
- [38] A5- Eu conheço.
- [39] P- Mas vamos voltar no Dom Quixote indo a Barcelona. Vamos lembrar? De onde mesmo ele partiu? Qual o nome da cidade?
- [40] A15- Não lembro. Pode olhar no livro.

- [41] P- Podem sim. Voltem lá no início do livro.
- [42] A1- Porto Ládice, é isso.
- [43] P- Sim. Vocês têm ideia de quanto tempo durou a viagem de Dom Quixote e Sancho Pança a Barcelona? Lembrem-se que foram a cavalo.
- [44] A1- Nossa, não sei. A1- “O livro é resumido, não tem como saber nem onde estão direito. Imagino que essa viagem demorou dias.
- [45] A12- Ele gostou de lá, tinha festa.
- [46] A1- Ele foi humilhado nesse passeio. Não era festa.
- [47] P- Já se sentiram enganados, traídos ou enganados em um lugar que não conheciam? Como nos sentimos quando vamos a um lugar que não conhecemos?
- [48] A1- Ficamos na nossa! Fico num canto só observando.
- [49] A20- A gente fica com medo, foi isso que aconteceu com Sancho Pança.
- [50] A12- Não, ele foi ao desfile com Dom Quixote, se sentiram importantes.
- [51] P- Será A12.
- [52] A12- Eu acho que sim.
- [53] P- Agora, falamos um pouco sobre a cidade de Barcelona e São Paulo. O que está acontecendo na Espanha hoje, que vemos na televisão.
- [54] A1- Estão chegando muitos refugiados. Eles estão fugindo da guerra. Não lembro o nome de onde eles tão vindo.
- [55] P- Sim, a Espanha como vimos é um país pequeno comparado ao Brasil, sua população talvez seja parecida com a do nosso estado, em torno de quarenta milhões.
- [56] A17 – Nossa, bem pequeno.
- [57] P- Se comparado ao Brasil sim. Vamos pensar...podemos relacionar a chegada de Dom Quixote a Barcelona com a chegada dos migrantes nas grandes cidades brasileiras como São Paulo?
- [58] A15- Depende professora, Dom Quixote era muito sonhador.
- [59] A4- Ele era sonhador, mas as pessoas quando mudam de cidade, também sonham com uma vida melhor.
- [60] P- Então, sono sonhadores igual ao Dom Quixote?
- [61] A4- Sim.
- [62] A1- Quando as pessoas vão para São Paulo chegam pensando que vai ser mil maravilhas, mas não é assim. A vida na cidade grande é difícil.
- [63] P- Será que é fácil mudar de cidade, chegar num lugar estranho sem conhecer ninguém? Será que foi fácil para Dom Quixote? Temos que confiar nos outros. É preciso confiar nos estranhos e ter esperança?
- [64] A17- Mas professora, nem sempre dá certo. As pessoas muitas vezes enganam as outras.
- [65] A1- O Dom Quixote confiou em Dom Antônio e foi feito de bobo da corte.
- [66] A14- Mas ele gostou de lá. Lá ele ainda encontrou um outro cavaleiro e o desafiou.
- [67] A1- Era o cavaleiro da lua branca... outra farsa...
- [68] P- Gente, vocês estão falando sobre traição, farsa. Esse comportamento está comum entre os nós, seres humanos?
- [69] A17- É só ouvir pai e mãe conversar. Minha vó sempre diz que devemos ter cuidado com quem andamos.
- [70] A5- As pessoas não são verdadeiras. São aproveitadoras.
- [71] P- Como vocês se sentiriam se estivessem no lugar de Dom Quixote e Sancho Pança?
- [72] A1- Muito mal.
- [73] A5- Eu iria ficar muito triste, pois isso que fizeram com ele é *bullying*.
- [74] A17- Teria vontade de sumir.
- [75] P- Se sentir enganado não é um sentimento legal, então?
- [76] A1- Não professora.
- [77] A2- As pessoas deveriam respeitar mais as outras. Não gostaria que fizessem isso comigo.
- [78] A5- Fiquei com dó do Dom Quixote. Ele era bom e tinha Deus no coração.
- [79] P- Bom, pelo que vimos Dom Quixote mais uma vez foi enganado, mas o que aconteceu após o trágico desfile?

- [80] A5- Ele encontra o cavaleiro da Lua Branca.
- [81] A12- O cavaleiro desafia o Dom Quixote para um duelo.
- [82] A1- Ele fala que sua amada é mais bela que Dulcinéia. Na verdade, tudo era um plano de seus amigos.
- [83] A17- Eles lutam e Dom Quixote perde a luta como sempre.
- [84] A16- Fiquei com dó de ver ele triste.
- [85] P- O que te fez sentir triste A16?
- [86] A16- Dom Quixote quando volta para casa.
- [87] A17- Eu leio um trecho.
- [88] Leitura do trecho, p.87
- [89] P- Seria esse o desfecho de Dom Quixote e seu fiel escudeiro?
- [90] A5- Ele morre de tristeza.
- [91] A17- Nossa, na história inteira, é a primeira vez que Dom Quixote fica triste.
- [92] P- Quando vocês têm um sonho e não dá certo, vocês ficam tristes?"
- [93] A18- Ficamos tristes sim. "Às vezes na FAPI tenho o sonho de ir ver o Luan Santana, mas não posso. Minha mãe não me leva.
- [94] A1- Credo, isso é sonho?
- [95] A17- Ficamos triste, sim. Temos um desejo e sempre a gente trabalha para realizar um sonho.
- [96] P- Qual era o sonho de Dom Quixote?
- [97] A1- Fazer justiça.
- [98] P- A1, ele conseguiu?
- [99] A1- Não, pois não tem como mandar nas atitudes das pessoas. Ele era um louco.
- [100] P- Para termos um lugar justo, o que seria preciso?
- [101] A4- Paz.
- [102] A7- Honestidade.
- [103] A14- Saúde.
- [104] A15- Honestidade.
- [105] A1- Menos corrupção, político limpos.
- [106] A3- Emprego.
- [107] A6- Boa escola.
- [108] A19- Menos corrupção.
- [109] A5- As pessoas precisam ser verdadeiras, ter Deus.
- [110] A8- Paz.
- [111] A12- Menos briga.
- [112] A18- Escola e creche.
- [113] A20- Menos violência.
- [114] A2- Mais Deus no coração, com médico que atendesse todo mundo.
- [115] A9- Não sei, paz.
- [116] A11- Amizade verdadeira.
- [117] A16- Amizade.
- [118] A17- Menos corrupção.
- [119] P- Muito boa as contribuições! Assim como Dom Quixote nós não podemos desistir daquilo que acreditamos.
- [120] A17- Se a gente ouvir a televisão é só sangue.
- [121] A1- Professora, hoje é muito fácil os jovens irem para o mal. Tem os "nóia" na esquina.
- [122] P- Será que as pessoas que não zelum pelo bem, conseguem ter uma vida tranquila?
- [123] A1- Não professora, mas tem dim-dim. Não quero dizer que concordo, mas é a realidade.
- [124] P – Vocês acham que essas pessoas dormem bem? No livro Dom Quixote fala da honestidade, solidariedade, amizade, além de outros. Não foi gostoso falar sobre o bem?
- [125] A17- Professora, e esses políticos aí?
- [126] A1- Não estão nem aí... o povo vende o voto.
- [127] P Sim, mas será que vale a pena A17? Você faria isso?
- [128] A17- Não faria, mas tem muita gente que faz. Entre passar fome e fazer isso eles se vendem.

- [129] P- Na sua visão isso seria desonesto?
- [130] A17- Sim.
- [131] A14- Os amigos deles foram desonesto também.
- [132] P- Quem A14?
- [133] A14- O cavaleiro da lua branca, era amigo dele. Tudo armação.
- [134] A16- Até acharam que era o Dom Antônio que tinha armado.
- [135] P- No final ele infelizmente ele morre de tristeza.
- [136] A14- Ele é fiel a Sancho Pança e deixa terras de herança. Ele era um homem de palavra.
- [137] A9- Achei paia ele morrer...
- [138] A5- Ele deveria ter encontrado a Dulcinéia.
- [139] A17- Ele representa o povo sofrido, que é honesto e que acredita.
- [140] A1- O povo brasileiro.
- [141] A5- Fiquei triste e chorei na hora que ele morre.
- [142] P- Mas lembrem-se que isso é um romance fictício.
- [143] A17- Sim, mas que tem tudo a ver com a gente.
- [144] A5- Agora vou ficar mais esperta.
- [145] A2- Vou querer ler as outras versões também.
- [146] P- Hoje, vamos encerrar, mas na próxima aula a gente vai continuar. Vou trazer um *PowerPoint* que nos ajudar na leitura do livro.

Apêndice 25 - Atividades escritas

Oficina 9 - Aos trancos e barrancos

Produção de esquete

Transcrição dos textos

G1

Dom quixote de la mancha

Em um dia ensolarado Dom Quixote e sancho pança estava andando em seus cavalos em uma estrada de terra em busca de aventuras e avistaram uma velha cabana abandonada e foram ate ela curiosos e lá deixaram seus cavalos lá na porta presos numa cerca, logo eles entraram na cabana e avistaram bandidos planejando seu próximo roubo. Dom Quixote olhou eles e disse:

- Oras seus vilões o que vocês estão planejando - exclamou Dom Quixote

Os bandidos ficaram espantados vendo aquela figura cheia de ferro em seu corpo logo eles se enfureceu e cheio de raiva atacaro Dom Quixote e sancho pança. Dom Quixote sacou sua espada e ameaçou guerrear, mas como ele era um pobre velho e fraco apanhou dos bandidos e caído no chão não pode fazer nada, os bandidos depois que terminaram com Dom Quixote foram furiosos atrás de sancho pança que logo montou em seu velho burro e saiu cavalgando abandonando Dom Quixote caído no chão

G2

Sem título

Pertubado pela perda de sua lança, lembrou-se de ter lido a historia de um cavaleiro q substituiu por um grande ramo de carvalho

- Endireita-se na sela - pediu sancho – o senhor está torto de um lado deve ter se machucado muito na ultima batalha

- Isso mesmo – confirmou Dom Quixote – Não me queixo porque sou um cavaleiro andante e somos treinados para aceitar nosso destino e aguentar todo tipo de sofrimento.

- Quanto a mim mestre se alguma coisa me acontecer esteja certo de que vou gemer e gritar muito! A não ser que essa obrigação de ficar em silêncio se aplique tambem aos escudeiros...

Dom Quixote sorriu das palavras de seu escudeiro, dizendo a ele que poderia gritar á vontade, pois nada leva em contrário nos livros de Cavalaria.

G3

Dom Quixote contra um monstro

A Noite tinha caído todo o albergue estava as escuras.

E naquele momento em menos de uma hora no fundo do albergue tudo na escuridão ouviu um ruído de um monstro, e todas as pessoas estavam com medo, ate um jovem corajoso pensou a si mesmo

- agora posso enfrentar qualquer perigo vou combater!

E Dom quixote pediu a seu escudeiro um pouco de azeite, vinho, sal e raminha, afim de preparar o balsamo de Ferrabrás, a grande poção de foça e pra não sentir dor. E sancho seu escudeiro fez a poção, Dom Quixote com fúria nos olhos foi combater o grande monstro e

depois de tanta luta conseguiu derrotá-lo, e Dom Quixote muito abatido em seu incômodo leito.

Dom Quixote seguiu viagem depois de ter salvado um albergue com muitas pessoas

G4

Lutando contra Moinhos De Vento ´

Ao longo do caminho avistaram 30 ou 40 moinhos de vento erguendo-se enfileirados sobre a planície ao longe. Assim que os viu Dom Quixote comentou com seu escudeiro:

- Temos sorte! Está vendo ali todos aqueles gigantes? Ouça o que digo, irei mata-lo um a um

- Não entendo... De que gigantes fala?

- Aqueles que ali vi... repare nos longos braços!

- Aquilo não são gigantes e sim moinhos de vento! E neles o que parece ser braços são as paz

Dom Quixote parecia não ouvir.

Deu de esporas em rociante, e seguiu galopando em direção ao seu alvo, e com a elança em rizez obrigou se atrás de sancho e atirou-se em forte golpe ao primeiro moinho que viu a frente

Ao acertar uma lançada numa pá q girava veloz, arremeçou-se do cavalo e o cavaleiro atirado ao chão, Quixote foi rolando pelo campo completamente estrupiado sancho correu para socorrê-lo.

- Meu Deus! Não lhe disse q visse bem o que fazia, q não eram se não apenas moinhos de vento!

- Cale-se amigo sancho na guerra tudo esta sjeito a quantinuas mudanças

- Que Deu faça sua parte – murmurou sancho ajudando Quixote a se levantar

Apenas do lastimável estado de rociante, seguiram e direção ao porto de Lapíce, onde esperavam viver quantinuas aventuras

G5

Dom Quixote

Dom quixote em um belo dia encontrou ovelhas num pastos e achava q eram demônios. Saiu montado em Rociente descendo o barrando muito rápido que sancho disse:

- Volte meu amo! Juro por Deus que são ovelhas que vai atacar!

- Sigam-me fieis súditos do valoroso pentapolim – gritou Dom Quixote enfiando-se no meio do rebanho.

Os pobres pastore sem entender nada tiveram que acabar com aquela confusão, o cavaleiro não os escutava! Então puseram-se a golpeá-lo lançando pedras com a mão, então gritou dom quixote:

- Onde esta você, ali fanfarrão? Venha duelar comigo!

No mesmo momento uma pedra bateu em suas costas com tanta força que pode ouvir costelas a se partir pegou a lata com a poção de ferrabras que tinha trazido do albergue e bebeu, mais uma pedra atingiu sua mão reduzindo a lata a um ferro retorcido, machucando os dentes e a mão.

O cavaleiro com o choque caiu do cavalo pensando que mataram o cavaleiro andante os pastores reuniram seus rebanhos mais a os cadáveres e correram

Durante todo esse tempo sancho permaneceu em uma colina sem saber o que fazer

TÍTULO: Dom Quixote de la Mancha

Em um dia enlourecido Dom Quixote e seu amigo Sancho Pança estavam andando em seus cavalos em uma estrada de terra em busca de aventuras e encontraram uma velha cabana abandonada e foram até ela. Curiosos e deixaram seus cavalos lá na porta, presos numa cerca, logo eles entraram na cabana e encontraram banditos dormindo seu próximo roubo. Dom Quixote chamou eles e disse:

— Olho seus olhos e que vocês estão planejando! — exclamou Dom Quixote. Os banditos ficaram espantados vendo aquela figura cheia de ferro em seu corpo logo eles se enfureceram e começaram a atacar. Dom Quixote e Sancho Pança. Dom Quixote reagiu com espada e começou a guerrear, mas como ele era um pobre velho e fraco quando os banditos o caíram no chão não pode fazer nada. Os banditos depois que terminaram com ele. Dom Quixote ficou furioso. Aí Sancho Pança que logo se levantou sem seu velho burro e sua espingarda abandonando Dom Quixote sozinho no chão.

TÍTULO:

Perturbado pelo pedido de sua longa
bondade, ela lhe a ideia de um desenho que a substitua por um grande
caso de corallo.

— Enquanto ele me vê - porém, desde o primeiro ato, de um lado...
dele, ter o mesmo modo de olhar, lá.

— Eu nunca - confesso, de um lado - Não me quero
porque sou um corallo e não tenho nada para sentir como
dele e quanto todo tipo de resposta.

— Quando a minha mãe, por alguma das me encontra, sinto
isto de que sou capaz e grato muito! E não me que sou capaz
de fazer um relógio de ouro, também, e eu mesmo.

— Com o mesmo, como de qualquer de um, eu mesmo, de que a
ele que podia e grato a todos, para não ler, em contrário, por
luz de corallo.

TÍTULO:

Ilam Quixote contra um monstro.

A noite tinha caído. Todo o albergue estava
~~em silêncio.~~

É naquele momento em menos de um
 hora no fundo do albergue tudo no
 escuridão surgiu um círculo de um mon-
 stro, e todas as pessoas estavam com
 medo, até um jovem corajoso puxou o
 seu machado.

— Agora posso enfrentar qualquer
 perigo de combate!

E Ilam Quixote pediu o seu macho-
 ra um pouco de pólvora, e um
 resmamiado o fim do papo e o luto-
 mo de Jerusalém, a grande paixão de
 Jairo e ele não sentiu dor. E trancou
 seu machado. Depois a paixão e Ilam
 Quixote kam lutou nos olhos foi comba-
 ter o grande monstro e depois de tanta
 luta conseguiu derrotá-lo. E Ilam Quixote
 muito abalado em seu coração de lutar.
 Ilam Quixote seguiu viagem depois de
 ter saído de um albergue com muitos
 pessoas.

TÍTULO: lutando contra Monstros de Kato

Co longo do caminho avistaram 30 ou 40 membros de vento unguindo-se utilizando sobre o planície ao longo. Assim que o viu Dom Thixote comentou com seu discípulo:

* — Temos sorte! Estão vendo ali todos aqueles gigantes? Disse o que disse. Já vi matadores um o um.

— Não entendo... de que gigantes falam?

* — Aqueles que ali estão... Separemos longos braços!

— Aqueles não são gigantes e sim monstros de vento! É o que muitos povos das eras são os paz.

Dom Thixote pareceu não ouvir. Deu de chutar um homem, galopando em direção ao seu alto, e com o tempo em outros atingiu-se a briga de sangue e atraindo de um forte golpe contra o primeiro monstro que viu o vento.

Co avistar uma lançada munição que quise veloz arrastou o cavalo e cavaleiro, atingido ao chão. Assim Thixote foi andando pela campo completamente estupefado.

Sonhe levou para socorrer:

— Meu Deus! Não lhe disse que não temo aqueles foga, que não eram e não apenas aqueles os outros?

* — Não se preocupe! O guerreiro judeu está fugido a quem. Imensas mudanças.

— Que Deus fez sua parte. munições. Sonhe afundou Thixote a se levantar.

Após a lutando estado de raciocínio, seguiram Em direção para a pira, onde esperavam viver quantas suas aventuras.

TÍTULO: Dom Quixote.

Dom Quixote um um belo dia encontrou comovelhas com um pastor, e achava que estava descoberto. Saul montado em sua cavalo descerdo se barrancos muito rápido que Sancho disse:

- Olte meu amo! juro por Deus que são ovelhas que vai atacar!
- Sigam-me, fuz sudito de isloro-se Fentadim - gritou em quixote pa-
voso, empunhando no mulo de tubi-
mo.

Os pobres pastores sem entender nada, tiveram que acabar com aquela confusão. O cavaleiro não os escuti-
ou, então surgiram-se a colada-lis
lançando pedras com arremessos, entre
gritos de Dom Quixote:

- Onde estão osi, Ali farras, De-
ma dular, carnado!

No mesmo instante uma pedra
batu em suas costas com tanta
força que pôde quebrar costelas a
se saltar a terra. Pegou a lata com
a pedra de terralpa que tinha fraco
de latir que e billy, mas uma pita a
atirou sua mão segurando a lata
a um pito torcidos, machucando

os dentes e as mãos.

O cavaleiro com o choque caiu
do cavalo pensando que mataram
o cavaleiro. Então os pastores reu-
niram seus rebanhos mais os
cadáveres e correram.

Durante todo esse tempo Sancho
permaneceu em uma colina, quilo
sem saber o que fazer.

Oficina 11

A6

HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE



A vida de Dom Quixote

Dom Quixote na sua vida no castelo com o Duque e a Donzela, desfrutavam comer e beber muito até que foram dormir.

Depois de dormir Dom Quixote acordou para sair com seu cavalo, Rocinante, para partir em novas aventuras, mas Duque e Donzela foram convencidos atrás de Dom Quixote e perguntaram:

— Onde você está, meu senhor? — perguntou Duque preocupado.

— É mesmo, onde você está indo, Dom Quixote? — perguntou a Donzela preocupada.

Dom Quixote respondeu com medo:

— É é é... Eu vou só ali nas árvores para pegar algumas mangas para o, o, o, o, o banquete.

Após isso, Dom Quixote foi "pegar" as mangas, mas de espantar o Duque e a Donzela entraram por dentro da Arma, quando eles entraram, Dom Quixote saiu correndo com Rocinante em busca de novas aventuras e ele foi atrás de seu peixeiro, Sancho.

Quando ele achou Sancho, no seu riacho, ele foi logo falando com Sancho:

— Sancho, venha comigo em busca de novas aventuras! Por favor, Sancho!

Sancho então respondeu:

— Não, meu antigo mestre, pois estou numa vida muito boa, com empregadas guardas e etc.

Quando Sancho falou que ele tinha empregadas, uma empregada passou e Dom Quixote viu e pensou que era Dulcinea e deu-lhe um beijo e ela ficou sem entender nada e todos riram de Dom Quixote.

A16



HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

Título: Dom Quixote de la Mancha
 Personagem: Quixote

Enquanto Sancho Pança estava em seu falso reino em Barataria, Dom Quixote ficou em seu quarto com a duquesa que perguntou:

- Espere que também gostaria de ser nosso hóspede!?

- Sim! Mas... Se pela mesma Sancho estivesse aqui.

Então a duquesa ficou com pena de Dom Quixote e o deixou sozinho!

- Bom, vou me retirar.

Dom Quixote com um arco na cabeça se despediu da duquesa. Enquanto estava sozinho decidiu sair do quarto para cavalgar com recanto.

- Enfim meu companheiro Recanto, vamos galopar por este vasto reino!

Logo depois chegaram a um feirado antiguidades de cavalaria. Dom Quixote se encantou, e desceu de recanto, e pôs-se a andar a procura de algum elmo que o interessasse.

Quando Quixote achava que passaria o dia na feira de antiguidades escutaram-se gritos:

- Socorro! Socorro! Socorro!

Quando ouviu isto pôs-se a tirar a espada e gritando em voz alta:

- Acalme-se! Sou Dom Quixote de la Mancha! Protetor dos injusticados!

O maldoso ladrão ouvindo isso pôs a dizer:

- Quem ousa desafiar o rei dos roubos! -

- Eu! Dom Quixote de la Mancha!

Então o ladrão golpeou o Cavaleiro com um soco, Dom Quixote perdeu os sentidos e levantou e atacou-o com sua espada, mas errou e acertou um jarro.

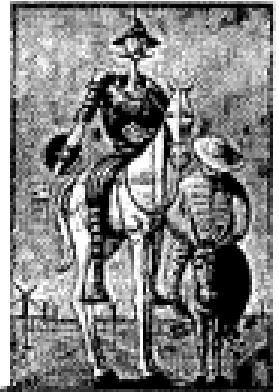
- Come surra! - disse o ladrão

- Sou um Cavaleiro Andante e devo proteger os injusticados!

O ladrão o golpeou, que caiu e ficou sem levantar, então vendo que estava ganhando, começou a se vangloriar até que a cavalaria do Castelo do Duque e da Duquesa chegaram e o prenderam.

Mas por azar do Cavaleiro perdeu todos os dentes que ainda sustentavam de sua última batalha, e os cavaleiros o levaram para o Castelo para ser curado.

AM



A amizade real!

HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

Enquanto Sancho Pança foi
 dar um de Banatária Dom Quixote
 saiu do reino e foi lutar com os
 mouros de ventos mas algo aconteceu!
 O Dom Quixote pulou no
 manto de vento e as suas
 ideias no manto e voltou o vento
 de todo que ele achava que era
 aquele que estava sempre lá longe.
 Juntos com a sua ideia Dom Quixote
 ficou feliz e ele não queria
 mais nada mais, mas mais que
 ele era pequeno e ele achava que
 podia muito bem enfrentar aquele
 gigante, então ele voltou para onde
 ele era o tal "gigante" e voltou para
 seu livro e lá tem o capítulo
 lutando com o gigante!

Mas... como o Dom Quixote e o
 Sancho Pança eram melhores amigos
 ele foi até lá para a caverna e de
 que aquilo era mais de vento, mas
 Dom Quixote não sabe o que
 está fazendo aqui? Não era lá
 não era lá? Dom Quixote falou:

— A minha amizade é mais importante
 do que qualquer coisa por isso estou
 aqui!

— Não é o melhor amigo que
 alguém poderia ter.

FO

A1



HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

TÍTULO: MALDADAÇAS LOVING APARE-
CER

DEPOIS DE ALGUNS DIAS APÓS SAIR DA
PAÇA TER PARTIDO PARA GOVERNAR
SEU NOVO REINO, DOM QUIXOTE QUE
AVIA FILADO EM FRANGÓFRITO LANCIA,
ESTAVA ENTEDIADO SEM NADA PARA FAZER
QUANDO LHE VEIO A IDÉIA DE IR A
UMA FLORESTA QUE SE ENCONTRA NA PARTE DO
REINO SEU NOME ERA FLORESTA DENTRO
MAGNANIMA, LUGO, DOM QUIXOTE EQUIPOU
SUA ARMADURA, PEGOU SUA LANCIA E
SUA ESPADA, SAIU DE SEUS APOSENTOS, FOI
PO CALÇADO ACORDO E SE PREPAROU PARA
MONTAR EM SEU CAVALO E PARTIR PARA
A FLORESTA DENTRO MAGNANIMA.

NO CAMINHO ENCONTROU TRÊS CAMELIÕES
UM COM UMA ARMADURA DOURADA, OUTRO PRATEADO,
E UM COM UMA ARMADURA PRETA E VERMELHA,
DOM QUIXOTE AVANÇOU E PERGUNTOU SEUS
NOMES, O CAVALHEIRO DOURADO RESPONDEU
- EU SOU ROBERTO LINDO E MEU
NOME É ROBERTO LINDO.

O CAVALHEIRO PRATEADO RESPONDEU
- EU SOU ROBERTO LINDO E MEU
NOME É ROBERTO LINDO.

O CAVALHEIRO PRETO E VERMELHO
RESPONDEU - EU SOU ROBERTO LINDO E MEU
NOME É ROBERTO LINDO.

E POR ÚLTIMO O CAVALHEIRO DA ARMADURA
PRETA A VERMELHA RESPONDEU:
- EU SOU NIKOMA DE CABRAL BARTOLONER
MAS CONHECIDO COMO NIKOMA DEL
HOSPÍCIO.

DON QUIXOTE LOGO SE APRESENTOU
E DISSE:

- EU SOU DON QUIXOTE DE LA MANCHA
ROBREY CAVALHEIRO DE GIGANTE O QUE
FAZEM NO CAMINHO PARA A FLORESTA
SENDE TÃO VALE MADA?

- JOAQUIM LOGO DISSE

- ESTAMOS INDO EM BUSCA DE AVANTURAS

DON QUIXOTE SE AGILMIOU E FALOU:

- PODERIAM DEIXAR EU ME JUNTAR
A ESSA AVENTURA.

NIKOMA RESPONDEU:

- CLARO. MAIS UM PODERIA VIR A
QUEBRAR O GALHO.

LOGO OS 4 CAVALHEIROS CHEGARAM
A FLORESTA DON QUIXOTE AVISOU

UM ESQUILO NA FLORESTA E DISSE:

- VEJAM UM GOBLIN, VAMOS ATACA-LO
OS CAVALHEIROS RESPONDERAM

- ATACAR!!!

TODOS OS CAVALHEIROS CORRERAM
COM SEUS CAVALOS PARA CIMA

DO ESQUILO, QUE SUBIU EM

UMA ÁRVORE E COMEÇOU A
JOGAR NOZES NOS CAVALHEIROS.

data

1 1 1 1 1 1 1 1

JONQUINHO DISSSE:

- CORRER ESTARÃO SENDO
ATACADOS.OS CAVALHEIROS RACUARAM
E LOGO EM SEGUIA A BARRIGADA
MAIS NA FLORESTA, POR DE ENCON-
TRARAM UMA VILA ABANDONA-
DA MILHOMOS RATO DISSSE:- ISSO PARECE SER A CASA
DE FANTASMAS, VAMOS ENCONTRAR
A DE OLHO FEA PLAS.DENTRO DE UMA CASA DA
VILAREJO UM JAVALI ESTAVA
MECHENDO NOS PAMOS VELHOS
QUE AVIAM ALI, QUANDO O VILTO
DIZIA BOU UM PAMO SOBA
ELA, O JAVALI ASSUSTADO
COMEÇOU A CORRER SEM
PARAR, OS CAVALHEIROS VIAM
O JAVALI COM O PAMO NA
CASA DELE, E SE AQUELARIA

ROGERIO BRITO:

- AHHH, SAI CAPIROTO DOS
ALCA, MAMAEKKK!!!TANBEM FAZ O SINAL DA
CRUZ E SE TOGOU AOS BRAÇOS
DA MILHOMOS QUE DISSSE- O DIABO, FANTASMA OU
SAI LA, SAI DA PRATO

data 1 1
1 1 0 0 1 1 0

QUE EU FO VAZANDO, COOO
RAREEE!!.

DON QUIXOTE CEN IS PARAR
MONTOU EM SEU CAVALO
ATE QUE DEU DE LARGA NUMA
ARVORE E APAGOU.

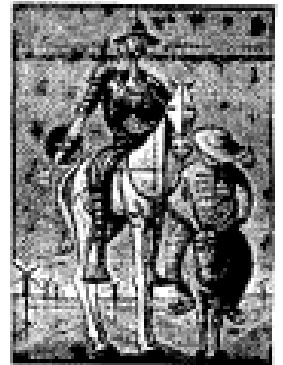
OS CAVALARCOS MONTAM
EM SEUS CAVALOS E SAIRAM
CORRENDO TÃO RAPIDO QUE
LOGO A FRENTES LERAM EA VA
RIO, E DESPEREÇABAM FIM
UMA CACHOEIRA, DEPOIS DE
SAIRER DO RIO FORAM
ENABORA. DON QUIXOTE APOS
ACORDAR DESSE

- DON SEUS CAVALAROS
NEM PRA ME AJUDAR.

DON QUIXOTE MONTOU
NA ROCINANTE E VOLTOU
PARA O REINO DE FRANCO
FAITO LANCIA.

A3

HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE



Dom Quixote o valente cavaleiro andante.

Dom Quixote continuou hospedado na ruína como o Duque e a Duquesa, ficando lutando contra vários outros cavaleiros andantes. Dom Quixote lutou com um cavaleiro andante que era um anão mas muito valente, quando eles começaram a lutar o pequeno homem que lutava contra Dom Quixote chamado Pedro Sarrís surpreendeu a todos que assistiam a luta, ele deu ao seu adversário toda aquela dor. Quando a luta acabou Dom Quixote, todo quebrado no chão só ouvia as pessoas falando: como o reparador de injustiças pode perder a luta por um pequeno homenzinho se ele era tão valente, por que com todos que ele lutava ele sempre morria e essas pessoas com quem ele lutava era sempre do mesmo tamanho que ele ou até maior que ele.

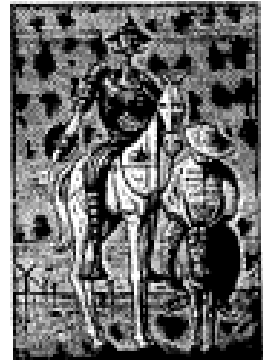
Depois de se recuperar e que ele já tinha vontade para o reino do Duque e da Duquesa, ficou em seu quarto dias e noites treinando para ser um melhor cavaleiro andante, Dom Quixote prometeu para si mesmo que se ele se desfe mais uma luta ele iria se aposentar como cavaleiro andante. No dia seguinte Dom Quixote teve outra luta e ele perdeu novamente, ele ficou muito triste que ele teria que se aposentar como cavaleiro andante, já que ele tinha prometido para si mesmo que se ele se desfe mais uma luta se aposentaria como cavaleiro andante, mas foi dito e feito se aposentar. Nos virou um exilado, escreveu vários tipos de livros, romance, ação etc.

Quando ele estava pensando que escrever resolveu escrever uma biografia da sua vida pessoal das aventuras que ele já tinha vivido, viveu aventura por aventura que ele já tinha presenciado o livro Dom Quixote como era o título do livro que ele escreveu ficou muito famoso no século XX. Depois disso ele ficou muito velho como um escritor, Dom Quixote ficou muito doente e infelizmente ele faleceu. Já que ele ficou muito famoso no dia do seu velório encheram de pessoas que admiravam seu trabalho e suas histórias todos ficaram muito tristes e assim foi o fim de Dom Quixote de La Mancha.

Fim!

A9

HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

Título = *Crônicas de Dom Quixote*

Quixote e Sancho, Duques

Enquanto isso, por aí estava, ainda a
 vez de Barataria. Dom Quixote estava um
 pouco com Duque e Duquesa, Dom Quixote, todo
 dia acordava e ia andar pela cidade. Duque
 e Duquesa eram muito elegantes, e Dom Quixote
 era todo um pouco diferente. Dom Quixote
 acordou e foi andar no castelo
 quando foi a um quarto e abriu uma
 janela, brilhante e começou a lutar
 contra o vento depois de muito lutar.
 Dom Quixote começou a falar se montou
 e ficou pensando em Dulcinea del Toboso
 e Duque e Duquesa acordaram. Tiveram
 seu café, e continuou a dia. Na dia
 seguinte ele acordou de manhã e foi ao
 quarto lutar contra o vento e continuou
 assim. Um dia Duque acordou alguns minutos
 depois de Dom Quixote e ouviu uma estranha
 música e com ela grita e chegou a ele.
 Dom Quixote de lá viu. Duque ficou
 um pouco com Dom Quixote aquela
 época era de um seu irmão Bartolomeu e
 Duque pediu para que parasse imediatamente
 com Quixote. Tiveram um pouco, então Duque
 desfez a. Nessa luta ele não ganhou
 porque com a espada se pode não
 fazer mais um pouco e não com a
 espada.

Dom Quixote levou por guerra não
 poderia dizer

No dia seguinte Duque estava preparado
 armado e com uma espada brilhante e cortante.
 E Dom Quixote todo cheio querendo ganhar
 a espada. E' começa a luta Duque já
 começa ganhando, e ganha, e ganha e finalmente
 o ganhador, Dom Quixote perdeu mas ele não
 ficou triste ele tinha um plano ele sabia
 que se perder então aconteceria quando Duque
 estava fingendo pegar a espada brilhante de
 Bartolomeu e saiu a fora com a
 espada. Duque foi perceber quem Dom Quixote
 pegou espada, quando Quixote estava lá em
 Paris.

A7



HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE

Atítulo: O novo Cavaleiro
Barataria

Em quanto vive Dom quixote
Estava muito triste por não
ter sido ele por isso começou a
treinar para poder ser o melhor
que fosse cavaleiro por exatamente com
seu da mesma coisa, por isso começou
a treinar, pois ele queria vencer
Cavaleiros da taloria, aí ele não conta
a coisa. Dormindo, e na noite de dom
quixote, ele estava num sonho com
duas coisas, das coisas que ele tinha lido,
falou a sua filha, e foram perguntando:
— Papai por que não foi o
Cavaleiro da flor de lis?

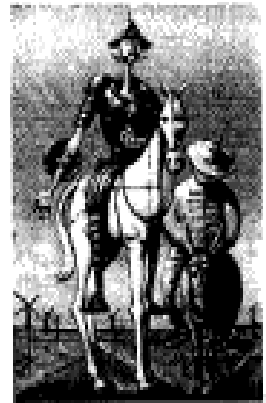
E perguntaram logo logo repetindo a
mesma coisa, até que Dom quixote acordou
e falou:

— Não deu? Que coisa Doido.
Foi eu que fui para ser da taloria
só que não achei jeito e fui chamado
"Don Quixote de la Mancha".
Com aquela briga toda ele voltou a
ser "Don Quixote" e voltou a ser quem era.

P.S: Eu acho que essa história não acontece
com ele.

74

HIPÓTESE DE LEITURA A PARTIR DO LIVRO DOM QUIXOTE



(Don Quixote em o
Castelo perdido.)

Em um reino muito distante numa cidade pequena, um caro cavaleiro que tinha acabado de virar rei que se chamava sancho pança, um ex-fiel escudeiro, de Don Quixote, um cavalheiro muito forte invencível, como sancho pança virou um rei poderoso chamou seu melhor amigo e seu ex-chefe "Don Quixote" para ajudar defender seu povo de um vilão muito malvado, temerário, forte que nunca tinha revelado seu nome mas todos chamavam de barba ruiva ele era um forasteiro que invadia cidades, castelos, até mesmo países com seu povo de 30 homens com armas a fogo.

Quando Don Quixote chegou ao reino toda guarda aquela cor fez deles aproximaram e disse:

- Saudem Don Quixote o cavaleiro entre homens! Logo em seguida sancho pança abriu as portas e disse:

- Velho amigo entre, se sinta em casa, entre, tentamos defender a cidade mas não conseguimos por isso te chamei.

Depois de alguns dias o maldade
 lorde ruiva voltou a atacar a
 cidade e até mesmo o castelo.
 Como Don Quixote era muito corajoso
 pegou sua lança, montou no
 cavalo e foi para guerra, ele
 não andou 100 metros e levou 5
 tiros no peito e saiu caindo
 com seu cavalo ele estava
 muito ferido e seu cavalo

estava morto, quando o levantou
 o lorde ruiva estava com uma
 arma apontada para sua
 cabeça.



e o tiro foi dado
 depois disso don quixote
 nunca mais foi visto
 e todo mundo do
 castelo pensou que ele
 tinha desistido.

Apêndice 26 - Modelo de certificado da apresentação oral

Logo da escola 	NOME DA ESCOLA Certificamos que o aluno apresentou trabalho <u>oral</u> <u>sobre</u> o livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, com adaptação de Leonardo Chianca, no dia de de na EMEF..... Ourinhos, 07 de dezembro de 2017.	Logo do município
<i>Coordenador Pedagógico</i>	<i>Diretora da Unidade Escolar</i>	<i>Coordenadora Pedagógica</i>
<i>Vice-Diretora da Unidade Escolar</i>	<i>Profa. Leticia Rorê Conceição</i> <i>Professora de Língua Portuguesa</i>	

ANEXOS

Anexo 1- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido -TALE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA
FILHO/CÂMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)
(PARA CRIANÇAS DE 11A 14 ANOS - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA –
CEP)**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **Estética da Recepção na formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental II**, coordenada pela professora **Letícia Rarek Conceição**, telefone (14) 33244600. Seus pais já permitiram que você participe do trabalho.

Esta pesquisa pretende verificar o seu gosto pela leitura e a partir das atividades realizadas em sala contribuir no entendimento da obra lida, valorizando as situações que vivenciamos no cotidiano, além de proporcionar novos aprendizados. Além disso, vai mostrar que a leitura pode ser compartilhada entre os amigos, podendo cada um expor sua opinião sobre o texto lido.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema em desistir. Os alunos que participarão desta pesquisa têm de 11 a 14 anos de idade.

A pesquisa acontecerá na EMEF **Profa Amélia Abujamra Maron**, ao qual os alunos responderão um questionário para a professora conhecer a história de cada um como leitor, e após trabalhar oficinas literárias a partir do livro Dom Quixote. Para o desenvolvimento das oficinas será utilizado o livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, com adaptação de Leonardo Chianca, acompanhado por dinâmicas de leitura que utilizará kit multimídia, vídeos, dinâmicas, jogos pautados no livro, materiais escolares (sulfite, cola, fita adesiva, pincel atômico, papéis diversos, etc). O trabalho de leitura é seguro (a), não colocando o seu bem-estar em risco. Caso aconteça algo errado ou que não goste, poderá procurar a professora e pesquisadora Letícia Rarek Conceição pelo telefone (14) 44244600 pelo telefone que tem no começo do texto. Com o trabalho você poderá conhecer a adaptação

de uma das obras mais importantes da literatura mundial, além de conhecer outras artes que também se inspiraram no livro estudado. O trabalho vai permitir que você e seus colegas possam compartilhar as impressões, os trechos que mais chamaram a atenção, além de opinar sobre os acontecimentos ocorridos no enredo.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não será comentado com outras pessoas, nem mesmo darei a estranhos as informações que você fornecer. Os resultados da pesquisa serão publicados no trabalho de mestrado, mas sem identificar as crianças ou adolescentes que participaram.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Euaceito participar da pesquisa **Estética da Recepção na formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental II**

Entendi o processo da pesquisa e os benefícios que ela vai trazer para mim, enquanto aluno.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso desistir dizendo “não”, não havendo punições ou qualquer outra situação que venha me prejudicar.

A pesquisadora, que é minha professora, esclareceu as dúvidas e conversou com os meus pais ou responsáveis sobre o trabalho que será desenvolvido sobre leitura.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Ourinhos,..... de de 2017.

Assinatura do menor

Assinatura do pesquisador

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 – Conselho Nacional de Saúde) Seu filho _____ está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA FORMAÇÃO LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) LETÍCIA RAREK CONCEIÇÃO, RG nº 22932975-5. Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder do PARTICIPANTE ou de seu representante legal e a outra via em poder do pesquisador responsável.
I. A pesquisa: O projeto pretende estabelecer uma rotina de trabalho, a partir da prática da leitura dialógica, pautada na teoria da Estética da Recepção, com a sala 603 do Ensino Fundamental, da EMEF Profa Amélia Abujamra Maron. O trabalho partirá de uma pesquisa que irá mensurar o gosto do aluno pela leitura, vislumbrando uma metodologia que possa contribuir na formação leitora do aluno.
II. Procedimentos: A pesquisa acontecerá por meio de um questionário escrito que deverá ser preenchido, pelos alunos participantes da aula, da sala envolvida.
III. Riscos/Desconfortos e Benefícios: a) Possíveis riscos ou desconfortos: A participação nesta pesquisa não traz nenhuma complicação legal ou ainda, oferecerá risco à dignidade humana. b) Formas de Acompanhamento e assistência em caso de ocorrência dos riscos ou desconfortos: Em caso de qualquer desconforto, o participante, via responsável poderá solicitar informações ao pesquisador pelo telefone (14) 3224-4600, e-mail rarekleticia@gmail.com ou ainda agendar um horário para atendimento na EMEF Profa Amélia Abujamra Maron. c) Benefícios esperados: O participante da pesquisa não terá nenhum benefício direto, todavia a pesquisa buscará a efetivação de uma prática de leitura com dados e informações que possam contribuir para a melhoria do ensino. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, por meio de explanação, após encerrada a pesquisa.
IV. Liberdades/Garantias: Fica assegurado ao participante o direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização; bem como a liberdade de não responder às perguntas ou não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimento de qualquer natureza.

V. Sigilo/Anonimato:

Todas as informações coletadas são estritamente confidenciais, devendo ser exposto apenas o resultado coletivo. Se necessário a individualidade, o colaborador será preservado por meio do anonimato.

VI. Despesas/indenização:

O colaborador não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago pela sua participação.

VII. Publicação:

Após encerramento do trabalho, a pesquisa e seu produto, podendo conter uso de imagens, gravações de áudio e vídeo e produções de autoria individual e coletiva da sala envolvida serão disponibilizados em acervo público da Instituição Superior de Ensino vinculada, bem como para futuros estudos voltados aos tema.

Ao final o produto e a pesquisa também serão apresentados à equipe escolar.

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL OU REPRESENTANTE LEGAL

Eu, _____, RG nº _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo sua participação no estudo, A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA FORMAÇÃO LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II como PARTICIPANTE. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) LETÍCIA RAREK CONCEIÇÃO sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ao PARTICIPANTE pesquisado.

Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das informações pessoais e do anonimato.

Local e data _____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Representante Legal

Eu, _____, pesquisador responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do PARTICIPANTE para a participação na pesquisa.

Assinatura do Pesquisador

Anexo 3 – Autorização do uso de imagem e voz

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

1.DADOS DO ALUNO:

Unidade Escolar: _____

Nome do(a) Aluno(a): _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Sexo: _____

Sala: _____ Nível de Ensino: Ensino Fundamental- _____

2.DADOS DO REPRESENTANTE LEGAL OU ASSISTENTE

Nome do Representante legal ou assistente: _____

Data de Nascimento: _____ Profissão: _____

Instituição representante: _____

Endereço da instituição: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____ Telefone: _____

CPF: _____ Cédula de Identidade: _____

Endereço Residencial: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____ - _____ Telefone: _____ Cel: _____

Nome do Pai : _____

Data de Nascimento: _____ Profissão: _____

CPF: _____ Cédula de Identidade: _____

Endereço Residencial: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____ - _____ Telefone: _____ Cel: _____

Nome da Mãe: _____

Data de Nascimento: _____ Profissão: _____

CPF: _____ Cédula de Identidade: _____

Endereço Residencial: _____

Bairro _____

Cidade: _____ CEP: _____ - _____ Telefone: _____ Cel: _____

TERMO DE CIÊNCIA:

O(A) aluno(a) acima identificado(a), por seu representante legal ou assistente, infra assinado(a), AUTORIZA a pesquisadora Letícia Rarek Conceição, RG nº 22932975-5, a utilizar a imagem, voz, nome e produções individuais e coletivas, em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, para ser utilizados com fins pedagógicos educacionais destinadas ao público em geral ou apenas o uso interno do município de Ourinhos e da UNESP. O uso de imagem, voz, nome e produções individuais e coletivas acima mencionado abrange todo território nacional e exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) internet; (II) jornais; (III) revistas; (IV) mídias eletrônicas; (V) folder de apresentação; (VI) out-door; (VII) busdoor, folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogos, etc); (VIII) anúncios em revistas e jornais em geral; (IX) home page; (X) cartazes; (XI) back-light; (XII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programas para rádios, entre outros); (XIII) Artigos e demais documentos científicos.

A presente autorização é concedida a título gratuito, sem que nada possa ser reclamado, a qualquer título de direitos conexos à minha imagem ou qualquer outro.

Por ser esta a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito assinando para tanto o presente.

Ourinhos, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) responsável legal pelo(a) aluno(a)

Anexo 4 - Autorização e Existência de infraestrutura



PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS

Estado de São Paulo
Secretaria Municipal de Educação
EMEF Professora Amélia Abujamra Maron
Avenida Anacleto da Silva, n.º 88 - Vila Brasil - Ourinhos-SP



AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.

Eu, Alexandra Fogaça Carlos, autorizo a realização da pesquisa **ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA FORMAÇÃO LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II** nesta instituição, sob a responsabilidade do(s) pesquisador (es) **LETÍCIA RAREX CONCEIÇÃO**.

Informo que o local dispõe de infraestrutura necessária e que esta será disponibilizada ao pesquisador para atendimento ao projeto, bem como para atender eventuais problemas dela resultantes.

Ourinhos, 03 de agosto de 2017.



Alexandra Carlos Fogaça
CPF-158255928-73

Alexandra Fogaça Carlos
Diretor de Unidade Escolar
R.G. 24.711.823-2 / SP

Anexo 5 - Parecer consubstanciado

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estética da Recepção na formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental II

Pesquisador: LETICIA RAREK CONCEICAO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74207617.5.0000.5398

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista campus Bauru

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.422.584

Apresentação do Projeto:

Adequado e atendendo as exigências da legislação vigente em relação à ética na pesquisa com seres humanos, posto que, agora, apresenta e se compromete a fazer uso tanto do TCLE quanto do TALE aos participantes menores de idade e seus responsáveis.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme consta no projeto de pesquisa, o objetivo do presente projeto de pesquisa é "desenvolver, aplicar e avaliar por meio de oficinas literárias a teoria da estética da recepção, como meio para o ensino da leitura, tendo como foco a

dialogia entre leitor-obra, leitor-leitor, leitor-autor, leitor- autor- obra e professor".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada a redação, tanto no projeto quanto nos termos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A proponente seguiu as orientações do CEP em relação a apresentação correta dos termos.

Recomendações:

Nenhuma

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 2.422.584

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

A proponente seguiu as orientações do CEP, após sua primeira submissão, em relação a apresentação correta dos termos TCLE e TALE.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_969736.pdf	03/10/2017 10:22:29		Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEmodificado.docx	03/10/2017 10:19:41	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto
Outros	Cartarespostapendenciasmodificado.docx	01/10/2017 14:47:59	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto
Outros	entrevista.docx	27/09/2017 23:01:18	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto de pesquisa 1108.docx	13/08/2017 21:29:20	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentoalunos.docx	13/08/2017 21:07:55	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizaçao direcao.pdf	13/08/2017 21:01:28	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto
Folha de Rosto	leticia rarek.pdf	13/08/2017 20:58:57	LETICIA RAREK CONCEICAO	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 2.422.584

BAURU, 07 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador)

Endereço: Av. Luiz Edmundo Camargo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepsquisa@frc.unesp.br